



Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)
Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI)
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe
(TerritoriAL)

MARITANIA ANDRETTA RISSO

**A ESTÉTICA DAS SEMENTES E A RECUPERAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS
NAS ÁREAS DA REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL E NO MÉXICO**

SÃO PAULO

2017

MARITANIA ANDRETTA RISSO

**A ESTÉTICA DAS SEMENTES E A RECUPERAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS
NAS ÁREAS DA REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL E NO MÉXICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como exigência parcial para a elaboração da dissertação de mestrado na área de concentração “Desenvolvimento Territorial”, na linha de pesquisa “Educação, Saúde e Cultura.

Orientadora: Maria Nalva Rodrigues de Araújo
Bogo

Coorientador: Rafael Litvin Villas Bôas

SÃO PAULO

2017

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais – Biblioteca
Graziela Helena Jackyman de Oliveira – CRB 8/8635

Risso, Maritania Andretta.

R596 A estética das sementes e a recuperação das sementes crioulas nas
áreas da reforma agrária no Brasil e no México / Maritania Andretta Risso.
– São Paulo, 2017.
207 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Maria Nalva Rodrigues de Araujo Bogo.

Co-orientador: Rafael Litvin Villas Bôas.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Políticas Públicas e Relações
Internacionais (IPPRI), Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento
Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), 2017.

1. Geografia rural. 2. Brasil – Desenvolvimento rural. 3. Sementes –
México. 4. Sementes – Brasil. 5. Índios do México – Artes. 6. Camponeses –
Brasil. 7. Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. I. Título.

CDD 745.928

MARITANIA ANDRETTA RISSO

**A ESTÉTICA DAS SEMENTES E A RECUPERAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS
NAS ÁREAS DA REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL E NO MÉXICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como exigência parcial para a elaboração da dissertação de mestrado na área de concentração “Desenvolvimento Territorial”, na linha de pesquisa “Educação, Saúde e Cultura.

Orientadora: Maria Nalva Rodrigues de Araújo Bogo.

Coorientador: Rafael Litvin Villas Bôas

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Nalva Rodrigues de Araújo Bogo (Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB)

Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas (Universidade de Brasília - UNB)

Prof.^a Dr.^a Silvia Aparecida de Sousa Fernandes (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho – UNESP)

São Paulo, 14 de dezembro de 2017.



As minhas sementes, Jhenifer, Douglas e
Diego. Aos camponeses(as) Sem Terra.
Aos povos indígenas mexicanos, em
especial, aos de Tepoztlán.

AGRADECIMENTOS

Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, por ter sido minha base de existência enquanto ser social desde os nove anos de idade, sempre inserida na luta pela terra. Nesse sentido, agradeço por toda militância que foi possível construir, pelo amparo de ter um pedaço de chão para minha família, bem como todas as oportunidades de formação por meio do MST.

Agradecer a todos os coordenadores(as) militantes e educandos(as) das escolas e espaços de formação do movimento, os quais apoiaram e contribuíram com meu trabalho como militante e coordenadora do projeto Germinando Arte. Agradecer a Escola Nacional Florestan Fernandes, e em nome dessa agradecer os outros espaços pela acolhida do meu trabalho, bem como apoio e oportunidade de realizar o curso de Mestrado para sistematizar a experiência das sementes.

Ao Setor de Cultura Nacional e Estadual de Santa Catarina, pelo apoio ao trabalho do projeto Germinando Arte, em nome do setor agradecer todos (as) do estado pelo apoio e compreensão durante os dias que tive que me ausentar das atividades da militância para realizar esse estudo. Aos companheiros (as) da brigada 25 de Maio de Abelardo Luz/SC.

Aos irmãos (as) da arte, os artistas Sem Terra que fazem parte do coletivo de cultura, dedico e compartilho de todo meu conhecimento, sempre agradecida pela força, companheirismo, incentivo e troca de ideias, pelos traços compartilhados, criados e desenhados para classe trabalhadora.

À turma Orlando Valverde, por nossa trajetória de muito estudo companheirismo e amizade, a vocês meu muito obrigada: Tabata, Solange, Fernanda, Sammy, Eloisa, José Claudio, Camilo, Heider, Ricardo, Galvão.

Aos professores da UNESP, por todo apoio incentivo e troca de ideias, agradeço a todos (as) pela formação que me proporcionaram durante o curso de mestrado, destaco os nomes: Raul, Bernardo, Silvia Fernandes, Silvia Adoue, João Marcio, Carvalhal, Nashieli, Paulinho Alentejano, Noemia em nome desses agradecer a todos os outros(as).

A minha querida orientadora Maria Nalva R. de Araújo Bogo, por sua amizade, companheirismo, por toda sua força de vontade em assumir juntamente comigo esse projeto de estudo, por todo incentivo sempre bem-humorado, dedicando tempo paciência e compreensão diante dos desafios que enfrentamos.

Ao querido co-orientador Rafael Litvin Villas Bôas, um grande companheiro da arte e da luta pela terra, por seu incentivo para minha entrada no curso de Mestrado, bem como sua

linha de orientação sempre esclarecedora no sentido de buscar os passos da cultura do MST como base fundamental do trabalho de dissertação.

Ao amigo e companheiro da luta, Tardin meu terceiro colaborador por seu olhar atento sobre a cultura camponesa, agroecologia, pela sua força e dedicação na leitura do texto, trocar e sugerir ideias que contribuíssem para a efetivação desse trabalho escrito.

A meus familiares por todo apoio e incentivo desde sempre aos meus estudos, obrigada por cuidarem de mim e de meus filhos. Aos meus pais Olmiro Andretta e Terezinha Bonai, pela criação e educação que me deram, pelo apoio e admiração de minha caminhada. A meus irmãos e minha irmã, por todo apoio nessa caminhada de estudo.

Ao meu companheiro Jocemar Risso, pelo apoio, dedicação e compreensão das muitas vezes que me ausentei da família para estudar e contribuir com a luta, por compartilhar dos bons e ruins momentos da vida e da minha militância, nesses tantos anos compreendemos que a luta de classe é maior que nossas vidas particulares e precisa seguir, que essa não se finda quando conquistamos a terra. Nessa perspectiva seguir lutando é preciso para construir projetos além de nossas vidas pessoais.

Ao companheiro João Pedro Stedile, pela articulação que possibilitou minha ida ao México para buscar o aprendizado da técnica das sementes, também ao companheiro Ernesto Puhl pelo início do diálogo com João Pedro e o setor de cultura do estado de Santa Catarina.

Ao CNPQ pela bolsa concedida para que eu pudesse prosseguir no curso de mestrado.

Aos camponeses (as) produtores de sementes crioulas, muitos desses têm sido apoiadores incansáveis da produção de sementes, bem como para a construção dos quadros e alicerçando a cada dia a cultura camponesa ajudam na multiplicação das sementes, em especial a Valdir Risso, em nome desse agradecer e reconhecer o esforço na produção e incentivo ao projeto Germinando Arte.

Aos meus amigos (as) companheiros (as), os mais próximos e os mais distantes, que sempre apoiaram dando força para que eu seguisse essa caminhada. À Paola Masip pela contribuição com a leitura crítica e atenta, buscando por meio da arte encontrar e reconhecer o fazer histórico das bruxas camponesas, sempre comprometidas com a cultura da classe trabalhadora.

A todos (as) muito obrigada em nome do MST!





ÀS SEMENTES

A história das sementes está ligada à vida humana, através da simbologia e das lendas formando a pedagogia, para que, nesta longa travessia, cada geração aprenda. Vejam por exemplo a semente do milho. Um velho índio ao morrer chamou seu filho, propondo-lhe com voz indagadora, que o levassem e o enterrassem no meio da lavoura.

Com um nó na garganta disse que, sobre a sepultura, três dias depois, rebentaria uma planta. Com sua voz comovente disse mais, que não a comessem e o fruto guardasse por semente. Deste jeito aconteceu e foi assim que o milho apareceu.

No sertão nordestino, onde a seca já faz parte do destino; a família sertaneja para proteger a semente, empreende contra a fome uma difícil peleja.

Guardada em litros e em garrações, as sementes resistem aos sucessivos verões. Vira um calor do inferno, quando a seca se prolonga comendo o próprio inverno.

Preservadas as sementes do gorgulho, comê-las por necessidade é uma improbidade, é o mesmo que comer o próprio orgulho; ou ainda mais, mesmo em meio a esta intensa matança, comer as sementes é devorar a esperança. Isto porque, quando o inverno vier, não se tem o que plantar.

A história humana é muito parecida, sempre coube a alguns povos, grupos e movimentos, suportar o peso e os tormentos, para guardar as sementes, por isso é que elas têm suas lendas, misturadas com as lendas da gente.

Desde os pergaminhos que os anciões baseados em sua fé, escondiam para não serem destruídos, para que as futuras gerações, soubessem o que tinha acontecido.

Até os dias atuais, as sementes são preciosas demais. Ninguém pode comê-las, por isso é preciso defendê-las.

Usamos como referência, Cuba. Se ela for comida pelo imperialismo, perderemos a semente deste bravo socialismo. Será uma derrota para a América Latina, perdendo-se esta semente fina.

Se no Brasil, por ódio ou por vingança, o governo comer o MST, perderemos sem querer a semente da esperança. A reforma agrária será interrompida, porque a semente da luta e da ousadia, também foram comidas.

É assim que devemos observar. Uma semente é mais do que semente. Ela tem um pouco de vegetal, um pouco de animal, e o restante é feito dos sonhos da gente. As sementes são como um povo construído, tem sua força, sua fé e seus valores. Atentar contra elas, é sermos roedores, que fazem da vida apenas um consumo. É um dever fazer a história enveredar para outro rumo.

Não é verdade que a semente precisa morrer para poder ter vida; pelo menos estas que citamos, pois já estão nascidas. É verdade, porém, que para preservá-las nos custará a vida.

Mas de que vale viver, se deixarmos a semente morrer? É melhor que ela permaneça e que de nós pelo menos nunca esqueça. A mão que semeia, da vitória nunca será alheia! (BOGO, 2007, p. 35).

RESUMO

A experiência artística desenvolvida com as sementes busca averiguar a contribuição desta para a preservação e recuperação das sementes crioulas como forma de resistência à ofensiva do agronegócio no processo de alteração genética das sementes. As questões norteadoras da pesquisa foram: como se dá o processo de desenvolvimento do trabalho com sementes na comunidade indígena de Tepoztlán?; quais experiências de resistências camponesas foram possíveis construir no MST?; quais ações de formação ocorreram dentro do projeto Germinando Arte, e que elementos possibilitam fortalecer a produção agroecológica e a recuperação de sementes crioulas dentro do MST? A abordagem teórico-metodológica amparou no método de pesquisa-ação. Para tanto, foram realizadas duas visitas a comunidades de Tepoztlán no México e realizaram-se 35 oficinas para construção dos quadros com sementes em vários estados do Brasil com a participação das comunidades envolvidas. Durante as oficinas para construção dos quadros foram coletados depoimentos de participantes das oficinas. Na pesquisa de campo em Tepoztlán foram coletados os dados por meio de entrevistas semiabertas com perguntas direcionadas a cada um dos participantes. Os resultados obtidos com a pesquisa mostram que no processo de construção deste estudo foi possível compreender os conceitos relacionados as sementes crioulas, bem como a construção do primeiro registro escrito sobre a origem da arte com sementes no México. Como materialidade visual, no trabalho da construção dos quadros com sementes, obtivemos uma abrangente formação pedagógica, bem como a recuperação de diversas variedades de sementes crioulas nas áreas de Reforma Agrária do MST.

Palavras-chave: Sementes Crioulas. Indígena/Mx. Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra. Estética das Sementes. Cultura Camponesa.

ABSTRACT

The experience developed with seeds seeking to assess its contribution for the preservation and recovery of creole seeds as a form of resistance against the agribusiness offensive in the process of genetic modification of the seeds. The guiding questions of the research were: how the developing process of working with seeds takes place in the indigenous community of Tepoztlán?; which experiences of peasant resistance were possible to build in the MST?; what are the training actions occurred within the project Germinating Art and which elements make it possible to strengthen the agroecological production and the recovery of creole seeds within the MST? The theoretical methodological approach supported the research-action method. For this, the communities of Tepoztlán in Mexico were visited twice and thirty-five workshops were realized to build seed boards in several states of Brazil with the participation of the involved communities. During the workshops for the construction of the seed boards, the testimonials of workshop participants were collected. In the field research in Tepoztlán, data were collected through semi-open interviews with questions directed to each of the participants. The results obtained with the research show that in the process of construction of this study it was possible to understand the concepts related to creole seeds, as well as the construction of the first written record on the origin of art with seeds in Mexico. As visual materiality, we obtained a comprehensive pedagogical training during the work of building the boards with seeds, as well as the recovery of several varieties of creole seeds in the areas of Agrarian Reform of the MST.

Keywords: Creole Seeds. Indigenous/Mx. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Seed Esthetics. Peasant Culture.

RESUMEN

La experiencia artística desarrollada con las semillas para determinar su contribución para la preservación y recuperación de las semillas criollas como forma de resistencia a la ofensiva del agronegocio en el proceso de modificación genética de las semillas. Las cuestiones orientadoras de la investigación fueron: ¿cómo se da el proceso de desarrollo del trabajo con semillas en la comunidad indígena de Tepoztlán?; ¿qué experiencias de resistencias campesinas fueron posibles construir en el MST?; ¿qué acciones de formación ocurrieron dentro del proyecto Germinando Arte y qué elementos posibilitan fortalecer la producción agroecológica y la recuperación de semillas criollas dentro del MST? El enfoque teórico metodológico amparó en el método de investigación-acción. Para tanto, se realizaron dos visitas a comunidades de Tepoztlán en México y se realizaron treinta y cinco talleres para la construcción de los cuadros con semillas en varios estados de Brasil con la participación de las comunidades implicadas. Durante los talleres para la construcción de los cuadros se recolectar testimonios de participantes de los talleres. En la investigación de campo en Tepoztlán se recogieron los datos por medio de entrevistas semiabiertas con preguntas dirigidas a cada uno de los participantes. Los resultados obtenidos con la investigación muestran que en el proceso de construcción de este estudio fue posible comprender los conceptos relacionados con las semillas criollas, así como la construcción del primer registro escrito sobre el origen del arte con semillas en México. Como material visual, en el trabajo de la construcción de los cuadros con semillas, hemos obtenido una completa formación pedagógica, así como la recuperación de diversas variedades de semillas criollas en las áreas de Reforma Agraria del MST.

Palabras clave: Semillas Criollas. Indígena/Mx. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Estética de las Semillas. Cultura Campesina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Localização de Tepoztlán	69
Figura 2 –	Quadro realizado na I jornada de agroecologia. Assentamento Terra Vista, Arataca/Bahia	130
Figura 3 –	Quadro realizado no VI Congresso Nacional do MST.....	132
Figura 4 –	Quadro da Amostra Nacional de Artes do MST.....	134
Figura 5 –	Quadro realizado na III Jornada de Cultura Estadual e dos Assentamentos de Abelardo Luz	135
Figura 6 –	Quadro realizado na 13ª Jornada de Agroecologia MST e Via Campesina	137
Figura 7 –	Quadro realizado no Curso Pós-Graduação Lato Sensu Trabalho, Educação e movimentos Sociais do MST, em parceria com a Fiocruz.....	139
Figura 8 –	Quadro realizado na V Jornada de Agroecologia da Bahia, Região Sul	141
Figura 9 –	Quadro realizado na cidade de Anchieta, município pioneiro em reprodução de sementes no estado de Santa Catarina	143
Figura 10 –	Quadro realizado em homenagem pelos 10 anos da Escola Florestan Fernandes (ENFF)	145
Figura 11 –	Quadro realizado na III Jornada de Agroecologia/Bahia	147
Figura 12 –	Quadro realizado em comemoração dos 30 anos do MST em Santa Catarina..	149
Figura 13 –	Quadro realizado no Curso de Agroecologia e Educação	150
Figura 14 –	Quadro realizado na IV Jornada Cultural da Reforma Agrária, em parceria com a UFFS.....	153
Figura 15 –	Quadro em homenagem a Egídio Brunetto	155
Figura 16 –	Quadro em homenagem à E.E.M. Paulo Freire.....	157
Figura 17 –	Quadro realizado no Curso de Educação em Agroecologia da Região Nordeste	159
Figura 18 –	Banner da Exposição Sementes Crioulas: uma narrativa camponesa	161
Figura 19 –	Banner da assinatura social, Flor de Peyote	162
Quadro 1 –	Síntese da construção dos quadros	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANCA	Associação Nacional de Cooperação Agrícola
CTNBio	Comissão Técnica Nacional de Biossegurança
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MCP	Movimento Camponês Popular
MDF	<i>Medium Density Fiberboard</i> (material oriundo da madeira, com resinas sintéticas)
MMC	Movimento de Mulheres Camponesas
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTD	Movimento dos Trabalhadores Desempregados
SEGOB	Secretaría de Gobernación

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Objetivo geral	16
1.2	Objetivos específicos	16
1.3	A pesquisadora e o objeto de pesquisa	17
1.4	Curso de especialização	18
1.5	A arte das sementes	18
1.6	Procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa	21
2	AVANÇO DO MODO DE PRODUÇÃO DO AGRONEGÓCIO SOBRE OS MODELOS DE PRODUÇÃO TRADICIONAIS.....	25
2.1	As sementes crioulas no contexto do campo	26
2.2	A terra, o trabalho e as sementes como condições fundamentais de produção e reprodução da cultura no território camponês.....	36
2.3	Território e cultura camponesa: continuidades e rupturas.....	41
2.4	Sementes patrimônio dos povos a serviço da humanidade	46
2.5	Cosmovisão: um sentido holístico sobre a natureza.....	51
2.6	Cosmovisão e o ancestralidade feminina	54
2.7	Arte e estética como experiência transformadora.....	59
3	O MÉTODO DAS SEMENTES EM TEPOZTLÁN: UM TERRITÓRIO MÍSTICO E RESISTENTE	65
3.1	Origem de Tepoztlán	67
3.2	Período Colonial: uma ruptura cultural e social.....	70
3.3	Período da Independência e Revolução Mexicana.....	72
3.4	Portal de sementes uma arte de resistência em Tepoztlán.....	74
3.5	Das flores as sementes: memórias que transcendem em forma de arte	78
4	A ASSIMILAÇÃO DO MÉTODO DAS SEMENTES PELO MST	105
4.1	Breves apontamentos sobre a cultura no MST.....	105
4.2	Constituição das brigadas artísticas no MST	108
4.3	Método da arte com sementes no MST	110
4.4	Processo de construção coletiva dos quadros: projeto germinando arte	112
4.5	A construção estética no contexto da Reforma Agrária: memória da construção dos quadros	122

5	A ESTÉTICA DAS SEMENTES: UMA REPRESENTAÇÃO DA LUTA PELA TERRA	129
5.1	A estética visual da Reforma Agrária.....	129
5.2	O que dizem os participantes das oficinas Germinando Arte.....	163
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
	REFERÊNCIAS	193
	APÊNDICE A – Variedades de sementes	200
	ANEXO A – Portais de Tepoztlán.....	202
	ANEXO B – Material em construção para a cartilha sobre o método do trabalho com sementes no MST.....	206

1 INTRODUÇÃO

Estudar os processos de Reforma Agrária construídos até o presente momento nos países da América latina e Caribe requer compreender como o capitalismo se estruturou no campo e continua avançando nos processos de desterritorialização e exploração dos camponeses. São inúmeras formas, desde a exploração da mão de obra até a apropriação dos territórios e mais recentemente o controle das sementes e das formas de produção. Contestando a essa realidade, os movimentos sociais populares desenvolvem lutas e diversas experiências de resistências no contexto da luta pela terra, na defesa dos seus territórios, bem como desenvolvem outro modo de vida. Baseado em outra lógica que não é a do mercado, articulam-se em nível regional (América Latina) e mundial.

A defesa do território para os povos do campo é essencial, uma vez que é no território que se constrói a identidade de resistência, essa construção perpassa a construção do modo de vida, as formas de trabalho, as lutas, a ancestralidade, a cultura e a arte, a existência humana. Dessa forma, compreendemos que a vida dominada pelo capital não é ação/vida, na medida em que a energia vital seja quase toda ela transformada em forma de trabalho, passa a ser como uma máquina, somente a luta e a resistência é o que permitem uma reexistência.

Compreendemos que ao longo da história por meio de processos culturais houve um acúmulo de conhecimentos, dessa forma, a educação/formação esteve cumprindo um papel vital para o desenvolvimento da sociedade. E nesse contínuo ensinar e aprender ancorados na nas lutas coletivas constroem-se a resistência dos povos por meio da cultura e na ancestralidade, um modo de vida que foi possível frente à garra capitalista, cuidar da terra, da natureza, das diferentes espécies e manteve viva a memória das sementes.

Em se tratando da construção de um projeto de vida para o campo, o MST como movimento social tem construído inúmeras experiências buscando resistir a destruição do povo e da vida no campo. Entre estas, encontra-se a defesa das sementes crioulas que tem se constituído como processo pedagógico que pode fortalecer a concepção da educação do campo e outro modo de vida no campo. É neste sentido que procuramos compreender o papel fundamental dos movimentos sociais em meio ao processo de exploração e manipulação da sociedade, a qual historicamente vem sofrendo grande dominação por parte do capital nacional e internacional, esse mesmo sendo a causa de um grande desequilíbrio social em toda América latina.

Este trabalho vincula-se a um estudo que contempla, além da questão das sementes crioulas, um registro escrito sobre a técnica que utiliza sementes na construção estética de

quadros no Brasil, bem como no México, um trabalho que vem sendo difundindo como resistência no meio camponês. Trata-se de um registro de experiências que vem sendo desenvolvido nas áreas de Reforma Agrária do Brasil, articulando questões socioambientais ligados à recuperação das sementes em contraposição ao modelo de agricultura do agronegócio.

Buscamos realizar a sistematização dos resultados das atividades do projeto Germinando Arte¹, desenvolvido por meio de oficinas como processo formativo com comunidades rurais em algumas regiões do Brasil, movimentos sociais do campo, entre eles o MST. Procura-se por meio de uma técnica de construção de quadros utilizando sementes refletir sobre a importância das sementes crioulas para os camponeses e ao mesmo tempo por meio da Estética das Sementes tentar a Recuperação das Sementes Crioulas nas áreas de Reforma Agrária no Brasil. Assim, busca-se neste estudo analisar as sementes sob duas formas: a primeira como alimento e a segunda como arte, resistência e luta.

O trabalho com o projeto Germinando Arte tem como fonte inspiradora a técnica indígena latino-americana, que vem sendo trabalhada no campo Mexicano (Tepoztlán-Morelos/México), no sentido de fortalecer as lutas sociais e a recuperação e multiplicação das sementes crioulas.

No percurso do trabalho com a estética das sementes foi possível desenvolver uma experiência pedagógica que vem contribuindo de alguma forma na recuperação de sementes crioulas nas regiões onde as oficinas estão sendo desenvolvidas, bem como tem despertado o interesse entre os camponeses pelo cultivo de novas variedades. Buscamos desenvolver uma metodologia organizativa do trabalho com sementes, um trabalho artístico coletivo. Neste sentido, olhar, refletir, retomar, problematizar este processo pedagógico se fez necessário. Para tanto, buscamos sistematizar as atividades realizadas, dar dimensão de registro para que a experiência possa contribuir com as atividades de formação que os movimentos pretendem realizar com seus integrantes.

No período de julho/agosto de 2012, por meio de um intercâmbio, tive a oportunidade de conhecer a comunidade indígena que trabalha com a técnica muito distinta de arte com sementes. Há, aproximadamente, 25 anos esse trabalho vem sendo realizado na comunidade de Tepoztlán. Após conhecer o referido trabalho, tenho coordenado experiências semelhantes

¹ O projeto Germinando Arte faz parte da militância da autora como uma tarefa específica no MST desde 2012, é um trabalho que busca fortalecer o debate sobre sementes crioulas, estética, biodiversidade, bem como a cultura camponesa. Esse projeto se desenvolve acompanhando uma agenda regional, estadual e nacional. O trabalho ocorre inserido nas atividades de seminários, jornadas de agroecologia, cursos de formação, oficinas específicas para a construção de quadros, festas e datas comemorativas dentro do MST, feiras, trabalho com mulheres, entre outros.

em áreas de assentamentos rurais em diversas regiões do Brasil. Essas experiências têm se tornado um elo entre os camponeses inseridos no projeto de Reforma Agrária do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Nessa junção de forças organizativas temos buscado parceria com outros movimentos sociais, os quais são mais de cem movimentos só no Brasil, entre esses estão MPA, MCP, MAB, MTD e MMC.

No desenvolvimento desta experiência muitas questões/reflexões suscitaram. Refletimos, por exemplo: Como se dá o processo de desenvolvimento do trabalho com sementes na comunidade indígena de Tepoztlán? Quais experiências de resistência camponesa foram possíveis construir no MST? Quais ações de formação ocorreram dentro do projeto Germinando Arte, e que elementos possibilitam fortalecer a produção agroecológica e a recuperação de sementes crioulas dentro do MST? A partir destas reflexões delimitou-se a questão central da pesquisa: em que medida um processo criativo com as sementes poderá contribuir para a preservação e recuperação das sementes crioulas e fornecer elementos de resistências à ofensiva do agronegócio no processo de alteração genética das sementes?

A partir das questões norteadoras, delimitaram-se como objetivos da pesquisa as seguintes ações:

1.1 Objetivo geral

Sistematizar a experiência artística desenvolvida com as sementes buscando averiguar a contribuição desta para a preservação e recuperação das sementes crioulas como uma forma de resistência à ofensiva do agronegócio no processo de alteração genética das sementes.

1.2 Objetivos específicos

- Descrever as experiências da comunidade de Tepoztlán como processo de resistência, preservação e resgate das sementes crioulas como parte do patrimônio da comunidade e humanidade;
- Sistematizar as experiências da arte com sementes crioulas realizadas nas áreas de Reforma Agrária do MST/BR, no período de cinco anos de trabalho (2012-2017);
- Analisar a abrangência de público em formação, por meio das oficinas com sementes, sistematizar depoimentos coletados que possibilitem uma análise e compreensão dos avanços na recuperação das sementes crioulas.

1.3 A pesquisadora e o objeto de pesquisa

Esta trajetória foi iniciada há mais de trinta anos na luta pela terra e pela vida. Desde 1985 faço parte das lutas pela tão sonhada Reforma Agrária popular, ingressei no MST aos 9 anos de idade acompanhando meus pais, desde esse período tenho contribuído e buscado me inserir nas demandas do Movimento. Na minha adolescência participei dos espaços formativos proporcionados pelo movimento; dessa forma, junto de tantos outros companheiros(as), fomos vislumbrando novos horizontes por meio da luta, assim seguimos pelo caminho de conciliar o trabalho do campo, estudo e militâncias. Nesse contexto me tornei alfabetizadora de jovens e adultos, momento em que ao ensinar aprendi muito.

Em 2005, ingressei na universidade, no curso de Licenciatura em Artes, este seria um dos passos mais difíceis de conquistar, pois em minha região não havia curso de Artes pelo Movimento, então a única opção seria ir para uma universidade particular que existe a 80 km de distância de minha casa.

Durante minha permanência no curso, sempre que tinha oportunidade, desenvolvia trabalhos ligados à luta pela terra, em cada momento oportuno comentava sobre o MST, meus trabalhos também sempre se relacionavam com o meu contexto e formação social por vias da Reforma Agrária, por várias vezes meus trabalhos apresentados foram no sentido de levar ao conhecimento do grupo o que era o MST.

As dificuldades financeiras ameaçavam minha estada na universidade, as mensalidades tinham que ser pagas, além disso, o curso de Artes perante a sociedade ainda está ligado a uma camada social burguesa que tenha condições de pagar para estudar. Os materiais solicitados eram muito caros, porém de forma alternativa sempre consegui alcançar os objetivos propostos pelos professores. O contexto de formação foi bom, nesse curso surgiram alguns professores que tinham uma visão social das coisas, e dessa forma com força e coragem, apoio de amigos e familiares consegui chegar ao final do curso.

Meu Trabalho de Conclusão de curso (TCC) foi um grande passo de produção e iniciação científica, desenvolvi o trabalho com o objeto de pesquisa sendo “Terra”. Esse tema também era muito especial para mim, dessa forma, o tema trabalhado foi: “A educação do sensível por meio da modelagem com argila”. Toda a proposta foi detalhadamente pesquisada em cima do tema qualidade de vida, por interesse meu e da orientadora foi sugerido que o tema fosse pesquisado em uma escola da cidade, isso deu muito debate entre nós, pois argumentavam que no campo já temos certa qualidade de vida, ficaria mais interessante debater o tema qualidade de vida com os educandos da cidade, assim fiz meu estágio de

docência. Modelamos mais de trezentas peças de barro, e fizemos durante um dia uma exposição aberta à comunidade, muitos pais compareceram, agradeceram, fizeram fotos etc. Nesse contexto compreendo que valeu mais o aprendizado de minha parte e também dos educandos.

Ao concluir o curso de artes aceitei o desafio para ministrar aulas de artes em três escolas. Esta experiência foi sofrida, mas gratificante, pois minha base de trabalho com artes já vinha há mais de dez anos, isso me deu possibilidades de desenvolver o trabalho com mais êxito dentro da escola. Nesse espaço de formação a cada dia que passava me sentia mais em casa, foi aí que descobri muitas coisas boas relacionadas ao conhecimento em artes.

Nesse contexto, tornei-me diretora e posteriormente coordenadora, permaneci ali até o ano de 2008. No ano de 2009, assumi a tarefa de intermediar as sete escolas dos assentamentos da região que somam 1.475 famílias assentadas, tendo estas, aproximadamente, dois mil educandos(as), desde ensino infantil até pós-graduação.

1.4 Curso de especialização

No curso de Pós-graduação em 2012, ocorreu em convênio com a Universidade Federal do Estado de Santa Catarina (UFSC) e MST/IEJC. Dessa forma, segui a orientação de pesquisar a linha de História, pois o curso era Especialização em Ciências Humanas e Sociais em Escolas do Campo. A pesquisa se desenvolveu em Abelardo Luz (SC), em minha região, onde vivo há mais de trinta anos, a qual foi palco da primeira ocupação de terras pelo MST.

Dessa forma, o tema da pesquisa foi: “Memória e Constituição dos Assentamentos de Abelardo Luz, 1985”. Esta pesquisa serviu como pano de fundo para conhecer um pouco mais de minha própria história de vida, pois as pessoas que haviam participado das primeiras ocupações, muitas delas já não existem mais. Nessa pesquisa resgatamos um material considerado uma relíquia histórica, um diário do acampamento, o qual descrevia pelos menos seis meses do início dos acampamentos em Abelardo Luz, essa pesquisa possibilitou construir uma memória da luta a partir de 1985. As histórias de vida também fizeram parte da pesquisa, a qual se tornou um trabalho antropológico.

1.5 A arte das sementes

Em junho de 2012, em um dos e-mails recebidos do setor de cultura do movimento, recebi um convite para participar de uma oficina de muralismo mexicano, mas a oficina seria

de um mês no México. Nem imaginava que essa tarefa abriria outro mundo em minha militância, a descoberta das sementes, o fortalecimento do ensino da arte, o qual me encanta tanto, dessa forma no dia 28 de julho de 2012 em viagem segui para o México. Minha ansiedade era grande, seria minha primeira viagem de avião, além disso, para fora do país, fora do meu assentamento. Conhecida como arte com sementes, era uma técnica distinta e interessante, porque se utilizava sementes para pintar. Para aprender deveria ter muita paciência, pois esta técnica tinha muito haver com o trabalho de arte terapia.

No caminho para Tepoztlán íamos chegando em vários amigos que tinham envolvimento com a arte, artistas, escritores, dessa forma chegamos ao espaço da oficina com sementes, junto de outra amiga educadora que fazia oficinas de férias de verão em uma instituição da cidade de Tepoztlán. As pessoas não foram contra de que eu aprendesse a técnica, mas também não se mostraram muito receptivas, acostumados ao público que vem para aprender nas oficinas, eu seria mais uma a aprender a técnica.

Ao final da tarde procuramos um lugar para que eu pudesse ficar durante um mês, e minha casa foi um quarto da pensão “Sol e Luna”, na avenida Saragonsa, bairro de Santo Domingos. Durante a semana trabalhava com as sementes e conhecia pessoas que chegavam até a cidade as quais também queria saber sobre a técnica das sementes, no final de semana aproveitava para conhecer museus, espaços de arte, artistas, bem como participei de eventos políticos em representação ao movimento.

Minha inserção como aprendiz da técnica das sementes foi consolidada por ser representante do MST, o qual eles não tinham a mínima ideia do que se tratava, conheciam a experiência da comunidade Zapatista, porém, aquele grupo de artistas não estavam ligados diretamente a algum movimento social. Dessa forma, fomos construindo uma relação muito respeitosa, as pessoas foram se apropriando dos materiais que eu havia levado para divulgação, livros, jornais, bonés, algumas bandeiras do MST como símbolo de referência, vários materiais foram sendo olhados quando deixados expostos e ao mesmo tempo com muitas limitações de comunicação eu aí lendo em espanhol sobre o MST.

Descrever o processo de construção do portal (Arco de Semillas) de Tepoztlán seria necessário um tempo e espaço muito maior que um texto de memória, ao descrever algumas partes, posso dizer que esta arte é, sem dúvida, a arte mais coletiva e camponesa que eu pude conhecer, num tempo de pelo menos vinte anos de processos de construção e formação que me ligam a arte. Com certeza tivemos outras obras belíssimas ao longo do tempo, mas esta tem um significado grandioso, primeiro porque vem do campo, é uma construção com sementes, nasceu da observação simples de quem está ligada aos princípios da vida vivida em

relação ao trabalho com a terra, nasceu da mística e resistência dos povos. Dessa forma, traz um contexto de ressignificação das próprias sementes e da existência humana.

Ao retornar do México busquei implementar o projeto chamado Germinando Arte. Por meio deste projeto, tenho realizado trabalhos que somam simbologias e representações da arte política e de resistência sempre em construção no MST.

Neste contexto, recebi um pedido desafiador pela importância em questão, fazer uma mandala de sementes para o Papa Francisco, que receberia este presente em nome do MST. Seria levado em dezembro de 2012 por João Pedro, em uma Conferência Mundial que o Vaticano havia convocado. Em representação dos movimentos sociais, nessa mandala deveria conter muitas variedades de sementes, foram 28 variedades e o desenho foi uma representação das lutas na América Latina.

Nesse período completa cinco anos de dedicação ao trabalho sementes, entre visitar agricultores que são mantenedores de sementes crioulas, plantar e colher sementes, conhecer outras sementes fora da Região Sul, onde vivo, pesquisar sobre o contexto das sementes crioulas em termos de políticas de segurança a biodiversidade, discutir uma estética que está inserida nas lutas dos camponeses. Seguir com meta de desenvolver oficinas de artes nos mais diversos lugares desde nossos acampamentos até as universidades, trazer os conceitos que contribuam na reflexão da realidade das lutas do campo. Desenvolver os desenhos que tragam uma simbologia acessível em termos de compreensão para a classe de trabalhadores. Antes de 2012, eu desenvolvia trabalho de arte de forma itinerante com pintura de painéis, desenhos nas escolas de formação do MST, dessa forma, seguimos juntando experiências e técnicas que venham contribuir para o desenvolvimento social das crianças, jovens e adultos das comunidades rurais.

Atualmente, pesquiso materiais que nos ajudem a preservar os quadros de sementes, pois gostaríamos de conservá-los por um maior tempo possível. No México se refaz a cada ano, sendo esse no mesmo lugar, em nosso caso, não temos a condição de refazer em todos os lugares que foram construídos os quadros, são mais de dez estados e cerca de 35 quadros grandes e mais diversos trabalhos menores. Neste sentido, a técnica deve ser apreendida por outros artistas militantes, pelo menos até surgirem com maior vigor as casas de sementes, esta seria uma possibilidade de continuidade dos quadros e fortalecimento dos plantios de sementes crioulas; nesse fazer da arte, utilizamos sementes que estejam na linha de produção mais destinada a animais e cobertura do solo, bem como sementes nativas, além disso, ampliar nossas práticas agroecológicas por meio do acesso a terra, as técnicas agrícolas e sementes.

O trabalho das sementes ligado à militância em relação à arte faz ampliar o debate e também as técnicas específicas no campo da arte, diante da necessidade de buscar formação tenho articulado com outros artistas sociais do Brasil e da América Latina e ao mesmo tempo através do curso de mestrado refletir sobre este fazer. Portanto, o objeto da pesquisa é resultado da minha história de vida, história pessoal, mas também coletiva, do meu envolvimento com as lutas camponesas, com a arte popular, a educação do campo, com a defesa das sementes crioulas. A entrada no Mestrado ajudou a consolidar a nossa percepção acerca da importância da formação para os trabalhadores no sentido de apreender elementos teóricos e práticos que possibilitem repensar o ato educativo, cultural, artístico no sentido de contribuir com um conhecimento capaz de transformar a vida trabalhadores e seus familiares.

1.6 Procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa

Para dar conta da análise sobre a experiência artística desenvolvida busco algumas categorias do método dialético materialista no sentido de contribuir para compreender melhor em que medida o trabalho desenvolvido contribui para a contraposição a ofensiva do agronegócio. A questão da postura, neste caso, antecede o método. Este, para Frigotto (1991, p. 81), constitui-se numa espécie de mediação no processo de apreender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e a transformação dos fenômenos sociais. O enfoque dialético possibilita analisar o real a partir do seu desenvolvimento histórico, da sua gênese e desenvolvimento, captando as categorias mediadoras que possibilitam a sua apreensão numa totalidade. Neste sentido, a pesquisa busca refletir com profundidade sobre a experiência desenvolvida, esclarecendo como vem se efetivando a experiência desenvolvida com as sementes, considerando os objetivos da pesquisa. Ao realizar uma reflexão e problematização sobre a nossa própria experiência, requer um aprofundamento teórico rigoroso da nossa parte enquanto pesquisadora, para aprofundamos o fenômeno social pesquisado numa perspectiva de análise mais profunda a luz da ciência.

Uma visão superficial, pautada em impressões imediatas, imprecisas e fragmentárias, não basta para analisar criticamente as situações e circunstâncias que se apresentam à dinâmica do trabalho educativo. É necessário que se vá ao fundamento, às bases que dão sustentação ao problema e que determinam sua manifestação como fenômeno na realidade. (MAZZEU, 2007, p. 2).

A ciência moderna preconiza que, para atingir o *status* de conhecimento científico, necessário se faz explicitar o método e o rigor de sua aplicação. Neste sentido, Ciavatta (2001, p. 129) alerta que “[...] o pesquisador deve ser capaz de situar-se em contexto concreto para

pensar o desconhecido ou para recolher, sistematizar, analisar e extrair das informações um conhecimento que não estava dado.”

Nessa perspectiva adotou-se a metodologia de pesquisa-ação, a qual inclui além dos entrevistados o próprio pesquisador, é uma pesquisa que traz um desenvolvimento aberto para o contexto social, no caso desenvolver um registro de fatos ocorridos de acordo com a história, bem como observar nos participantes o que o referido tema pesquisado influência na vida particular e da comunidade.

O conceito de pesquisa-ação vem sendo trabalhado por Thiollent, o qual define que:

[...] a pesquisa ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1988, p. 33).

Portanto,

[...] a pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. (FONSECA, 2002 apud BARBOSA, 2008, p. 34).

Segundo os autores, a pesquisa-ação dialoga com uma determinada situação social que leva em conta as especificidades de um determinado problema, e assim resulta num processo de registro que traga a visibilidade num sentido de esmiuçar significados de algo já existente, porém com um novo olhar que possibilite ressignificar um contexto. Dessa forma, compreendemos o debate da pesquisa-ação como uma forma de abstrair elementos que sejam capazes de dar vozes aos sentidos existentes.

O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador (THIOLLENT, 1988, p. 35).

A pesquisa-ação tem sido alvo de controvérsia devido ao envolvimento ativo do pesquisador e à ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema. Apesar das críticas, essa modalidade de pesquisa tem sido usada por pesquisadores identificados pelas ideologias reformistas e participativas. No sentido de obter uma melhor forma e eficácia de produção da pesquisa, Baldissera (2001, p. 8), baseando-se no conceito formulado por

Thiollent, afirma: “A pesquisa-ação por ser investigativa supõe um conjunto de procedimentos técnicos e operativos para o conhecimento da realidade ou um aspecto desta, com o objetivo de transformá-la pela ação coletiva.” Nesse sentido, a autora segue:

A forma de pesquisar a realidade implica a participação da população como agente ativo no conhecimento de sua própria realidade e possibilita a mesma adquirir conhecimentos necessários para resolver problemas e satisfazer necessidades. A pesquisa por ser ação, a própria forma ou maneira de fazer a investigação da realidade gera processo de ação das pessoas envolvidas no projeto. O modo de fazer o estudo, o conhecimento da realidade já é ação; ação de organização, de mobilização, sensibilização e de conscientização. A pesquisa-ação por ser participativa, supõe uma co-implicação no trabalho dos pesquisadores e das pessoas envolvidas no projeto onde se faz intercâmbio, socialização das experiências e conhecimentos teóricos e metodológicos da pesquisa. (BALDISSERA, 2001, p. 8).

Compreendemos que um processo de pesquisa nos possibilita investigar a formação e constituição de um território pesquisado, pois inclui resgatar, conhecer e analisar o contexto político de um lugar, família, cultura, meio ambiente, a ideologia, formas de vida, costumes, diferentes culturas, inserir-se enquanto sujeito social, para assim contribuir numa ação que venha a reconhecer a valorizar a partir do próprio contexto vivido em uma determinada realidade. Dessa forma, acreditamos estar construindo um novo pensamento sobre o ser social, esse capaz de se reconhecer enquanto classe social a partir do território, do meio que o constitui como sujeito social.

O percurso da pesquisa obedeceu aos seguintes passos: registro e memória escrita das oficinas realizadas no período de 2012 a 2017 nas atividades do MST e outros espaços de formação dentro de universidades e movimentos sociais. Esse registro se constituiu por anotações em um diário de campo, o qual trazia todos os passos metodológicos das oficinas, temas, datas, lugares, nomes de sementes e pessoas etc, bem como o que foi possível construir em termos de memória do trabalho com as sementes, foi descrito um pequeno histórico de construção de cada quadro. No segundo momento realizou-se a pesquisa de campo. Para a pesquisa de campo realizaram-se 14 entrevistas em Tepoztlán, no México, a fim de construir um registro histórico da experiência realizada lá. Seguindo pela investigação nas áreas de assentamentos no Brasil, foram coletados depoimentos de participantes das oficinas, ocorridas em vários estados do Brasil. Como processo metodológico de investigação da pesquisa de campo, em Tepoztlán, adotou-se a forma de entrevistas semiabertas, com perguntas direcionadas a cada um dos participantes, público alvo foi misto sem indicação de faixa etária. Os resultados obtidos com a pesquisa foram a elaboração da memória escrita sobre o processo de construção do portal feito com sementes na comunidade indígena de Tepoztlán e o registro da experiência construída em cinco anos do projeto Germinando Arte. Nesse processo se

constituiu uma memória dos quadros realizados dentro do MST, bem como público em formação e alguns resultados obtidos nesse processo artístico e de luta.

Para sistematização, foi desenvolvido um registro em forma de legenda dos quadros realizados em oficina com sementes. Esse registro descreve as informações como: nome da técnica, tamanho da obra, tema, quem fez, quantas variedades de sementes, público estimado, local, estado e data, construindo uma espécie de linha do tempo por meio de descrição do processo.

Para efeito de exposição, esta pesquisa está organizada em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo expõe o referencial teórico da pesquisa, com os conceitos basilares da pesquisa assim como: avanço do modo de produção do agronegócio sobre os modelos de produção tradicionais; a terra, o trabalho e as sementes como condições fundamentais de produção e reprodução da cultura camponesa. As sementes, a cultura camponesa, continuidades e rupturas. Sementes patrimônio dos povos a serviço da humanidade, a cosmovisão como conhecimento ancestral.

No segundo capítulo de forma geral descreve o método de Tepoztlán: Uma estética de Resistência. Experiência mexicana. O contexto de localização e análise cultural do espaço. Quem faz, o que faz, por que faz. Dimensão pedagógica e estética com a comunidade. Método de educação popular, relações existentes no contexto atual.

No terceiro capítulo se apresenta a sistematização do Método das sementes pelo MST, mostrando como se deu a assimilação e abrangência desse trabalho. As Influências pedagógicas e artísticas do MST. As matrizes formativas do MST. Experiências orgânicas da cultura no MST. O desenvolvimento da experiência no Brasil. Registro do processo.

No quarto capítulo, descrevemos a memória da construção dos quadros, com imagens e descrição individual do processo. Para consolidar a pesquisa abordamos os depoimentos como forma de averiguar em forma de análise dos participantes, quais foram os avanços que foi possível construir no processo de participação das oficinas com sementes. Por último início do debate para a construção do material pedagógico sobre o Método de trabalho com sementes no MST.

2. AVANÇO DO MODO DE PRODUÇÃO DO AGRONEGÓCIO SOBRE OS MODELOS DE PRODUÇÃO TRADICIONAIS

Neste estudo busca-se trazer apontamentos referentes ao tema de relevante importância, o qual vem sendo discutido pela sociedade atualmente são as sementes crioulas. Buscamos trazer a reflexão pelo olhar dos movimentos sociais, incluindo nesse o MST. Esse tem tratado das sementes crioulas como um assunto de muita importância, pois o assunto traz referências históricas das sementes como continuidades da vida e dos processos de luta pela terra. Dessa forma, relacionam-se as sementes com o contexto cultural de trabalho e resistência do campo.

Essa ideia vem se fortalecendo a partir de muitas experiências coletivas as quais tem sido trabalhada como proposta de recuperação das sementes crioulas nas áreas de Reforma Agrária. Neste sentido tratamos o debate por duas linhas, a primeira contextualizar a cultura histórica das sementes, por breves apontamentos feitos a partir de leituras bibliográficas como. Os referenciais teóricos que nortearam a pesquisa foram: Altieri (2004), AGRUCO (2001), ANCA (2003), Caldart (2014), Carvalho (2003), COA e CASIFOP (2012), Dicionário da Educação do Campo (CALDART, 2012), Fernandes (2004), Bogo (2010), Ribeiro (2003), Martins (2006), Cartilha das sementes elaborada pelo MPA (2017), entre outros que foram somando nesse processo de trazer o debate para dentro do movimento do MST, bem como destacar algumas propostas que vem sendo construída coletivamente.

Para compreendermos os processos de sustentação e existência da humanidade, precisamos olhar para as formas coletivas que se desenvolveram ao longo da história com relação à agricultura, sendo esse um processo de domesticação das plantas. Como forma de reproduzir na natureza, as plantas possuíam sementes menores que facilitavam a sua dispersão pelo vento, essa forma foi se adaptando a cada região, de acordo com clima e meio ambiente. A produção dos frutos e sementes não ocorria toda em uma época, mas ao longo do ano, como ainda segue em diversas regiões do planeta as quais têm as estações do ano, as quais são propícias e favoráveis à produção de cada variedade.

No desenvolvimento histórico, os frutos foram mudando com o passar do tempo, esses nos tempos primitivos eram de sabor diferente do que conhecemos hoje, alguns com sabor mais amargo para reduzir o ataque dos predadores. Com o início da agricultura, os seres humanos, especialmente as mulheres, começaram a selecionar as plantas de acordo com as características que mais lhes agradavam; frutos e sementes maiores, sabor agradável, época de colheita, ciclo da planta, etc. Esse processo de domesticação fez com que as plantas que

consumimos para nossa alimentação passassem a depender do ser humano para sua continuidade de reprodução.

As variedades de plantas que chegaram até os dias atuais na agricultura são resultado não apenas do meio ambiente, mas também de todo um conhecimento e prática milenar das mulheres e homens em seu melhoramento natural. A domesticação das plantas resultou numa grande diversidade de variedades. Nesse desenvolvimento, grande parte se deve a observação das mulheres por um caráter cultural, foram as protagonistas desse grande avanço que a humanidade pode desfrutar. Compreendemos os processos de produção como elementos culturais e coletivos, esse como forma de impulsionar as várias culturas existentes no desenvolvimento da sociedade.

2.1 As sementes crioulas no contexto do campo

Partimos do debate sobre a formação do ser social através do trabalho como produtor da existência, dos artefatos culturais e, conseqüentemente, da arte e da estética. Neste contexto, mostra-se como o ser humano produz sua existência através do trabalho numa sociedade de contradições. Assim, localiza-se o trabalho camponês e os enfrentamentos com o modelo dominante de produção, por outro lado, também as formas de resistências, entre estas a resistência às sementes transgênicas e defesa das sementes crioulas.

O ser humano se diferencia dos demais animais porque é capaz de agir conscientemente sobre a natureza, transformando-a, produzindo sua própria existência, isto se dá por intermédio do trabalho. É por meio dessa ação consciente sobre a natureza que o ser humano cria os artefatos culturais.

Lessa e Tonet (2008, p. 21), como base nas ideias desenvolvidas por Marx, afirmam que: “O trabalho é o processo de produção da base material da sociedade pela transformação da natureza. É sempre, a objetivação de uma prévia ideação e a resposta a uma necessidade concreta.” Esses autores afirmam que os seres humanos se diferenciam dos demais seres da natureza, pois frente a uma necessidade imaginam uma solução, planejam, fazem escolhas e realizam uma ação. Ao modificar por meio da sua ação, a natureza, o homem modifica a si mesmo, a sua própria natureza. Ao produzir um objeto novo, o ser social cria outras necessidades. Lessa e Tonet enfatizam que este movimento somente é possível ao ser humano, os seres biológicos, por mais e melhores trabalhos que realizam, repetem o mesmo gesto há bilhões e bilhões de anos. Marx explica esta diferença mostrando que:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. **Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador.** Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. (MARX, 2004, p. 36, grifo nosso).

A partir desta constatação de Marx, podemos afirmar que trabalho é um elemento central no processo de produção dos meios de vida, o meio que garante a existência humana e ao mesmo tempo o trabalho atua na formação do ser social. Desse modo, é possível afirmar que o processo de produção da existência do ser humano se dá através do trabalho. Mas a reprodução sociocultural dos aprendizados, e dos conhecimentos gerados com tal ação, se viabiliza com a transmissão de uma geração a outra, garantindo a continuidade da existência humana. É neste contexto que situa a educação como elemento cultural, ou seja, não dada pela natureza, mas construído um elo do ser humano na relação com a natureza e na relação com os outros seres sociais. Saviani (2007, p. 152), ao discutir a relação entre trabalho e educação, afirma que “[...] trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e se educa. Na medida em que o ser humano desenvolve um trabalho ele se educa.” Ocorre que esse desenvolvimento se deu ao longo da história mantendo tradições e realizando rupturas conforme a organização das sociedades. Neste sentido:

O desenvolvimento da sociedade de classes, especificamente nas suas formas escravista e feudal, consumou a separação entre educação e trabalho. No entanto, não se pode perder de vista que isso só foi possível a partir da própria determinação do processo de trabalho. (SAVIANI, 2007, p. 157).

Tais fatos demonstram que o desenvolvimento do trabalho e consequentemente da educação não foi historicamente de forma harmônica, é preciso ressaltar que, ao longo da história da humanidade, esse movimento se deu por profundas tensões, contradições e enfrentamentos. Taffarel, ao discutir a formação do ser social no interior das contradições capitalistas, afirma que:

O homem não se torna ser humano sem suas atividades e relações com os demais seres humanos, com o entorno, com a natureza, sem desenvolver seus meios de produção, sem reproduzi-los, sem reproduzir a própria vida. No entanto, o padrão que se desenvolveu, por séculos e séculos está baseado na exploração, expropriação, exploração, que se manifestam hoje na destruição da natureza, da cultura, das forças produtivas – trabalho, trabalhador, meio ambiente. O que caracteriza este sistema, construído historicamente, são, portanto, a produção social de bens e a apropriação privada, a concentração de renda, a propriedade privada dos meios de produção. (TAFFAREL, [s.d.], p. 2).

Para um país agroexportador como se tornou o Brasil, o que tem em curso é um modelo desfavorável ao campo devido às condições imposta pelo monocultivo, transgenia, agroquímicos etc. Dessa forma, olhamos para o processo de desenvolvimento da agricultura e percebemos que no período atual já houve muito mais destruição do que ocorreu em séculos anteriormente. Neste sentido, podemos aclarar mais ideias; segundo a história, desde o surgimento da agricultura até o período atual, muitos ciclos de vida humana e da agricultura foram transformados, o salto talvez mais importante de toda história seguiu pelo ser natural até a descoberta do fogo em sequência e descoberta das ferramentas, período da pedra polida, e conseqüentemente uma grande observação descobriu a germinação das sementes. Com o desenvolvimento de instrumentos de trabalho, isso pelo menos há quarenta ou cinquenta mil anos, estabeleceu-se uma nova condição de produção da vida novas relações com a natureza.

Nessa relação com a natureza também se estabeleceu uma nova relação social, em que surge o trabalho e ao longo do tempo esse foi organizado de diferentes formas, individual e coletivo e foi por esse processo que surge a exploração e divisão do trabalho, bem como a divisão de classes que chega até nossos dias.

O modo de produção do tempo primitivo explorava e se associava à natureza, um extrativismo aliado à coleta e caça. Para chegar ao período do desenvolvimento da agricultura, foi preciso que o ser humano passasse por um grande salto ontológico, dessa forma, segundo a literatura histórica, foi preciso pelo menos cinco mil anos para que a agricultura se estabelecesse como relação que constituía as condições materiais para o desenvolvimento da vida humana. Esse período foi chamado de revolução agrícola do Neolítico.

O que avançou no período neolítico como grande salto foi o conhecimento técnico, domesticação das plantas e mudanças sociais. Dessa forma, a divisão do trabalho se deu entre a caça, o artesanato e agricultura, nessa fase se constitui um sistema agrário primitivo espalhado em grande parte do planeta².

Nesse contexto do desenvolvimento da agricultura o modo de produção capitalista caracteriza-se como modo de produção altamente contraditório, enquanto milhares de pessoas vivem na privação, um pequeno grupo apodera-se das riquezas materiais e imateriais vivem no conforto e excluem a maioria de ter acesso aos bens e serviços.

Neste modo de produção prevalecem os interesses dos grandes grupos transnacionais, do grande capital financeiro, que atualmente com novas estratégias continuam se apropriando

² Temática amplamente descrito em Martins (2016).

das riquezas dos países em desenvolvimento, independentemente das dificuldades e problemas sociais que os povos desses países enfrentam.

De acordo com Mészáros (2004), a força destrutiva do capital é notada no desperdício criminoso de recursos materiais e humanos, na violação da natureza, e ainda nas aventuras militares do imperialismo global dos Estados Unidos.

Marx e Engels (1982), ao estudarem as tendências do modo de produção capitalista, mostraram essa capacidade destrutiva do capital na obra *A Ideologia Alemã*. Para os autores:

No desenvolvimento das forças produtivas atinge-se um estado no qual se produzem forças de produção e meios de intercâmbio que, sob as relações de produção vigente, só causam desgraças, que já não são forças de produção, mas forças de destruição [...] estas forças produtivas sob o regime da propriedade privada, experimentam apenas um desenvolvimento unilateral, convertem-se para a maioria em forças destrutivas e grande quantidade delas não encontram a menor utilização sob este regime, tornando-se forças destrutivas para a maioria. (MARX; ENGELS, 1982, p. 95).

Pode se constatar a ampliação do capital no campo brasileiro através das ações dos grandes monopólios econômicos aliados ao Estado e aos representantes do latifúndio, que desde o final da década de 1950 vêm introduzindo novas relações econômicas e sociais. Destacamos, por exemplo, as políticas agrícolas implementadas no campo valorizando o capital sem resolver os problemas dos trabalhadores. Esse processo mundialmente conhecido como “Revolução Verde” teve em sua essência a aplicação de pacotes tecnológicos com base na química, na genética e na mecânica. Diversos autores mostram que este modelo de agricultura alterou intensamente as relações sociais de produção no campo, aumentou a concentração de terras e conseqüentemente provocou o êxodo rural.

Além disto, ocasionou o crescimento da dependência da indústria química e mecânica, e mais ultimamente da genética, sem contar a diminuição substancial da necessidade de trabalho vivo. Movido pela contradição da nova mundialização do capital, o referido modelo agrícola submeteu o uso da terra e de todos os recursos naturais, renováveis e não renováveis, às rigorosas leis do mercado e do lucro, e a produtividade tornou-se a força motora desse processo (ARAUJO, 2007, p. 22). Por estas razões não constitui para o capital nenhum tipo de constrangimento a destruição e modificação das sementes como patrimônio da humanidade.

A luta dos povos tem se apoiado na reprodução alternativa de sementes crioulas, diversas iniciativas têm ganhado força nos movimentos sociais. Dessa forma, além da pesquisa, o incentivo busca resgatar variedades de sementes nas diversas regiões onde ocorrem processo de trabalho com sementes por meio da arte. Nessas experiências se constrói conhecimento coletivo, resgata culturas, e traz um amadurecimento ideológico sobre as questões relacionadas.

Nesse processo de formação delineado com metodologia específica pela proposta levantada, como o trabalho de arte com sementes, uma ação coletiva que já produz os frutos de um trabalho distribuído por várias regiões e estados, nesses cinco anos de trabalho, dentre tantos detalhes do contexto de criação coletiva, sem dúvida, podemos perceber uma proposta que instiga a recuperação das sementes, pois são inúmeras variedades que foram recuperadas, levadas por tantos e reconhecidas pela crianças até os mais vividos. Nesse processo ressaltar o sentido do despertar para outras ideias. As sementes por natureza fazem parte do cotidiano da cultura camponesa. Perceber as diversas faces a qual pertencem às sementes, torna-se um passo de princípio, constitui o processo de emancipação dos camponeses.

Assim, olhamos o quanto se faz necessário fortalecer a agricultura, pois fora dela não haverá chance de sobrevivência tanto dos camponeses quanto de quem depende desses para sobreviver. As sementes crioulas são uns dos principais elementos da resistência e permanência na terra; dessa forma, a terra, as sementes, a água, o manejo sustentável do solo e das culturas vêm fortalecer uma saída, a qual vem sendo reapropriada e redescoberta, a agroecologia. Nessa proposta os camponeses em especial aqueles ligados aos movimentos sociais estão passando por um processo de transição e reaprendendo cuidar da terra.

As consequências da expansão alarmante do modelo econômico implantado no campo brasileiro conhecido como agronegócio reduziram as variedades genéticas, os empregos, promoveram a expulsão dos trabalhadores do campo, e como resultados a concentração ainda maior da propriedade de terras. Ao estudarmos a estética das sementes como contraponto ao modelo do agronegócio, dirigimo-nos à compreensão do que a Revolução Verde foi um modelo de agricultura implantado com uma única finalidade: o fortalecimento do agronegócio em nível mundial.

A partir do fim da segunda guerra do século XX, o banco mundial adota a proposta da revolução verde como veículo do desenvolvimento agrícola e, para isso proporciona a criação do CGIAR- *Consultive Group for International Research*, cujo dezoito institutos, foram apoiados pelas grandes fundações desenvolvimentistas. Dessa forma seguiu-se pela linha de desenvolvimento máximo das pesquisas científicas, uma operação a nível mundial, as quais privilegiaram seus estudos em vinte cultivos de maior comercialização global, um desses institutos criados em 1974, seria o coletor especializado de 'germoplasma'. (GUTIÉRREZ, 2003, p. 263).

Ainda de acordo com Gutiérrez (2003), seguiu a imposição aos modos de produção da agricultura, na lógica desenvolvimentista os maiores beneficiários foram: “transnacionais dos agroquímicos e os oligopólios da comercialização mundial dos grãos e dos alimentos”. Nesse processo forçado pelos interesses internacionais, logo se vislumbrou os impactos ambientais causados por toda essa interferência nos sistemas de agricultura tradicionais, também

começam a aparecer as políticas de conciliação para manipular e distorcer a verdadeira influência dos químicos na saúde humana. Por um período de dez anos tramitou a lei para aprovação em que a biotecnologia fosse legitimada, essa lei foi aprovada em 1992, na Convenção da Biodiversidade, com salvaguarda de alguns direitos dos camponeses.

Em 1993, definitivamente, foi autorizado o primeiro plantio de *transgênicos* nos Estados Unidos, de uma vez por todas a afronta aos camponeses e a biodiversidade estava colocava em nível mundial. Contrários e essa proposta de agricultura se levantam em diversas mobilizações dos movimentos sociais, camponeses, ONGs e ambientalistas, protestando pela retirada dos transgênicos da linha das agriculturas ecológicas, bem como as outras formas de sementes modificadas e produtos químicos. Desde esse período se instalou um modelo que engessou a agricultura, valorizando a indústria do agronegócio, a qual segue assombrando a resistência camponesa nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Para Pereira (2013, p. 685), a implantação da “[...] Revolução Verde foi concebida como um pacote tecnológico, o qual incluía, insumos químicos, sementes de laboratório, irrigação, mecanização, grandes extensões de terra, bem como uma base ideológica de valorização do progresso.”

A mesma autora adverte que o modelo adotado pela “Revolução verde” provocou a perda de variedades antigas e a perda irreversível de material genético e de alternativas alimentícias. Alguns anos depois já se percebia as contradições em termos de produtividade com as sementes transgênicas. Para a citada autora, a proposta de resolver a fome no mundo ficou apenas no campo das ideias, pois a fome no mundo não está relacionada à produção, e sim à distribuição dos alimentos.

Afirma ainda a supracitada autora que a dita revolução causou desigualdade social, ocasionando um grande retrocesso ao desenvolvimento do campo e dos camponeses, maior causa, a perda de suas sementes, bem como as autonomias de produção, para os camponeses só restou desse plano a dependência das grandes empresas e corporações que dominam o mercado. É importante ressaltar que:

O material genético não pode ser artificialmente criado; apenas pode ser recombinado. As variedades de laboratório não foram criadas: elas se originam de plantas e de animais selecionados por camponeses em seus territórios por muitas gerações de milênios [...] as sementes ‘melhoradas’ somente são produtivas com base no pacote tecnológico, sem os insumos adicionais, seu desempenho é inferior ao das variedades nativas [...] Além disso com o estreitamento das bases genéticas da agricultura, as culturas ficaram fragilizadas e vulneráveis a desequilíbrios, às chamadas ‘pragas’ e doenças (que decorrem de aumento da população de uma ou de outra espécie por causa de desequilíbrios ecológicos nas interações ecológicas da cadeia alimentar) e as variações climáticas. (PEREIRA, 2013, p. 687).

Ao olharmos as sementes percorrendo o curso da cultura e da produção camponesa, as mesmas são matéria-prima de uso comum, que agrega um ciclo natural da existência da vida, as sementes agregam um conjunto de fatores que correspondem a um ecossistema organizado por fases e etapas, de acordo com a natureza. Assim, para os camponeses, a Revolução Verde foi e continua sendo enganosa, porque ameaça toda uma cadeia alimentar, apenas promove a destruição. Soma-se a este processo um controle da ciência e da vida, bem como dos sistemas de agricultura a nível mundial.

Esse processo de aquisições acentuou-se em países como o Brasil no final da década de noventa, logo após alteração na legislação que favoreceram a consolidação dos monopólios das indústrias de sementes. De 1998 até 2002, mais de dez empresas nacionais foram adquiridas por quatro empresas multinacionais [...] Monsanto, Dow Agro Science, Agrevo, Du pont. [...] no ano de 2000, a Agrevo foi comprada pela Aventis, em 2002, a Bayer comprou a Aventis, portanto hoje, a Bayer é dona das empresas compradas pela Agrevo, em 1998 e 1999. (ANCA, 2004, p. 19-20).

Nesse processo de compra das empresas, atualmente a Monsanto lidera as grandes empresas em nível mundial, cada uma foi sendo dividida de acordo com as possibilidades de exploração organizadas pela geografia mundial e regional, um controle monopolista não só no Brasil, mas em toda América Latina. Em todos os países, podemos averiguar que as grandes corporações seguem o curso acelerado pela aquisição das empresas menores, pois o objetivo se baseia no controle do poder, assim obtêm maior lucro.

Carvalho (2003. p. 247) enfatiza que, com a “Revolução Verde”, os monopólios internacionais passaram a controlar o mercado de insumos e máquinas agrícolas: a segunda fase dessa “revolução” está em pleno andamento, com expansão dessas multinacionais no controle da produção e do comércio de sementes, e quem controla as sementes controla todo o sistema alimentar. Quer dizer, as sementes “melhoradas” ficam alinhadas em uma uniformidade que elimina a resistência de cada variedade, isso faz com as sementes estejam vulneráveis as pragas e doenças, dessa forma ficam dependentes de agrotóxicos.

Os debates publicados pela Associação Nacional de Cooperação Agrícola (ANCA, 2004, p 22) mostram a criação e os avanços das grandes corporações como: Advanta, criada em 1996; Syngenta, criada em 2002; Baiyer – Agrocience, criada em 2002; Monsanto, criada em 1901; Dupont, em 1802. Estas empresas são responsáveis pelos avanços na posse das sementes, esse processo prossegue a passos largos e promove o massacre da agricultura camponesa. Esse processo de apropriação e concentração se tornou uma ameaça a todo ecossistema e biodiversidade do planeta. Atualmente, no Brasil, nas brechas das políticas contraditórias, bem como as iniciativas governamentais por meio da corrupção, estão permitindo a privatização de bens naturais especialmente sobre a Amazônia, um território que

está sendo entregue às grandes empresas do agronegócio, fomentados pela grande corrupção e roubalheira de dinheiro público, ou seja, em nível mundial estão mapeado alguns dos recursos genéticos, como as sementes, essas são estratégicas para o controle do capital, em outros casos a expropriação se dá pelo recurso de concentração da terra, água, minérios, entre outros.

Do ponto de vista social e religioso, Frei Beto (apud CARVALHO, 2003, p. 46) diz que “[...] há um pecado estrutural em nossa sociedade mercantilizada, se a semente é negada, é a própria vida que fica inviabilizada para grande parte da população.” A expropriação das sementes e o desenvolvimento das indústrias sementeiras é, sem dúvida, um assunto que preocupa muitos camponeses que estão inseridos num debate que traz outra proposta de vida, a agroecologia, por exemplo, ou seja, discutir os rumos da agricultura se tornou uma necessidade para toda a sociedade, especificamente para a classe trabalhadora que pensa além de seus interesses, essa conduz linhas de pensamento dentro de um sistema que abrange uma dimensão social.

Nesse sentido, compreendemos a agroecologia a partir dos conceitos elaborados por autores como Altieri, Gliessman Guzmán. Com base nisso:

Agroecologia é tida como um campo do conhecimento de natureza multidisciplinar, cujos ensinamentos pretendem contribuir na construção de estilos de agricultura de base ecológica e na elaboração de estratégias de desenvolvimento rural, tendo como referência os ideais da sustentabilidade numa perspectiva multidimensional. (FERRAZ, 2017).

Nesse sentido, o conceito elaborado por Altieri (apud FERRAZ, 2017) unifica outros debates que vão nessa mesma linha de pensamento, o qual salienta que:

Agroecologia é a ciência ou a disciplina científica que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas, com o propósito de permitir a implantação e o desenvolvimento de estilos de agricultura com maiores níveis de sustentabilidade. A Agroecologia proporciona, então, as bases científicas para apoiar o processo de transição para uma agricultura sustentável nas suas diversas manifestações e/ou denominações. (FERRAZ, 2017).

O que vem se desenhando como proposta para a agricultura de pequeno e médio porte é o conceito que busca elaborar cada vez mais e colocar em prática modelos de agricultura que sirvam como meio favorável para os camponeses, a agroecologia tem sido um tema central desse debate e o princípio do que é hoje chamado agricultura sustentável.

A produção sustentável em um agroecossistema deriva do equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes, luz solar, umidade e outros organismos coexistentes. O agroecossistema é produtivo e saudável quando essas condições de crescimento ricas e equilibradas prevalecem, e quando as plantas permanecem resilientes de modo a tolerar estresses e adversidades. (ALTIERI, 2004, p. 26).

Vale salientar que para a consolidação do processo da agroecologia implica em muitos fatores, pelas condições de degradação que se encontra grande parte das terras agricultáveis, esse problema se agrava a cada ano pelo uso dos agroquímicos e manejo do solo, sistema esse utilizando pelo modelo implantado pelo agronegócio. Compreendemos que é necessário um resgate de culturas, de modos de vida, muitas das alternativas se encontram no conhecimento e resistência de muitos agricultores, como salientam Toledo *et al.* (1985 apud ALTIERI, 2004, p. 26): “O conhecimento camponês sobre os ecossistemas geralmente resulta em estratégias produtivas multidimensionais de uso da terra, que criam, dentro de certos limites ecológicos e técnicos, a auto-suficiência alimentar das comunidades em determinadas regiões.”

Ainda de acordo com essa ideia, o processo de transição para agroecologia tem sido implementado em áreas de assentamentos como alternativa a médio e longo prazo, muitas vezes tem se falando da produção orgânica para depois trazer o debate da agroecologia. O uso de diferentes estratégias aliadas às diferentes realidades vem se organizando como propostas coletivas de transição.

A transição para um modelo de agricultura agroecológica não representa apenas um retorno ao modelo de agricultura que se praticava antes da Revolução Industrial. Ainda que se faça uso de combinações dos métodos tradicionais de manejo e do equilíbrio físico, químico e biológico do agroecossistema, pode incluir novas tecnologias, como o resgate de manejos e técnicas utilizadas em ecossistemas semelhantes, práticas de conservação de água e manejo de animais, entre outros [...] Dessa forma a reconversão de uma agricultura convencional para um modelo agroecológico é particularmente complexo, pois não é apenas uma mudança técnica, mas uma mudança total na concepção de agricultura e de mundo. (FERRAZ, 2017).

Nesse sentido, faz-se necessário compreender agroecologia como um conceito de vida. Discutir propostas como um meio alternativo que possibilita uma transição dos modos de produção convencionais para um modelo que implica e proporciona uma readequação nos modos de trabalho e vivência dos camponeses. Além disso, é preciso investir em tecnologias voltadas à pequena agricultura, pois estar inserido no trabalho de agroecologia implica em muita mão de obra braçal, além disso, os meios de comercialização têm mostrado caminhos que é possível plantar e colher sem interferência de atravessadores. O MST, bem como outros movimentos sociais, tem discutido propostas cooperadas para viabilizar essa produção qualificada. Compreender os ciclos da natureza, do ecossistema, faz com que seja possível desenvolver e integrar-se com um modelo que pensa as mais diversas dimensões da existência do campo. Nesse intuito, a elaboração de Dominique M. P. Gubur e Nilciney Toná sobre agroecologia:

A agroecologia exige que o camponês passe a assumir uma posição ativa, de pesquisador das especificidades de seu agroecossistema, para desenvolver tecnologias apropriadas não só às condições locais do solo, relevo, clima e

vegetação, mas também às interações ecológicas, sociais, econômicas, e culturais [...] na perspectiva da agroecologia, essa não pode ser tarefa de especialistas insolados. A agroecologia exige conhecer a dinâmica da natureza e, ao mesmo tempo, agir para a sua transformação. (CALDART, 2012, p. 62).

A agroecologia no período atual tornou-se a única saída, pois entre tantos modelos de agricultura que já existiram ao longo da história, para o efetivo trabalho de recuperação das culturas nativas que foram perdidas, como no caso das sementes crioulas essas necessárias para produzir a existência, a produção dos alimentos saudáveis, seria um processo que possibilitaria obter autonomia por parte dos camponeses, bem como para toda população a nível mundial. É importante lembrar que alimentar-se está além de debates de primeira instância, é preciso reconhecer o alimento para o ser humano como um direito político de todos em especial dos menos favorecidos.

Dessa forma, inclui-se a preservação e o cuidado com os recursos naturais, meio ambiente, bem como da terra, além disso, reorganizar toda cadeia alimentar significa viabilizar, além de uma vida melhor, organiza os trabalhadores do campo. Os mesmos se organizam como classe trabalhadora.

Contrariando o modelo dominante, trabalhadores organizados em movimentos sociais e sindicais têm lutado em várias frentes e buscado alternativas ao modo de produção. Entre estes, encontra-se o MST que, articulado a outros Movimentos, nacionais e internacionais, como é o caso da Via Campesina, resiste e propõe outra forma de produzir a vida. Aqui situa-se a luta pela preservação das sementes como patrimônio da humanidade e resistência ao modelo do agronegócio e do capital em suas diversas faces.

Para o camponês, as sementes são o ciclo da vida, do trabalho e da cultura, a partir do momento que perde as suas variedades, esses ficam totalmente dependentes de outros para fazer sua safra, ou seja, perde sua autonomia e parte da sua existência como camponês, passa a se sentir inútil em sua função social.

Para os pequenos camponeses, as condições de sobrevivência no campo desde sempre foram precárias pelo descaso em termos de políticas públicas e incentivos à produção por parte dos sucessivos governos, desde o período da colonização no caso do Brasil, os recursos para investimento de custeio na agricultura têm destino certo, esses são destinados para poucos.

Poder viver melhor historicamente sempre foi um anseio dos camponeses, fazer da terra um espaço de vivência digna, em que as famílias pudessem optar por viver no campo, dentro da sua cultura, respeitando os ciclos da produção, tais condições desfavoráveis, sem dúvida, deveriam mudar. Para tanto, os camponeses organizam a produção da vida de diversas

formas, desde a produção dos bens materiais, a fim de garantir a sobrevivência, até a produção artístico-cultural.

2.2 A terra, o trabalho e as sementes como condições fundamentais de produção e reprodução da cultura no território camponês

Ao destacar o trabalho e a formação humana, enquanto dimensão da cultura numa perspectiva emancipatória, como almejada pelos movimentos sociais, entre eles o MST, há necessidade de refletir como ocorre o trabalho camponês numa sociedade de contradições, as possibilidades concretas de transformação que se pretendem. É nesta perspectiva que se faz adequado aprofundar os conceitos de trabalho camponês, especialmente, no contexto atual, já que os assentamentos constituem locais privilegiados de resistência ao modelo do capital (agronegócio); exercício da cultura camponesa e de construção de outro modo de gerir a vida oposto ao modelo dominante. Dessa maneira, olhamos o fazer do ser humano, num primeiro momento, como necessário para sobrevivência. Após isso, o fazer se tornou um ato de trabalho e criação humana de forma mais refinada ao contexto social.

O MST, como outros movimentos sociais, vem construindo formas de organização do trabalho na terra onde vincula trabalho, educação e formação, capaz de relacionar o conhecimento científico e empírico, relacionando-os com as práticas do trabalho e vivência do campo, ressaltando, dessa maneira, os aspectos da transformação da realidade local. Ampliar este conhecimento por meio de técnicas que estejam próximas da cultura e do território vivido faz com que o ser humano tenha uma melhor compreensão do seu papel enquanto ser na sociedade. Segundo Fernandes (2013), compreende-se que o território camponês desenvolve uma territorialização pela construção das formas de vida existentes:

É o espaço de vida do camponês. É o lugar ou lugares onde enorme diversidade de culturas camponesas constrói sua existência. O território camponês é uma unidade de produção familiar e local de residência da família, que muitas vezes pode ser constituída de mais de uma família, esse território é predominantemente agropecuário, e contribui com a maior parte da produção de alimentos saudáveis, consumidos principalmente pelas populações urbanas. [...] O território é entendido como fração ou como unidade é sítio, o lote, a propriedade familiar ou comunitária, assim também é a comunidade, o assentamento, um município onde dominam as comunidades camponesas. [...]. Essas relações sociais e seus territórios são construídos e produzidos, mediante a resistência, por uma infinidade de culturas camponesas em todo o mundo, num processo de enfrentamento permanente com as relações capitalistas. (FERNANDES, 2013, p. 744).

Ainda segundo o autor, a existência do campesinato sem território na cultura camponesa é muito conhecida em todo o mundo, por meio das distintas formas de luta pela terra, um destes exemplos no Brasil é o MST.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é uma das mais expressivas referências da luta de resistência camponesa pela terra e por territórios [...] Terra e território são espaços e recursos, condições e possibilidade de criação e recriação e de desenvolvimento da população camponesa. (Criação e recriação significam territorialização e reterritorialização do campesinato, ao passo que a destruição significa a sua desterritorialização). É na formação que acontece a territorialização do campesinato. Desde as lutas das ligas camponesas até as lutas do MST. (FERNANDES, 2013, p. 745).

Compreendemos que é neste contexto que emergem o trabalho e a relação dos camponeses sem-terra com as sementes, ou em conjunto com o contexto do território, esses como parte da vida das pessoas que vivem no campo, tornando-se assim um elemento em constante construção. Por meio do trabalho e das formas de vida, constatamos as práticas de reprodução social, bem como de reprodução da existência através das sementes como patrimônio da humanidade.

No debate sobre território, assunto tratado por Porto-Gonçalves (2001, p. 42), esse “[...] não é algo anterior ou exterior à sociedade. Território é espaço apropriado, espaço feito coisa própria, enfim, o território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele. Assim, há, sempre, território e territorialidade, ou seja, processos sociais de territorialização.” Compreendemos que no território existem as relações sociais que se firmam pelas formas de organização dos modos de produção da vida, mesmo com demandas ou poder individual, tendem a estar inseridos e organizados por um sistema social, como é o caso das comunidades tradicionais e o MST, já citado acima.

Nesse sentido, faz-se pertinente compreender o que se organiza como resistência num determinando território, como no caso das sementes crioulas, grande parte dessas estão asseguradas graças à persistência de muitos camponeses.

Assim, nessas resistências, r-existência, as epistemes e o território, onde a questão da terra tem um lugar central, ganham uma enorme importância não só pelo lugar que a ordem moderno-colonial nos destinou na divisão internacional do trabalho, como também pelo significado da natureza para a reprodução de qualquer sociedade, por mais que o antropocentrismo eurocêntrico acredite que a ciência e a técnica possam superá-la. Vimos como a revolução recente nas relações sociais e de poder por meio da tecnologia reconfigurando a vida, as plantas e os animais, enquanto germoplasma (biotecnologia), ao mesmo tempo em que amplia, como nunca antes, a dependência de todo o complexo de poder hegemonizado pelos países centrais de todos os elementos da tabela periódica da química, além dos sintéticos, assim como demanda cada vez mais água e energia. (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 51).

Percebemos que a centralidade no território é a terra, por esse motivo muitos dos movimentos sociais travam lutas para garantir e redistribuição da terra; dessa forma se colocam outras formas de pensar o cuidado com a terra, se faz necessário um manejo adequado para conservação da energia da terra, como pensar a terra, o lote, a parcela como um território comunitário, regional, territorial. A proposta de trabalho voltado para agroecologia traz a dimensão de um trabalho que vai além do autossustento, esse deve estar alicerçado pela ideia de soberania alimentar com livre expressão e construção de vida em cada território.

Dessa forma, as sementes, como cultivo de muitos territórios, estão ligadas à cultura camponesa, e tal reprodução deve ser instigada das mais variadas formas, dentre elas, o conhecimento por meio da arte das sementes e do contexto social e político, da compreensão do quanto se faz necessário cultivar e reproduzir as sementes, e que elas estejam na mão dos agricultores como parte de sua cultura.

Adotamos neste trabalho o conceito de cultura como um conjunto de ações milenar que acompanha o desenvolvimento e evolução da sociedade.

[...] cultura deriva do verbo Latim *colo* que significa cultivar. Quem cultiva intervém para cuidar direito, afasta do ‘redor’ o indesejado para que não se aproxime e asfixie o objeto do cuidado que vive em certas circunstâncias. Lutar pelo poder é lutar pelo direito livre desse cultivo da cultura de participar. (BOGO, 2010, p. 156).

Nesse exemplo compreendemos que a cultura se envolve em diversos campos da atuação social coletiva, pela cultura desmistificamos mitos colocados como parte de uma cultura capitalista que envolve os sujeitos numa falsa estrutura de liberdade.

Neste sentido, colocamos a importância do debate da cultura como parte das lutas, dos valores que vêm sendo construído a partir de concepção e práxis social. Bogo (2009) traz um olhar sobre a cultura de forma que o significado da mesma esteja no conjunto das lutas sociais, especialmente do MST:

Está em curso um modelo agrícola que marginaliza o meio rural e inviabiliza agricultura familiar e as comunidades rurais [...] discutir então a questão da cultura adquire um significado político e ideológico muito importante, pois a resistência a essa ofensiva neoliberal está relacionada também à cultura, aos nossos costumes e valores do meio rural e do MST, como movimento social. Como disse o prof. Horácio Martins, ‘mais do que nunca, as comunidades do meio rural, os trabalhadores rurais precisam desenvolver uma cultura de resistência e de valorização de autoestima, como trabalhadores rurais, para poderem enfrentar a avalanche da ofensiva neoliberal’. (BOGO, 2009, p. 8).

Neste sentido, além de marginalização do campo pelo modelo em vigência, fazer o contraponto da resistência por meio da organização requer uma leitura da realidade social que se vive a cada momento, pois no decorrer do enfrentamento os donos do poder vão

interferindo nas coisas mais imperceptíveis que ocorrem na sociedade. Bogo (2010, p. 156) diz que: “[...] a cultura republicana do poder que se cultiva com euforia gira em torno da ideia de que ‘vale a vontade da maioria’; leva a sociedade a uma fantasia de democracia, e culturaliza a identidade representativa.” De acordo com essa análise, podemos observar que a correlação de forças, além de antagônicas, se coloca frente ao risco de cruzarem a ideia de que a vontade determina a ordem, quando isso vai na contramão, seria a ordem que determina a vontade. Nesse sentido, as estruturas determinam as circunstâncias, pois quando determinado um destino pela velha ordem, o mesmo acaba por matar os valores de uma determinada ação.

Como descreve Bogo (2010, p. 155), “a cultura é um cultivo de alto risco”. Tanto podemos fortalecer um processo, como também se pode destruí-lo. Compreender a cultura como um processo de mediação nos faz atentos a uma construção sempre mais coletiva.

As ‘circunstâncias precisam ser transformadas pelo homem e o próprio educador precisa ser educado’ [...] o agente da cultura faz e é feito por ela. Não basta educar e politizar o ser social, é preciso intervir sobre as circunstâncias em que ele vive para criar as novas circunstâncias. Ele é o meio e o meio são partes interligadas da mesma mudança; para conhecê-lo, é preciso arriscar-se a ‘nadar por todos os lados do infinito na busca de que o imaginário se torne acessível’. (BOGO, 2010, p. 155).

Nas mudanças políticas e sociais, o ser humano se encontra no centro, seja beneficiado, seja prejudicado. Para os movimentos sociais, a massa humana faz todo um sentido de significado para compor as lutas. A própria história orienta para esse caminho de conduta, ou seja, um projeto bom para a sociedade deve estar alinhado à consciência das pessoas. Essa mesma precisa ser elevada, pois as circunstâncias de alguns casos são apenas por um momento, enquanto as mudanças políticas estão diretamente ligadas a estabelecer padrões intelectuais.

Pensar em cultura significa pensar a partir do universo da práxis social dos sujeitos. De acordo com Menegat (2015, p. 16), a cultura faz parte da reprodução da vida humana em sociedade. Isso significa que todo o ato de cultura, mesmo que isolado, está relacionado com o todo da vida social. Portanto, quando se inclui o conceito de cultura na ideia de práxis social, se está, na verdade, querendo mostrar que para pensarmos a arte é preciso pensar a vida social como um todo. Não se trata apenas da arte enquanto um produto do artista, mas, principalmente, da arte enquanto expressão de um conjunto de matérias, de elementos, de técnicas e de habilidades que são comuns à espécie humana e a uma determinada sociedade. Logo, não estamos tratando de pessoas de outro mundo.

Fazer arte, entender arte, fruir a arte, ou seja, tudo isso é uma atividade humana e absolutamente necessária. Reforçando o que Marx pensou a respeito da arte, podemos dizer que todo objeto artístico, bem como todo artista, está condicionado pelo o que aquele grupo social, aquela sociedade, aquele tempo histórico acumulou

enquanto conceito de arte. Desse modo, essas técnicas, essas habilidades que permitem o desenvolvimento dos objetos da arte, acompanham a história das sociedades. Os indivíduos que produzem arte fazem um duplo sentido: o movimento de desenvolvimento da vida social e o movimento de desenvolvimento das técnicas da produção da arte dentro da vida social. Por isso, falar da arte é sempre falar de uma expressão particular que pertence ao universo. (MENEGAT, 2015, p. 18).

Ainda segundo Menegat (2015, p. 29): “Observando os objetos da criação da arte, vemos que a arte produz um outro tipo de desenvolvimento humano. Se o trabalho dá conta de um aqui e agora, de talvez um amanhã, o objeto da arte nos propõe toda uma outra relação com o mundo.” O objeto da arte sempre nos coloca um problema em relação ao mundo, sempre nos coloca um “poderemos ser”. Neste sentido, a estética das sementes busca, no contexto do trabalho e relações sociais do campo, trazer presente a subjetividade colocada no teor da luta social pela terra. Assim, a criatividade, a partir de um contexto vivenciado como luta de classe, sem dúvida, possibilita elevação da intelectualidade.

Neste sentido:

O movimento cotidiano e histórico onde se constrói a cultura na relação com e no território pode ser visto em diferentes dimensões, todas elas estritamente entrelaçadas, como a dimensão ecológica, econômica, as relações de poder, a condição política do território, a dimensão simbólica-cultural. (BRANDÃO, 1996 apud SARAIVA, 2015, p. 62).

Sá (2010 apud SARAIVA, 2015, p. 62) ressalta uma espécie de território cultural que relaciona diversas coisas, um universo de valores que está além do espaço físico. “Compreender a cultura como um contexto” recupera a importância do território onde homens e mulheres fazem cultura. “É no território que grupos humanos se estabelecem social e culturalmente, de acordo com as formas coletivas que permitem a reprodução do seu modo de vida e constituem sua identidade cultural.” Dessa forma, compreende-se que o despertar do território também pode ser no intelectual, para depois haver uma interferência espacial, trazer à tona as histórias vivenciadas, possibilitar uma recuperação de memórias que foram construídas ao longo do tempo, e essa despertada possibilita que o silêncio dos que historicamente foram excluídos seja quebrado, construindo-se a cultura a partir da perspectiva cultural e social. Neste sentido:

Em Benjamin nos deparamos com o desafio de romper com o que foi silenciado. Assim, é preciso ouvir quem não foi ouvido, reconhecer significados em memórias que foram silenciadas, (re)conhecer saberes e fazeres, identificar o que têm a dizer, numa construção de possibilidades da (re)escrita da história, onde sujeitos excluídos se posicionam e revelam a importância de suas marcas no território. (BENJAMIN, 1987 apud SARAIVA, 2015, p. 65).

De acordo com o autor, quando olhamos para o campo, percebemos que os agricultores/camponeses carregam traços de cultura que permanecem por muito tempo passando de geração para geração, essa observação aponta um contexto amplo de cultura. Neste contexto, a ideia sobre cultura se amplia enquanto conjunto de conhecimento empírico e científico, trabalho manual ou intelectual, nos faz pensar amplamente nas relações místicas e sociais que se mantêm com os camponeses.

Reportando a ideia deste trabalho que é sobre arte com sementes, como criação indígena e camponesa, como conhecimento de longo tempo, podemos dizer que as sementes no período atual não estão apenas cumprindo a função social de se reproduzir para matar a fome em qualquer lugar que sejam produzidas, estas inseridas no universo da cultura e também da estética produzem outro sentido para a vida, estão ligadas à matéria e a forma. Percebe-se que as sementes cada vez mais estão indo para a mão do capitalismo, por isso surge a necessidade de utilizar-se das mais variadas formas de conhecimento e saberes adormecidos sobre as sementes, como citamos no texto acima, seja em forma de alimento, sejam de arte. Assim, discutimos a ligação e a relação entre as sementes e a biodiversidade.

2.3 Território e cultura camponesa: continuidades e rupturas

Descreve Carvalho (2003, p. 38) que “[...] sementes, esporos, espermas, sêmen, esses conceitos significam a continuidade da espécie, a natureza se mostra sempre pródiga.” Para o autor, a cada momento da existência das plantas, milhões de esporos se espalham para germinar na terra, dessa forma garantem a continuidade do ciclo sagrado proporcionado pela natureza. Em referência a passagem bíblica, Frei Beto (apud CARVALHO, 2003, p. 45) diz: “semente é fonte de vida”. Daí a palavra sêmen que é sinônimo de esperma, que gera vida animal, inclusive humana. Semente nos traz o conceito de gérmen, isso nos coloca em compreensão com o percurso histórico das sementes, após serem semeadas germinam para prosseguir o curso da vida.

As sementes é onde se acumula o máximo da energia vital: o princípio da vida, os minerais, as vitaminas, as proteínas, os óleos essenciais, a nutrição; Elas são guardiãs do mistério do princípio dos tempos passados e do presente [...] São também o que nos mantém, sustentam no presente e nos levarão ao futuro; As sementes carregam a mensagem cósmica premissa e os conhecimentos e sabedorias das Anciãs e Anciões em suas conexões com a natureza. (ANCHIETA/SC, 2012).

Ao relacionar as sementes com a vida e a cultura camponesa concordamos com Carvalho (2003) quando ele afirma que: “Semente é vida, é base de alimento, de

multiplicação, de crescimento, de sobrevivência, é elemento básico da agricultura como estratégia social. Na vida dos camponeses, a posse das sementes próprias representa autonomia, liberdade, poder popular, independência, auto suficiência.” Ao refletir a história das sementes em relação a agricultura, percorre-se um contexto de percepção milenar como descreve Ribeiro:

Desde que os seres humanos – fundamentalmente as mulheres – começaram a coletar e plantar sementes para a agricultura, transcorrem mais de 12 mil anos de adaptação e seleções sucessivas das camponesas e camponeses de todo o mundo, criando espécies agrícolas que não existiam em forma comestível, por exemplo, o milho, o tomate, a mandioca, o arroz, e em geral todos os cultivos alimentares tais como conhecemos hoje em dia. Esse processo foi acompanhado da domesticação dos animais por razões alimentares produtivas e sociais. Até o desenvolvimento da agricultura industrial, não existia um limite definido entre manejo da diversidade silvestre e a domesticada ou cultivada, ambas se apoiavam e interagiam. (CARVALHO, 2003, p. 51-52).

A partir desses elementos essenciais das sementes, buscamos as relações existentes no contexto cultural do desenvolvimento da agricultura, que qual surgiu, segundo a história, aproximadamente, 12 mil anos atrás, e as sementes ganharam força e espaço nas diversas formas que se construiu a sociedade.

Observa-se que de ciclos em ciclos um começo e recomeço da natureza, as sementes chegaram até nossos dias como herança cultural de nossos antepassados, as insistentes e resistentes sementes seguem gerando e reproduzindo vida geração após geração. Há aproximadamente vinte mil anos se iniciou o processo de domesticação das sementes, por esse feito compreendemos as sementes como uma composição que traz presente o sagrado, a gene histórico da natureza e do ser humano. O debate sobre as sementes pode se abordar o sentido biológico em que se reflita a importância vital desse bem da natureza, bem como buscar a compreensão de um conjunto de ações de resistência sociais, tanto da natureza, quanto dos seres humanos que seguem aliados defendendo o curso natural das sementes e da vida.

No percurso histórico das sementes, pode-se constatar as contradições e conflitos passados e atuais, assim, é importante compreender o contexto das sementes como um reencontro com natureza e a resignificação da vida enquanto reprodução da existência humana. Dessa forma, seguimos pelo viés do desenvolvimento da cultura em consonância com natureza e as interfaces com relação as sementes.

É neste argumento que Carvalho (2003) defende a importância da luta indiscutível pela defesa das sementes e de sua diversidade, de sua capacidade de regeneração por quem as cultiva. Para o autor, é dever primário de todos nós, porque as sementes são patrimônio da humanidade, isto é, pertencem a todos e a cada um:

Historicamente, os ‘germoplasmas’ são objetos de troca e de comercialização. Seria idílico confundir patrimônio da humanidade com uso comum, pois o uso comum é uma categoria individual ou coletiva, mas sempre específica. A troca, mesmo mercantil, de ‘germoplasmas’, sejam vegetais, sejam animais, não implica, implicitamente, a necessidade de um controle monopolista. Este, sim, é inaceitável. [...] A troca de sementes e/ou reprodutores entre indivíduos e comunidades é tão antiga quanto civilização. Essa troca tem se dado tanto em produtos como em espécie, isto é, com a venda monetária, mas sempre se respeitando o que esses ‘germoplasmas’ trazem consigo – a sua constituição genética – que, isto sim, pertence à humanidade e por isso não pode ser objeto de propriedade privada. [...] Os seres carregam consigo um código genético que se transmitem de geração para geração e que é o produto de uma adaptação milenar, de um ajustamento com o ambiente, o que tem permitido perenidade através dos tempos. (CARVALHO, 2003, p. 253-254).

Desde os primórdios, as sementes têm como referência sua multiplicação de forma natural ou por influência humana, porém, no modelo de agricultura do agronegócio, o que está em jogo é que as sementes que deixaram de ser produzidas e multiplicadas, devido à influência de outro modelo de agricultura que não serve nem aos pobres e nem ao meio ambiente. O que agrava mais ainda a situação é que atualmente as sementes consumidas se reduziram a meia dúzia de variedades, ocasionando, assim, diversos problemas à saúde humana, bem como uma perda grandiosa das sementes crioulas. Por esta compreensão, o debate se levanta como parte das lutas sociais num sentido global.

O processo de domesticação das sementes fez com que houvesse uma redução de acordo com a “necessidade” humana em cada época, porém, o agravante é que as sementes viraram mercadorias.

Mesmo que cada família, comunidade e povo tenham determinados recursos e sementes que são parte da sua cultura e identidade, o intercâmbio tem sido um elemento sempre presente, ao qual se tem dado não só conteúdos práticos e materiais, mas também sociais, religiosos, culturais. Por exemplo, em muitas culturas indígenas, o dote de casamento é a entrega de sementes de uma família para outra; é muito comum que os camponeses partilhem as suas sementes como presentes aos outros etc. [...]. Esses processos não são fatos do passado, ainda que estejam ameaçados pela grave erosão genética e cultural, produto, entre outras causas, do avanço da ‘revolução verde’, com agricultura industrial, química e mecanizada, da orientação agroexportadora que foi imposta às economias do sul, da concentração da terra e a consequente expropriação das terras dos camponeses. Mesmo assim, o processo de criar diversidades agrícolas continua presente em maior ou menor medida em 60% das áreas de cultivo no mundo, áreas que são manejadas por camponeses tradicionais e familiares. A quase totalidade deles encontra-se em áreas marginais, para onde têm sido expulsas sucessivas ondas de ocupação do território por parte dos poderosos, desde os senhores coloniais, com as suas plantações de monocultivo, de açúcar, café, cana, etc. (CARVALHO, 2003, p. 254).

No sentido de ocupação dos territórios desfavoráveis ao cultivo estão os camponeses, que, apesar de estarem em grande maioria nas muitas áreas de difícil acesso, um exemplo são os assentamentos que foram feitos na década de 1990, em terras degradadas, essas quase sem

possibilidades de sobrevivência das famílias, se destacam apesar das dificuldades enfrentadas, em essas não são empecilhos para produzir uma diversidade de culturas agrícolas desde os primeiros anos em cima dos lotes. No período atual, muitas terras planas foram destinadas à Reforma Agrária, mas continuam sendo a minoria favorável ao cultivo, em que as mesmas requerem um manejo diferenciado sustentável, de acordo com o clima e região onde se localiza determinado território de produção. Nesse sentido:

Na atualidade, todas as nações do mundo, são interdependentes em recursos genéticos agrícolas, mas os denominados centros de origens dos cultivos estão em esmagadora maioria na América Latina, África e Ásia, e nesses continentes encontram-se em média 80% dos recursos biológicos do planeta, devido aos processos de intercâmbio e de aculturação e transculturação; nenhum país é na atualidade autossuficiente em recursos genéticos agrícolas. Mesmo os países mais ricos em recursos genéticos baseiam um mínimo de 50% da sua alimentação em recursos que provêm de outras regiões. Por exemplo, no Brasil, que é um mega centro de diversidade, metade da energia alimentar que consome a população provêm de arroz, milho e trigo, nenhum dos quais com origem nesse país. Outro exemplo são as culturas de milho, no México. (CARVALHO, 2003, p. 87).

Como indica o texto, o México tem se tornado um país de grandes cultivos de sementes crioulas, essas produzidas num território pensado para se desenvolver em comunidade desde antes e após a revolução mexicana. Portanto, compreende-se a produção de culturas nativas como uma produção soberana, nesse caso, destaca-se o cultivo de milho, uma semeadura de muito orgulho e criatividade. Esse debate tem movido de forma organizada muitos países em desenvolvimento, pois esse intuito de luta vem fortalece as comunidades e o saber campesino. Apesar do esforço, os problemas ainda existem:

No ano de 2001, foi descoberto que em várias comunidades da Serra Juárez-México, os milhos nativos estavam contaminados com sementes transgênicas. O que aos nossos povos indígenas custou milhares de anos para ser desenvolvido, hoje, as indústrias comercializam com a vida podem destruir em pouco tempo. [...] desde nosso ponto de vista, esta situação é resultado de um ataque sistemático contra os povos indígenas e camponeses que vivemos no México. (CARVALHO, 2003, p. 87).

Diante desse problema, é importante juntar subsídios autônomos, reunir saberes que se completam, seja nas formas de plantio, sejam nas formas de enfrentamento às grandes empresas. Vale lembrar que o México, em 2016, por meio de protestos e lutas dos movimentos sociais, fez com que a empresa Monsanto se retirasse do país com os plantios transgênicos, uma conquista que vem garantir um território em recuperação de sua identidade e patrimônio cultural.

Sobre o conceito de sementes crioulas, descreve Maicá, no Dicionário de Educação do Campo (CALDART, 2012, p. 701), que as sementes crioulas têm características próprias, que elas são desenvolvidas por uma condição geográfica cultural, não estão atreladas às variações

do mercado, são cultivadas de acordo com a necessidade humana local, propriamente dita, ligada à cultura camponesa, para a autora sobre o conceito de semente:

Sementes crioulas é o material cultivado localmente, geração após geração, o que determina a sua adaptação à comunidade onde está sendo cultivado, pelos camponeses que ali habitam. A semente é selecionada pelo método de seleção massal. Como por exemplo podemos citar as diversas variedades de milho, feijão e alface, entre outros, dos quais os agricultores possuem as sementes por várias gerações, sementes que são constantemente plantadas e multiplicadas localmente. À medida que o agricultor seleciona as sementes durante certo período de tempo, ele as melhora e aclimata as variações do local. (CALDART, 2012, p. 701).

Esta ideia dialoga e aponta as contradições existentes na produção agrícola, tanto que todos os estudos mostram o quanto está desfavorável às condições dos camponeses que têm sua produção atrelada à imposição do capital. Muitos dos produtores de grãos são atingidos em seu modo de produzir, mesmo sem querer ou permitir sobre sua propriedade, pois salienta-se os plantios que contaminam regiões por um manejo proposital.

A proposta do movimento, como organização social que trabalha em várias frentes de luta, é tratar do resgate das sementes crioulas como uma das possibilidades de viabilizar a recuperação de culturas que foram sendo perdidas devido aos interesses do capital internacional, do qual só será possível se houver um processo conjunto do poder público. Ou seja, por meio de políticas públicas que viabilizem formas de produção no campo e dialoguem com os camponeses como classe que resiste ao sistema colocado, que sejam estes os protagonistas dessa mudança tão necessária ao seres humanos e ao meio ambiente.

Mesmo assim, certamente levará alguns anos para avançar e consolidar este processo, porém, se faz necessário iniciar e resgatar o que foi perdido, enquanto luta de classe junto dessa proposta estamos em diversas instâncias do movimento, trabalhando com as mais variadas formas e metodologias de esclarecimento e formação, levando em conta toda uma simbologia do saber historicamente construído. Por meios das oficinas com sementes, tem-se procurado resgatar a identidade camponesa, o cultivo das sementes, o conhecimento étnico, as diferentes culturas, processo de luta e constituição do local como território comunitário.

Esses processos no curso da história seriam as ações de maior destruição os recursos naturais que já se viveu até o presente momento. Nesse contraponto da lógica capitalista, desenvolveram-se muitos processos de resistência por parte dos camponeses, ambientalistas e movimentos sociais, que lutam diariamente de muitas formas em defesas de um projeto que esteja pautado numa cadeia alimentar e da existência humana. Presenciamos uma guerra contra esse sistema que impõe a exploração máxima dos recursos naturais, cujo único fim é obter lucro por meio das metas devastadoras do meio ambiente. Um sistema corporativo e

desastroso o qual disputa as sementes e outros bens da natureza como mercadoria que apenas beneficia o capital.

Como sabemos, para que as sementes e toda biodiversidade sigam o curso natural, se faz necessário que haja uma grande mobilização, engajamento social em nível mundial que venha potencializar projetos em defesa da vida, barrando o avanço das grandes corporações que monopolizam toda uma cadeia produtiva. Os camponeses buscam formas de resistência porque são eles que sofrem na pele o domínio do capital, esse como inimigo número um das sementes e de todas as formas de vida.

2.4 Sementes patrimônio dos povos a serviço da humanidade

Nessa parte do estudo procuramos elencar algumas intenções que incluem a recuperação e preservação das sementes crioulas nos movimentos sociais especialmente o MST. A proposta do movimento, como organização social que trabalha em várias frentes de luta, é tratar do trabalho de resgate das sementes crioulas como uma das possibilidades de viabilizar a recuperação dessa cultura milenar que vem sendo perdida devido ao interesse do capital internacional, do qual só será possível se houver um processo conjunto entre os povos. Ou seja, as redes organizadas em nível mundial têm mostrado grande articulação nesse processo, mesmo sabendo do avanço e monopólio do capital, muitas formas de resistência têm surgido. O que tem viabilizado a produção de sementes crioulas é o próprio debate entre camponeses, esse diálogo tem se firmado com os camponeses na luta de classe que resiste ao sistema colocado, sendo esses os protagonistas de mudança tão necessária aos seres humanos e ao meio ambiente.

A produção de sementes crioulas sempre foi motivo de grande preocupação por parte dos camponeses ao longo da história. Mesmo sem saber de todo o valor existente em torno desse elemento natural, os camponeses aprenderam que sem as sementes não teriam como sobreviver. Basta olhar as experiências de plantio e troca de sementes, a qual é uma prática milenar, comum da própria cultura que os incentivou a partilhar, assim, disseminaram sementes pelo mundo a fora.

A luta indiscutível pela defesa das sementes e sua diversidade reúne metodologias que ampliam a capacidade de regeneração por quem as cultiva. Neste sentido, coloca-se essa pertença como um dever primário de todos(as) estarem aliados em defesa desse patrimônio natural e cultural, para pertencer a todos, deve ser compreendido em sua vital importância, dessa forma sim pertencerá há humanidade.

O desenvolvimento das sociedades a qualquer custo fez com que o ser humano de certa forma esquecesse sua própria memória que os constituiu ser social, o homem se colocou como dominador, se opôs a natureza, desequilibrando primeiramente a si, e toda uma cadeia produtiva da vida.

Como afirmam Toledo e Bassol (2015, p. 27): “[...] antes de sermos seres sociais, fomos, somos e continuaremos a ser uma espécie biológica à mais dentro do rol da diversidade natural composta por milhões de organismos, pois a nossa essência animal foi adicionada, sem substituí-la, o traço social.” Neste sentido, compreendemos a dependência dos recursos naturais, isso independentemente do nível social que estejamos inseridos, tal relação social coloca-se num plano maior que as relações produtivas a nível mundial.

Acredita-se estar chegando a era da retomada de muitos conceitos, “ser humano x natureza”. Seguindo esta linha de pensamento, é possível visualizar uma forma de reivindicação consciente do passado, presente e futuro, mesmo que as ações sejam consideradas pequenas diante do potencial e monopólio das empresas, isso nos remete a uma movimentação de olhar as raízes dos seres, das sementes ou germoplasma, essas que muito vem sofrendo com o desequilíbrio provocado pelas relações dominantes de acumulação do capital. Em relação ao contexto global, os recursos genéticos são a menina dos olhos, despertam de forma acelerada cobiça e ganância especialmente pelos grandes proprietários vindos do hemisfério Norte, os quais atacam de todas as formas.

Compreendemos que as relações construídas baseadas na agricultura monopolista impulsionaram um processo que se agrava a cada tempo, porque já não se dispõe dos recursos naturais que existiam em abundância, esses necessários para o ser humano, bem como para a própria regeneração da natureza. A decadência desse sistema que o capital gerou fez dos países dependentes uns dos outros, isso se refere à perda da soberania alimentar, esse é um dos agravantes desse modelo de produção. Calcado por um único objetivo o “lucro”, fica claro que o falso discurso de combate à fome no mundo sempre foi uma farsa montada para usurpar a produção alheia dos povos camponeses. Nisso, busca impedir o desenvolvimento de qualquer forma de fazer a agricultura especialmente às sementes, como se refere o estudo do artigo da Via Campesina.

Há séculos que os camponeses e camponesas do mundo inteiro o sabem. É uma das noções mais universais e básicas que partilham todos os camponeses. Salvo nos casos em que tenham sofrido agressões extremas ou circunstâncias extremas, quase todas as comunidades agrícolas sabem recolher, armazenar e partilhar as sementes. Milhões de famílias e comunidades agrícolas trabalharam para criar centenas de culturas e milhares de variedades de cultivos. A troca regular de sementes entre as comunidades e as populações permitiu a adaptação das culturas a diferentes condições, climas e

topografias. Foi assim que a agricultura se espalhou, desenvolveu e alimentou o mundo com uma dieta diversificada. (COA; CASIFOP, 2012, p. 4).

Isso nos dá ideia de que por meio da cultura se desenvolveu à agricultura, com o tempo se desenvolveram formas de adaptação aos cultivos em qualquer parte do mundo. De forma alguma podemos dizer que a prática e cultivo das sementes seriam um “hobby” (passa tempo), precisamos nos despir de romantismo sobre os camponeses, pois são eles os agricultores que sobrevivem da cultura agrícola, que muitas vezes o que produzem é apenas para sobrevivência das famílias. Eles sabem para que serve cada sementes, e qual o destino mais apropriado se deve dar para cada espécie na alimentação humana, a qual implica o conhecimento diversificado da culinária que transforma em alimentos saudável.

Outro destino se dá pelo consumo dos animais, também se incluiu o manejo e cobertura de solos, rotação de cultura, entre outros. Os agricultores plantam sementes e reproduzem a biodiversidade baseados na necessidade básica de si e do meio ambiente, além disso, colocam a multiplicação da diversidade como compromisso de se reproduzir enquanto ser social. Esses cuidam para que não se percam as espécies, identificam-se como mantenedores de sementes crioulas essa se organiza com base na experiência histórica, cumprem um papel social importantíssimo, indispensável para a reprodução dos ecossistemas. Muitos exemplos citados são das experiências mexicanas.

A defesa das sementes nativas não é uma escolha cultural das comunidades, é a defesa de seu futuro. Quase nunca são mobilizações massivas. Ocorre no interior das assembleias e no cotidiano da parcela, onde semeadoras(os) recuperam do zero a matéria orgânica destruída por décadas de Revolução Verde. Ocupam-se em desintoxicar os solos, afinam a seleção de sementes, conciliam os conflitos entre ervas, insetos e plantações; renovam os equilíbrios entre as milpas, comunidades e matas. Vão reaprendendo a pensar sem os parâmetros dos extensionistas. Vão restabelecendo a habilidade para produzir o sustento, sem pedir permissão. (ARIAS, 2016, p. 1).

O grande potencial produtivo advindo da força e resistência dos povos e das formas sagradas de conduzir o processo produtivo, como no caso mais atual, a agroecologia, a qual vem ganhando força em sua produção e inserção no mercado consumidor, já existe em muitas experiências no Brasil e em outros países. Busca-se um contraponto diante do desequilíbrio causado pelo modelo agrícola do agronegócio. Esse processo desde a Revolução Verde foi um divisor de águas no campo para avanço das grandes comparações e empresas transnacionais. Vivemos um tempo de agricultura e outro de agronegócio, essa influência externa constituiu um sistema produtivo baseado nas relações de exploração e mais valia, como bem explicado pela filosofia marxista. Tudo é expropriado e transformado num grande negócio de lucro para o capital e o agronegócio, o qual tratou mais a frente.

Dessa forma, ficou para trás a ideia de autossustento das nações, o que poderia ser produzido e consumido internamente em cada país foi engolido pela feição da lei da mercadoria e da superexploração da agricultura. O que agrava ainda mais a situação é que atualmente as sementes consumidas se reduziram a meia dúzia de variedades, ocasionando, assim, diversos problemas à saúde humana, bem como uma perda grandiosa de variedades crioulas, por esta compreensão. De acordo com estudos, o processo de domesticação das sementes fez com que houvesse uma redução de acordo com a “necessidade” humana em cada época, porém na atualidade os problemas são ocasionados não pela falta das espécies, mas sim pelo controle delas. Por tradição, as famílias camponesas seguem com a tarefa que lhes foi legada.

Assim, no período atual, muitas são as formas de resistências que temos visto, especialmente para a desconcentração da terra e a proteção dos recursos que ainda estão nas mãos dos camponeses, as relações constituídas pelos povos do campo seguem se produzindo com base na compreensão de trazer os recursos naturais como semente, água, terra, plantas como elemento sagrado, mesmo com as inúmeras tentativas de interrupção desse processo das relações consagradas de produção. Isso ao longo do tempo vem se desenhando uma recuperação da biodiversidade, mesmo em territórios desfavoráveis, o enfrentamento ao modelo dominante ocorre desde o plantio nas pequenas parcelas ou lote, até as grandes mobilizações nacionais e internacionais, há um extenso campo de luta entre os dois modelos antagônicos da sociedade. Aos poucos vai se ampliando uma autonomia de produção dos países, há um anseio pela recuperação da identidade cultural camponesa, pois todos os países precisam e necessitam dos recursos naturais. Mesmo em condições precárias há uma resistência em parte silenciosa em cada sujeito que se sente ameaçado em sua integridade social, isso podemos constatar quando abrem-se debates os quais incluem os camponeses, mesmo em suas palavras de senso comum, os mesmos compreendem as relações de produção que os explora. O comando burguês que se apodera das relações de produção só tende a agravar as perdas e rumos da agricultura, isso traz consequências que se torna uma ameaça a toda biodiversidade.

Diante das premissas burguesas do agronegócio, muitos são os conflitos gerados, pois para os agricultores que sempre cultivaram as sementes a partir de um horizonte comum das coisas, esses sabem que as invenções que vêm por meio de mutações genéticas são para a destruir um sistema de produção natural. O capital percebeu nas sementes uma forma de comandar os cultivos e assim dominar o cerne da existência da vida, como diz a frase da atualidade. “Quem dominar as sementes, terá o comando do mundo”.

Diante dessa situação surgiram os protestos dos povos do campo que se uniram de diversas formas, na atualidade como símbolo contra as sementes modificadas, tem-se a figura do milho, esse cuidado e defendido pelos povos indígenas especialmente os mexicanos como a semente em risco e assim a nível mundial levantam diariamente um alerta. Esses tratam as sementes sob outro olhar de interesse, trazer presente a semente como originalmente seria no seu curso natural. Dessa forma, buscamos trazer os conceitos, classificação e terminologias usadas para compreender as sementes que estão atualmente colocadas no mercado mundial, com exceção das sementes nativas. Além das sementes crioulas, neste estudo seguimos com outras variações das sementes o que são e qual linda constitui ou compõe determinadas variedades modificadas ou melhoradas (APÊNDICE A). Para contribuir no debate indicamos o recente documento do MPA (2017), Cartilha Sementes: Patrimônio dos Povos a Serviço da Humanidade.

Salientamos o que vem fortalecer um projeto social sustentável, quais as sementes são necessárias para a agricultura camponesa, citamos o México sendo um país precursor no cuidado com as sementes e a biodiversidade. A história nos lembra das formas da agricultura ancestral, essa seria a melhor forma para preservar as sementes, pois, ao contrário, no modo capitalista as sementes passam a ser matéria-prima de fabricação de mercadorias, como salienta o artigo:

Na perspectiva das corporações, o versátil milho é uma pilhagem industrial. Pode se transformar em combustíveis, óleos, adoçantes, forragens, têxteis, colas, plásticos (ou comida). Sempre e quando for homogeneizado, semeado em monocultura e ter a sua integridade genética rompida. A agricultura industrial cria um milho anticomunitário: um mero insumo que não consegue sobreviver entre vagens e abobrinhas, nem muito menos entre mulheres, crianças, anciãos, galinhas e abelhas. Inundar com esses milhos ‘melhores’ as comunidades do México é uma estratégia de desativação: junto com o monopólio e a privatização das sementes nativas, são lastimáveis as condições para enfrentar a extremidade dos climas, as estrelas deixam de ser compreendidas, as conversas entre plantas e humanos são rompidas, desconfia-se da própria história, são abertos abismos insondáveis entre os povos, os cultivos e as terras. (ARIAS, 2016, p. 1).

Numa compreensão de repúdio à ordem vigente, ainda de acordo com Arias (2016), as políticas dos governos insistem que o campo seja moderno, que esse esteja de acordo com os avanços tecnológicos, se inclua na modernidade do mundo eletrônico, e que a produção agrícola sirva de base para a indústria. Para os avanços da ciência industrial. Dessa forma, as trocas de sementes e toda preservação da biodiversidade estão calcadas no atraso do campo, não geram renda comercial e avanços para a sociedade em nível mundial. Para muitos, o que se produz em uma região deve deslocada a outra que não tem o mesmo produto, dessa forma entra o processo da indústria, que adquire a matéria prima a um custo miserável a transforma

em mercadoria para chegar até outros espaços com um custo elevado, esse é o rol do lucro monopolista do capital.

Criam leis de controle sobre tudo o que se faz no âmbito da vida do campo, retiram toda e qualquer alternativa de produção ligada ao desenvolvimento sustentável dentro de um sistema tradicional. Colocam como proposta de produção as sementes “inteligentes”, gerando assim uma competitividade alheia a lógica camponesa. Vale lembrar que o sistema colocado em relação ao campo sem dúvida é um sistema que atropela toda e qualquer forma de cultura e de produção agrícola. Percebemos que nesse contexto de ataque aos camponeses somente a mobilização popular fará a diferença para barrar esse processo. Quando falamos de resgate de culturas para contrapor ao capital, nos referimos a recuperação de todas as relações com a natureza, dos recursos naturais e processo que permitiram acumular conhecimento que até os dias atuais poucos sabem explicar a origem de terminadas práticas agrícolas, assim seguimos as próximas páginas, falando da recuperação das relações entre ser humano e natureza.

2.5 Cosmovisão: um sentido holístico sobre a natureza

O conceito aqui trabalhado sobre cosmovisão se faz relevante pela compreensão de que atualmente muitos dos camponeses, mesmo nas regiões de assentamentos, bem como outros que vivem da agricultura mantêm tradições herdadas de seus familiares ou povos antigos, estes sem muitas ideias de onde veio esse conhecimento. Qual o sentido que isso representa para muitas das comunidades e povos que mantêm suas tradições e vivem baseados no conhecimento holístico, em que aprenderam esse com o tempo e a natureza? Trazer breves apontamentos que fazem parte da reexistência do campo, elencando alguns aspectos das raízes culturais camponesas, em grande parte, foram concebidas pela cultura indígena.

O estudo que nos traz contribuições diante da cultura do campo, baseados em longos períodos de observação. O conceito da cosmovisão foi um estudo antigo que fez parte de teorias desenvolvidas ao longo da história; entre diversos autores que formularam suas teorias, apontamos um estudo mais recente realizado por um grupo da universidade da Bolívia.

Segundo estudo do grupo de pesquisadores ligados à Agroecología Universidad Cochabamba (AGRUCO), apontado pelo organizador Delgado (2015, p. 10): “[...] a finales del siglo dieciocho y inicio diecinueve, Rudolf Steiner desarrolló la teoría de conocimiento de las investigaciones que hizo Goethe en la naturaleza. Steiner y su ‘ciencia espiritual’, también inspiraron el movimiento antroposófico con su forma biodinámica de cultivo.” Nesse sentido,

o estudo foi elaborado por pesquisadores, estudioso, e esse deu origem a várias vertentes que se baseiam no conhecimento formulado sobre a cosmovisão.

O estudo aqui faz menção ao conhecimento sobre cosmovisão ligado à produção dos camponeses que vivem sua ancestralidade, sua evolução enquanto sociedade. Um conceito que traz experiências desenvolvidas por um grupo de pesquisadores e camponeses que desenvolveram um estudo junto de três comunidades indígenas da Bolívia. Tais pesquisadores ligados ao estudo da terra e a produção agrícola, esses pertencentes ao núcleo de pesquisa de agronomia.

Dessa forma, os apontamentos sobre a cultura do campo, especialmente uma compreensão do trabalho dentro de um contexto que se inclui o conhecimento camponês, suas tecnologias e formas de utilização de ferramentas, construíram uma leitura da real forma de vivência dos campesinos, e isso possibilitou o registro de uma mutua relação com a natureza e, além disso, conhecer o que dá sentido à vida de muitas pessoas que vivem da terra, e sobrevivem de sua cultura, passando de geração em geração. Como aponta o estudo:

La cosmovisión fue elegida como concepto clave. Se refiere a la forma en que una población percibe el mundo o el cosmos. La cosmovisión incluye a las relaciones que se asumen y se llevan a cabo entre el mundo espiritual, el mundo natural y el mundo social. Describe el rol de los poderes sobrenaturales, la forma en que los procesos naturales se llevan a cabo y la relación entre la humanidad y la naturaleza [...] Adicionalmente, la cosmovisión explicita las premisas filosóficas y científicas detrás de la intervención de los campesinos en la naturaleza. Otro concepto clave es el desarrollo endógeno. Éste se refiere al desarrollo desde adentro, basándose en los valores y la dinámica de la gente y de los recursos disponibles en un área en particular. El conocimiento, los valores, los recursos y las elecciones de la gente determinan el curso y la dirección del desarrollo. (DELGADO, 2015, p. 12).

Podemos que o conhecimento holístico teve muitos adeptos, pois nesse curso histórico muitas culturas elegeram formas de viver, deram direcionamento para muitas das comunidades campesinas que resistem ao sistema em vigência. A posição de retomar o conhecimento dos camponeses serviu como base para muitos estudos que hoje se apresenta como pesquisa, e, além disso, como saída para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável.

O estudo realizado na Bolívia demonstrou que, apesar das diferenças, existem muitas semelhanças entre a perspectiva holística e a agricultura.

Muchas cosmovisiones de las comunidades agrícolas están basadas en um concepto holístico: La realidad en la que la agricultura se lleva a cabo generalmente abarca el mundo natural, el mundo humano y el mundo espiritual. La humanidad, el mundo espiritual y la naturaleza son vistas, frecuentemente, como si tuvieran una relación recíproca. (DELGADO, 2015, p. 13).

Diante da consideração de que a natureza traz uma recíproca relação com o ser humano, a concepção maior se dá em consideração com a “Mãe Terra”, assim apontam para

as influências das informações sobre a cosmologia, quando se realizam diversas atividades agrícolas, como os camponeses respeitam o calendário lunar, desde o plantio até a colheita, isso faz das relações da natureza uma prática nas formas de trabalhar a terra.

Las comunidades indígenas se organizan sobre la base de su cosmovisión. Muchas instituciones indígenas regulan el uso del agua, la tierra y los recursos biológicos, así como la forma en la que los campesinos aprenden, enseñan y experimentan. Los líderes tradicionales muchas veces combinan sus poderes políticos con habilidades y funciones espirituales. (DELGADO, 2015, p. 13).

De acordo com os conceitos elegidos pelas comunidades indígenas, muitos dos direcionamentos são organizados de acordo com valores e critérios elegidos a partir da natureza. Essa é uma compreensão de mundo que permite que as experiências se desenvolvem dentro de uma perspectiva de continuidade pensada para gerações futuras.

La forma en que los campesinos aprenden y experimentan está basada en sus propios conceptos, valores y criterios. Este sistema occidental científico tiende a ser menos holístico y más materialístico que los sistemas de conocimiento indígenas [...] No hay motivo para romantizar las cosmovisiones. No puede concluirse que las cosmovisiones y las prácticas tradicionales indígenas siempre hayan sido efectivas en la prevención de la sobreexplotación de los suelos, sobrepastoreo, deforestación, polución de agua, erosión o desastre ambiental. Tampoco llevaban siempre a mantener la equidad o estabilidad social. (DELGADO, 2015, p. 14).

Apesar das influências externas à cultura campesina, muitos costumam romantizar a agricultura, como cita o texto, porém se faz necessário manter os pés no chão quando analisamos a cultura do campo, especialmente a cultura indígena. As comunidades originárias, que permanecem por mais tempo em contato com a natureza, percebem essa relação de forma diferente dos outros camponeses, como da agricultura familiar vinda do modelo de produção europeu, as influências negativas estão além das formas de produzir, há um contexto que envolve diversas questões referentes a um processo de aculturação, pois assim compreendemos a fragilidade que foi exposta para o capital por muitos dos camponeses que em décadas passadas acreditaram na farsa de que suas sementes, sua terra não eram suficientes.

Os megaprojetos internacionais das indústrias sementeiras insistem em colocar os camponeses às margens da sociedade, apesar desses estarem organizados em suas comunidades e em movimentos sociais. O conhecimento camponês tem sido difundido por suas formas de resistência nas comunidades e povos do campo. Dessa forma, são esses que consolidam projetos de vida e saída por vias da pequena produção agrícola. Outro ponto a ser analisado são os agricultores em processo de abandono espoliados pelo capital, não conseguiram entrar na roda do agronegócio e nem se mantiveram dentro da agricultura convencional, muitos desses sofrem isolados por acreditar que as formas tradicionais já não

servem para um período em que se faz uma agricultura moderna. Nesse sentido, faz toda diferença reconhecer os camponeses como protagonistas de sua própria história, na arte das sementes procuramos trazer presente esse valor construído na vivência do campo, valorizar essa cultura como forma de eles serem reconhecidos por suas experiências de vida, de cultura camponesa, como segue o estudo:

Los campesinos son los actores principales en el uso del saber campesino. Atraviesan sus propias experiencias de aprendizaje, sin importar la presencia o el involucramiento de gente externa. Los agentes externos pueden funcionar como catalizadores para estimular los procesos específicos de aprendizaje y para revalorizar el saber campesino. Pueden aprender mucho de la interacción con el conocimiento tradicional y su cosmovisión. Los agentes externos generalmente son entrenados formalmente y empleados por organizaciones de desarrollo formales. Antes de unirse a estas organizaciones, tuvieron que atravesar una "iniciación" en el sistema formal de pensamiento y razonamiento. Hay la necesidad de ser des-escolarizados para abrirse a las sabidurías indígenas. (DELGADO, 2015, p. 17).

Como aponta o estudo, os campesinos indígenas sempre foram os que mais resistiram as grandes empresas multinacionais. Essa resistência se dá pela forma de compreender o mundo, os cosmos, as formas de vida. As pesquisas que investigam essas formas de conhecimentos muitas vezes precisam se despir de seus conceitos sobre a cultura ancestral para entender no tempo e espaço dos campesinos, do contrário os estudos vão apontar apenas contradições sobre a cultura alheia.

2.6 Cosmovisão e o ancestralidade feminina

Outro apontamento analisado, apesar dos avanços elencados como positivos da cultura e ancestralidade dos campesinos, são os aspectos de gênero precisam avançar. Por exemplo, as relações de gênero, nos diferentes países e culturas, trazem abordagens específicas, aqui tratamos do assunto baseado no estudo apresentado, pelos pesquisadores da experiência colombiana e seguimos para aspectos mais gerais:

Los hombres, por lo general, tienen más posiciones en el liderazgo político y espiritual y juegan un rol principal en la toma de decisiones. En muchos casos existe una desigualdad en la toma de decisiones y en el acceso a los recursos naturales, como la tierra y el agua para la irrigación. Muchas veces las mujeres contribuyen más y reciben menos beneficios de los productos agrícolas. En muchos casos, las mujeres tienen menos acceso a servicios como créditos, tierra irrigada, educación y extensión. Hasta ahora, los estudios de género no han prestado mucha atención a las diferencias de género en la perspectiva de cosmovisión. (DELGADO, 2015, p. 20).

Seguindo a linha de análise, o conhecimento das mulheres historicamente formou as bases da agricultura, mesmo reconhecendo isso dentro das comunidades, os direitos das campesinas não são colocados em prática em grau de igualdade, seja em qualquer um dos

espaços camponeses, mesmo os que se dizem mais politizados ainda trabalham sobre resquícios da vantagem do patriarcado. Diante das análises percebemos que o modelo de agricultura moderno excluiu as mulheres do processo produtivo, apesar de serem elas as responsáveis por segurar às formas tradicionais da agricultura familiar. Há uma cultura de inferiorizar o trabalho das mulheres, esse problema se repete com os jovens do campo.

Segundo estudo realizado em agosto de 2017, em Florianópolis (SC), no encontro internacional de “Mulheres do Mundo”, vários apontamentos foram elencados por diversas organizações de mulheres, negras, indígenas, sem-terra, pescadoras, entre outras que se fizeram presente. As mulheres atuam numa relação desigual em relação à cultura camponesa. Nesse estudo, apontaram-se as contradições que afetam diretamente as mulheres, o não reconhecimento de elas serem as responsáveis por 60% da produção de alimentos em nível mundial. Ainda complementando a ideia, segundo a FAO, são 43% da população economicamente ativa em nível mundial são mulheres. Ribeiro (2016), investigadora do Grupo ETC/Mx, aponta que:

A agricultura, a alimentação e a biodiversidade são definitivamente, substantivos femininos, como sabemos foram as mulheres que inventaram a agricultura, e seguem sendo camponesas e indígenas quem desde mais de dez mil anos, com curiosidade, necessidade, criatividade, inteligência, paciência, sabedoria, trabalho coletivo, buscaram, criaram, selecionaram, moldaram e compartilharam uma enorme diversidade de sementes que hoje são a base da alimentação de toda humanidade. Compartilharam com muitas outras mulheres, quem em grande parte tem suas tarefas e suas contribuições invisibilizadas, que passaram a ser quem criaram e seguem mantendo as sementes, são a base de toda rede de alimentação e de sobrevivência de todos, em muitas partes elas não tem acesso a terra e casa e outros direitos básicos. (RIBEIRO, ENTREVISTA DE CAMPO, 2016).

Além dos apontamentos sobre as bases da agricultura, é importante salientar outras contribuições femininas no percurso da história. A manutenção e processo de plantio dentro de um sistema sustentável como agroecologia ou produção orgânica, essa produção mesmo sendo a base da família, é retirada das piores e menores quantidades de terras, esse trabalho sempre coordenado pelas mulheres. São elas mulheres que reúnem o reaproveitamento das sobras da produção agrícola, por mais dolorosa que seja essa situação, ainda segue sendo uma realidade a ser superada no campo. Para ilustrar, podemos observar a obra do artista Jean François Millet, “As respigadeiras”, produzida em 1857.

Nesse sentido, os relatos apresentados no seminário Mulheres do Mundo discutem os problemas enfrentados pelas camponesas, muitas delas trabalham em condições de escravidão, como é o caso das agricultoras que vivem em minúsculos pedaços de terra com seus filhos, lugares de difícil acesso, e muitas precisam migrar para outros espaços na tentativa de sobreviver.

Citamos essa realidade vivida por muitas mulheres que ingressaram na luta pela terra, mesmo com a conquista da terra, muitos dos problemas levantados ainda persistem.

Em relação ao conhecimento sobre cosmovisão, as sementes, o cuidado com a terra, entre essas está a prática de saúde natural, exercida em grande parte por mulheres, muitas são conhecedoras e estão inseridas no trabalho com as plantas medicinais, fazem uso dos os fitoterápicos entre outras linhas de medicina alternativa.

Nesse sentido, vale destacar que foram as mulheres que antes da agricultura colheram as ervas medicinais para cuidar da saúde das famílias e das comunidades, um conhecimento que se tornou tão importante para a sociedade, mesmo essas terem sido acusadas pelos poderosos de fazer uso de bruxaria.

Olhamos para a história e percebemos que desde sempre as mulheres foram vítimas de dominação e exploração dos padrões capitalistas, em que esses sempre tentaram sufocar e colocar o medo em todas as formas de organização e libertação que inspira e conspiram as mulheres.

Percebemos que, além da cultura que respeita a cosmovisão e as relações de gênero, é preciso avançar para realmente valorizar o saber das mulheres e homens, pois uma maior parte da população são mulheres que seguem marginalizadas diante do sistema produzido pela cultura patriarcal antissocial.

De acordo com Delgado (2015, p. 20): “Es probable que las mujeres tengan una interpretación diferente de la cosmovisión, de su comunidad y del mundo espiritual, del mundo social y del mundo natural.” Nesse sentido, muitas das ações dentro das lutas sociais têm sido direcionadas para valorizar e rediscutir as relações de gênero especialmente os direitos das mulheres.

Dessa forma, organizam-se em diálogos e práticas que incluem os sistemas ecológicos, espirituais e sociais. No diálogo social da arte com sementes, as mulheres ainda seguem sendo as protagonistas desse conhecimento, desde as origens no México, bem como no MST, temos por experiência própria que são as mulheres as verdadeiras mantenedoras e guardiãs das sementes, desde a descoberta da germinação até o período atual, há uma sensibilidade e percepção de mundo que se diferencia de outras práticas comum do cotidiano. Delgado (2015) aponta uma relação de respeito entre os saberes:

Un diálogo intercultural puede ayudar a sobreponerse a la primacía implicada de los acercamientos occidentalmente basados y unir a compañeros de diferentes antecedentes sobre una plataforma que puede buscar paradigmas más holísticos y sistemas para el desarrollo de tecnología, que se construya sobre las tradiciones de ciencia y sobre la sabiduría de diferentes culturas, tanto pasadas como presentes. De esta forma, el diálogo intercultural puede verse como un esfuerzo para sobreponerse a la dominación científica, comercial y política que forma parte de los procesos de globalización actuales. Subsecuentemente, puede apoyar procesos para

la regionalización y el desarrollo endógeno, contraequilibrando la globalización. (DELGADO, 2015, p. 25).

Diante do processo de globalização, percebe-se que as forças produtivas do capital conseguiram colocar padrões em tudo em nível mundial, muitas das culturas foram sendo influenciadas de forma negativa, essas baseadas no desenvolvimento tecnológico vem sendo ameaçadas. De acordo com o texto, um olhar intercultural se faz necessário. Além disso, pensar formas inclusivas dos saberes e relações que trazem presentes as relações com a natureza, essa baseada num desenvolvimento que apoie processos de conhecimentos originários e regionalizados, como forma de potencializar e preservar as diferentes culturas.

De acordo com a análise a proposição de Delgado (2015, p. 25): “Los diálogos interculturales pueden crear un espacio para las culturas suprimidas o marginadas y prevenir reacciones, como el fundamentalismo, la violencia, el silencio y los complejos de inferioridad.” Nesse sentido, não devemos esquecer que atualmente o que se vê em muitas das comunidades campesinas são sentimentos de inferioridade, preconceitos, pois a incisiva cultura europeia fez das comunidades tradicionais prisioneiros de si mesmo. Mesmo que muitas vezes sejam essas as formas de resistência encontradas, o que colocamos como reflexão seria o contrário dessa imposição da cultura dos brancos, seria uma abertura de diálogos ao conhecimento tradicional e ancestral, que poderiam levar a diferentes formas de reorganização da cultura do campo.

A cosmovisão aponta para isso, com um resgate de conhecimento que faz falta principalmente na agricultura que precisa resgatar formas agroecológicas de plantar e colher.

Outro aspecto a ser olhado seriam as formas de segurança social enquanto comunidades tradicionais, como ressalta o texto:

La seguridad de vida de una población humana se alcanza a través de un proceso de construcción socio-cultural de la realidad que implica la interrelación y transformación mutua entre la naturaleza y el hombre, por intermedio de formas de organización social que controlan, usan y organizan la masa y la energía en un espacio-tiempo concreto, en base a sus conocimientos explícitos e implícitos; de esta manera resultan los indicadores objetivos, de producción y reproducción biológica, socio-territorial y cultural de las comunidades y de las familias que las conforman. (DELGADO, 2015, p. 47).

As formas de organização social determinam o desenvolvimento de uma sociedade, isso indica as formas de reprodução social e biológica num território, como aponta o estudo, as relações sociais existentes de forma precária na atualidade entre a natureza e o ser humano têm causado grande preocupação num contexto geral. Quando apontamos tais questões, nos referimos ao estranhamento desse ser humano com relação a reconhecer-se como ser social

inserido num ecossistema o qual ele é dependente. Dessa forma, a relação vital entre homem e natureza seria a de produzir alimentos para si próprio, preservar as sementes, usufruir da natureza sem degradar, uma relação que não haveria de ter interferência, deveriam aliar-se, porém, no atual período essa é a relação social mais afetada, diante dos números que constam a miséria e caos social causado ela fome. Nesse contexto:

Relacionar la producción de alimentos con los cuatro aspectos fundamentales de la reproducción nos parece indispensable, puesto que los contextos biológicos, sociales, territoriales y culturales no son estáticos, sino más bien adquieren su característica específica en función de la ‘inversión’ de energía humana, física y social, el uso reproductivo de recursos económicos y de los conocimientos. Si se pierde, por ejemplo, el conocimiento tradicional o indígena sobre los efectos reproductivos, positivos de los árboles en el mejoramiento de las condiciones climáticas o en la fertilidad de los suelos, esto se traduce en una desvalorización de los árboles, dando lugar a prácticas productivas, que a mediano y largo plazo, resultan en la pérdida de la fertilidad de suelos o la uniformización de las condiciones climáticas, haciendo por tanto más vulnerable la seguridad alimentaria basada en la diversificación de la producción de alimentos, así mismo. (DELGADO, 2015, p. 97).

De acordo com o texto, olhamos para a inversão de valores sociais, o território tem sido uma grande ferida para a manutenção e resistências das comunidades originárias, o uso da terra em grande parte está à mercê ao grande capital nacional e internacional. O avanço acelerado na concentração de terra especialmente nos territórios indígenas, entre outros, tem sido um grande desafio para as organizações sociais por meio das lutas darem conta porque as leis e políticas governamentais não o fazem.

Diante do texto que traz apontamentos significativos de preservação da cultura ancestral, estudo dos valores e costumes dos povos originários apontam para uma relação mutua com a natureza, um questionamento que se faz, as grandes áreas de terra desmatadas, por exemplo, no Brasil, terras essas pertencentes as comunidades indígenas, algumas demarcadas por lei, outra seguem em conflito. A pergunta é: como recuperar grandes territórios de terra que após a demarcação foram devolvidas aos devidos donos totalmente devassadas? Segundo apontamentos oriundos da cultura indígena, grande parte das terras seguem sendo usadas pelo sistema do capital, “isso em algumas regiões do país”, mas, diante desse problema, recuperar o território não basta, pois todo um sistema de vida e cultura, bem como a biodiversidade desses territórios se perdeu, além disso, não há incentivo para a recuperação das florestas nativas, mesmo que as sementes venham por via de incentivos sociais, enquanto a floresta não se refaz, do que vivem esses povos, ou como se sustentam.

Dessa forma, compreendemos que no território em disputa estão inseridos muitos valores que precisam ser recuperados para de fato haver uma condição social de uma

comunidade originária. Muitos aspectos devem ser olhados como parte desses direitos reconquistados, esses dizem respeito a terra, a cultura, a produção, aos costumes entre tantos outros aspectos que poderiam ser citados, esses inseridos como cultura camponesa em suas diferentes etnias.

2.7 Arte e estética como experiência transformadora

Tratando-se de arte, nos referimos as diferentes possibilidades de trabalho que venha produzir um exercício de pensar além da realidade vivida, neste sentido, buscamos por conceitos e aspectos de representações artísticas e sociais, uma representação materializada em dimensões vinculadas ao contexto cultural do campo. Dessa forma, para compreender o papel da arte ligado ao contexto da realidade, Lukács afirma que:

A arte deve refletir o real, não a superfície do real. Ela deve revelar os nexos do real, isto é, sua essência. A arte, assim, pelo reflexo artístico, permite ao homem que se aproprie da lógica essencial e subterrânea daquilo que se manifesta de modo fetichizado na aparência cotidiana. [...] A grande arte é por isso leitura realista do mundo, cópia dialética da realidade social. O reflexo é, portanto, um princípio fundamental da literatura e da arte. Mas, para que cumpra esta função de reflexo da essência do real, a arte está ontologicamente impedida de ser cópia mecânica do real, ela precisa se negar a fazer a cópia fotográfica da superfície do real; não se reduz a mera descrição da aparência cotidiana, sendo esta, imediatamente percebida, enganadora. (LUKÁCS apud VILLAS BÔAS; PEREIRA, 2015, p. 147).

O debate sobre arte nos processos ocorridos em determinadas criações artísticas nos revelam resultados que transcendam a própria arte. No caso a arte com sementes, ao debater e trazer presente as formas de vida social como representação simbólica, essa vincula-se a uma produção abstraída do contexto ideológico vivenciado nas lutas de classe. Seguimos o percurso de reforçar a essência dos valores artísticos construídos pela cultura camponesa, por essa se inserir em diferentes formas de culturas. O que conduz o trabalho artístico objetivado na proposta de arte com sementes é a compreensão sobre as possibilidades que a própria criação coletiva proporciona, como papel que protagoniza uma inserção da realidade um contexto de arte política.

Nessa abordagem compreendemos que os reflexos do próprio ato criativo devem abordar uma crítica social, além de compreendemos que sair do imediatismo se revela como um passo transformador a partir dos reflexos produzidos, trazer presente nas formas artísticas o contexto que aborde uma crítica capaz de produzir a autonomia de pensar a realidade representada.

Refletir artisticamente o todo extensivo da vida dos homens exige a autonomia da arte: distanciando-se da imediatez da vida, a arte pode captar a extensão da história humana, refletindo-a, de forma concentrada e intensiva, no destino individual de um personagem ou no mundo lírico de um poema, para, então, tornar visível ao homem a

totalidade que ele não pode captar mergulhado na própria história [...]. Outro aspecto importante ligado ao problema da autonomia da arte, diz respeito ao fato de que, em sua origem, a arte estava ligada a outras formas de conhecimento ou reflexo da vida cotidiana, como a magia e a religião. Como reflexos antropomorfizados, a magia, a religião e a arte foram criadas pelo homem como formas que objetivam não apenas o reflexo da realidade física, mas também os sentimentos humanos diante dessa realidade; por isso elas são formas de objetivação que dizem respeito a um momento mais complexo da vida social, em que a comunicação entre os homens já exige mais que a simples transmissão dos fatos a serem comunicados. (CORRÊA, 2015).

Refletir por meio da arte a história social cria a possibilidade de produzir um conhecimento vinculado a uma comunicação de sentidos, simbologias que produzem uma compreensão de mundo, essas, além de produzir arte, estão vinculadas a menção dos sentimentos humanos como amadurecimento social.

A autonomia da arte é decisiva porque ela significa sua real existência como reflexo artístico, como objetivação específica do mundo humano. A partir disso, o homem começa a se interessar pela arte como obra de arte, como forma autônoma na qual a ligação imediata com o mundo exterior não é preponderante, na qual as necessidades imediatas da vida cotidiana não são mais centrais. (CORRÊA, 2015, p. 121).

Em relação à construção estética das sementes, identificamos que a proposta se torna abrangente, em termos de compreensão da própria criação, pelas sementes crioulas e pelo ato de participar, compreende-se a importância de buscar por propostas que tragam o olhar social também da arte vinculada à luta pela terra. Esse entendimento vem legitimar uma forma de trabalhar o conhecimento da arte e da cultura sob orientação social coletiva.

Neste sentido, compreendemos que a arte não necessariamente tenha que se desligar-se da representação da vida, ou seja, pelo sentido de que a arte parte da vida concreta e essa se volta ao cotidiano. Além disso:

[...] a matéria do artista está na própria vida social, na qual o artista deve descobrir, selecionar e hierarquizar, entre a variedade heterogênea da vida cotidiana, aquilo que já está latente na vida social, mas que precisa ser desenvolvido pela ação artística: uma essência ocultada na aparência imediata da cotidianidade que só a arte pode tornar aparente. (CORRÊA, 2015, p. 121).

Outro aspecto que nos serve como base de compreensão sobre o que caracteriza o desenvolvimento da sociedade sob o olhar e formação artísticos inseridos na concepção de seres ontológicos desenvolvidos em sociedade, a essência aliada à vivência e ao fazer se torna um aporte para desenvolvimentos e categorias humanas.

Do grego *ontos* (ser) e *logoi* (conhecimento). A ontologia é, para a crítica marxista, uma palavra-chave, que, em geral, não temos dificuldade de associar ao passado, à origem do homem, mas, muitas vezes, nos escapa a sua abrangência quanto ao futuro, ao destino do homem, uma vez que a humanidade do homem não é um dado acabado, definitivo; mas a ser construído na história e a cada dia. Nessa construção, o ser humano pode caminhar na direção da sua afirmação e emancipação ou, ao contrário, regredir para a sua desumanização e destruição, como prova a história.

Portanto, a concepção ontológica nos mostra que a formação humana não é apenas um fato biológico, mas simultaneamente um processo social; ou ainda, a própria formação biológica do homem é parte do processo social. (CORRÊA, 2015, p. 143).

Nesse sentido, compreender a ontologia possibilita dar vazão ao conhecimento construído historicamente, alimenta-se o ideário de compromisso social e transformação da própria vida, as formas de trabalhar com a arte no contexto do campo relacionam-se aos projetos de vida pensados pela luta de classe, e nessa a produção cultural da vida se faz presente, percebemos que há uma identidade coletiva em cada sujeito, e dos mesmos uma ligação com a natureza. A arte parte da compreensão ontológica do sujeito faz parte da construção de um caráter social, assim compreende a partir desse conceito se constrói uma visão ampla pela estética:

O caráter ontológico e social da arte é decisivo para a crítica estética marxista. Para Marx, a arte nem é uma manifestação do espírito, como em Hegel, nem uma manifestação direta dos sentidos, como no materialismo empirista, mas a manifestação sensível (dos cinco sentidos: visão, audição...) das forças essenciais do homem, presente no longo processo de formação do homem. Logo, a arte não é natural, não é um dom, não é inata, já que os sentidos, na prática, foram se modificando, se humanizando, tornando-se sensibilidade humana. (CORRÊA, 2015, p. 142).

De acordo com estudos, a arte está caracterizada pela apreensão de um processo histórico social, e a produção artística busca por uma ressignificação da existência humana, sendo essa originada na vida em sociedade. Neste sentido, o produto humanizador que a arte produz está além da produção como trabalho objetivo, essa está aliada a um contexto subjetivo. Em cada narrativa se organiza a ideia de retomada e origem da formação humana, a qual constitui um universo capaz de refletir a práxis social.

Neste sentido, o trabalho artístico carrega em si uma memória que aproxima o ser humano de uma formação universal. O objeto produzido carrega semelhanças, como descreve o estudo:

À semelhança do trabalho em sentido ontológico, a criação do objeto estético supera a estranheza entre o homem e o mundo que ele habita, pois o mundo particular criado pela arte seleciona, ordena, delimita e faz visível aquilo que já estava na matéria social, mas de forma heterogênea, dispersa, diluída no senso comum do homem inteiro, mergulhado em seu cotidiano. Mas a arte também *diverge* do trabalho em geral, pois ela suspende temporariamente as finalidades práticas dos objetos, que fazem do cotidiano, especialmente sob a produção capitalista, uma imediatez fragmentada e sem sentido aparente. (CORRÊA, 2015, p. 122).

Conforme as palavras a seguir, em observação ao conceito de arte, podemos compreender que: cada sujeito carrega consigo um conhecimento e aprendizado particular, quando algo lhe é permitido sentir em relação a sua cultura o faz como formulador de ideias. A arte interage na vida humana de forma de complementar na integração entre artista e a sua produção:

Fazer arte, entender arte, fruir a arte, ou seja, tudo isso é uma atividade humana e absolutamente necessária. Reforçando o que Marx pensou a respeito da arte, podemos dizer que todo objeto artístico, bem como todo artista, está condicionado pelo o que aquele grupo social, aquela sociedade, aquele tempo histórico acumulou enquanto conceito de arte. Desse modo, essas técnicas, essas habilidades que permitem o desenvolvimento dos objetos da arte, acompanham a história das sociedades. Os indivíduos que produzem arte fazem um duplo sentido: o movimento de desenvolvimento da vida social e o movimento de desenvolvimento das técnicas da produção da arte dentro da vida social. Por isso, falar da arte é sempre falar de uma expressão particular que pertence ao universo. (MENEGAT, 2015, p. 17-18).

Compartilhando dessa ideia, compreendemos que o movimento cotidiano onde se constrói a cultura também se constrói o território, essa pode ser vista em diferentes dimensões entrelaçadas por uma dimensão biológica, social e cultural. Dessa forma a produção da arte objetiva uma relação que vai além do trabalho humano ou de uma produção de objetos:

Embora esteja relacionada ao trabalho na medida em que é objetivação do desejo do homem de se apropriar do mundo, a arte não é, como o trabalho, uma objetivação primária, mas sim uma objetivação tardia, porque exige que o homem se tenha libertado da necessidade física imediata, exige certo desenvolvimento das forças produtivas. A arte humaniza os sentidos, uma vez que, como o trabalho, transforma o homem em 'um ser que vê na espécie seu próprio ser e em si a espécie', isto é, a arte afirma o pertencimento do homem ao gênero humano, à humanidade, mas sem apagar a singularidade, a individualidade: a arte articula os tipos individuais à totalidade da vida social. (CORRÊA, 2015, p. 155).

Pela vida ativa e social, o homem, por meio das experiências, dá lugar a uma síntese representada simbolicamente, essa capaz de produzir manifestações que identificam uma compreensão de mundo. Neste sentido, Corrêa (2015) analisa o processo da *catarse*, essa traz em si a capacidade do ser humano:

[...] ver o mundo como seu lugar, é capaz de se reconhecer como parte do gênero humano e de alcançar o que foi construído historicamente pela humanidade como um todo: o sentido humano, profundo e amplo de sua vida singular. Sem apagar sua singularidade (nacionalidade, idade, classe, sexo, nome, individualidade), o homem experimenta a sua construção como ente genérico, universal, como parte da humanidade. (CORRÊA, 2015, p. 124).

Seguindo a compreensão, por meio da arte se produz e apontam contradições, dessa forma exige pensar a oposição dos lados. Acerca do respeito da compressão sobre a dialética da arte, essa se faz a partir do pensamento de enfrentamento, o qual não fica imerso na conciliação. Neste sentido, a dialética busca desvincular as partes que compõe um todo, para assim incluiu as partes num contexto de integralidade. A compreensão segue como um ressignificar por meio da análise, o sentido revelador do objeto. Como a *catarse*:

A *catarse* afirma a missão desfetichizadora da arte, que se realiza em dois movimentos: primeiramente o de revelar ao homem a fetichização da vida cotidiana em que está mergulhado (a arte como crítica da vida), e, em seguida, o movimento de defender a integridade da humanidade nessa mesma vida cotidiana (arte como forma de transformação da vida). Pela *catarse* e pela desfetichização, a arte realista

realiza o seu papel na formação humana: reconcilia o homem com o mundo do qual ele se separou. Nesse sentido, a objetivação humana não é mais refém da alienação e da fetichização, o homem pode se reconhecer no mundo dos objetos, pode se encaminhar na direção da identidade entre sujeito e objeto que é negada pelo trabalho estranhado, burocrático e fetichizante. (CORRÊA, 2015, p. 125).

Neste sentido, ainda segundo Corrêa (2015, p. 145), “[...] no mundo particular criado pela obra de arte, se conectam o presente, o passado e as possibilidades de futuro.” Neste sentido, compreendemos que pela arte temos a possibilidade de sentir os reflexos do que a própria arte é capaz de realçar uma unidade: “a arte une o que acontece na vida imediata ao que se consolidou historicamente como representativo da humanidade; torna visível a essência ocultada pela aparência fetichizada da vida cotidiana; ilumina os nexos entre o singular e o universal; entre o homem individual e a humanidade”.

Desvendar e esclarecer a universalidade da arte seriam apontamentos da análise sobre a mercadoria diante de uma sociedade economicista, assim, quando a filosofia marxista aponta para o pensamento estético marxista, aponta uma centralidade a partir da ontologia. De acordo com estudos baseados em citações marxistas:

Como produto do trabalho feito pelo homem, a arte é também formadora e criadora do homem que a produz: ‘O objeto de arte – como qualquer outro produto – cria um público capaz de apreciar a arte e de sentir prazer com a beleza. A produção, por conseguinte, produz não somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto’. [...] A origem da arte, portanto, está associada à formação humana e no interior de toda arte verdadeira está presente essa narrativa ou essa odisséia do homem, com as peripécias necessárias à sua formação. (CORRÊA, 2015, p. 143).

Compreendemos que imersa na narrativa está a relação entre produto e espectador da obra de arte, a compreensão humana de ambos os lados, se dá na capacidade de expressar determinado contexto como obra e buscar por meio da formação universal, a capacidade de chegar a reflexão. Neste sentido, como cita o texto, a obra de arte emerge no desenvolvimento da sociedade inserida na a universalidade. Assim:

[...] a arte precisa se articular organicamente com a concreticidade de seres singulares, de indivíduos reais plasmados pelo artista. O particular é, portanto, a categoria artística por excelência; é o conceito central que confere à arte a capacidade de representar (refletir) o real de modo mais concentrado e autêntico. (CORRÊA, 2015, p. 144).

Compreender a obra de arte no contexto universal, a qual faz parte um universo particular do artista, mas, ao mesmo tempo da sociedade, o que surge na essência de um trabalho são simbologias concretas com direcionamentos capazes de explicar uma narrativa por meio de um trabalho inserido num processo histórico. Dessa forma, compreendemos o trabalho do artista como cita o estudo baseado no conceito de Marx sobre o trabalho artístico:

Para Marx, a arte é um desdobramento do trabalho e, simultaneamente, um produto do trabalho humano. Como tal, a arte é também uma objetivação das forças essenciais do homem que assumem a aparência de objeto artístico, como forma de o homem dar concretude objetiva a seus anseios subjetivos que ultrapassam a realidade imediata. Para Marx, a arte é, como o trabalho, uma negação da imediatez da natureza e uma força essencial na luta do homem para enfrentar e vencer as barreiras naturais. Como o trabalho, a arte é também uma atividade, e não meramente uma abstração, uma ideia, uma teoria ou um conceito, mas uma práxis essencial para que o homem conheça o mundo e se afirme como ser, como humano. (CORRÊA, 2015, p. 144).

Assim, a obra de arte pode ser interpretada como forma de articulação dos anseios sociais, baseados em categorias de produção e reprodução social e da existência humana. A obra de arte precisa desvincular-se e estar além do processo de representação do produto.

Nesse sentido, podemos compreender a relação estreita entre a produção da arte e o aguçamento dos sentidos humanos, por essa se concretiza uma humanização individual e social.

3. O MÉTODO DAS SEMENTES EM TEPOZTLÁN: UM TERRITÓRIO MÍSTICO E RESISTENTE



Portal de sementes de Tepoztlán.

A origem do trabalho com sementes, o qual será abordado nesse capítulo, traz a compreensão de como se constituiu um território de Tepoztlán, o qual preserva suas raízes e sua cultura. Como elemento central desse estudo, faremos breves apontamentos históricos relacionado à origem de uma prática comunitária que envolve elementos culturais, políticos e sociais. Nesse sentido, a construção artística aponta os caminhos que chegaram até os dias atuais por meio do trabalho com sementes, esse baseado numa relação estreita com a cultura e agricultura de Tepoztlán. A pesquisa de campo apontou diversos elementos que são patrimônio material e imaterial da comunidade indígena, a qual faz jus ao nome que carrega uma riqueza da terra reconhecida em sua ancestralidade.

As entrevistas realizadas como parte do registro escrito são parte importante que ajudaram a constituir a memória do portal de sementes, bem como apontam aspectos que perpassam as histórias locais.

Tepoztlán, um lugar místico, traz presente muitas referências da cultura mexicana, propriamente dito da cultura pré-hispânica. Local de muita admiração por todos que vivem e

por outros que chegam a este território repleto de costumes e culturas ancestrais. Segundo análise do documentário realizado por Pancho Lene na *El Lenguaje de las Semillas* (2004), esse destaca depoimentos de artistas, antropólogos e pessoas que vivem na comunidade que atualmente se chama “povo magico”. Um lugar carregado de lendas e mitos sagrados, Tepoztlán faz de seu contexto mitológico do passado, uma referência forte de existência no presente.

O povo de Tepoztlán preserva suas tradições mesmo que essas no período atual tenham sofrido fortes influências de outros povos que se inserem pelo local, seja pelo turismo, por interesse de viver num lugar místico, ou até mesmo para desfrutar da paisagem, da culinária, da medicina natural associada ao conhecimento dos povos originários, também existem muitas feiras, danças e festivais de músicas tradicionais, além do lado místico e religioso que se apresenta no cotidiano da vivência em Tepoztlán. O artesanato, outro elemento forte que identifica sem igual a cultura como uma identidade do lugar, bem como outras comunidades próximas, também faz da arte e das cores uma forma de identidade que aproxima as pessoas pela beleza e tradição dos detalhes, nesse sentido, entre tantos aspectos Tepoztlán destaca-se como um dos lugares únicos do território mexicano.

A arte aliada às paisagens naturais é um dos pontos fortes dessa cultura, além disso, carrega uma identidade por suas cores e traços específicos da cultura indígena, não só de Tepoztlán, mas de todo o território mexicano que, além de ser um país tropical com bases de produção agrícola, traz em seu contexto fortes traços culturais marcados por uma diversidade de arte que atrai muitos visitantes para aquele país, os turistas são parte da existência dos lugares. Em Tepoztlán isso também é destaque, apesar de ter o lado bom por aquecer a economia, o turismo tem ocasionado maléficos pelas interferências de outras culturas em determinados lugares, isso a nível mundial.

Neste sentido, falamos, no caso de descrever a beleza de um lugar sem olhar problemas de ordem social num primeiro momento, quando nos encontramos em algum lugar carregado de significado como Tepoztlán, logo vislumbramos a beleza aparente, aquela que os olhos podem ver à “primeira vista”, dessa forma, se faz necessário identificar o que é beleza natural e o que foi construída pelo ser humano. No caso de Tepoztlán, percebe-se que há um conjunto de elementos que somam nos dois campos tanto da natureza quando da cultura local. Percebe-se que há na expressão da população um senso de arte desde a natureza até cada pedacinho construído pela influência do ser humano. Desde os costumes, a religiosidade, a arquitetura aliada à natureza, há uma integração do artificial com o natural, a arte mais refinada se mistura desde os que se intitulam artistas até os mais modestos camponês que

produz a partir de sua compreensão estética de mundo, ou seja, o ponto a ser destacado é a habilidade de ver e fruir a arte.

Neste sentido, observa-se que grande parte da população traz na gênese de sua cultura a essência de um conhecimento que produz além da existência física ou material, carrega em sua formação a sensibilidade de ver além das atividades comuns do dia-dia, de geração em geração vem um olhar apurado e criativo no que diz respeito à estética e valorização do trabalho e do cotidiano de um povo.

3.1 Origem de Tepoztlán

A palavra *Tepoztlán* tem sua origem em referência à riqueza da terra da região; Tepoztlán provem de suas raízes etimológicas de “tepozt-tli” significa ferro o cobre e “tlan” significa abundância do lugar. Então, Tepoztlán significa: “Lugar de abundância de cobre” (INAFED; SEGOB, 2010).

Segundo estudos produzido por Saldaña e Sainz num Colóquio sobre turismo e arquitetura publicado em Topofilia (2017, p. 46-47), Tepoztlán obteve um renomeamento de “Pueblo Mágico” desde 2002. O título faz parte de um plano de governo que tem atuado em diversos povoados, no sentido de promover maior qualidade e organização do turismo no país. Tepoztlán tem se identificado como um município que rege muitas de suas leis, como forma de preservar seu território, além disso, a uma consciência local que preserva suas tradições como patrimônio cultural material e imaterial.

Tepoztlán está localizado ao norte do estado de Morelos, e ao Sul do País, o mesmo município está próximo de cidades importantes como a capital do país, é um dos atrativos próximos da cidade do México que fica a 71 Km e Cuernavaca fica a uns 18 Km de Tepoztlán. A população de Tepoztlán atualmente é de 41.629 habitantes, cifra que representa 2.3% da população do estado.

O artigo publicado em Topofilia (2017, p. 48-49) ressalta que, conforme estudos arqueológicos sobre a ocupação do território de Tepoztlán, não se tem informação precisa de quem tenha sido os primeiros habitantes do lugar que hoje ocupa o município. Segundo pesquisas e achados arqueológicos, ou seja, restos de cerâmica indicam a existência de uma cultura Média Arcaica de aproximadamente 1.500 anos a.C. Posteriormente, outros indicativos da arqueologia afirmam de se tratava de um povo originário descendente da cultura Xochicalco, Tolteca y Chichimeca, assim a história referencia um dos mais importantes personagens originários de Tepoztlán:

Uno de los personajes más importantes el señor Ce Acatl (una caña) quien nació en Tepoztlán (amatlán), aquí creció y fue adolescente, formando parte de tan extraordinaria naturaleza, pasó su juventud en Xochicalco donde adquirió el culto de serpiente emplumada. [...] Los toltecas lo hicieron su jefe supremo en Tula, su capital donde vivió muchos años y donde impulsó las artes y las ciencias, gracias a su genio magnífico. Víctima de la tentación y de la envidia, se refugió con algunos adeptos en Cholula, de ahí salió para la costa del golfo y murió en Coatzacoalcos (en lugar donde murió la serpiente). En Tula mereció el título de Topiltzin (nuestro príncipe) después de muerto fue considerado como un dios y su influencia en las culturas posteriores fue enorme, entonces se le llamó Quetzalcóatl, héroe cultural, incomparable, ‘Ce Acatl Tolpiltzin Quetzalcóatl’, quien nació aquí en Tepoztlán. (INAFED; SEGOB, 2010).

Nas buscas por descobertas de qual povo originário habitou Tepoztlán, outros achados indicam, além da origem cultural do nome, a criação de um povoado que se identifica a partir das crenças da cultura indígena, uma das figuras lendária mais importante por exemplo: é a imagem da serpente, citada acima, Quetzalcóatl, essa sobrevive historicamente no imaginário da população sendo um símbolo sagrado, em que representa as “energias telúricas que ascendem”, daí a sua representação como uma serpente emplumada, também é símbolo que significa “coisa preciosa”, representa uma divindade das culturas da Mesoamérica, especialmente da cultura Asteca, mas também é venerada pelos Toltecas e Maias.

Além da figura de Quetzalcóatl, outros personagens sagrados são representativos da cultura de Tepoztlán, esses trazem presente à história que refletem a resistência da ancestralidade mitológica da cultura mexicana. Os personagens estão representados de forma figurativa em muitas das representações culturais, na literatura, inclusive como destaque no portal de sementes, outra imagem muito referenciada é a figura da Catrina, representada em forma de esqueleto, essa traz um contexto de valorização do ser humano após a morte, ou seja, a morte como continuidade da existência.

Outro ponto representativo de antecedente histórico de Tepoztlán é o cerro Tepozteco, nesse está a construção que representa os laços das culturas acima mencionadas, nesse cerro está a pirâmide do Rei Tepozteco, que segundo a lenda foi construída em 1150, mais tarde, ao final do comando de “Tochtli” y “Ahuizotl” como rei, foi encontrado em alguns relevos da pirâmide uma louça com identificação de uma data de 1503, é provável que essa seja a data de construção da pirâmide. Tepoztlán localizado em uma região de montanhas, cerros e paisagens nativas, esse também um dos pontos fortes que identifica Tepoztlán, o qual inclui uma natureza exuberante com abundância em sua fauna e flora. O município se situa ao norte do estado, suas coordenadas estão entre 18°53' e 19°12' de latitude norte, entre 99°02' e 99°12' de longitude oeste, do meridiano de Greenwich. Limite ao norte com o Distrito Federal, e ao sul com os municípios de Yautepec e Jiutepec, leste com Tlalnepantla e Tlayacapan, ao oeste com os

municípios de Cuernavaca e Huitzilac. Para compreender o meio físico de localização, Tepoztlán conta com uma extensão de terra:

Una superficie de 252.87 km², cifra que representa el 4.97% del total del estado. Orografía El municipio de Tepoztlán incluye una parte llana que se extiende hacia el este, hacia el valle de Yautepec y una zona montañosa correspondiente a la sierra de Tepoztlán donde se encuentran los cerros; Tlahuiltepetl, Chalchilteptl, Tepuztecatl, etc. que corresponden a las estribaciones meridionales de la serranía del Ajusco. Estas forman a su vez parte del Eje Volcánico o sierra Volcánica Transversal, con alturas superiores a los 3,000 metros sobre el nivel del mar. (INAFED; SEGOB, 2010).

Neste sentido, a localização de Tepoztlán se firmou em uma cratera vulcânica por isso da existência de muitas cavernas, sua formação se dá por regiões montanhosas e planas, o mesmo tem 7,265 hectares de bosque, pertencente ao parque nacional “El Tepozteco” criado por decreto presidencial pelo presidente Lázaro Cárdenas no dia 22 de janeiro de 1937, destinando-lhes a conservação e a proteção da flora e fauna silvestre, também das zonas arqueológicas que contam com restos arquitetônicos de sete pirâmides, além da pirâmide principal e a mais visitada atualmente (INAFED; SEGOB, 2010).

Figura 1 – Localização de Tepoztlán



Fonte: INAFED; SEGOB (2010).

O clima de Tepoztlán se apresenta semiquente, úmido e temperado, subumidos, nas ladeiras das serras de Tepoztlán. Na época chuvosa e de verão a princípios de outono as precipitações mais baixas se apresentam nos vales, chegam até aos 1.000 mm. ao ano e mais altas essas nas montanhas

passando de 1,200 mm. anuais (INAFED; SEGOB, 2010). O município de Tepoztlán, por seus diferentes climas, permite ter diferentes ecossistemas, nesses existiram algumas espécies de animais e vegetais de grande importância (INAFED; SEGOB, 2010). Também podemos mencionar uma vasta flora que permite introduzir nesse contexto a medicina tradicional, em que a flora está constituída principalmente por árvores diferentes em cada tipo de bosques.

As características e uso de solo do município contam com uma superfície aproximada de 242.64 km², de dos quais de forma general se utilizam: 4,512 hectares para uso agrícola, 11,965 hectares para uso pecuário e 8,531 hectares para uso florestal. Em quanto à tendência da terra, está dividida em: 2.100 hectares propriedade ejidal; 23.800 hectares propriedade comunal e 1.757 hectares propriedade particular (INAFED; SEGOB, 2010).

Tepoztlán é formado por sítios que comportam uma característica geográfica de vista e paisagem privilegiada, a população e visitantes desfrutam de uma sensação de um habitar natural, assim se descreve o povoado:

Pueblo arquitectónicamente bello y sensorialmente fantasma, vacío y frío [...] El habitante originario del lugar, vive, ama, siente su espacio, su terruño. Cada día recrea su patrimonio tangible e intangible, que no están separados, van al unísono, los ciclos festivos que propician la interacción, la reciprocidad, el sentido comunitario. El conjunto de conocimientos para el trabajo agrícola, artesanal, la ejecución de la música, del baile, la degustación de los alimentos, el privilegio de los 'pobres' que obtienen el sustento del huerto. (TOPOFILIA, 2017, p. 8).

A formação de Tepoztlán como cidade foi pensada e construída no século XIX e XX, essa mantém em sua arquitetura a ancestralidade dos portais coloniais, uma trama de espaços abertos por vegetação e formado por praças e ruas de pedras de rio. Em muitas das casas se utiliza adobe e pedras vulcânicas, essas vão se ajustando a uma paisagem que contempla o público e o privado das construções, uma característica urbana e comunitária ao mesmo tempo. Uma cidade que se apresenta como uma aldeia urbana, produz em sua tradição camponesa uma diversidade de produtos que chegam frescos até a cidade, assim se transformam em pratos saudáveis e exóticos, vindos da agricultura familiar, das milpas, essas representam uma relação saudável com a terra. As sementes utilizadas no portal 80% vem da produção de Tepoztlán. A culinária e tudo o que envolva a produção agrícola se torna um dos atrativos turísticos de relevante importância de Tepoztlán.

3.2 Período Colonial: uma ruptura cultural e social

Como no Brasil, México é um país que também foi colonizado, uma frase ilustra tamanha invasão cultural, foi dita por um dos habitantes de Tepoztlán Carlos Pellicer, o qual

foi homenageado tendo seu nome no museu arqueológico de Tepoztlán: “Nunca seremos completamente mexicanos en tanto no lo conozcamos para amarlo y admirarlo, el arte maravilloso de nuestros antepasados indígenas.”

A chegada dos espanhóis ao território mexicano ocorreu em 1519. Em 1521 não poderia ser de outra forma senão pela violência, durante umas quantas horas as tropas bárbaras comandadas por Cortés horrorizaram Tepoztlán. O referido comandante havia enviado um chamado aos caciques por três ou quatro vezes que viessem em paz ou do contrário queimaria o povoado, prevendo a opressão a resposta foi que não viriam, já que outros povos teriam temor ao mesmo comandante. De forma violenta, o comandante mandou colocar fogo na metade das casas de Tepoztlán, expulsando a população para outros lugares escondidos, só mais tarde foram retornando para suas casas, nesse contexto de expulsão boa parte do território que pertencia aos povos originários, foi invadido por estrangeiros estadunidenses (INAFED; SEGOB, 2010).

Grande parte do território ocupado pelos espanhóis foi conciliado pelo catolicismo, esse se converteu em responsável por criar as condições para a entrada dos espanhóis. Em depoimento concedido na pesquisa de campo realizada em agosto de 2016, Mario Sebastian Ávila, estudioso jesuíta, artista plástico, músico e compositor, vindo de Salvador para viver Tepoztlán, há 26 anos, descreve que o povo de Tepoztlán apesar de ter sido invadido e colonizado, sofrido a violência de guerra no período da revolução mexicana e todas as barbaridades ocorridas, descreve uma história interessante de resistência na constituição do povoado:

Este povo, é um povo que não foi conquistado pelos espanhóis, como foram conquistados os outros povos do México ou de toda América Latina, que chegaram e meteram as espadas, os mataram, os obrigaram a obedecer, assim trataram todos os povos [...] Neste povoado, eles fizeram um tratamento muito amável, foram convencendo pouco a pouco, sobretudo através da igreja, essa fez um trabalho de ir convencendo a todos, até que convenceu ao rei principal. A festa mais importante desse povo é o dia 8 de setembro, e nesse dia se comemora o dia que o rei Tepozteco de converteu ao cristianismo, e o batizaram. [...] Então fizeram o batizado ao pé da subida do cerro para ir à pirâmide, ali está a pia batismal, nesse lugar o rei Tepozteco vem a baixo do cerro e logo caminha com toda sua corte e toda gente o observa, caminha até o centro. Ao invés de guerrear eles o convenceram, e assim se concretizou a colonização nessa região, isso na ideia dos colonizadores. (ÁVILA, PESQUISA DE CAMPO, 2016).

Dessa forma:

[...] os povos originários daqui têm um sentido de dignidade muito forte, uma coisa que eles se sentem orgulhosos de si, é isso! Aos que viemos de fora, eles nos veem como um tanto estranhos, ainda há resquícios dos invasores no imaginário dos Tepoztecos. Porém uma pessoa pode fazer boas amizades aqui, eu as tenho! Mulheres, homens e sobre tudo com as pessoas que trabalham, eu gosto de ser amigo deles. Não sou amigo dos ricos daqui, sou amigo dos que trabalham. (MARIO ÁVILA, 2016).

Segundo a lenda, Tepoztlán é um lugar místico de acolhimento das pessoas, encanta a todos, tanto acolhe como expulsa, inconscientemente isso se torna um instinto de resistência ao que vem de “fora” uma resistência incorporada espiritualmente de longa data que segue no período contemporâneo.

3.3 Período da Independência e Revolução Mexicana

Em 1824 o atual estado de Morelos era o segundo distrito do México, com dois partidos, Cuernavaca y Cuautla de Amilpas, abaixo dos governos centralistas. Ligados ao desenvolvimento histórico do mesmo estado e consequentemente da nação. Tepoztlán vibra diante das inquietudes da independência e participa na medida de suas possibilidades na revolução, se abre uma nova etapa de questionamentos que situam um movimento ascendente do progresso das regiões em desenvolvimento (INAFED; SEGOB, 2010).

Num contexto de ataque a Tepoztlán, em 24 de novembro de 1911, Emiliano Zapata declarou sua rebeldia e acusou Madero de inepto e proclamo a violência como único meio de obter justiça. Zapata que havia se deparado pela segunda vez com atos de violência e queima de seu povoado por parte dos governantes. Segundo estudo de historiadores, Zapata, aos nove anos, junto de sua família onde vivia, havia presenciado a queima de seu povoado e expulsão das terras, e havia feito uma promessa ao seu pai que quando estivesse adulto ajudaria reconquistar as terras. Fez parte da revolução sem dúvida para reivindicar o que era de direito dos povos, assim se uniu a outros revolucionários desse período:

Los revolucionarios libraron combates de Huitzilac, Tepoztlán y Axochiapan, llegaron a amagar la ciudad de Puebla, los rebeldes se posesionaron de Tepoztlán el 01 de abril de 1911. El 15 de junio del mismo año ocupó Cuernavaca Francisco Leyva. [...] El día 12 del mismo mes se instaló la XX Legislatura que nombró gobernador interino a Aniceto Villamar (de Tepoztlán) y el 4 de agosto se celebraron elecciones para integrar XXIII legislatura y cubrir constitucionalmente los poderes Ejecutivo y Judicial. [...] Zapata envió a Gildardo Magaña a conferencias con Francisco Villa, de cuyo contacto resultó la invitación que personalmente fue a trasmitirle a Felipe Ángeles a Cuernavaca, para que asistiera a la convención de generales y gobernadores el 26 de octubre. Llegaron los delegados zapatistas a Aguascalientes, entre ellos Leobardo Galván de Tepoztlán. Posteriormente Pablo González hizo una matanza en Santa Catarina y Tepoztlán en el mes de julio de 1917. En el mes de septiembre del mismo año Gabriel Mariaca y Mariano Sánchez en la serranía de Tepoztlán, apoyaron a Zapata. (INAFED; SEGOB, 2010).

Zapata reorganiza a distribuição das terras com algumas ressalvas no contexto pós-revolução:

Para os zapatistas a organização produtiva deveria ser comunitária, como, historicamente, essa era realizada na região. Com essa concepção, Zapata determinou a repartição das terras de Morelos entre, aproximadamente, cem *Pueblos* [...] no

projeto zapatista a comunidade agrária era a unidade básica da produção e dela emergia uma nova organização político-social, sendo a comunidade concebida “não só como a corporação proprietária da terra, mas também como a unidade política básica, pelo que a proposta zapatista enfatizava o município livre, dotado de autonomia e recursos próprios, como a entidade política central. (DIAS, 2009, p. 49).

No processo de reconstrução da vida no campo, só a unidade da população daria conta de manter e levar a diante o novo projeto de vida mexicano. Tanto Zapata, quanto Pancho Villa sentiam a necessidade de organizar o povo para que esses firmassem em seus direitos além da terra, reivindicavam o acesso a créditos, saúde, educação, cultura entre outro. Uma luta incansável que segue viva e presente em outras lutas o período atual. Ainda segundo Dias (2009), em 10 de abril de 1919, as tropas de Guajardo, após fazer honras a Zapata, cruelmente dispararam duas vezes com tiros de fuzil sobre o mesmo, o qual morreu no mesmo instante, deixando um legado de muita luta e resistência.

No México desde a revolução iniciada em 1910, mostra-se como exemplo de organização camponesa nos processos de luta pela terra, as lutas da região Sul do México, impulsionaram a região norte, onde reside o maior contingente do exército Zapatista. A universidade de São Cristóvão de las Casa é palco de muitos legados revolucionários junto das comunidades indígenas chamadas de caracóis. Em 2016, o trabalho germinando arte também se fez presente no encontro Comparte, esse organizado como encontro de cultura e resistência da comunidade Zapatista.

O forte da revolução mexicana teve início no estado de Morelos, como citado acima, essa liderada por Emiliano Zapata, onde inclui e está localizado Tepoztlán (campo da pesquisa), atualmente chamado de “povo mágico”, resistem pela força e magia da natureza, pela cultura e preservação das tradições indígena. Tepoztlán é conhecida como um povo que não se rende, mesmo sofrendo as influências externas, se mantém pela mística da vida.

No período da revolução mexicana uma parte da população lutou em Tepoztlán, e outros deixaram suas casas, seguindo para as cavernas existentes naquela região e outros se deslocaram para as cidades próximas. A reconstituição do povoado levou muitos anos, Tepoztlán foi habitado por muitos revolucionários que estiveram em luta na guerrilha de Nicarágua, em Guatemala, Cuba, vale citar que Francisco Julião, brasileiro, líder das ligas camponesas, viveu seu exílio no México, na maior parte do tempo em Tepoztlán, lugar que habitou até sua morte.

3.4 Portal de sementes uma arte de resistência em Tepoztlán

A técnica do trabalho com sementes foi criada em Tepoztlán, estado de Morelos no México. Por meio de um intercambio (oficina), organizado pelo MST em 2012, foi possível conhecer e trazer essa técnica de arte para o contexto dos assentamentos do MST, sendo até o momento um trabalho distinto dentro das artes, o qual temos colocado no contexto da luta pela terra. Além disso, é uma técnica de suma importância para a organização, pois traz o debate sobre recuperação das sementes crioulas.

Trata-se de um trabalho artístico que une métodos de trabalho semelhantes, entre os dois seguimentos sociais (MST e Tepoztlán). Buscam, por meio da arte, trazer presente a denúncia e a exploração do capital em relação às sementes crioulas, sendo essa a base da existência humana.

Em Tepoztlán tivemos contato direto com a técnica mexicana de construção do portal de sementes, em que vem sendo realizado há 25 anos pela comunidade. O trabalho trata-se da construção de um portal que utiliza uma armação de ferro e madeira essa recoberta com sementes, medindo 30 m², utilizando aproximadamente 120 variedades de sementes.

O trabalho segue as referências das técnicas da arte indígena que abarca um caráter muralista existente como tradição de muitos anos naquele país. Desenvolvida com metodologia própria pelo grupo de artistas da comunidade, a mesma construção estética se tornou marco histórico em Tepoztlán, bem como em outros países, devido aos debates que gira o mundo em torno da disputa pelas sementes crioulas.

Vale salientar que essa forma de arte não possui registro formal como patrimônio de Tepoztlán, apenas é trabalhada como uma técnica que faz parte da cultura indígena local, assim o presente estudo se realiza na intensão de contribuir coletivamente um registro escrito, pois em diversos materiais pesquisado sobre arte bem como as referências culturais de Tepoztlán. O trabalho do portal não aparece como parte do patrimônio cultural da cidade, não há uma referência específica com relação a essa construção, algumas vezes é citado verbalmente que existe ou por algum estudo mais ligado a antropologia, mas não aprofundam a relevância do tema. Como forma de explicar a referida construção e tentativa de divulgação do trabalho, foi organizado já há alguns anos um material como uma espécie de cartilha no período de construção do portal, esses têm a intensão de explicar o tema trabalhado a cada ano, o mesmo material é organizado por colaboradores da construção do portal, como responsáveis por esse material estão Arturo Demesa e Inocencio Rodrigues Flores.

Ao relatar sobre a arte indígena criada em Tepoztlán, podemos dizer que está vem sendo trabalhada num período bem recente diante do contexto milenar da arte e da cultura mexicana. O México sendo protagonista de tradições fortes dentro da arte muralista, vinda de artistas históricos e consagrados como Diego Rivera, Siqueiros, Frida Kahlo, entre outros, os quais buscam direcionar a reflexão por meio da arte, desde a cultura ancestral, o enfrentamento político oriundo da Revolução Mexicana iniciada em 1910, as sementes como parte originária de ser humano, e assim segue com temas atuais como forma de comunicação no período contemporânea. O trabalho com sementes vem ganhando força devido à abordagem e aos temas que a mesma coloca em questão. O México, por ter uma cultura de resistência em suas representações artísticas, não poderia ser diferente o contexto de criação do portal de sementes, especialmente pela cultura que simboliza a defesa das sementes, como representação maior dos grãos que se tornaram sagrados para os mexicanos está o milho (maíz):

Al cultivar el maíz los seres humanos también se cultivaron. Las grandes civilizaciones del pasado y la vida misma de millones de mexicanos de hoy, tienen como raíz y fundamento al generoso maíz. Ha sido un eje fundamental para la creatividad cultural de cientos de generaciones; exigido el desarrolló y el perfeccionamiento y transformalo; condujo al surgimiento de una cosmogonia y de creencias y prácticas religiosas que hacen del maíz una planta sagrada; permitió la elaboración de una arte culinário de sorprendente riqueza; marcó el sentido del tempo y ordenó el espacio en función de sus propios ritmos y requerimiento; dio motivos para la más variadas formas de exproción estética; y se convirtió en la referencia necesaria para entender formas de organización social, maneras de pensamientos y saberes y modos de vida de las más amplias capas populares de México. Por eso, em verdade, el maíz es fundamento popular mexicana. (GRAIN, 2012, p. 6).

O milho, considerado sagrado, traz em sua essência uma linha que organiza a alimentação base de um povo, tem a sua origem em um projeto popular em defesa da vida, dessa forma as relações sociais se ampliam na medida em que essa planta vem sendo ameaçada, o milho representa para o México a simbologia mais representativa de enfrentamento entre dois projetos.

Em análise da publicação relacionada a identidade das sementes e o sagrado da cultura mexicana, destaca: “Es cierto que el maíz es hechura del hombre, después de que los dioses lo hicieron de maíz. Hijo, padre y madre a la vez. El maíz, la planta del maíz, fue el primer totem.” (ARTES DE MÉXICO, 2015). As palavras ilustram o sagrado representado nas formas de plantar e colher, consumir o milho passa por um ato além do alimento, uma espécie de purificação.

A nosotros mismos nos comemos, cuando nos llevamos a la boca un bocado hecho de maíz. Y ésta sería la única forma de antropofagia con que los vanos quisieron reducir a los indios a la condición de bestias. *Hostia es en nuestra boca el grano de maíz.* En sangre, savia, leche se convierte. Germina en el latido de nuestro corazón.

Late en nuestro pulso. Sangre, leche, savia, significan lo mismo en una de las lenguas que hablo. (ARTES DE MÉXICO, 2015).

Para os mexicanos, os seres são feitos de milho, o pão de todo dia que os faz renascer diante do sagrado, essa conotação representa de cada ser humano. Compreendem a existência a partir da semente milho como base primordial de toda alimentação, ou seja, a soberania alimentar se garante pela produção do milho como primeiro alimento de existência e resistência de um povo. Vai além de um símbolo ou uma planta de origem, é o alimento que abarca uma relação que representa uma cultura milenar sagrada.

As sementes crioulas têm papel fundamentalmente importante no contexto social, em que tem se discutido entre os movimentos sociais essa técnica de trabalho com as sementes, por se tratar de utilizar em sua materialidade um elemento universal que dá origem e simboliza diretamente a vida humana. Essa matéria é capaz de se refazer enquanto espécie viva, e por si já traz em seu contexto um compromisso social e de fundamental importância para o debate sobre as sementes.

Dessa forma, os colaboradores e artistas, tanto de Tepoztlán como no MST, vêm assumindo essa arte como bandeira de luta. Os movimentos sociais têm incorporado e promovido o debate através das jornadas de luta, jornadas de agroecologia, seminários, feiras, construção de casas de sementes, entre outros. Dessa forma nos utilizamos de diversas ferramentas que potencializem o debate em defesa das sementes como um direito natural dos camponeses.

Essa arte torna-se ferramenta pedagógica de formação e contribui no processo de debate, identificando caminhos para trabalhar a recuperação, multiplicação e preservação das sementes. Podemos afirmar que já colhemos frutos dessa arte no México há 25 anos e no Brasil desde 2012.

A arte com sementes tem sua origem 1993, por meio da necessidade de ornamentar o portal de entrada de uma igreja centenária, localizada no centro da cidade, em homenagem a uma santa chamada “Virgem da Natividade”. A mesma é homenageada todos os anos com um novo portal de sementes feito como oferenda religiosa, esse é construído dois meses antes do dia 8 de setembro (data que se comemora o dia da padroeira e o dia do rei Tepozteco). O portal é construído por meio de oficina aberta ao público local e aos turistas que vão para visitar a cidade. Apesar desta arte surgir através de vínculos religiosos, podemos perceber que tem outras questões culturais e sociais envolvidas, os traços e desenhos trazem muitas reflexões diante do contexto histórico vivido pela população mexicana. Dessa forma, no

presente estudo faremos menção apenas para a construção estética, não havendo um detalhamento para a simbologia usada no portal.

Os temas elaborados pelos artistas são incorporados pela comunidade, desde as relações da antiguidade até os dias atuais. A cada ano se debate coletivamente o novo tema para a construção do portal que sempre traz as características pré-hispânica, representação dos Astecas entre outras culturas já citadas acima, bem como a colonização espanhola e a Revolução Mexicana.

No período atual, os artistas locais de Tepoztlán acreditam que o portal de sementes é uma arte pouco reconhecida por se tratar de uma desvalorização da cultura indígena, e que por isso é visto num sentido sem maior ligação com a arte, ou, talvez, porque não esteja vinculada aos meios artísticos eruditos da cultura dominante, sendo é um trabalho de devoção religiosa, feito por pessoas que devem alguma “graça alcançada”.

Neste sentido, é necessário analisar qual é a resistência que essa forma de arte traz em sua essência. Compreendemos que o trabalho com sementes está além das questões religiosas, expressa inúmeros significados da cultura histórica mexicana, como quando colocam imagens de revolução mexicana, e mesmo marca um período que iniciou uma ruptura social naquele país, marca um tempo de resistência, em especialmente vem traçar um reconhecimento da cultura raiz, o qual expressa um contexto social no período atual. Outro aspecto a ser destacado é a luta incansável dos povos em defesa das sementes, em defesa da vida entre outros aspectos e serem trabalhados.

Os materiais de referência escritos sobre o portal são pequenos panfletos explicativos sobre os temas trabalhados a cada ano, esse material apenas serve de explicação momentânea, devido a grande quantidade de pessoas que visitam o portal e a cidade. Pensando nesse contexto de criação de um trabalho que já sendo realizado há 24 anos, sem nenhum registro oficial, corre-se o risco desta arte desaparecer enquanto materialização pelo fato de ser construída com sementes, e devido às tradições muralistas o trabalho fica exposto às intempéries do tempo. Em pesquisa de campo (2016), os artistas coordenadores revelam as dificuldades e a falta de apoio para a construção, pois se dividem entre as muitas tarefas que demanda a construção do portal.

Como já dito acima, o portal a cada ano é refeito com novas temáticas e sementes, o diferencial se dá em torno do surgimento de novas variedades de sementes colhidas a cada ano pelos agricultores da região, ou encontradas no mercado público. Vale salientar que Tepoztlán configura-se como um espaço de comercialização para as comunidades da região,

portanto, o trabalho coletivo retrata a vivência do campo, a produção existente tanto nativa quanto cultivada, bem como o contexto social do município.

A construção do portal é sempre carregada de muitos significados, uma produção de seguimento e legado de muitos outros artistas mexicanos, por isso a leitura atenta a esse trabalho é de relevante importância, pois vem sendo seguida pelos artistas que buscam retratar temas sociais em forma de arte. Como tradição e reconhecimento histórico, a arte das sementes segue o curso das representações e resgate da cultura mexicana:

O muralismo mexicano esteve relacionado às circunstâncias históricas, sobretudo da experiência humana que apontava para a necessidade de mudanças sociais. Fundamentado em três valores capitais: o nacional, o popular e o revolucionário, o muralismo procurou retratar a importância de índios, mestiços e trabalhadores, de modo geral. Houve a materialização de um projeto, de uma nova identidade a ser construída; uma identidade que não negasse o passado colonial e pré-hispânico, mas, integrasse-o. As 'raízes' históricas foram buscadas nesse passado e integradas ao contexto revolucionário, de modo a engendrar uma identidade nacional, ainda que a proposta partisse de uma elite política e intelectual. (BARBOSA, 2008, p. 3).

Neste sentido, percebemos que a arte das sementes segue uma linha social que relaciona o contexto do passado com o atual, não deixando a representação revolucionária e histórica. Por se tratar de uma construção feita por artistas e pessoas com vínculo camponês e urbano, esses trazem elementos que fortalecem cada vez mais a arte como uma materialidade pautada em um projeto de vida social. As sementes são elementos primordiais usadas na arte como pintura, colorindo o espaço ao invés de tinta ou pigmentos industrializados, o trabalho se faz semelhante à composição de um mosaico.

Neste sentido, compreender a técnica e o contexto de criação torna-se uma referência de arte política, assim como ressalta as possibilidades de leituras que a obra representa. Construir um registro da experiência realizada em Tepoztlán seria como potencializar e difundir a cultura social daquele território.

3.5 Das flores as sementes: memórias que transcendem em forma de arte

Nessa parte do estudo, buscamos realizar um registro da experiência desenvolvida no México. Para construção deste item realizamos 13 entrevistas em uma pesquisa de campo realizada no México no período de 14 de julho de 2016 a 4 de agosto de 2016, sendo realizadas com os artistas e colaboradores (homens, mulheres, jovens e crianças) da construção do portal de sementes de Tepoztlán. Assim, organizamos o tópico nos seguintes subtópicos: Origem do portal. Portal de Sementes: Significado de uma identidade Comunitária. E perspectivas de continuidade do portal com sementes.

A descrição se dá pela compreensão narrativa e espontânea dos entrevistados, de acordo com as perguntas referente aos assuntos abordados. O referido estudo traz a compreensão de colaboração na descrição como forma de reconhecimento pela apropriação da técnica, sendo essa desenvolvida nos movimentos sociais do Brasil especificamente no MST. Dessa forma, compreendemos que o trabalho deve seguir rendendo frutos de formação e consciência social, em espaços que seja possível debater sobre a estética e a recuperação das sementes crioulas.

As entrevistas realizadas com: Arturo Demesa Ortiz; Rafael Carilho Campos; Alfredo Romero; Georgina Romero; Otilio Conde Ragil; Javier Carilho; Carmem Osorio Lopes; Diego Ortiz Melo; Cristian Hernandez de Mesa; Alfredo Martínez; Roberto Aiana; Maria Flores; Margarita M. Sedano Demesa; Mario Sebastian Ávila. As entrevistas possibilitaram uma melhor compreensão de como ocorreu o processo de criação e construção permanente do trabalho com as sementes.

a) Origem do portal

Iniciamos a investigação com o depoimento do desenhista do portal, esse faz parte do trabalho desde o início da construção. Arturo Demesa (arquiteto) sempre morou em Tepoztlán e quando mais jovem participava das atividades da igreja, numa dessas ocasiões foi convidado a fazer parte do trabalho por uma tia que já se colocava a disposição de fazer o portal com flores isso em 1991. Segundo relato, essa era e é uma oferenda de agradecimento pelas graças alcançadas em nome da padroeira da igreja. Pela cultura religiosa das famílias, sempre houve o interesse em ensinar seus filhos a se inserir nas atividades religiosas da comunidade.

Arturo descreve o início da história: “O portal começou na década de 1990, e nasceu entre um grupo de comerciantes aqui de Tepoztlán, era como uma chuva de ideias, vamos fazer isso ou aquilo, uma gente muito comprometida, sempre dando o melhor de si.” Assim:

Nesse tempo era um grupo de umas 15 pessoas que faziam a logística de tudo desse trabalho, e isso não era fácil de fazer, um trabalho grande e eram em poucas pessoas. Lembro-me que quando eu comecei a ajudar íamos até muito tarde, às vezes muito noite em umas dez pessoas, e diziam não vemos a hora que se termine o adorno. Isso era a satisfação, já tínhamos alcançado o objetivo. (ARTURO, 2016).

Como salienta Maria Demesa, atualmente com 70 anos, ela é uma das precursoras da ornamentação do portal:

Quando começamos o primeiro portal, fazíamos com flor, um ano com Flor natural e um com flores de plástico. Esse que fizemos com Flor de plástico não pudemos acabar, começamos em julho e foi até a primeira semana de setembro, era muito

sofrido, tínhamos que cortar as flores, e logo as tesouras machucava as mãos, os arames também. Ali andavam com minha comadre Tereza, e quando vimos que não se acabava em tempo, lhes dizia, ‘comadre o que vamos fazer já não nos ajudam as outras mulheres’ [...] Nesse tempo já existia um pouco do comércio, então fui à busca de que nos ajudassem, dividimos a quantidade de flores, para cada tenda, mas, a dificuldade de lidar com os arames, nos fez pensar em outros materiais. (MARIA FLORES, 2016).

O processo de transição da construção do portal, que iniciou com flores e mais tarde foi substituído por sementes, teve um aprofundamento enquanto técnica de trabalho, essa devido às condições que colocadas para facilitar a construção do portal.

O portal desde o início teve maior apoio e participação das mulheres da comunidade, só mais tarde a partir do segundo ano os artistas e comerciantes passaram a fazer frente do trabalho efetivamente. Como explica Alfredo Martínez, 73 anos, um dos criadores da ideia de trabalhar o portal com sementes, em entrevista na pesquisa de campo (2016) o mesmo ressalta que os portais de flores artificiais não ficavam bonitos. “Em 1991, o primeiro foi feito com flores naturais, e no ano seguinte com flores de plástico, então para mim isso era uma coisa horrenda, eu não gosto de plástico, eu gosto mais de criar, sou muito criativo, me dedico a artesanatos.”

Como explica Arturo (2016), havia a necessidade de buscar por algum material diferenciado. Então, a cada ano surgia uma preocupação em como fazer algo bonito para celebrar o dia da padroeira, que materiais usar. Logo que começamos com as sementes e foi visto que daria certo, outras necessidades foram aparecendo a cada ano.

Quando eu comecei a trabalhar nisso, conversando com os mais velhos, artistas, muitos criticavam que havia muito mais coisas para contar nesse portal, então fomos buscando mais temas e também sementes, mais cores. Eu admiro muito a comunidade Huichol, eles trabalham muito com Miçangas, eu sentia que podia dar luzes e sombras, possivelmente essas duas técnicas de miçangas e sementes tem semelhança. (ALFREDO MARTÍNEZ, 2016).

Nesse sentido, a explicação de Alfredo busca no trabalho artesanal das miçangas uma referência para a composição das cores, dos traços que ressaltam os desenhos. Rafael Carilho Campos (2016), coordenador de colagem das sementes, colorista e comerciante, participa desde o início, ainda quando era feito o primeiro portal de flores. Ele explica que para os comerciantes havia como que uma espécie de obrigação em retribuir a comunidade de alguma forma.

Iniciamos o portal em 1991, pensamos que como éramos comerciantes, ocupamos um lugar nas ruas, somos um pouco negativos perante a sociedade, por que nós adornamos das ruas, passeios e vias públicas. Então nasce a ideia de que nos como comerciantes deveríamos fazer algo positivo, como decorar o portal de entrada da igreja da virgem da Natividade. (RAFAEL CARILHO CAMPOS, 2016).

Dessa forma, surge o portal com flores e depois com sementes. A intenção de fazer o portal ornamentado se dava pelas comemorações religiosas que ocorria em cada bairro, então a igreja do centro não tinha uma comemoração específica. Descreve Javier Carilho:

Aqui em Tepoztlán temos oito igrejas, faziam as festas uma em cada bairro, a cada ano se fazia as festas nos bairros e essa do centro nunca se festejava. As pessoas que começaram em toda rua da frente que se chamavam, sufrágio efetivo, esse era o nome da rua, ainda não tinha as tendas do comercio, tudo estava livre. As pessoas que começaram a vender era como que de 8 a 15 barracas, eles começaram e dizer, não é possível que a igreja central não tenha uma festa, e no dia 7 e 8 de setembro começaram a comemorar a festa da virgem da natividade [...] E assim começou a se oferecer ramos de flores, que eram colocados em frente, mas essas murchavam e não chegava ao final das festividades, com essa observação logo foi mudando as ideias, foi feito então outro portal de flores de plástico, cada posto ou barraca era responsável por fazer uma quantidade de flores, se distribuía assim, a tarefa de fazer 20 flores azul, para outra barraca mais 20 ou 30 amarelas, separavam pelas cores e cada um contribuía [...]. Ao ver que nesse ano não conseguiram completar o portal com flores de plástico, tiveram que completar com flores naturais, e essa vez sendo o segundo ano de trabalho com flores, e esse não se completou. Esse portal era feito com uma base e palha de arroz, se fazia uma trama de arame e fios de plásticos, e logo se colocava as flores. (JAVIER CARILHO, 2016).

De acordo com Arturo (2016), diante da necessidade de decorar o portal:

[...] pois se pensou, vamos ver se pode ser feito com sementes. Obviamente aí se começou a fazer uma memória, como quantas cores têm, sim, por que não se sabia sobre, era algo incerto. Convivemos com nossa alimentação e compramos ou produzimos grãos, esses não são identificados pelas cores, se fala sobre o sabor, então foram vendo quantas sementes poderiam alcançar. Algumas sementes foram compradas aqui mesmo na localidade. (ARTURO, 2016).

Portanto:

As criações desse trabalho aqui têm uma disputa das ideias, vivia aqui uma senhora chamada Josefina Lopes R. Essa já é falecida, ela tinha origem do estado de Guerreiro, e segundo sua filha, não tinha muito registros sobre ela, pouco se sabe sobre sua família, essa era Analfabeta e não sabia certo o dia de seu nascimento. Nesse tempo ela e Maria Demesa minha tia, foram as duas mulheres que puxaram a frente de ornamentar o portal, ainda quando era com flores. E seria uma delas que teve a ideia. O outro é um artesão e entalhador de madeira, é um comerciante e tem um ateliê, chamado Alfredo Martínez [...] O bonito era de que as pessoas tinham o espírito de fazer algo, estes não tinham ideia que isso transcendesse e que iria se tornar isso, porém foram eles que colocaram a primeira pedra. Simplesmente em dar essa ideia e anos depois isso iria recuperar tamanha importância de representação. (ARTURO, 2016).

Como explica Arturo, confirma-se a história em depoimento de Maria Demesa, tia de Arturo (2016): “Então eu disse a Alfredo, vamos fazer com sementes, assim podia ser que não se machucava as mãos, eu havia conversado com Josefina.” E logo com Alfredo e esse disse: e seguramos em pé como? Colamos em papel! E logo colocamos no portal, “me disse ele, vai cair”.

Alfredo Martínez (2016) diz que: “Eu conversava muito com Maria e Josefina, tínhamos muita afinidade com elas, então uma delas dizia de que outros materiais poderiam fazer isso.” Passamos um tempo pesquisando e pensando sobre outros materiais.

Nessa busca por alternativas, percebe-se que as mulheres foram as pensadoras desse início do portal com sementes, porém precisavam ariscar de alguma forma mais precisa. Assim Alfredo, no ano seguinte se propôs levantar a ideia das sementes no portal, teria sido ele a apresentar a ideia para Rafael e a comunidade; na fala de Alfredo: “eu havia comentado com Rafael, falei de que eu tinha uma inquietude de fazer o portal com sementes, mas não tenho tido a oportunidade. E ele me disse com sementes! Sim, porém não alcançamos de ver com essa visão no mesmo dia.”

Como ressalta Maria Flores (2016): “Foi assim que tudo se iniciou, e dizia Alfredo, como vamos fazer com as sementes que precisamos”? Eu lhe dizia: “vamos comprar, arrecadar, vamos buscar. E com quanto fizemos?”. “Nesse tempo saia muito barato comprar as sementes. Porém agora custa muito caro. Naquele tempo não se usava muitas variedades de sementes como 15 a 20, por que também não se sabia a técnica.”

Como explica Arturo (2016), o primeiro trabalho com sementes foi muito simples, foi algo de ideia que se tirou dos códices, era mais desenhar de tamanho grande, quem ajudou no desenho foi seu tio, então se preenchia as figuras com as cores que tinha, quase como uma técnica escolar, foi como um primeiro passo. Ainda segundo Arturo:

Quando começamos a realizar esse trabalho com sementes, como disse, apesar de ser simples, uma arte efêmera, por que não tinha estrutura no que diz respeito à área de trabalho que se queria passar. Hoje estamos rodeados de uma riqueza cultural e muito nutridos, porém um pouco desleixados. Quando eu fiz o primeiro desenho pensei em fazer algo mais organizado, com um contexto, com uma explicação e significado, o manejo dos símbolos e nada mais que atribuir significados as nossas raízes, já viemos com isso muito antes da chegada dos espanhóis, nossa cultura é mais importante, então é obvio que a interpretação que temos se refere aos Deuses, com as formas e temáticas, por que são essas culturas muito... Muito religiosas! Tudo isso entra em contato do que gira ao redor da idade dos Deuses da natureza. O simbolismo se representa como a vida das culturas, e nos tratamos de fazer esse resgate. (ARTURO DEMESA, 2016).

Para pensar os primeiros passos da construção do portal, Alfredo (2016) descreve muitas dúvidas, com seu jeito místico dizia ele aos outros da comunidade:

[...] pedi para que me deixassem confrontar meus sonhos, meu inconsciente, e na amanhã seguinte coloquei uma resposta, naquela noite me pôs a pensar, necessito de um tema, pois não tenho um! Preciso ver o que vou ocupar, apenas via as cores negras, cafés, e brancos, 3 ou 4 cores nada mais. Não via mais nada sobre o tema, eu sou entalhador, e nessa noite eu começo a formar o quadro, então percebi que o tema poderia ser relacionado à cultura, aí surge a primeira ideia, no ano que fizemos o primeiro portal. (ALFREDO MARTÍNEZ, 2016).

Portanto:

A menos de um mês do dia 8 de setembro, veem e me dizem vamos fazer de sementes. Eu lhes disse como, em menos de um mês colar semente por semente, seria um trabalho desumano, eu me espantei, era uma responsabilidade enorme. Eu já tinha visualizado o trabalho semelhante, por que andava eu metido em ver um dos pintores que eu admiro muito é Diego Rivera, então os primeiros trabalhos que eu vi quando cheguei na cidade do México, foi a obra o ‘teto de insurgentes’, e isso me impressionou, fiquei chocado. Me impactou pelo jeito que foi feito, esse estava feito de mosaico veneziano [...]. No outro dia disse a Maria, me busquem gente que se comprometa que demos conta disso. Já atendo um projeto, já tenho tudo, e começamos a desenhar, minha intenção era de que me ajudasse a criar, então começo a buscar por pessoas que sabiam desenhar, lhes convidei e digo que ajudassem não interessava a proporção, e começo a dirigir com o interesse de criação, façam como vocês veem. Havia alguns que sabiam desenhar, em torno de umas 4 ou 5 pessoas. (ALFREDO MARTÍNEZ, 2016).

Alfredo descreve uma experiência que se iniciou muito simples, mas já havia uma percepção do resultado que esse trabalho poderia gerar. Buscar por outros exemplos confiante em suprir uma necessidade da comunidade fez do otimismo um passo que resultou num grande trabalho desenvolvido em conjunto com a comunidade. Arturo observa que em outros lugares nesse tempo de existência da arte com sementes, desenvolvem trabalhos parecidos, mas não com tanto simbolismo, explica que em 1993 a intenção seria apenas ter um material que durasse um pouco mais de tempo, por isso se fez o experimento com as sementes:

Quando fizemos o primeiro portal, acreditem esse momento não vou esquecer nunca, por que foi algo tão inovador, tão distinto e especial, digo que não sei como algo tão simples em tudo, sem tanto trabalho ou técnica pode causar tanta mudança, foi como um divisor de água para esse portal. E nos anos seguintes sempre se tratamos de melhorar até chegar os dias de hoje [...] no início havia a preocupação de melhorar, sim, mas na cabeça das pessoas eles não tinham ideia de colocar mais desenhos, posso dizer que seria melhorado, mas talvez não ficasse assim, por que se não tivesse uma intervenção do desenho e de outras representações, talvez seguisse com os elementos apenas de ornamentação. O que eu fiz foi jogar com as cores e formas, por que sementes iniciaram com menos de trinta variedades. Agora seguimos com aproximadamente 120 variedades, poderia ter muito mais, mas esse é um trabalho de preparação que não está dentro da agenda de nossas vidas, aqui existem muitas outras sementes. (ARTURO, 2016).

Com relação às sementes, há muito tempo tem se discutido de coletar na mata sementes nativas, por uma questão de aproveitar o material que está disponível e outras que poderiam estar sendo reproduzidas, esse é um passo que nem uma das duas experiências (México e Brasil) tem se dedicado, além da questão das sementes, a cultura de fazer o portal carrega em sua história uma mística e criatividade, um trabalho muito distinto da arte que se produz de forma individual em Tepoztlán. Funciona como um ponto de encontro comunitário, desde o início se criou esse princípio organizativo dentro da cultura da produção da arte com sementes. Quem fez parte da história desde o início relata como foi:

Esse trabalho às vezes ia até mais tarde da noite, muitas vezes até uma ou duas horas da madrugada. Eu tinha muitas fotos, eu fui uma das primeiras a buscar por esse portal, e Rafael que me dizia para ir. Estive no portal por 15 anos com sementes e mais os dois com flores [...]. Quando terminamos o primeiro portal, ui, me sentia muito bem, muito orgulhosa eu sou de ter isso, e o padre Pinal estava radiante. Nos fomos artistas. (MARIA FLORES, 2016).

Quando Maria descreve a construção do primeiro portal, percebe-se um orgulho e satisfação de ter estado naquele momento, mesmo com tantas dificuldades ela e outras mulheres encontraram apoio para seguir o trabalho. Esse espírito de construção coletiva deve ser despertado nos mais jovens, por meio da educação, da cultura por meio de oficinas que inclua os mais vividos, o público para esse trabalho e sem dentição de faixa etária. Maria relata que depois da morte de seu marido, o qual foi o primeiro desenhista do portal, e depois no segundo ano passou o ofício para Arturo, ela se retirou do trabalho, podemos compreender que o trabalho na comunidade poderia seguir mesmo com quem diz já ter passado o ofício, pois essas pessoas somam uma parcela da sociedade que precisam estar inseridos no contexto social junto dos mais jovens.

No debate de inserir as crianças e jovens, Tepoztlán tem sido protagonista de um amadurecimento ideológico mesmo quase imperceptível, percebemos isso na fala de Diego Ortiz Melo, 13 anos. Esse participa do portal porque admira essa arte, mesmo sentido um grau de dificuldade pela pouca idade que tem, ele traz um relato de muito significado:

Dá muito trabalho com as sementes, mas, eu gosto muito desse trabalho, como disse já tenho cinco anos vindo e nesse tempo eu aprendi muitas coisas nestes anos [...]. Na escola não temos feito nenhum trabalho com sementes, eu sim gostaria de saber mais sobre as sementes, já sei alguns nomes e cor, também variedades a que pertencem, gostaria de saber quais são comestíveis ou não. Como eu gosto desse trabalho, em todas as férias eu venho aqui, eu sei que não vou para outros lugares ou cursos, então venho aqui colar sementes, e assim venho um ano mais de minha vida. Eu também participo da festa, pois é uma festa da padroeira, venho com meus familiares, minhas tias e primos. (DIEGO, 2016).

Entre o depoimento de Diego e Rafael, mesmo com aproximadamente cinquenta anos de diferença de infância, os dois tem histórias parecidas, as férias é o período de ir trabalhar com as sementes. O que Diego ressalta é que a escola “não trabalha com as sementes”, neste sentido, pode compreender que o contexto de produção da vida no campo muitas vezes não está inserido no contexto da escola, nesse caso seria necessário um aprofundamento sobre as formas desse ensino nas escolas de Tepoztlán. Durante a pesquisa, observou-se que o contexto mitológico do portal e tema das escolas, a simbologia surge e é debatida dentro da cultura e conhecimento escolar. O relato de Diego (2016) aponta que essa atividade específica é trabalhada na comunidade, dessa forma não importa em qual local a escola está localizada no

campo ou nos centros urbanos, essa faz parte de uma país agrícola está diretamente relacionada com a educação dos valores que são inseridos pelo contexto do campo.

Em outro depoimento coletado, Margarita Maria Sedano de Mesa (2016), comerciante e colaboradora do portal desde o início, relata que:

[...] é importante ter essa arte na comunidade, isso é bom por que a cada ano que troca o tema do portal chama mais a atenção, inclusive quando estão fazendo vem pessoas de fora, turistas, pessoas que querem saber como faz, eu gosto do portal por que é uma oferenda muito bonita e fazemos por que acreditamos na virgem Maria. Aqui temos essa cultura. (MARGARITA MARIA SEDANO DE MESA, 2016).

b) Portal de Sementes: significado da uma identidade comunitária

O portal representa e valorizar as raízes culturais da comunidade, esse sempre foi o ponto principal do trabalho com sementes. Sobre as temáticas abordadas no primeiro portal, segundo o depoimento de Alfredo, o portal traz uma forma de comunicação, ele relata que a cada ano foi se criando desenhos e projetos cada vez mais elaborados e com uma organização que facilita a compreensão das pessoas. Alfredo Martínez (2016) sugeriu que fosse colocado como representação o encontro de duas culturas, essa temática segue até os dias atuais mesmo que outros elementos sejam incluídos no contexto representativo:

Cultura pré-hispânica e cultura espanhola. Por que se fala muito da ‘conquista’, porem para mim não nos conquistaram nos já estávamos aqui, então eu começo a selecionar as ideias, como víamos o sol eles e como vemos nós, como viam a lua eles e como víamos nos, como viam eles a virgem da natividade, e nos temos uma virgem muito produtiva, Mayahuel, e assim fui completando o encontro dos dois mundos. (ALFREDO MARTÍNEZ, 2016).

Neste sentido, além de uma arte muito religiosa, a representação da Deusa Mayahuel traz um significado muito especial dentro da cultura indígena, pois é considerada a Deusa pré-asteca regente da terra e do céu noturno associado à lua, à fertilidade, aos sonhos e ao estado de transe. Segundo as lendas, Mayahuel foi uma jovem bela Deusa que abandonou sua casa para unir-se com o grande Deus Quetzalcóatl. Mayahuel após sua morte se transformou em um cacto (agave). Essa é sempre bem representada no portal, uma figura feminina que traz um sentido simbólico do renascimento da vida.

Outros elementos também são apontados no portal, de acordo com Alfredo, aqui já existiam os moradores antes do processo de colonização, assim, se faz pertinente ressaltar isso no portal as questões do enfrentamento de duas culturas. Vale lembrar que a inquietude de Alfredo quando relatou em seu depoimento que gostaria de fazer o portal com sementes, mas não haviam tido a oportunidade, isso demonstra certa insegurança de uma cultura que foi colonizada, que se desenvolve muitas vezes em paralelo mesmo dentro do seu próprio território.

Explica ainda que em cada um dos portais se divide em partes, a parte de cima, onde fica localizada a imagem da virgem da natividade é uma oferenda dos comerciantes, e as duas partes dos lados está a representação das duas culturas, nessa se faz uma junção de símbolos. Enfatiza também que o portal tem uma função de comunicação, para ele:

[...] vejo que nesse lugar que posso me comunicar, começo a tratar de planejar melhor o segundo portal, como expressar-se com as figuras antigas dos códices, e assim comecei a pegar figuras um mês antes no próximo ano, e pensar tudo o que poderia colocar, o que mais me atraía eram as escrituras antigas, por que os ensinamentos de como viam os verdadeiros mexicanos, por que na história do México é diferente, o que dizem de uma virgem e outra virgem, nossa lua e a deles, coelhos, por que temos ali uma oportunidade de dialogar sobre a história dos Tepoztecos. (ALFREDO, 2016).

A análise descrita traz presente um resgate de uma cultura que pôs em questionamento a cultura espanhola. Como processo de resistência ocorre um direcionamento de representação em cada ação, essas muitas vezes com vínculos religiosos, como apontamos no exemplo; as igrejas de Tepoztlán possuem um nome relacionado a um santo católico, esses colocados após a colonização, mas também é representada por um animal protetor vindo da devoção e da cultura indígena, o qual chama de mascote.

Para aprimorar a comunicação dos elementos colocados no portal desde o início a metodologia seria passar por uma avaliação comunitária, a partir das opiniões eles sabiam como conduzir o trabalho nos anos seguinte. Dizia Alfredo (2016) que necessitava de diversas opiniões, dessa forma recorria aos espectadores, desde crianças até os mais velhos: “E quando subimos o portal, perguntei a uma criança, a um jovem e a um ancião, o que está vendo? A criança me disse essa é a história de Tepozteco, assim, tem memória aí, o jovem me disse e mesmo, o ancião me disse isso e muito mais. Então nesse momento pensei, quantas coisas posso dizer aqui; quantas.” No contexto sobre os símbolos colocados no portal, cada um percebe determinada arte de forma diferente, neste sentido, diante de uma obra figurativa, existe maior possibilidade de passar a mensagem, a linguagem usada no portal reflete um contexto conhecido dentro da história de Tepoztlán.

No caso da consulta feita por Alfredo, essa é uma forma que os artistas se utilizam das técnicas muralistas expõe seu trabalho, mesmo que esse seja construído de forma coletiva, mas corresponde a uma identidade comunitária com alguém indica e faz a mediação do processo, nesse intuito tem a possibilidade de perceber o trabalho com relação ao público. Alfredo diz que:

Eu fazia minhas autocríticas, eu dizia por que o Tepozteco vai estar inclinado a baixo, porém eu tinha um pouco de temor, pela religião, tirar um pouco da autoridade da Virgem, e dar-se ao Tepozteco, aí sim eu me perguntava o que vão pensar as pessoas daqui [...] Então eu dizia a Arturo, quando ele desenhava, para mim eu gostaria que o Tepozteco estivesse no centro, bem em cima, com uma expressão de liberdade, que nos incitara a nos rebelar contra o mau governo, e tudo o que temos de mal. [...] Por isso a figura de destaque é o Tepozteco no portal de 1995, e não mais a Virgem da

Natividade pelo menos em tamanho de figura. Eu sempre acreditei que a legenda de Tepozteco quem fez foi uma pessoa muito inteligente, que quis dizer que os indígenas foram atraídos pela religião católica, isso fica dúvida, por que na história dizem que os indígenas não entravam na capela dentro da igreja, sempre estavam na capela aberta lá fora. (ALFREDO MARTÍNEZ, 2016).

O contexto religioso fez de Tepoztlán um lugar que se divide entre as duas culturas como já foi citado, resta saber até que ponto a cultura indígena foi seduzida nesse processo, como relatou Alfredo Martínez (2016): “[...] existe outra igreja mais antiga do que a igreja matriz, a mais antiga situada na subida do Cerro Tepozteco, essa teria sido derrubada pelos indígenas, isso mostra que a colonização mesmo tendo caminhos abertos em nome da religiosidade, não foi um processo pacífico, como consta nas histórias oficiais, o padre da paróquia teria contado duas histórias, uma em espanhol e outra na língua náhuatl.” Histórias que muitas vezes fica sob escura para os mais jovens, dessa forma soma mais um ponto positivo na construção do portal, esse vem cumprindo a função social de trazer presente a memória histórica da cultura indígena.

Com relação à experiência vivida pessoalmente por Rafael, em sua tarefa de coordenador das sementes, esse descreve sua prática de trabalho relacionada ao contexto vivido em Tepoztlán. Afirma Rafael que a inspiração:

Nasce assim, como que por intuição e certa inspiração, um de nossos objetivos em primeiro lugar era conservar nossas raízes e cultura, por que através de um desenho podemos expressar o que temos aqui como história, como tradição de Tepoztlán por assim queremos (plasmar), na mente de cada um, isso sobre tudo pela legenda de Tepozteco. (RAFAEL CARILHO CAMPOS, 2016).

Portanto:

Dessa forma não queremos que se perda nossas lendas, também para futuras gerações que vão chegar aos que visitam, e também para os nativos aqui de Tepoztlán. Outro objetivo era uma oferenda a Virgem da Natividade, em cada 8 de setembro celebramos o nascimento de Maria, a mãe de Deus, aqui a paróquia esta dedicada a ela [...] Nossa ideia era de que isso transcendesse fora de México, e creio que conseguimos, pois em outros países conhecem o portal desde a Austrália tem conhecimento dos tempos que estamos fazendo o portal, desde julho até primeira semana de setembro, e isso é satisfatório creio que cumprimos com nosso objetivo. (RAFAEL CARILHO CAMPOS, 2016).

Uma arte que surgiu para transcender no campo ou em qualquer lugar que seja possível discutir o valor das sementes, nas frases ditas se vê apontamentos que buscam um reconhecimento diante das várias formas de arte e cultura que se desenvolve nos dias atuais, uma reivindicação do olhar para a cultura indígena, para o portal que é feito de forma coletiva para manter uma esperança por meio da religião, da cultura, da vivência de Tepoztlán.

Como descreve Arturo (2016), no momento atual estamos nutridos de ideias para colocar no portal, esse faz referência a outras artes que seriam a base que mais tarde se desenvolveu como continuidade de processos de trabalho com artesanato, esse sentido artístico veio a se manifestar no portal, ou seja, a criatividade a partir de uma primeira ideia vai abrindo caminhos para que outras formas venham a se fortalecer a partir que já existe:

Hoje em dia temos melhorado muito nosso trabalho, tanto em material, como em técnica. No início era como um trabalho de preencher espaços, se fazia um contorno e preenchia com o que tinha. Podemos dizer que isso também tem um pouco da influência e tradição dos artesanatos com miçangas (Xaquiras), aqui se manejava esse material há muito tempo atrás, como temos a cultura do carnaval, esse também com data igual do Brasil, obviamente em muitos tempos e andanças, foi retomado um pouco dessa tradição que já tem dois séculos por aqui, faziam isso na Zona norte de Morelos. Dessa forma os trajes de chinelos (roupas do desfile de carnaval), se faz ao final dos anos 60, muita gente se dedicava a esse tipo de bordado e colagem de miçangas. A partir disso eu creio que se teve a percepção de sementes e miçangas, pois são algo pequeno e tem muitas cores, é um material que tem durabilidade, por isso chega aos tempos de hoje. Em parte, vejo que uma raiz vem daí. Os trabalhos do portal atualmente estão muito elaborados. (ARTURO, 2016).

Para Arturo, as condições materiais para a construção do portal estão melhores, seria um trabalho que poderia ter muitos anos de continuidade, pois esse é originário e autêntico:

[...] o portal nos caracteriza muito, pois essa é uma arte que ficou conhecida em muitos países, nossa ideia era de que não se perdesse, por que estamos sendo invadidos com a ciência e tecnologia moderna. Assim tudo isso se maneja através de um computador, e tudo o que é manual e o que é cultura está se perdendo. Como por exemplo, a língua náhuatl, que aqui se falava muito e agora se perdeu.

Com relação às sementes, Rafael descreve como tem visto os rumos desse trabalho:

Agora tenho me dado a tarefa de investigar mais sobre as sementes, e temos colhido mais de 120 tipos de sementes, algumas são exóticas e são colhidas no campo e vão apenas para ornamentação, colares, tapetes, quadros, enfim para artesanato. As que não são comestíveis têm como 15 variedades. As cores são variadas amarelo, rosa, laranja, morado, branco, algumas mais grossas outras mais finas, também os milhos guaxos, verdes, colorados e tem os feijões [...]. As pessoas começaram a perceber que as sementes não são só para comer, também podem plasmar coisas de artesanato, e que isso traga uma outra maneira de viver e manter-se, que as sementes são delas. Isso é bonito por que agora eles esperam a data de elaboração do portal, muitos cultivam os milhos de cores diversas, cores especiais que não se usa só para comer, mas sim para vender para ornamentação, isso ajuda despertar para alternativas. Também tratamos de cooperar e ter contato com vários camponeses aqui de Tepoztlán. (RAFAEL, 2016).

O depoimento de Rafael mostra que as sementes trazem uma história, um significado em cada uma delas, quando qualificamos cada variedade dentro de uma cadeia produtiva e consumidora, isso pode ser além da alimentação. De acordo com esse pensamento, Arturo se refere à recuperação das sementes:

Sobre a recuperação das sementes crioulas, estamos em um país que grande parte da nossa alimentação está focada nos grãos, não tanto os cereais, mas, esses também se

comercializam. Obviamente que teremos muitas sementes próprias da região. Então se olhamos para nossos tempos passados em nossas culturas se usava sementes para adorar os Deuses, alguns deuses eram cobertos de amarantho, eram certos rituais que para os mais jovens não podiam compreender, ou que poderia ver como algo bárbaro, porém eram outros tempos, outros pensamentos muito diferentes. As sementes sempre estiveram aí, ou seja, pela alimentação, pelo básico da existência. Por exemplo, o feijão e o milho são os grãos básicos da população. (ARTURO, 2016).

As sementes trabalhadas como elemento sagrado em tempos passados mostram que sua valorização era também uma forma de oferenda e agradecimento em épocas de colheita, isso é explicado pelo conhecimento da cosmovisão, pela cultura ancestral, uma forma de estar em consonância com a natureza.

Alfredo Martínez (2016) em seu depoimento se refere sobre alguns questionamentos que lhes foram feitos, sobre usar sementes para arte, pois ao invés disso esses deveriam pensar nas pessoas que passam fome no mundo, assim ele se posiciona afirmando:

Nessa arte pode dizer que não estamos estragando as sementes, pois é uma oferenda, em muitos países na economia dos grandes investidores, preferem jogar toda uma produção no mar, ou deixar se estragar, com intenção de manter os preços, e não dar aos que precisam. Digo tudo é questionável. (ALFREDO MARTÍNEZ, 2016).

Portanto, compreender as sementes como parte da existência humana lhes dá o direito sobre a própria produção, pois é um patrimônio dos povos, em que é viável que pensamos de onde surgem determinados questionamentos, como citado no primeiro capítulo, as grandes empresas controlam e monopolizam as sementes em nome do lucro, a essas não cabe pensar a fome existente no mundo.

No sentido de relacionar o portal de sementes com o campo, Carmem Ozorio, colaboradora do portal há 15 anos, relata que as sementes chegam até o portal por diversas formas, algumas são plantadas e vendidas nos mercados públicos, outras são colhidas:

A relação com as sementes, pois sim tem, mas nós não vamos ao campo, por que agora as sementes já estão nos mercados do México. Os agricultores trazem uma parte, e tem muitas sementes que não são comestíveis, algumas nativas, então quando passam nas rotas por aí e veem as sementes que são bonitas, mesmo sem saber como se chama, as juntam e trazem [...]. Uma parte das sementes é comestível, por que é mais de milho, feijão, trigo, enfim são poucas as variedades que usamos que não são comem. Por exemplo, o calorim, sete negritos, semente de bule, lágrimas de cristo, olho de água, olho de veado, abas de Santo Inácio, são essas as que lembro. (CARMEM, 2016).

As sementes trazem consigo uma função de servir como base da existência tanto dos humanos quanto dos animais entre outros aspectos relacionados, cada cultura faz uso das sementes com um determinado objetivo, no caso da construção do portal, podemos perceber que há um debate em torno da melhor forma de usar e preservar as sementes.

Tem sementes que são raras, e temos que buscar por nossas ideias que temos na cabeça, seria de conseguir sementes de outros países, de diferentes tipos, em outros tempos quando as pessoas visitavam o Tepozteco, traziam diversas sementes como oferta, e queremos que isso aconteça em diferentes partes do mundo. (RAFAEL CARILHO, 2016).

Rafael acrescenta ainda que em outros tempos as sementes eram de propriedade dos camponeses, essas tinham livre arbítrio entre regiões e países. Como sabemos atualmente, as sementes estão proibidas, não podem circular nas mãos dos camponeses, mas podem servir como exploração do capital, pois contaminam países inteiro com plantios transgênicos, como nos casos do México e são os mesmos que dizem que as leis devem garantir que as sementes possam circular a partir de uma certificação. Sabemos também que isso tem um objetivo diferente dos que vivem e trabalham no campo tirando o sustento a partir da autonomia de possuírem suas sementes.

Nesse sentido, Georgina Romero (2016), professora aposentada e orientadora da técnica com sementes, colaboradora do portal há nove anos, ressalta a importância de as sementes estarem ligadas diretamente ao cotidiano das pessoas especialmente das crianças e jovens, em que diz que as sementes são uma referência do território para aprimorar o conhecimento sobre a cultura local:

Cada região tem diferentes sementes, então a partir dessa seleção de sementes vai colocar tua região, em que região tem, em região pode ser colhida, captar essas sementes. O adolescente poderá ser, ou seja, a partir daí reconhecer sua terra, sua região, sua selva, o lugar que as sementes se produzem perto de si, e que sementes tem em seu país [...]. Isso seria importante porque afinal vão começar a conhecer as cores que produz sua terra, os tamanhos de sementes, as formas, a diversidade, as cores, aquelas que podem ser coladas, aquelas que são mais duras e semiduras. Tudo isso, nós aqui, eu pessoalmente tenho 120 cores de mazorca (espigas). E mais, a população em geral, conhecem as cores não mais que quatro cores: branca, amarela e tem as que são de milho posoleiro (milho de sopa), branco, azulado e vermelho; e na prática as pessoas não conhecem mais que cinco cores e a maioria não conhecem mais que as sementes que são comestíveis. Quais são os tipos de feijões? Quantas variedades de feijão tem? Quantos tamanhos de feijão têm? Quantos tamanhos e cores de milho têm? Tem que buscar por regiões cada uma delas, isso seria bom para os alunos e adolescentes, como uma forma de conhecer e valorizar o que a terra produz. (GEORGINA ROMERO, 2016).

Mapear é levar as sementes como conteúdo para o contexto da escola, também para outros espaços, como a oficina de Tepoztlán que é aberta ao público, neste sentido, o indicativo é de valorização do cultivo do campo, assim as crianças estariam inseridas numa compreensão das relações entre as sementes, a terra e o ser humano.

Segundo documentário realizado em 2004, dirigido por Pancho Lane, esse mostra como são trabalhados os processos de educação com relação ao portal de sementes, a simbologia é o elemento mais forte, cada figura desenhada no portal reforça o conhecimento

histórico, desde as crianças até os mais vividos conseguem se reconhecer e identificar as representações do portal.

As sementes não estão diretamente sendo trabalhadas nas escolas em Tepoztlán por que já se criou a cultura de colaborar na oficina do portal, no local de costume que se reúnem todos os anos, em que há uma integração com o saber da comunidade, porque lá estão pessoas que trazem sua experiência de vida, desde plantar e colher sementes, até compreender melhor a simbologia que transcende no portal. Vale lembrar que muitos dos saberes da comunidade não estão inseridos no currículo escolar, e a oficina de construção do portal amplia essa relação, os encontros na comunidade vão além de trabalho, torna-se uma atividade prazerosa. Como descreve Inocencio V. Rodríguez Flores:

En el grande enlonado del atrio se escucha una alegría de hombres y mujeres de todas las edades, Tepoztecos y no Tepoztecos, parecen estar en un recreo reflexivo, donde las manos del artista profesional y el popular se conjugan en un trabajo creativo, todos aportan lo más que pueden de sí. Los hay quienes ya son expertos por sus habilidades practicadas a lo largo de varios años [...] semillas comestibles y exóticas son pegadas cuidadosamente una por una por manos que acarician costumbres prehispánicas como trabajo voluntario en colectivo (coatéquitl) y por creencias en el cristianismo, e en algo que puede ser la misma existencia, que sólo una vez pasa por nosotros. (CARTILHA, 2011).

Nesse local também se faz uma convivência de alimentação, é compartilhado tudo o que a comunidade traz para os que estão trabalhando. Como afirma Flores (2011): “[...] allí comparten el atole, los tamales, el café, y otros alimentos, ‘lo que sea de su voluntad’ donados espontaneamente. También intercambian sonrisas, chistes y anécdotas que calientan el ánimo, entre tanta lluvia de Agosto y los primeros días de Septiembre.”

Alfredo Romero (2016), professor aposentado e colaborador do portal há nove anos, faz um trabalho de registro das variedades das sementes, bem como desenhou o método de corte e posicionamento das variedades na colagem sobre a madeira.

Alfredo traz apontamentos de que poderiam viabilizar formas de produção e valorização das sementes; nessa fala percebemos que, diante da desvalorização do trabalho do campo, seria uma forma de produzir as sementes dentro de uma logística mais adequada, isso se tornaria uma fonte de renda melhorada, salienta que ainda não se pode considerar a arte das sementes uma cultura que permite um processo de apropriação e cooperação entre os camponeses:

Non existe a cultura do trabalhar com a arte e as sementes, pois as pessoas que plantam, por exemplo, o milho e para vender não diz vou selecionar por cores, semear por cores e vender por cores. As cores que saem se vendem, não condicionam sua semeadura ou seleção a determinados tipos de sementes [...]. Tem aí uma grande perda da cultura camponesa, como vai saindo do plantio vai

vendendo, as maiores, mais bonitas, um processo que se perdeu totalmente a cultura de semear e guardar por variedades. (ALFREDO ROMERO, 2016).

De acordo com Alfredo, a produção camponesa geralmente se destina ao consumo familiar, e vende-se o excedente na maioria dos casos, porém, olhando para a construção do portal e baseado nos depoimentos, já se vislumbra a arte das sementes como fonte de renda, pois há um potencial a ser trabalhado para a valorização da produção do campo.

As sementes são uma grandeza, também conhecer os tipos de sementes que quais são comestíveis ou não, por que nem todas as sementes podemos comer, algumas novas que vão aparecendo vamos descobrindo se pode comer e outras ainda estão por descobrir e temos que saber, aqui tem muitas sementes comestíveis, mas a principal é a do milho. (JAVIER CARILHO, 2016).

Javier explica que as descobertas são vistas a cada ano na construção do portal, mas ainda se encontra em experiência obter algumas cores mais específicas, como ressalta ele, por exemplo: “[...] uma cor que ainda não temos conseguido identificar é a cor de milho azul igual do céu, creio que ainda não tem essa cor ao natural, aqui precisamos de muitas cores, pois todos os portais são de cores naturais.”

Sobre as cores que são usadas no portal, Cristian Fernandes Demesa (2016), colaborador do portal, desde os sete anos de idade, desenvolve a tarefa de coordenador de traçados, colagens e marcenaria, faz a orientação e distribuição da mão de obra.

Outra forma de seguimento da cultura de produzir as sementes, essas vêm do campo, os milhos, os feijões e os colorim. Os colorim se faziam os postes para cercar as milpas, estes são enterrados e essa mesma árvore se enraíza muito rápido, por isso se tornavam árvores outra vez, por isso nas Milpas se vê as árvores em fileiras, antes postes e agora árvores, e nos dá o colorim que é muito bonito [...]. O feijão e o milho, também é algo que nos caracteriza vindo das milpas, por que agora mês de agosto estamos em temporada de colheita disso, isso é o que relaciona o campo com a portal de sementes, seriam essas duas coisas, o coletivo e as pessoas e o que a terra nos oferece a nós como cultivo, assim podemos fazer o portal. (CRISTIAN, 2016).

De acordo com a colocação, percebe-se outro detalhe, a construção do portal ocorre no período de colheita de muitas culturas da região. Quando os moradores de Tepoztlán afirmam que o portal é uma oferenda, estão afirmando a celebração e o agradecimento pela nova colheita de cada ano, esse ato traz em sua essência a ancestralidade indígena daquela região. Outro ponto importante é que o portal é feito um a cada ano, em que segue a lógica de utilizar e observar quais sementes novas surgem a cada ano, uma espécie de mapeamento e registro das culturas que vão surgindo.

Cristian (2016) destaca sobre a união que existia entre os camponeses em relação ao plantio e a vivência nas Milpas, e relaciona com a construção do portal, destacando que na

língua indígena a palavra “coletivo” trazia muito significado, pois essa era a forma de organização do trabalho no campo:

O que eu vejo aqui tem uma relação com a língua que se chamava em Nahuatl, quer dizer coletivo. Coletivo eram as pessoas de antes na maioria pessoas adultas e em cada área havia uma igreja, a qual se tornou os bairros, cada qual tinha sua própria milpa, seu campo de cultivo, as pessoas se reuniam para semear suas sementes, quando se reuniam em cada bairro eram chamados de coletivo, as pessoas se uniam para tirar o milho que ia para as festividades, para fazer as tortilhas, os Tamales, também para vender o milho, para pagar a banda de música, a banda de vento, a pirotecnia, os foguetes. Isso era um trabalho coletivo e que nós seguimos fazendo isso aqui, nos unimos para fazer o trabalho do portal em coletivo. (CRISTIAN, 2016).

As milpas, no contexto de Tepoztlán, seguem existindo, em menor quantidade e forma de trabalho coletivo, segundo estudos, uma tradição que se organizou de forma diferente desde a revolução mexicana, naquele período houve uma reivindicação de retomada da terra para os camponeses, pois boa parte do território mexicano já havia sido expropriado pelos Estados Unidos. O que se tem atualmente são lotes de terra que seguem produzindo basicamente para o consumo interno de cada região, apesar disso, boa parte da terra segue como propriedade comunal.

Destaca Rafael (2016): “A parte espiritual que se desperta, por que tem uma comunicação com esse trabalho, lamentavelmente às vezes com palavras não podem expressar, pois nesse trabalho mostram suas habilidades, essa coisa de querer fazer algo, então demonstram através da colagem de sementes.”

O trabalho do portal, segundo as falas, está inserido num contexto social, mas vai além disso, traz um caráter de manifestação espiritual, para Tepoztlán já foi dito, é um lugar de muita energia, as pessoas vivem a partir desse agradecimento a natureza em relação as suas crenças, uma preparação para a vivência construída diariamente.

Tepoztlán desfruta de uma diversidade de culturas que muitas vezes se confunde com a cultura originária. Em diversos momentos, o lado espiritual de quem vive em Tepoztlán se mostra como um desconhecido, mas se vê essas manifestações pelas formas de compartilhar o que se produz como cultura local, essa é a mística que as pessoas que vem de fora tentam entender. Um exemplo disso está no relato de Rafael, num momento de construção do portal:

Às vezes me passa umas coisas, quando já estou em minha casa descansando, ou de noite, de repente me acordo, sinto isso, quando fizemos um guerreiro ou alguma figura histórica, é como se tivesse vida. Quando fizemos a figura do Tepozteco e ele estava como que bravo em sua expressão/manifestação, pelo motivo da implantação dos campos de golfe, pois isso seria muito prejudicial para o povo por conta das estradas que seriam abertas e demais as visitas, nisso, fiz a figura e dei vida, imaginava como se estivesse escutando sua voz, isso tem me ajudado para que se plasme mais, e essa é a sensação espiritual muitas vezes temos que buscar por isso,

assim as imagens falam nessa obra do portal, aqui procuramos mostrar o mais bonito e significativo possível. (RAFAEL, 2016).

Os problemas sociais de Tepoztlán não são diferentes de outros lugares, o portal a que Rafael se refere foi construído em 1995, sendo esse o de maior importância pela temática que fez uma que fez revolução local, a expressão do Deus Tepozteco com seu bastão levantado com expressão de grito, essa cena trabalhada no portal fez com que os moradores se mobilizassem para enfrentar as grandes empresas que tomariam uma parte do território de Tepoztlán para a construção luxuosa dos campos de golfe. Como ressalta uma senhora idosa que vive em Tepoztlán, em seu depoimento em um documentário produzido em 2004: “Os governantes que vieram a Tepoztlán para negociar as terras para o campo de golfe, quando viram o povo reunido, não esperaram, foram se retirando antes de nós chegar, assim tivemos a vitória de nossos direitos.” Podemos perceber que houve uma preparação antecipada a essa negociação, pois as lutas revolucionárias seguem na memória da população.

Como em outros territórios abandonados pelos governos, o grande problema se dá pela falta de políticas públicas que incluam e respeite as necessidades da população, pela falta de incentivo governamental, a população se organiza da forma que consegue alcançar a sobrevivência em sua comunidade, por esse fator muitas vezes se prioriza o que serve para os turistas e não para a população local. Para os que se dedicam nesse trabalho do portal das sementes, sentem-se cumprindo um papel social como diz o colorista das sementes:

Eu me sinto muito bem com essa arte, e tenho tomado para mim como meu compromisso. Depois de me analisar como pessoa o que eu gostaria, pois tenho descoberto que eu gosto de ajudar as pessoas, gosto de fazer o bem social [...]. Assim já tenho o portal de sementes como meu compromisso de todo ano, adotei essa responsabilidade, e não que me sinta um artista, pois nos seres humanos somos especiais, e todos temos algo para ajudar a humanidade. Simplesmente que nossos defeitos, nossa forma de ser, às vezes somos tímidos, ou como que temos medo do que os outros vão dizer, muitas coisas nos detêm, mas, no momento que vamos nos abrindo e nos descobrindo, podemos fazer muitas coisas, e nessa parte das sementes, em meu caso assim se fazem as coisas, pois só os atrevidos e que ariscam a ser criticados, conquistam as coisas. (RAFAEL, 2016).

A força de vontade muitas vezes é o diferencial que mantém o trabalho do portal, como disse Rafael, só quem se arisca faz a luta acontecer. No trabalho com as sementes, a cada ano mais pessoas vão assumindo esse compromisso, o processo de continuidade é ameaçado pelo fato de não haver incentivo financeiro, em grande parte esse compromisso sobrecarrega quase o tempo todo os coordenadores da construção do portal. Essa é uma das questões que precisa ser repensada por toda comunidade.

Além da construção do portal, a mística de apresentação também requer uma preparação, são dois dias de festas incorporados por toda comunidade, que apesar de ser recolhido donativos para essa preparação, isso também demanda de custos financeiros. A celebração pelo dever cumprido é motivo de muita alegria na comunidade, como ressalta Carmem Ozório (2016). Nessa festa, primeiro se faz para quem ajudou fazer o portal com mão de obra, no dia 7, depois se reúne a comunidade toda:

Para a festa, somos convidados quando se coloca o portal, fizemos um convívio, realmente seria para os que vieram trabalhar, que viemos a apoiar no portal, mas sempre nesse dia vai se achegando todo mundo, muitos dos artesãos se organizam e trazem posolles (sopas), tamales (pamonhas), atolles... A comida toda é coletiva, repartem para todos, segundo eles é como agradecimento que nos fazem quando já terminamos, e nos convidam para que participemos da festa. Já no outro dia, e aí já está a banda, e os músicos também já vem e dizem vamos ficar por aqui [...] Para mim eu gosto do portal, aqui é tudo tranquilo, por que é uma forma de passar o tempo e me sinto relaxada, aqui ninguém te apura com o tempo, pois se caso não ficar bem feita a colagem e obvio que vão te dizer, 'não ficou bom, descola, e volta a fazer', porém a mim nunca me disseram. É um trabalho minucioso se usa sementes muito pequenas, eu sempre espero que me Dom Rafael se está bem feito o trabalho, pois sei que é, e as vezes fizemos trabalhos muito fino.

No sentido de apoiar com mão de obra, percebe-se a presença de muitos jovens e mulheres, crianças também são ensinadas desde cedo. Segundo relatos, muitos namoros e casamentos já surgiram a partir da construção do portal. As festividades próximas da inauguração do portal são celebradas em conjunto com as festividades da semana do município, além disso, celebram essa data com procissão, iluminação o dia da celebração da virgem da natividade, no alto da montanha do cerro do Tepozteco colocam-se luzes, e são usados nessa comemoração muitos fogos de artifício, há toda uma preparação para essa ocasião especial de cada ano.

Tepoztlán conta com muitas festas distribuídas pelas datas do calendário católico, essas são em torno de cem festas religiosas a cada ano, por costume religioso em cada bairro se faz duas festas da igreja local. Os fiéis que participam dessa igreja também oferecem duas festas por ano em suas casas, essas para celebrar a vida e a devoção ao santo padroeiro(a) do bairro se faz a festa para receber familiares, os amigos mais próximos e os compadres padrinhos e madrinhas dos filhos, assim as festas ocorrem tanto comunitária como particular.

De acordo com depoimentos, o portal e as festividades desse período trazem diversão aos jovens, e toda comunidade:

Eu estou aqui por que a parte que eu gosto e que é uma oferenda, por que sou muito católico, e sou crente em minhas tradições mexicanas, ao culto de Jesus e Maria, também acredito muito em Santa Maria da Natividade. Desde pequeno eu fui ensinado assim, hoje em dia penso que vou estar aqui até que eu tenha forças, seguirei aqui trabalhando nessa oferenda que fazemos todos os anos [...] Oxalá, que passem a fazer isso em outras partes do mundo, por isso é o que a terra nos brinda,

por que é o todo para vivermos, as sementes é o que podemos ter da terra e nossa sobrevivência, assim que valorizemos isso e todas as tradições não só do México, mas de todas as partes do mundo. (CRISTIAN, 2016).

As pessoas vêm para conhecer Tepoztlán na época de construção do portal se inserem na construção e na comunidade, dessa forma há uma divulgação e aprendizado da técnica. Teve épocas que o local ficava com muitos ajudantes, mas com o tempo esse contexto de disponibilidade das pessoas também mudou. No período atual, quem se dedica ao trabalho são as pessoas mais comprometidas. Como explica Arturo (2016):

Aqui o maior número de pessoas que temos conseguido para trabalhar em uma tarde, por exemplo, foi 60 pessoas, isso em época dourada, agora realmente tem menos, porém isso não tem nos limitado, tem faltado um pouco mais de publicidade e que se possa difundir que qualquer pessoa pode vir contribuir com o trabalho [...]. Não que as pessoas não queiram vir, pelo contrário elas querem vir, o que acontece é que às vezes, depois de tantos anos, as pessoas pensam que pode ter se fechado em um círculo social, e isso não pode ser assim. Então tem um tempo que precisa dizer, ok, esse trabalho é da comunidade, creio que isso ajudaria que voltasse uma quantidade de gente. (ARTURO, 2016).

A divulgação e o convite para realizar o trabalho do portal entre a comunidade não têm sido tarefa de alguém específico, isso funciona num período parecido todos os anos, e dessa forma o convite é feito verbalmente segundo depoimentos. De acordo com Cristian (2016), nos meios de comunicação (internet) há uma divulgação de portais que foram feitos com sementes em outros lugares, mas Tepoztlán ainda não tem tido esse encaminhamento, mesmo sabendo de todos os recursos digitais que estão disponíveis. Segundo as falas dos entrevistados, é necessário um despertar para esse trabalho de mídia, no caso seria uma tarefa de quem iria seguir com esse trabalho mais a frente, no caso jovens e crianças.

Aqui tem muitas crianças que dizem que bom que tem isso, que vamos seguir essa tradição que temos, oxalá que não se termine essa tradição tão bonita que temos, desafortunadamente, muitos aqui de Tepoztlán já não dão muito valor ao portal de sementes, e chegam pessoas de outros lugares desse mundo, e muitos se surpreendem quando veem essa criação. Muitas vezes quando não damos valor, penso que devemos nos apegar mais a isto, pois são nossas raízes, podemos dizer isso por que são 25 anos que fizemos isso. Seria uma tristeza muito grande que se terminara tão rápido isso. (CRISTIAN, 2016).

A continuidade do portal, como dizem os coordenadores desse trabalho, é sempre incerto. De acordo com Cristian, também na opinião de Alfredo Martínez (2016): “[...] eu acredito que seja com as crianças, pois economicamente os comerciantes se cansam, então penso que são as crianças que vão levar isso em frente.” Segue dizendo sobre a valorização dessa arte: “Em uma crônica que fez um tio de Arturo, dizia que o Portal era feito de sementes que se usavam para fazer os moles, as comidas, mas também, existiam sementes mágicas que se usavam para Curação e para aliviar os encantamentos.”

Diante dessa expectativa de apostar nos mais jovens, salienta Alfredo, que é preciso trabalhar o significado dos símbolos colocados no portal, apesar de todos se reconhecerem nessa arte, muitos ainda não se sentem parte desse trabalho, poderia ser construída uma metodologia mais ampla. Por exemplo, tem figuras que aparecem todo ano no portal, que são sagradas e de muita utilidade para a sobrevivência das pessoas, sementes, plantas que precisam ser conservadas, como o Maguey (*Agave*), representa saúde, longevidade, festividade e fertilidade.

O Maguey é uma planta que está invocando ao céu, o que está pedindo! Sim, o alimento, nos dá vestimenta, nos dá Curaçao, nos dá comida e até diversão, sim veja; do Maguey dá as fibras e com isso se começou a vestir as pessoas, e as pontas desse se fazia a agulha para costurar as roupas, na comida se comia as flores e os gusanos, as folhas faziam as coberturas das casa, e a diversão, pois temos o Pulque (bebida), sim, muitas vezes as pessoas não estão de acordo por não compreendem o que está passando num desenho. (ALFREDO MARTÍNEZ, 2016).

Ainda segundo Alfredo, há outras possibilidades de trabalho com as sementes: “E esse lugar do portal, e um espaço enorme para poder expressar-se e Arturo tem aproveitado o momento.” Quanto à metodologia de representar os símbolos no portal, há uma preocupação com os espectadores que em grande parte não conhecem as histórias do local. Dessa forma, o desenhista diz que tem se preocupado em se fazer compreender nas temáticas abordadas:

Muitas vezes lamentavelmente, um turista, um visitante pode dizer que não entende, por um ou outro motivo, ou que se deve ter um conhecimento dos elementos que se está manejando. Então sempre procurei colocar uma intenção central nesse trabalho, desde que comecei a fazer os desenhos, que seja algo versátil, uma novidade que permita que todo esse conhecimento ancestral se volte com um toque artístico. Tem coisas que não se tem o conhecimento exato, digo isso por que busco nas crônicas espanholas e nos estudos sobre isso que queremos mostrar. Procuramos não repetir a ornamentação dos espaços, não são simples adornos, trazemos o maior significado que podemos, fazemos isso com referência ao muralismo, por que o muralismo é isso, como se refletir e mandar uma mensagem para as pessoas, ou seja um trabalho próprio de um povo, que esse representa uma identidade. (ARTURO, 2016).

Segundo relatos, quando iniciou o trabalho do portal, não haviam pensado que esse trabalho chegasse esse tempo de duração, quando iniciaram era mais um experimento de materiais. Em outros lugares se desenvolvem trabalhos parecidos, mas não com tanto simbolismo, explica que a intenção seria ter um material que durasse um pouco mais de tempo. Nesse contexto de construção coletiva, o grande potencial que a comunidade poderia se envolver seria de não deixar se perder essa construção cultural.

c) Perspectivas e continuidade do Portal

O processo de continuidade, como dito acima, sempre é incerto, pois não depende apenas da mão de obra da comunidade, além disso, inclui outras demandas que são realizadas por um voluntariado que nem sempre está disponível. Com relação às sementes, essas sendo a matéria-prima do trabalho, as que são destinadas para o portal, relata Arturo (2016), muitas são produzidas no local, outras vêm dos mercados públicos, essas já estão na mão de terceiros, mas precisa de uma diversidade para compor o portal, pois acaba acarretando um valor a mais nos custos:

Muitas pessoas pensam que por ser de sementes é um trabalho barato, pelo contrário, essa é uma suposição, pois esse é um trabalho que demanda de um custo econômico e de muito esforço humano. Quando vemos esse trabalho em particular temos visto e cobiçado algumas peças, porém não se torna viável por questões de tempo de trabalho em relação o econômico. Torna-se muito caro, pois se ocupa uma diversidade de sementes, e pouco a pouco soma um montante de custos. (ARTURO, 2016).

Mesmo com um esforço em particular de cada um que contribui, para os organizadores a cada ano tem sido mais difícil construir o portal pela falta de apoio, porém reconhece que esse vale a pena fazer na comunidade porque tem somado qualidades em termos de trabalho comunitário e envolve muitas pessoas, bem como turistas. Rafael ressalta com satisfação o aprendizado que ocorre nesse processo:

As sementes proporcionam um aprendizado muito distinto, usamos sementes de diferentes formas, as cortamos, damos forma pela maneira de colar, usamos também inteiras, como dizer, essa técnica segue um refinamento, em outros lugares se faz trabalhos desse tipo, porém com temáticas pobres e sem uma técnica de colagem, para fazer isso requer uma observação em todos os detalhes. (RAFAEL, 2016).

Para Arturo (2016), um trabalho como o portal poderia ter apoio de instituições que reconhecem esse trabalho como patrimônio cultural de Tepoztlán, pois demanda de um esforço coletivo, mas quem está mais na frente precisa dar conta de iniciar e concluir o trabalho a cada ano. Nessa afirmação é preciso esclarecer que, além da beleza artística, tem uma demanda organizativa, e muitas foram as tentativas de organizar esse reconhecimento para a comunidade:

Aqui o portal tem aproximado de trinta metros quadrados, somando todo o material e com honestidade o trabalho voluntário, além disso, temos o costume de oferecer a quem contribui um lanche, ou suco ou um refrigerante, isso também gera gastos, somando tudo fica aproximadamente em 130.000 mil pesos, isso só de material e gastos operativos. Se fosse pagar a mão de obra triplicaria os custos [...]. As finanças, desde que se iniciou num primeiro tempo foram os comerciantes, depois os grêmios começaram a fazer arrecadação de todos os membros, e isso entrava como caixa para execução. Hoje em dia tem uma resistência em fazer contribuições maiores, por que se entende que arrecada bastante dinheiro, mas no final sempre tem gastos excedentes, porém não é assim, sempre arrecadação foi menor do que os custos. A prefeitura também faz uma contribuição, porém é mínimo, tem vindo

contribuições dos hoteleiros, mas pouco também, isso vai acarretando problemas que as novas gerações não querem enfrentar. (ARTURO, 2016).

Como destaca Arturo, a insegurança de continuidade é algo doloroso desse trabalho, mesmo tendo um título do “povo mágico”, Tepoztlán não tem tido incentivos culturais, e outros povos passam pela mesma situação de descaso. México tem ganhado as notícias internacionais baseado numa falsa ideologia pregada pelo poder de mídia televisiva. Os povos indígenas sobrevivem da sua própria força, não há políticas de incentivo agrícola e muito menos cultural, o que tem são povos que resistem por seus próprios meios de garantir a vida.

Apesar das dificuldades, comenta Rafael (2016), “[...] que o que vale é o processo de construção, nesse período a cidade toda entra numa dinâmica diferenciada de outras épocas do ano, surge com essa construção uma alegria e devoção religiosa que se converte em ajuda comunitária.” Assim:

Nós Tepoztecos desfrutamos do processo, por que aqui vem às crianças, jovens, adultos, anciãos fazer esse trabalho, convivemos toda a cidade, mulheres e homens. Essa é uma coisa que devemos a esse portal, por que antes tempo aqui viviam nossos antepassados, e todos desenvolviam trabalhos coletivos, sem cobrar nada, apenas eram agradecidos por um ou outro levar uma comida, assim se davam de presente como uma boa maneira. É uma satisfação e isso vale mais que pensar que seja um artista, simplesmente temos um compromisso de acordo com nossas crenças e nos sentimos bem fazendo esse trabalho. (RAFAEL, 2016).

Nesse depoimento é possível perceber os laços que unem à comunidade mesmo com a presença de muitos turistas, a cidade se caracteriza por uma vivência camponesa. Partilhar do conhecimento em coletivo faz daqueles que se dedicam ao trabalho do portal obterem um reconhecimento comunitário pelo serviço prestado. Rafael salienta que é respeitado apenas por agradecimento das pessoas.

Aqui me respeitam, mas tem muitas pessoas que colam sementes melhor que eu, tem muita habilidade para combinar as cores, por isso digo que a insegurança e o medo podem ser sanado nesse trabalho com as sementes. O próprio trabalho tem uma parte espiritual, terapêutica, por isso causa impacto quando já se vê pronto, na obra de arte as manifestações são assim. Quando não externamos nosso saber esse morre por dentro, se leva consigo o conhecimento que poderia ajudar com sua energia positiva, e essa a energia positiva que todos gostam nesse trabalho. (RAFAEL, 2016).

Além do conhecimento proporcionado pelo trabalho do portal, existe a intuição espiritual existente no contexto religioso da comunidade, e a cada ano esse compromisso se apresenta mais forte, pois dessa intenção devotiva partem as decisões de para a realização de um novo portal a cada ano. Encontram-se as três partes responsáveis, como descreve Javier (2016), que seriam as que organizam todo o processo para tomada de decisão de acontecer o portal ou não. Neste sentido relata como se organiza o processo:

Tanto o engenheiro Rafael como o arquiteto Arturo e área norte que se dedica a administrar, sementes, trabalho, mão de obra, o econômico, tratar de gestionar, essa é também minha parte, somos gestores do processo de trabalho do portal [...] Por que podemos ter dinheiro, porém se não tiver o capital humano não se faz nada, por isso minha parte é recolher e elaborar todas as condições, nisso vem às sementes e materiais, muitas das sementes nós compramos quando não encontramos com nossos produtores aqui de Tepoztlán, outras juntamos e coletamos do chão pelas árvores, que caem. Tem sementes que vêm de outras zonas, outras vem de doação, nos trazem de presente, vêm muitas de diferentes variedades, atualmente contamos com aproximadamente de 120 variedades. Por que a cada ano ganhamos 3 ou 4 variedades e as vezes perdemos 4 ou 5, pois cada construção de casas que se faz por aqui, em propriedade particular eles tiram as árvores, e assim já não se tem mais sementes dessa árvore [...]. Então uma vez que conversamos entre as partes, a área norte se encarrega de conversar com os líderes, do comércio. Tu és o líder desta parte nos apoia? Sim, nos apoia já vamos começar a trabalhar. Aproximadamente se organiza as datas, e tu nos manda tua gente e também o econômico. Com quanto pode nos apoiar tua área? (JAVIER CARILHO, 2016).

A metodologia de divisão de tarefas para o trabalho de colagem se mantém desde o início, os agremiados, líderes, famílias, todos contribuem de forma voluntária, fazem um trabalho de apoio, sendo convidados de honra para participar da festa no dia da comemoração de inauguração do portal, nos dias 7 e 8 de setembro.

Sobre o conhecimento técnico e orientação do portal, a cada ano foi se aprimorando o método de trabalho, desde o desenho, até a finalização com os acabamentos feitos minuciosamente pelos mais habilidosos. Alfredo destaca méritos para quem sempre esteve pensando o portal na íntegra.

Um dos méritos que eu dedico é a Arturo que se dedicou a investigar Tepoztlán, e tem um quadro de sementes no museu da antropologia na cidade do México, pediram para fazer um quadro, 'abriram as portas', mas o único interesse é que tenha uma obra aí, nada mais. Nunca ajudaram a pesquisar e construir um registro dessa arte. Esse trabalho eu acredito que poderia ter mais apoio, porém não temos, e a cada ano dizem esse é o último ano que vamos trabalhar, já estamos cansados... Então penso que é perigoso que venha a se extinguir esse trabalho, eu não desejo, mas cada vez tem menos cooperação. (ALFREDO MARTÍNEZ, 2016).

Sobre o registro, todos dizem que há interesse, porém, não foi possível até o momento dedicar tempo para fazer isso, além desse problema da incerteza de continuidade e cooperação na construção do portal, a técnica de desenho e colorir com sementes, desde o início, está nas mãos das mesmas pessoas. Nessa tarefa não há tido formação específica para continuar o trabalho:

O maior problema que eu vejo se não estiver Arturo para o desenho, e Rafael para acompanhar as sementes, não mais que cinco pessoas puxam a frente, e já estão ficando velhos, são esses mais integrados por aí. O que deve ser feito é buscar pelos mais jovens, crianças, que comecem a desenhar e se organizar, por que sim vai parar. (ALFREDO MARTÍNEZ, 2016).

Como citado em muitas falas, sempre que se desenvolve algo comunitário, coletivo, surge preocupação de quem deve seguir na linha do tempo. Explica:

Temos que fazer com que as crianças desempenhem e tenham a imaginação de buscar e (plasmar) as suas ideias em sementes, e que seja o mais real possível digo, em diferentes níveis, pode ser em terceira dimensão, fazer uso de outras técnicas, muitas das técnicas são poluentes, então, por que não fazer com sementes. (GEORGINA, 2016).

Como indica Georgina, é preciso encontrar caminhos de aproximação entre as crianças, jovens e o contexto de debate sobre as sementes. Falar sobre as sementes é falar de um processo de resgate de identidade do campo “Isso é o que temos, se você semeia uma semente e cuida isso vai dar frutos, pois é como a mulher que dá um filho, é a matriz. Isso é similar, pois nós somos seres humanos e ela é a terra que nos dá vida.”

México é um país de tradição artística, o que podemos analisar é que as formas de artes que vão surgindo muitas vezes pelo sentido de querer inovar, muito delas acabam superando pelo contexto mais atualizado a cultura raiz. Nesse debate, há muitas propostas de resgate e continuidade da cultura, seja ela em qualquer parte do mundo, há de ser explorada a criatividade das crianças e jovens por outras formas, há um querer que os mais jovens sigam o trabalho já construído pelo mais vividos, especialmente o trabalho relacionado ao campo, não só no portal no caso do México, mas em todo âmbito da produção camponesa. Por mais boa vontade que exista de explorar a criatividade das pessoas mais jovens, também é preciso ver por outro ângulo. Neste caso nos perguntamos: por que os jovens não se identificam mais com o campo? Quais seriam as formas de resgatar essa identidade e cultura camponesa? Baseando-se em estudos ocorridos na formação da juventude, muitos que vivem no campo, mas nem todos se sentem parte desse território. Nesse intuito salienta o professor:

Poderia haver esse trabalho nas casas de cultura, que poderia oferecer oficinas permanentes. Começando pela colheita de sementes, seleção, em seguida e desenho, iniciariam com trabalhos simples, com sementes completas e posteriormente com sementes cortadas [...] Em Tepoztlán que é a origem desse trabalho, tem muita gente que aprecia, porém tem outros que não gostam, por isso sendo em uma casa de cultura seria o ideal, estaria aberta para quem quisesse [...] O campo não é valorizado e dessa forma, pois não tem sido apreciada essa arte, até pelo valor de mercado, é baixíssimo, isso só é valorizado nos grupos de comunidades que adornam seus portais de suas igrejas, seria como uma valorização local apenas, se faz por oferenda nada mais. (ALFREDO ROMERO, 2016).

De acordo com Alfredo, as sementes fazem parte da cultura de cada região, dessa forma o trabalho com sementes seria uma amostra que viria valorizar a cultura e produção local, regional, pois a maior parte das variedades é comestível, destina-se para o sustento das pessoas, num passo seguinte se desenvolveu trabalhos artesanais com sementes. As casas de

cultura seria um bom indicativo, pois dessa forma quando se tem acesso a um espaço de cultura na própria comunidade, ali deve estar a cultura local, isso inclui a vivência social de toda comunidade.

Apesar dos indicativos serem de muitas dificuldades, procura-se olhar o lado positivo das coisas, a técnica de construção do portal de Tepoztlán é um trabalho de apreço, de respeito a criação coletiva, e a cada tempo tem sido mais aprimorado:

O melhor desse trabalho hoje é que fizemos muito mais elaborado, em menos tempo, por que antes era muito simples por que sempre se pensava em colocar muitas flores. Essas eram naturais e isso durava dois ou três dias, depois veio de plástico, porém não conseguiam fazer tantas flores, e por fim de sementes. Buscou-se por outros materiais por que esse deveria alcançar o final das festas. Aqui se fazia a festa num dia e seguia por mais uma semana, e não tinha algo que durasse todo esse tempo, então se tratou de melhor e melhorar cada vez mais [...]. Aqui tinha muitos festivais de música, noites culturais, sinfonias, orquestras, eram eventos que atraíam muita gente para essa comunidade, então o portal também fazia parte da ornamentação dos eventos. (ARTURO, 2016).

Tepoztlán, por estar localizado próximo da capital, tornou-se um local de muita visitação, segundo moradores, a cidade em pouco tempo teve um crescimento grande e desordenado, muitos problemas com água, saneamento básico, enfim, problemas que surgem pela carência do sistema urbano. Apesar dos problemas, no período atual além das festas que se comemora a inauguração do portal no dia que é dedicado a virgem da natividade e ao Tepozteco, sempre renasce uma cultura muito festiva, que potencializa o turismo na comunidade. As comemorações religiosas trazem presente um espírito sempre de oferta e agradecimento a vida, além da comida e bebida de graça, no contexto em cada festa, há entrega de buque de flores para as famílias, um ato de muita generosidade e gratidão.

Em outro depoimento coletado de um artista que trabalha com miçangas, comerciante e ajudante nos desenhos, Otílio Condi Ragil (2016), colaborador do portal, descreve como um compromisso sua tarefa no portal e, além disso, se refere ao comércio como apoiadores desse trabalho. “Eu sou ajudante do arquiteto Arturo nos projetos do portal, eu desenvolvi dois desenhos, mais Arturo seria o criador, tentamos fazer uma articulação dos desenhos que já existiam na tentativa de criar outro projeto com os mesmos personagens. Eu gosto muito de desenhar.”

Somos comerciantes aqui e temos que ajudar no portal isso representa algo único para o povo e para os que tenham inventado isso, temos que agradecer sempre a eles que começaram esse trabalho. Eu tenho 15 anos vindo a contribuir, primeiro como ajudante, e participante, e depois me disseram que eu poderia apoiar no desenho, sempre gostei de desenhar, porém não algo assim de qualquer jeito, isso é algo muito significativo e fora do comum, muito original daqui de Tepoztlán. Eu estarei aqui ajudando até que Deus nos empreste a vida. (OTÍLIO, 2016).

Como relata Otílio, a arte do portal é algo distinto e originário, um patrimônio que diante das questões relacionadas nos depoimentos se vê ameaçados pela modernidade. Esse seguimento artístico depende de muitos fatores para sua sobrevivência, pois não é uma arte sustentável, a cada ano depende do empenho desde o financeiro até mão de obra voluntária. Como diz Maria (2016): “[...] que venha outra geração e sigam eles, apesar dos jovens não se interessar tanto. Agora o portal está cada vez mais bonito.” Nessas palavras carregadas de esperança que algo desperte para a continuidade e preservação do patrimônio cultural de Tepoztlán.

Nesse sentido, podemos observar que permanece na linha de construção do portal, de forma direta ou indireta tem ou teve forte ligação com o campo. Como descreve Rafael (2016), seu empenho com as sementes e os laços camponeses estão imbricados no trabalho do portal. Ressalta ainda que quando se discutiu de fazer o portal com sementes isso já parecia algo muito próximo de sua cultura, o portal soava como um adorno o que mudaria seria apenas o material a ser utilizado.

Um adorno de sementes; surgiu à pergunta chave de onde vem a ideia. Quando eu era criança, eu pessoalmente com minha família para sobreviver minha mãe nos ensinou a fazer colares de sementes, feijão preto e outras sementes que colhemos no campo, fazíamos colares de feijão branco (adubia) e pintávamos com anilina de diferentes cores [...]. Fazíamos o colar para adornar os vestidos e vendíamos para os turistas, isso ficava muito bonito. Então desde que eu tinha 7 ou 8 anos tive esse contato com as sementes, além disso, quando era férias de verão, quando saíamos da escola nos ia para o campo plantar milho, vivíamos esse tempo das férias no campo, então sempre tive esse contato com as sementes. Desde que semeia o milho até que se colha então esse adorno sempre foi feito para vender aos turistas [...]. Em 1992, quando surge a ideia de decorar o portal com sementes, pois isso já não era dificuldade para mim, eu já tinha esse contato, e começamos com alguns um pouco toscos, mas depois fomos melhorando a técnica. (RAFAEL, 2016).

Passar o tempo de férias no campo seria como aproveitar um tempo para conhecer mais da cultura camponesa, esse tipo de conhecimento são práticas que muitas das crianças aprendem quando pequenas e se torna conhecimento para vida toda, em que surge uma espécie de estética por instinto de enxergar a beleza das coisas simples do campo.

Em depoimento um dos jovens de Tepoztlán, Roberto Aiana, advogado e colaborador de colagem e das finanças no portal, relata de sua satisfação em poder ter a oportunidade de participar da construção do portal.

Durante todos esses anos tenho sido muito grato em poder participar de tudo, eu gosto muito da convivência entre as pessoas, isso me possibilita aprender mais sobre nossa cultura mexicana. É muito bonita essa forma de irmandade que se ajudam e me parece fantástico que essa arte tenha transcendido e ultrapassado fronteiras. Considero bom por que, mesmo de outros lugares as pessoas nos acompanham [...]. Uma coisa importante também é que temos estado perto dos jovens, e assim conhecem nossa história, nossas raízes, através dos temas que são abordados aqui no portal. As lendas de Tepozteco, conhecer nossa história local, dos bairros, e nos

últimos anos tem tratado de temas políticos. Parece-me uma tradição muito importante para Tepoztlán, pouco a pouco vamos deixando um legado para futuras gerações. (ROBERTO, 2016).

Cada depoimento coletado traz nas falas histórias de gratidão de ver cada portal pronto. O portal é tema de muito debate, pois dessa forma dialogada culturalmente os detalhes vão sendo percebidos todos os dias, a contemplação da arte e seu reflexo são a referência estética que cada um contempla. Muitos não conseguem ver o sentido da arte política nesse trabalho das sementes em Tepoztlán, o caminho mais trilhado sempre é o da admiração pelo fazer distinto das coisas do dia-dia.

Dizem os moradores de Tepoztlán que toda magia, arte e cultura está no coração dos Tepoztecos esse é o grande diferencial. Com muito orgulho um povo que ama e valoriza sua cultura. Dessa forma, podemos perceber uma cultura que se fortalece nas ações de resistência em cada comunidade.

No processo de construção da pesquisa de campo, foi possível perceber um grande empenho para ajudar na coleta de dados. Nesse sentido, criaram-se laços e objetivos em comum na construção desse registro histórico. Compreendemos que a construção dessa memória possibilita a compreensão do processo que ocorre a mais de 25 anos de uma prática cultural que envolve a comunidade, por meio do portal as crenças e lendas antigas ganham força na vida no período atual.

Os depoimentos foram coletados no sentido de compreender quais foram as formas encontradas para seguir o trabalho com sementes até o momento, as pessoas mais próximas da construção do portal são os mantenedores desse trabalho. Esses buscam na força que se constitui a partir da história e resistência pelas sementes a persistência para continuidade do trabalho do portal. Portanto, buscam-se referências geradas como base para o trabalho semelhante que vem sendo desenvolvido pelo MST.

4. A ASSIMILAÇÃO DO MÉTODO DAS SEMENTES PELO MST

Nesse processo de continuidade da arte com sementes, trazemos a memória que delineou no decorrer desse tempo de trabalho, elaborada por uma metodologia que se constituiu pela assimilação do método enquanto técnica de trabalho com sementes e arte. Compreendemos que esse processo de construção teve início a um bom tempo, juntamente com a luta pela terra, impulsionado pelo debate sobre a cultura socialista sempre presente no MST. A partir do coletivo nacional de cultura muitas tarefas desenvolvidas por muitos dos militantes somam resultados que nos permitem analisar de forma crítica nossa trajetória de luta pelo viés da cultura Sem Terra. Nesse sentido, o estudo que segue descrito aborda a experiência com as sementes enquanto método aperfeiçoado de acordo com nossa proposta de construção artística no MST. Uma arte de cunho político fundamentado pelo trabalho e formação de base. O Processo de construção dos quadros com imagens e histórico de construção, por fim, a Sistematização dos depoimentos coletados nas oficinas como base de análise do alcance que obtivemos com o trabalho das sementes crioulas.

4.1 Breves apontamentos sobre a cultura no MST

No estudo sobre experiências no MST, abordamos um contexto de análise do processo de constituição e consolidação do Coletivo Nacional de Cultura, das brigadas que se formaram nos estados, bem como apontamentos sobre a brigada Portinari a qual faz parte o trabalho de artes visuais do MST, e nessa inclui-se o trabalho germinando arte. Muitas das ações pensadas no decorrer do processo de consolidação dos coletivos de cultura ajudaram efetivar projetos que trazem contribuições no período atual. O setor de cultura desde o início tem trabalhado propostas que venham a somar no contexto da luta social pela Reforma Agrária popular, pensando nisso, o trabalho de arte com sementes encontra-se inserido nesse rol de debates com propostas que venham contribuir no desenvolvimento de ações a partir da cultura camponesa especificamente das ações políticas do MST. Essa tem sido uma tarefa de relevante importância para compor o contexto de resgate e elevação cultural, tanto dos modos de vivência do campo, bem como de cunho organizativo das instancias da organização.

Diversas publicações foram feitas nesse período de mais de trinta anos de luta pela terra, no sentido de sistematizar experiências que sirvam para organizara a luta nos mais diversos processos. Dessa forma, por volta do ano 2000 surge a proposta de criação do um coletivo que

pudesse propor as ações de forma organizada de acordo com os acontecimentos dentro da organização, essas contribuições iriam clarear o papel formador da cultura dentro do MST.

O estudo realizado por Juliana Bonassa Faria (2015), que vem sendo sistematizado na linha da cultura, traz contribuições na sistematização de um período inicial que ocorre muitos debates interno sobre a cultura no MST, dessa forma, a síntese reflete ações do período de 1996 a 2006. Segundo Faria, o setor de cultura se constituiu de forma abrangente no que diz respeito a um coletivo disposto a pensar a cultura como passos importante que deveriam ser dados dentro do movimento, para uma possível atuação mais emancipatória. Esse movimento cultural:

Caracterizou-se pela heterogeneidade de seus membros, bem como das compreensões frente a qual seria seu papel no movimento. A partir da análise das formulações do Coletivo identificamos três maneiras de compreender o dito papel. Existiam os que pensavam que a cultura no MST deveria ser tratada por um coletivo de militantes que tivessem um mínimo conhecimento nas áreas da cultura e da arte; os que entendiam que o processo de desenvolvimentos da cultura e da arte era um debate para o conjunto do MST e que devia estar inserido nos demais Setores e Coletivo; e outros que compreendiam que se deveriam vincular as duas proposições anteriores para alcançar um fazer cultural. (FARIA, 2015, p. 5).

Na compreensão das necessidades de formar um coletivo que pesasse as ações políticas também na cultura, diversas atividades vieram se somando ao contexto de lutas, em alguns períodos obtiveram mais avanços e em outros o processo foi mais lento, as experiências que ocorreram nesse período vieram a consolidar processos que vinham sendo apontados pelo conjunto das lutas do MST. A articulação artística do MST nos anos próximos a 2000 teve relevante importância em termos de avanço para o movimento, bem como vincular propostas da cultura para os outros setores, especialmente a educação. Esse foi um período muito produtivo segundo a análise, devido ao processo político dado pela eleição de Lula. Nesse período houve possibilidades de somar ações com políticas públicas voltadas para atender comunidades tradicionais, e nessa se incluiu as áreas de assentamentos e acampamentos, e alguns passos foram dados em termos de acesso a produção cultural, pois em muitos dos espaços que constituíam o território camponês não teriam obtido formação nessa área, pois se teve acesso às políticas que em outros governos isso não era possível.

Nesse processo de experimentação, cada ação realizada se fazia como experiência em primeira mão, e várias atividades em nível nacional se consolidaram e ajudaram a compreender conceitos da cultura criada a partir da luta e pelo movimento, esses diferenciado de outros processos já ocorridos.

Segundo Faria (2015, p. 13), nesse período

[...] a Cultura aparecerá, como nunca antes na história do MST, como articuladora e mediadora de processos de luta. Por isso, podemos afirmar que existe uma relação vital entre cultura e política na práxis Sem Terra. Os questionamentos diante das práticas contra hegemônicas serão talvez o maior aprendizado desse período.

Esses passos dados se organizavam dentro de temáticas políticas, as quais eram discutidas pelo conjunto da organização em nível nacional.

De acordo com o estudo, é importante destacar os eixos formativos que foram pensados como estratégias organizativas naquele período:

[...] compreender o que é a cultura e a arte e sua vinculação com a estratégia política do MST; avançar na organicidade do Coletivo Nacional de Cultura e em suas frentes; e potencializar e organizar as atividades específicas do campo e do processo formativo permanente, tanto no que se refere às linguagens artísticas como a formação política. Nesse período já começamos a detectar uma mudança radical na concepção do artista do MST e suas obras individuais para a do militante artista e a produção coletiva avançasse tanto na formação específica da área bem como a vinculação. (FARIA, 2015, p. 6).

As necessidades se apresentam a cada tempo dentro das lutas sociais, segundo Faria (2015, p. 6): “Com a estratégia do MST ocorreu uma espécie de protagonismo por parte daqueles militantes que já estavam à frente das atividades mais específicas do campo artístico.” Conforme o estudo, a abordagem como elemento base seria a retomada da democratização e do acesso à cultura, pois em muitos espaços não havia nenhuma forma de organização cultural, neste sentido, em nível nacional a cultura popular não tinha espaço para os debates diante do poder hegemônico.

Os objetivos desse enfrentamento pela cultura ocorreram de forma que viesse fortalecer setores já organizados internamente, mas também para fortalecer as alianças entre campo e cidade, bem como com outros movimentos sociais, como passo seguinte seria inserir os agentes de cultura num contexto de formação militante, voltado à política, estética e cultura. Um passo de formação que fosse possível produzir arte a partir de um contexto reflexivo que potencializasse uma visão de cultura política como aponta:

Cada sem-terra que entra no MST entra também num mundo já produzido de símbolos, gestos, exemplos humanos, valores, que a cada ação ele vai aprendendo a significar e resignificar. Um dos grandes desafios pedagógicos do MST com sua base social tem sido justamente ajudar as pessoas a fazer uma nova síntese cultural, que junte seu passado, presente e futuro numa nova e enraizada identidade coletiva e pessoal. Viver como se luta, lutar como se vive... Esta é uma coerência que tem sido vista como necessária aos objetivos de transformação social do Movimento; também em seus conflitos e desafios permanentes. (CALDART, 2003, p. 5).

Como seguimento desse contexto cultural do MST, uma construção que permite e se faz necessária como sistematização das experiências construídas, atualmente assume um protagonismo das lutas sociais no Brasil, sendo esse um movimento popular que elabora

conceitos a partir de suas práticas organizativas, levanta protestos no sentido de mostra a indignação social que amarga às esperanças da população.

4.2 Constituição das brigadas artísticas no MST

Nos mais de trinta anos de formação do MST, e nesse processo que se constitui o coletivo nacional de cultura, muitos artistas, poetas cantadores, pintores, ente outros, estando inseridos nas instâncias da organização, foram se auto-organizando nacionalmente nas frentes organizadas por linguagens. De acordo com análise do estudo apontado por Brennand (2017), as brigadas e as tarefas da cultura passaram a ser organizadas em linha de cima para baixo, nos coletivos nacionais, estaduais e regionais, os quais se formam dentro dos processos que constituem os *coletivos, brigadas e frentes*, esses organizados numa mesma linha política, com atuação dentro de suas múltiplas linguagens artística, pensando um processo de formação e protesto político para dentro e fora do MST.

Das brigadas organizadas nesse período de luta, atualmente estão atuando como formadores e agentes culturais nos chamados coletivos e brigados, que se constituem a partir das tarefas e passos da cultura em nacional. As questões formativas são pensadas dentro de uma mescla de atividades, essas se alinham da seguinte forma:

A) Atuar na formação de formadores, contribuindo para o fortalecimento das Brigadas Estaduais. B) Atuar na produção artística, tendo como referencial as reflexões e definições políticas do Coletivo de Cultura e do MST. C) Articular e constituir redes com militantes artistas de outras organizações sociais. D) Atuar com as outras Brigadas do Coletivo de Cultura nos processos de produção na organização de atividades do MST, dentro da perspectiva de uma fusão das artes. E) Sistematizar as experiências e socializá-las em todos os setores do MST. (BRENNAND, 2017, p. 129-130).

Diante dos princípios apontados para a atuação de grande parte dos artistas da terra, as experiências têm sido organizada e compartilhada com outros setores, bem como para a base do movimento, por meio dos seminários, jornadas de cultura e publicações que vem a cada tempo se construindo como forma de socializar as experiências em cada área de atuação. Cada Brigada, a partir da constituição nacional em suas respectivas linguagens artísticas, desempenha funções específicas. Nesse sentido, algumas das brigadas têm atuação nos estados e regionais, mas, por vezes, essa organiza apenas num coletivo que atua em nível nacional, como é o caso da Brigada Cândido Portinari.

As brigadas trazem um nome de referência que homenageia pessoas importantes que fizeram parte das lutas sociais, essas são:

- Brigada Patativa do Assaré – Teatro.
- Brigada Eduardo Coutinho – Audiovisual.
- Brigada Cândido Portinari – Artes Visuais.
- Coletivo de Músicos – Música.
- Brigada Palavras Rebeldes – Poesia e Literatura.

Nesse sentido de formação por brigadas, cada uma vem se construindo e fortalecendo os trabalhos em consonância com as lutas do MST. Dessa forma, abordamos alguns aspectos que trazem presente a memória da brigada Cândido Portinari, essa batizada em reconhecimento ao trabalho e forma estética construída na obra desse mesmo artista, sendo esse uma referência de artista plástico brasileiro. Destacamos essa brigada pelo motivo da arte das sementes estar inserida no contexto das artes visuais do MST. Analisando a trajetória, compreendemos que as artes estiveram presentes desde o início do movimento, como salienta a coordenadora a brigada das artes visuais.

As produções de artes visuais no início da história do movimento eram realizadas, em sua maioria, por artistas ligados, principalmente, ao Movimento dos Artistas da Caminhada, que teve seu surgimento nas experiências estéticas realizadas por setores da Igreja ligados à Teologia da Libertação. Estas experiências surgiram nos processos revolucionários da América Latina, trazidas nas ‘bagagens’ dos militantes que participaram destes processos no nosso continente. [...] Na busca de referencial no Brasil de produção de uma arte contextualizada pelas questões à crítica social, encontramos Cândido Portinari, que devido à proximidade da forma estética e do conteúdo de suas obras. (BRENNAND, 2017, p. 130).

Ainda segundo a autora, em relação ao histórico de Cândido Portinari, esse foi “[...] um grande crítico das normas e preceitos da produção artística e acreditava que a arte de um país só seria possível quando os artistas abandonassem as tradições inúteis e se entregassem com toda alma à interpretação sincera de nosso meio.” (FABRIS, 1996, p. 15 apud BRENNAND, 2017, p. 130). Segundo as análises teóricas, sobre a produção das artes visuais no Brasil de cunho mais político e revolucionário, não teve grandes produções, poucas foram as experiências e essas passam por um viés elitista em sua produção e interpretação. Dessa forma, a experiência construída no MST bebeu de fontes que vieram de outros países.

O Brasil não contava com a experiência do muralismo realizado em outros países da América Latina, como no Chile, através das Brigadas Ramona Parra, ou as experiências na Nicarágua e El Salvador. Outra grande questão é a forma hegemônica concretizada na lógica do isolacionismo dentro da perspectiva da produção individual, isso se dá de forma marcante na experiência brasileira. (BRENNAND, 2017, p. 130).

A produção das artes visuais se firmou por uma produção coletiva em preparação do congresso nacional. Segundo Brennand (2017), esse encontro de artistas teve:

[...] uma primeira experiência como Brigada na produção de painel com a participação exclusiva de militantes do MST, quase que totalmente formados tecnicamente e politicamente no âmbito do próprio Movimento, foi realizada em 2004, em comemoração aos 20 anos do MST em seu XII Encontro Nacional, realizado no estado do Paraná. Este painel é um marco, pois, ineditamente a Frente de Artes Plásticas do MST assina uma obra.

Nesse sentido, as artes visuais têm se alinhado no debate coletivo a partir de estudos e seminários que ocorrem nos estados e também a nível nacional, esses abrem o diálogo de acordo com a conjuntura atual, e a partir das linhas políticas constroem-se propostas de enfrentamento ao modelo do capital atuante em nossa sociedade.

O estudo que segue traz uma relação com a arte, a estética e a cultura camponesa, essa baseada em um conhecimento de resistência popular pelo caráter de construção coletiva pelo trabalho camponês de produção de sementes, inserido num processo de cultura como parte da existência e mobilização popular dentro de territórios que seguem em disputa permanente.

4.3 Método da arte com sementes no MST

A experiência aqui abordada traz em seu contexto cinco anos de trabalho com a técnica de arte com sementes, chamada por hora de Germinando Arte. Neste sentido, o estudo organiza uma sistematização a estética que vem sendo construída coletivamente desde 2012 no Brasil, tempo esse que se iniciou um trabalho de formação artística, bem como fortaleceu a recuperação das sementes crioulas nas áreas de Reforma Agrária. Após o intercâmbio ocorrido em 2012, a técnica indígena mexicana vem sendo trabalhada como processo pedagógico tanto nas escolas, centros de formação, espaços de cultura e dessa forma chega em várias universidades como proposta de valorização e difusão da cultura de resistência dos movimentos sociais do campo. No processo de organização do trabalho encontra-se o objeto central de todo o debate e construção estética, as sementes crioulas.

Nesse processo somam-se diversos trabalhos, os quais serão colocamos como parte da memória que vem sendo construída como meta que busca cumprir os objetivos desse estudo aqui abordado, essa experiência de avanço coletivo tanto para com os camponeses(as), que fazem parte do trabalho, bem como para a organização do MST.

O trabalho identifica-se como uma prática pedagógica inserida nas lutas do MST, pois quando o público participante é inserido organicamente no movimento, há uma melhor

compreensão por já terem uma visão social do projeto de Reforma Agrária. A proposta de trabalho com sementes surge como um projeto inserido no debate sobre as sementes crioulas e dessa forma trabalha o contexto da cultura sem-terra e camponesa como parte da organização a qual busca reafirmar a identidade camponesa a partir da retomada e fortalecimento do território, bem como segue as linhas de ações organizadas internamente no movimento. Esse debate traz contribuições para o desenvolvimento do trabalho com sementes o qual busca fortalecer a proposta de trabalhar com a produção orgânica e agroecológica em nossas áreas conquistadas.

a) Debate sobre as sementes crioulas no MST: alguns antecedentes

Em 2005 foi elaborado um material (cartilha) pelo setor de formação do MST, e nesse trazia o indicativo de uma campanha nacional e internacional de trabalhar na recuperação e preservação das sementes crioulas a fim de realizar um debate para contrapor a imposição das empresas que lideram a produção de sementes transgênicas, essas já nesse período começavam a contaminar as áreas de Reforma Agrária. Nas escolas muitas atividades se desenvolveram a partir das indicações pedagógicas elaborada no material.

Como o tema da campanha apontava as sementes como patrimônio dos povos a serviço da humanidade, o referido material também fez parte dos debates que acompanhou, além da educação os outros setores do movimento. A questão das sementes como um direito dos camponeses e essa vem sendo ameaçado desde a revolução verde, ou antes, disso, um assunto amplamente debatido por diversos autores. Dessa forma nas escolas e espaços inseridos no contexto de luta social, foram desenvolvendo ideias e práticas que vieram dando o suporte aos plantios no sentido de preservação das espécies. Nesse sentido, o trabalho com as sementes traz possibilidades de relacionar debates que comungam para a garantia de uma alimentação saudável, bem como se faz dessa ação uma luta social pela soberania alimentar. Nessa ideia, a cultura camponesa, entre outros assuntos, traz uma relação próxima com as sementes. No contexto da luta por meio da cultura coloca-se em prática uma pedagogia formada pelo que se aprende em luta. Dessa forma vão sendo representadas nas ações da cultura como memória cultural do campo levada adiante por todos aqueles que lutam e acreditam em dias melhores.

As ações dos Sem Terra são carregadas de significados culturais que aprendem a produzir e a expressar. Numa ocupação, numa marcha ou na organização de um assentamento, não aparece apenas o que estas famílias de trabalhadores são hoje, ou neste momento. Cada ação traz junto o jeito de ser humano que estas pessoas carregam; o peso formador das circunstâncias objetivas de toda sua existência anterior e o tipo de educação que receberam ou viveram. Ao mesmo tempo, sua ação

coletiva também costuma ser a negação de algumas tradições que marcaram suas vidas até aqui, e a projeção de valores que aprendem ou reaprendem no processo pedagógico do Movimento. Os gestos, os símbolos, a arte, o jeito de lutar dos Sem Terra encarnam um movimento cultural que nem começa nem termina no momento da ação. (CALDART, 2003, p. 5).

Portanto, construir ideias artísticas que resgatem as histórias vividas em luta torna-se um passo desafiador, pois cada temática é abrangente e precisa ser discutida teoricamente antes de ser uma prática. Vale salientar que na arte com sementes, após o processo que vem consolidando-se como objeto artístico no caso dos quadros com sementes, coloca-se como um elemento comunicativo, tanto pela simbologia construída, quanto pelas sementes que são usadas, as mesmas passam a ser um símbolo que aponta o debate. Construímos uma linha de compreensão que permite pensar a partir da prática e existência do campo desde a produção, bem como as leis e interferências internacionais, como é o caso das grandes empresas que a cada dia tem tomado mais corpo no que diz respeito ao saqueamento das sementes nativas.

A produção das sementes, o plantio e o trabalho do campo fazem parte de um processo pedagógico e cultural da vivência do camponês, ao produzir sementes os camponeses a partir das experiências e acúmulo histórico, os mesmos vão aprimorado o contexto intelectual, pois é no processo que identificamos diversos valores que se constituíram a partir da própria cultura. Cultivar sementes respeitando os ciclos e sistemas da natureza, além disso, trabalhar para contornar as intempéries da natureza, essas são atividades de trabalho que representam concretamente a vida cultural que marca por diversos períodos históricos. Assim, resgatar como proposta de trabalho de base um patrimônio cultural. Ao abordar a estética das sementes nos referimos a uma criação que traz justamente o sentido da beleza em sua forma e matéria, essa associada a uma produção que contempla uma preparação organizada em tempos determinados pela natureza.

4.4 Processo de construção coletiva dos quadros: projeto germinando arte

Para a construção estética das sementes (quadros), necessita-se de uma preparação previa para a obra, um tempo de maturação, essa preparação que se chama safra, preparação da terra, plantio, produção, colheita, agradecimento à natureza, tempo e espaço, tudo isso é motivo de orgulho para os artistas agricultores quando por meio de depoimentos ressaltam a forma que conseguiram cuidar de determinadas variedades de sementes. Fazem do trabalho do campo e todo processo de cultivo um ato soberano inserido numa cultura simples de ganhar a vida seja ela da forma que conseguir.

Nesse sentido, o agricultor faz uso das sementes das mais variadas formas, certo que há uma preocupação básica com a alimentação, posteriormente, no processo que foi possível conhecer a arte das sementes, muitos não se preocupam se as sementes serão usadas além do consumo da família, ou transformadas em arte, ou doada para os vizinhos, ou para outros companheiros de luta de outros estados. Dessa forma observamos que há uma rede e cultura da troca de sementes, essas muitas vezes são levadas para as feiras ou para as atividades de troca de sementes, assim se produz no conjunto dos assentamentos e acampamentos uma diversidade de espécies por gosto e tradição, surge um caráter de preservação que muitas vezes não é percebida as formas que as sementes chegam até determinadas famílias para o plantio. Além disso, quando encontram uma semente diferente, sentem-se feliz por ter mais uma variedade para trocar, somam diversas variedades para garantir o sustento das famílias. Essa relação cultural da troca de sementes é sem dúvida o grande diferencial e poder organizativo que tem uma relação de autonomia acontecendo entre os agricultores que preservam suas raízes camponesas.

Nessa arte da vida, tanto na roça quanto nos quadros, a metodologia articulada traz presente uma organização um tanto poética, neste caso se faz da arte o espelho da vida. Dessa forma compreendemos que os passos dados na construção dos quadros dependem de muito conhecimento técnico e abrangente, falamos de rituais específicos que fazem parte da agricultura familiar e camponesa, um dos conceitos trabalhados o conhecimento aprimorado e debatido pela cosmovisão, por esse conseguem desenvolver a percepção do cuidado e preservação das sementes.

Em qualquer uma das construções de quadros, podemos dizer que para uma obra estar pronta leva em média seis meses, contando desde o plantio até a colagem das sementes, posteriormente a conservação da obra em forma de quadro, até quem sabe as próximas colheitas quando a mesma será refeita ou abrindo o espaço para outra obra que inclua com novas sementes e temas.

Cada quadro é único e traz as relações do contexto vivido em cada momento que foi criado, uma arte que privilegia o ponto de vista da luta construída no movimento, pois a tradição de produção de sementes é parte dos valores que constituem o campo, e esses vem sendo trabalhado a mais de trinta anos no MST. A arte em si se diferencia das outras práticas da vida humana, por esse motivo traz um encantamento ao estar pronta, dessa forma traz um conceito de existência que por tantas vezes foi negado, como seres de autonomia dentro da ação concreta, produzem os quadros fazendo uso das sementes, pois elas são parte da vida dos

camponeses. Trazer presente elementos da luta como simbologia nos faz aprimorar um valor estético mediado pelas ações inseridas no cotidiano vivenciado.

Memória, mística, discussão de valores, crítica e autocrítica, estudo da história, são algumas ferramentas culturais que o Movimento vem utilizando nesta construção. Podemos refletir então que educar é também partilhar significados e ferramentas de cultura (expressão de Jerome Bruner apud Arroyo, 2000); é ajudar as pessoas no aprendizado de significar ou ressignificar suas ações, de maneira a transformá-las em valores, comportamentos, convicções, costumes, gestos, símbolos, arte, ou seja, em um modo de vida escolhido e refletido pela coletividade de que fazem parte. Isto quer dizer, entre outras coisas, que educar as pessoas é ajudar a cultivar sua memória, é conhecer e reconhecer seus símbolos, gestos, palavras; é situá-las num universo cultural e histórico mais amplo, é trabalhar com diferentes linguagens, é organizar diferentes momentos e jeitos para que as pessoas reflitam sobre suas práticas, suas raízes, seu projeto, sua vida. (CALDART, 2003, p. 6).

Como estratégia de trabalho inserido no processo pedagógico da luta pela terra, busca-se construir uma memória das lutas do MST, as práticas existentes incluindo a arte das sementes, em que fortalecem e ampliam as estratégias políticas a serem seguidas. Os estudos sobre a recuperação das sementes crioulas tornam-se essenciais para o desenvolvimento da produção agroecológica. A proposta vem instigar a construção de casa de sementes ou as trocas em festas específicas de valorização desse tema, em algumas regiões do Brasil, as formas de cuidar e armazenar sementes se diferenciam, muitos agricultores preferem fazer trocas e cuidar das sementes de forma individual, outros preferem armazenar em espaços coletivos. Faz compreender o sentido de preservação e multiplicação das sementes como um direito cultural dos camponeses. Traz presente a simbologia que resgata a relação de humano e natureza, nessa relação as sementes, bem como toda biodiversidade, vêm se fortalecendo como caminho e projeto de vida para toda a classe trabalhadora do campo.

Esse estudo tem por objetivo maior potencializar a formação e o fortalecimento de propostas que propiciem o cuidado com a terra e desenvolver ou preservar uma relação com os ecossistemas existentes e ameaçados. Acredita-se que quanto mais elementos formativos estiverem nas mãos dos trabalhadores, mais poderá viabilizar propostas de continuidade de trabalhos distintos que venham resgatar as sementes crioulas. Portanto, seguimos com persistência naquilo que acreditamos ser parte da história da humanidade e não expropriação do capital.

Como experiência formativa e de objetivos específicos, no caso da recuperação das sementes crioulas nas áreas de Reforma Agrária. Por meio desse trabalho de construção dos quadros, vamos agregando formas de os camponeses visualizarem a arte e a cultura e se reconhecerem como parte desta cultura.

O método adotado para a construção do trabalho com sementes traz algumas especificidades que são necessárias colocar em prática. Propomos aos participantes que sejam eles os próprios artistas a construir o trabalho dos quadros com sementes. Neste sentido o público inserido na oficina com as sementes é aberto e não se restringe a uma determinada faixa etária. No caso do trabalho com sementes, temos registro de experiência de participação desde crianças com 4 anos até um senhor de 75 anos de idade. Nos referimos a uma construção pedagógica permitida a todos, desde as crianças até os mais idosos, ou seja, todos fazem parte do contexto da produção, participam da produção das sementes que, por si só, já está ligada ao contexto do campo.

a) Escolha dos temas: desenvolvidos nos quadros, são representações simbólicas elegidas a partir da vivência dentro das lutas sociais pela terra, pelas sementes bem como o contexto da sociedade, partindo do princípio individual, juntando-se ao coletivo. Como elemento dentro dos temas, os principais que aparece com mais força são: a bandeira, as dificuldades para chegar até o acampamento, o acampamento e a permanência debaixo de barracos, os instrumentos de música, logo a educação, em seguida a produção de alimentos, a conquista da terra, as ferramentas de luta e trabalho, as lutas sociais que chama para as marchas e continuidade da luta, as casas, as cooperativas, agrovilas, a energia elétrica, o lazer, os animais, as florestas, os companheiros(as) que deram suas vidas em luta, alguma homenagem a algum lutador/mártir, as etnias, o sol e o horizonte que nos dá esperança, além disso, as flores e os espinhos espalhadas pelo caminho.

b) A construção estética: se dá por meio de materiais básicos, sendo um dos primeiros elementos a ser visto são as sementes, essas contemplam a maior parte do trabalho, além da temática a ser representada e desenhada num projeto base. O trabalho é feito sobre madeira, após saber os elementos da simbologia da arte, o mesmo é determinado em seu formato de (quadro) ou mandala (redondo) ou misto. Como material para fixar as sementes, utiliza-se cola branca extraforte, essa serve também como auxílio na fixação de trabalhos em madeira, como elemento de auxílio e extensão das mãos que ajude na coordenação motora utiliza-se palitos de churrasco, esse é utilizado como instrumento de deslocamento das sementes até o local determinado para elas. Os desenhos são passados para a madeira com auxílio de um projetor de imagens, em seguida inicia-se o trabalho fazendo os contornos e ressaltando o desenho com feijão preto, ou alguma semente de cor escura de tamanho médio.

As sementes em sua maioria são coladas de acordo com sua forma original, em alguns casos essas têm de ser cortadas para colorir de forma uniforme algum espaço de desenho, para isso utiliza-se um alicate especial de corte. As sementes em alguns casos devem ser aquecidas ao sol forte, ou aquecidas ao calor artificial de fogão ou forno, esse processo esteriliza as sementes, sendo que todas devem ser preparadas antes de iniciar o trabalho de colagem sobre a madeira.

O colorido de cada quadro se dá de acordo com as sementes existentes em cada região, pois essas são o destaque das plantas nativas ou produzidas naquele determinado território. Em sequência disso, os desenhos são organizados e coloridos respeitando a cor e forma das sementes. O degrade de cores ocorre pela base, no fundo do quadro devem ser coladas as sementes mais neutras, para que os outros desenhos sejam destacados. Por exemplo, para a cor de céu usamos as sementes de painço ou alguma mais clara possível, para da terra usamos linhaça marrom ou os feijões de cor da terra, para os desenhos serem destacados precisamos usar as cores distribuídas. Os tons amarelos não devem ficar todos no mesmo lado, por exemplo, ou outra cor estar todas próximas, em alguns casos não é possível, mas podemos tentar seguir essa distribuição harmônica das cores, isso deve ser pensada previamente quando se elabora o desenho.

A posição das sementes também é outro passo importante para dar movimento no desenho, exemplo: o trançado de uma cesta, essa se faz com sementes na vertical e horizontal, vai intercalando em partes iguais, quando as sementes são mais compridas, usa-se uma intercalagem de dois para três, formando uma espécie de xadrez. A maior parte das sementes é colada uma a uma, só as mais miúdas são semeadas de forma uniforme em pequenas quantidades de cada vez. As sementes maiores são colocadas nas flores e bordas dos quadros, pois essas têm a função de atrair o olho do espectador para dentro do quadro.

Após o término da colagem das sementes, as quais recobriram os desenhos todos sem deixar falhas entre as sementes, se dá um tempo de maturação entre a cola e as sementes, pelo menos um dia de secagem para assim fazer a limpeza do quadro, em seguida usa-se algum tipo de repelente para insetos, após a secagem do repelente utiliza-se um verniz ou resina incolor, sempre a base de solvente. Essa serve como impermeabilizante e proteção das sementes sem perder a beleza e visibilidade de cada uma delas.

c) Apresentação da obra a comunidade: após o término da construção, o quadro deve ser apresentado à comunidade a qual vai abrigar essa obra, esse processo de apresentação se faz importante, pois todos devem ter o direito de desfrutar dessa construção e, dessa forma,

apresentar o quadro traz um sentido convidativo para que outros passem a gostar e olhar as sementes com outros olhos. Em muitos dos casos, as pessoas se prontificam em plantar sementes a partir de tomar conhecimento dessa construção, como valorização desse processo de multiplicação das sementes, sempre e distribuído sementes para que as pessoas levem para casa e plantem, nesse intuito se faz necessário identificar quem são os guardiões de sementes de cada comunidade, e dessa forma multiplicar outros guardiões de sementes.

Como processo de apresentação da obra, é necessária uma descrição da memória dessa construção, identificar com que propósito essa atividade foi feita, uma pequena identificação da obra facilita que os visitantes que venham a ter acesso para ver, possam entender o trabalho, tanto nos elementos do desenho, como variedades de sementes, quem fez, entre outros aspectos a ser destacado.

Assim, se faz a indicação de uma espécie de madrinha ou padrinho do quadro, esses devem ter a tarefa de proteger o trabalho, cuidar e fazer as manutenções necessárias. O trabalho tem a necessidade de ser reparado no caso de cair sementes, alguma ser atacada por insetos, esse não pode ser exposto às intempéries do tempo, apenas deve ser colocado ao sol forte como método de afastar insetos isso a cada três meses, por isso a obra deve estar em ambiente fechado e bem arejado com boa claridade. Se houver condições seria o ideal colocar vidro ou um acrílico na parte da frente como proteção do quadro, pois as sementes são perecíveis, torna-se uma arte efêmera, essa tem um tempo de vida aproximadamente de 6 anos em boas condições de conservação. Se faz necessário tomar cuidado em algumas regiões de muita umidade, as sementes podem danificar pelo processo de interferência de água, mofando as sementes. Nesses casos, precisa limpar e secar com um secador de cabelo, podem também usar papel filme como proteção do quadro, esse deve ser trocado uma vez por ano.

Em muitos dos trabalhos que foram realizados, a comunidade fez outras exposições em locais próximos, exemplo; se foi a escola que tomou a iniciativa de fazer o primeiro trabalho, o quadro deve ser exposto primeiro nesse local, depois pode ser levado com cuidado a outros locais para exposição, em casas de cultura, prefeitura, igrejas, outras escolas, centros de formação, entre outros, se assim a comunidade decidir, para o transporte deve ser envolvido em alguma embalagem apropriada, como plástico bolha e cobertores.

A solicitação do trabalho nos espaços e organização do Movimento ocorre por uma abordagem de necessidade local, de acordo com alguma data importante, ou comemoração, algum seminário, eventos nacionais e internacionais, jornadas socialistas, ou até mesmo uma representação que venha a dizer o que essa arte representa para nos e outros movimentos sociais que lutam em defesa da vida e das sementes. Como método de construção da

simbologia é feita uma sondagem antecipada, uma espécie de levantamento de dados sobre o que seria interessante compor a simbologia (desenho), os temas abordados não fogem à regra, mesmo que estejam em locais diferentes a temática solicitada sempre traz presente a constituição daquele território, ou uma homenagem a um líder militante, algum mártir da luta, assim, os valores que ali são construídos coletivamente se organizam numa compreensão pela linha do tempo. A celebração da mística da vida está presente desde o acampamento, até as questões políticas sociais e os enfrentamentos ao capital do atual momento. Como citado acima, os temas devem ser respeitados pela vontade da comunidade, uma interferência externa pode causar um desconforto para a construção. Os quadros construídos até o presente momento em sua maioria foram assentamentos por esses já estarem em local definitivo, além desses outros estão em universidades e locais de formação da organização.

A proposta criada coletivamente tem como base organizativa as indicações dos militantes ligados à cultura dentro do movimento, militantes lideranças, professores que estão ligados aos coletivos de cultura e educação nos estados, esses solicitam o trabalho como forma de fortalecer a organização e valorizar a história local, bem como recuperação das sementes crioulas em suas regiões.

A cultura de representação simbólica no MST se apresenta dentro um caráter socialista, ou seja, de enfrentamento aos problemas sociais conhecidos historicamente pela classe trabalhadora, não só no Brasil, mas em todos espaços de luta da América Latina. Na arte das sementes, as temáticas se desenvolvem com esse pensamento, retratar os temas sociais se faz necessário porque vimos na arte possibilidades de fazer a crítica com relação aos reflexos sociais vividos. Torna-se evidente trabalhar dessa forma, pois queremos a arte como ferramenta que produza consciência, como elemento que agregue valor a uma cultura que historicamente foi marginalizada. Acreditamos no potencial das linguagens e representações da cultura como elemento que aponta as contradições da sociedade, inserindo os sujeitos ligados ao contexto do campo, como seres capazes de trabalhar com conceitos, que antes tempo considerado um conhecimento destinado as elites dominantes.

d) A construção das simbologias na arte das sementes: essa se faz forma voluntária pelos participantes, nesse intuito coletivo, tanto as sementes quanto as ideias da construção do desenho cada um de forma espontânea vai falando de diversos assuntos abordados decorrente de sua vivência, sempre olhando o contexto coletivo. Desde o início do trabalho quando se pensa o desenho há uma sistematização das ideias, em alguns casos foi possível construir desenhos individuais para depois construir propostas coletivas, em outros casos se faz apenas

um levantamento das ideias. Dessa forma se concluiu um esboço da proposta do quadro, a metodologia se faz relevante que seja coletiva pela condição dos sujeitos envolvidos, muitos deles não dispõem de destreza para construir traços/desenhos, nesse sentido sendo comprometidos com a causa, vão falando e indicando sobre o que pensam e assim vão contribuindo para a construção do desenho, em alguns casos há elementos que devem ser deixados para outro momento, cada construção precisa ter coerência nas representações.

Os assuntos debatidos no decorrer da oficina são os mais diversos, de acordo com o público que a oficina de destina, surge uma interatividade diferenciada, mas a grande maioria os assuntos se referem às sementes e ao desenho, partindo desses muitos outros assuntos surgem como parte da vida dos participantes, muitas histórias não chegam a ser representadas por que seria impossível, mas vale lembrar que diversas delas ficam socializadas com o grupo.

e) Os registros: são feitos por meio da fotografia e anotações, cada um busca sua forma particular de registro. O contexto vivenciado em coletivo permite um amadurecimento de consciência, o qual não é possível registrar, diz respeito ao pensamento transmitido em palavras num determinado momento de reflexo. São nesses momentos informais que os assuntos vão ganhando força, gerando polêmicas, vários debates vão se ajustando dentro das opiniões individuais pensando em coletivo.

f) Exposição do trabalho: é realizado um debate coletivo para escolha do lugar onde vai ficar a obra, as indicações apontam para que seja exposto em lugares estratégicos e de boa visibilidade, pois a partir do momento que o quadro é colocado em alguma parede. Esse se torna referência de fotos tanto para quem vive no local, quanto para quem visita a obra, em muitos relatos se identificou que o quadro é um elemento de valor para o local, esse acaba sendo parte da ornamentação permanente dos espaços.

Essa produção se faz por um processo simples, porém é preciso fazer uso de uma metodologia e organização específica para que essa tenha uma linha de continuidade, o processo de construção é coletivo ninguém termina uma só parte sozinho(a) em cada espaço trabalhado sempre se faz abordagem de sequência de traços e de colagem. Compreendemos que a própria metodologia interage com um pensamento colaborativo, vai propondo uma ligação entre as ideias e as pessoas, o trabalho nunca se determina como “meu” ou “eu” mas, sim “nosso”.

g) Autoria do quadro: quanto à referência de autoria dos artistas mexicanos na construção dos quadros, adotamos o compromisso social em nome do MST em 2012, de representar a construção de uma flor circular feita com sementes nas bordas, essa semelhante à flor do peyote, considerada sagrada na cultura indígena mexicana. Repetida inúmeras vezes em todos os trabalhos feitos dentro do MST, a flor representa a assinatura social que fizemos referência aos autores da técnica, passada verbalmente de artesão para artesão, como seguidores da cultura de trabalhar com as sementes de forma coletiva e social.

Por observação compreendemos a emoção contemplativa ao ver o quadro pronto, acreditamos que essa ocorre pelo motivo de que muitas vezes as sementes passam despercebidas, mesmo sendo parte da vivência das pessoas, essas estão incluídas num contexto de senso comum, e acreditamos que o papel da arte é contribuir para esse despertar, buscar na sensibilidade de cada um, uma percepção que possa valorizar e trazer presente as sementes como alimento, como arte, como patrimônio dos povos do campo entre outros valores que devemos considerar.

h) Desdobramentos após o término do quadro: no sentido de continuidade do trabalho, se faz a separação das sementes que vão ser plantadas, dessa forma garantem a continuidade do processo de reprodução das sementes. Os participantes assumem como meta espontânea a conclusão do trabalho não importa se é noite ou dia, cada momento traz uma reflexão da importância de chegar à conclusão do trabalho.

Quando falamos das diferentes possibilidades metodológicas que a arte nos oferece, nos referimos aos trabalhos ligados à cultura que conduzam o debate por processos que revelem resultado que transcendem a arte, nesse contexto falamos dos diferentes linguagens, e essas tem somado em perspectivas que vão além de uma construção que representa algo, na luta social, compreendemos que muitas das ações ligadas a cultura, tanto a música, teatro, meio digitais, tudo isso interagem com outras linguagens que possibilitam unir-se num diálogo que fala a um público que se sente parte do contexto social.

No caso da arte com sementes, ao debater e trazer presente as formas de vida social dos participantes, essa produção estará colocada num contexto ideológico de luta de classe vivenciada cotidianamente, valores construídos em sociedade, pois o que conduz o trabalho é a própria compreensão dos artistas camponeses. Neste sentido, cria-se uma identidade por meio dos símbolos que representa uma estética vinda da luta pela terra.

Em cada oficina trabalhamos com um número considerável de participantes, por esse motivo é feito um rodízio das pessoas que fazem a colagem das sementes. O trabalho fica em

constante construção, cada um busca em sua liberdade o compromisso de contribuir, em muitas das oficinas foi observado que diversas pessoas mesmo sem estarem ligados diretamente com a colagem de sementes se aproximam constantemente para tocar o trabalho as sementes.

A assinatura dos artistas, em cada quadro que é feito os nomes de cada um que ajudou na construção, ficam registrados no verso do quadro; dessa forma, se alguém sai antes do término, sempre alguém coloca o nome, por que esse fez parte da construção. Do mesmo jeito a um compartilhamento dos registros fotográficos, na era digital todo processo de construção logo se organiza em grupos que divulgam nas redes sociais, compreendemos que essa forma de difundir o trabalho, no atual período vem somar a favor dos processos desenvolvidos pela organização, fazer uso da tecnologia disponível, também é importante, pois há uma rápida comunicação das boas ações que são construídas.

i) Término de construção dos quadros e construção de perspectivas: no processo de multiplicação das sementes, estão os camponeses que se identificam como multiplicadores e cuidadores, sempre que possível esses são identificados para cuidar das sementes mais raras, as mais difíceis de se reproduzir, dessa forma, o trabalho se encaminha numa relação recíproca de valorização das sementes por uma causa. A produção deve ser destinada em quatro partes, uma parte se reserva para o plantio no ano seguinte, uma parte vai para a arte dos quadros, e duas partes deve ficar com quem produziu, pois dessa forma esse produtor de sementes pode utilizar como parte da sua alimentação, como a maioria das sementes são reproduzidas em pequenas e media quantidade e de forma voluntária. Não seria justo destinar a maior parte para a construção do quadro, no caso das serem comestíveis, salvo os casos que tenha sementes em abundância. Sempre que se faz uso de sementes crioulas, dessas devemos colocar à disposição de quem reproduz para que esse opte por reproduzir outras variedades, nesse sentido é feito um convite para ser um guardião de determinada semente.

Em muitos casos a uma preparação e coleta de sementes com antecedência, pois essas poderiam ser colhidas de matas nativas. Além disso, as sementes nativas têm maior durabilidade, pois estão inseridas num ciclo mais de sua reprodução, algumas são mais duras e coloridas, as sementes comestíveis são mais perecíveis, justamente por que são destinadas ao ser humano.

As sementes menores são as mais difíceis de serem reproduzidas, pois requer um preparo para a colheita, dessa forma precisa ser cuidado no plantio, devem ser limpas e separadas. Outro elemento importante são as sementes que se cruzam entre si (castiça como diziam os antigos), como experiência da cultura camponesa, sabemos que as variedades de

milho têm essa probabilidade de se misturar se forem plantadas próximas e na mesma época, para que isso não ocorra, se planta com dias de diferença, como aprendemos nas aulas de agroecologia. As variedades de feijão não se cruzam apenas mudam de cor pela própria espécie, de acordo com o solo que estejam plantadas.

Os quadros desde quando começa até quando o mesmo se conclui, quando cada um deixa sua contribuição sempre se faz com espontaneidade, um processo coletivo o qual as mãos vão desenhando a história. Todos ajudam pensar alguma coisa referente ao trabalho. Um aspecto importante a ser destacado pelas experiências já construídas, em depoimentos muitos que ajudaram colar as sementes, identifica ao término do trabalho, as sementes que ajudaram colar, há uma memorização dos nomes das sementes por esse fato de ter estado em contato por um tempo maior com a semente e o determinado espaço construído no trabalho, o olhar individual fica direcionado ao espaço que cada um ajudou colar as sementes, soma-se aí uma espécie de realização pessoal. Dessa forma a aproximação com as sementes resulta num comportamento que valoriza o meio que se vive, um território a ser construído coletivamente, obtém-se um aprendizado que é parte do acúmulo de conhecimento que se identifica como identidade camponesa.

No contato com as sementes, cada participante vai se identificando com uma determinada variedade, os mesmos preferem eleger quais sementes querem cuidar, qual variedade vão levar para reproduzir. Nesse sentido outras ideias vão surgindo, há uma proposição de voltarem a se encontrar para seguir fazendo o trabalho com sementes.

Nesse incentivo coletivo, as ideias surgem na sequência do trabalho, além do quadro ou um trabalho coletivo, surge a manifestação de construir trabalhos individuais para ornamentar as casas, contar sua história com as sementes que produz no lote. Dessa forma, o exercício que segue é a criação de pequenos trabalhos para serem vendidos nas feiras e obter uma fonte de renda, outros apenas gostariam de levar para a escola do assentamento e fazer lembrança de dias especiais, comemorativos. Muitos já saem com data marcada para continuidade e construção de novos trabalhos, dessa forma acredita-se que há um despertar para outras formas de construção artística.

4.5 A construção estética no contexto da Reforma Agrária: memória da construção dos quadros

A construção da estética com sementes desde 2012, quando ocorreu a primeira oficina, até o atual momento, 2017, soma 35 trabalhos de grandes e médios construídos coletivamente,

além desses foram construídos outros em forma de mandalas para oferecer como lembranças em nome do MST. Foram enviados para Cuba, Venezuela, Argentina, Itália, Portugal, México.

Entre os quadros que foram feitos, procuramos reunir depoimentos durante as oficinas como memória desse trabalho. O primeiro quadro construído foi construído com 24 variedades de sementes da representação dos quadros, foi na Bahia no assentamento Terra Vista/Arataca em 2012.

O tema abordado desde o primeiro foi a representação da luta pela terra, agroecologia, sementes crioulas e a defesa da biodiversidade. Esse seria o tema mais trabalhado em todo contexto simbólico desse trabalho artístico. Cinco anos desde o primeiro quadro, o último quadro até o presente momento se fez com 75 variedades de sementes esse foi construído em Campina Grande na Paraíba, região do semiárido nordestino. Esse também com representação da luta pela terra e resistência na região da seca colocando em prática a agroecologia como forma de obter a vida em difíceis condições que são superadas a cada dia, pois foi destacada a luta para viabilizar os recursos naturais da região (terra, água, sementes), sendo esses recursos disputados fortemente pelo agronegócio.

As variedades de sementes que circularam na colagem dos trabalhos realizados em cinco anos, somam mais de 180 variedades e outra mais que não foram contabilizadas, a maior parte produzida por os camponeses(as) que fazem parte do território onde os quadros foram construídos.

Desse tempo de trabalho na produção dos quadros foi possível construir em torno de 95,92 m², isso somando os quadros construídos coletivamente, sem contar as mandalas, ou seja, um aproximado de cem metros de semente colada sobre madeira.

Outro dado importante e de maior ênfase para esse processo de construção artística é o público que esteve em formação pedagógica, uma média de 2.104 pessoas contando em listas de presença e pessoas que se envolveram na organização das oficinas, bem como agricultores que contribuíram com suas sementes exclusivamente para a construção dos quadros. Essa contagem foi realizada pelas anotações de caderno de campo, pelo cálculo de participação dos eventos não se tem como chegar a um dado aproximado, pois os eventos têm um público que visualiza a confecção do quadro, está por perto a maior parte do tempo, mas nem todos conseguem fazer o trabalho da oficina. Dessa forma foi optado por um número médio/baixo, para garantir as informações. Vale salientar que muitos mais tiveram acesso de conhecer a técnica, esse número não é possível saber exato quantos.

No contexto da produção dos quadros com sementes, avaliamos que um aproximado de cem variedades foram recuperadas e multiplicadas, pois em cada quadro feito em média

dez variedades diferente passaram a ser plantadas após a construção do quadro, essa base está relacionada à quantidade de variedades colocadas nos quadros e também a meta de cada local onde se construiu os trabalhos, isso a partir do segundo ano, em 2013, foi em torno de vinte variedades levadas de um lugar para o outro, num intercambio de contribuição para a construção de cada quadro.

Além disso, houve uma distribuição de sementes para os plantios e recuperação de sementes em cada região, muitas foram levadas para plantar, mas não temos retorno dessa produção pela distância de cada trabalho realizado e pela falta de comunicação.

De acordo com a descrição e identificação dos trabalhos realizados, as informações trazem uma referência sobre cada construção que foi possível fazer até o presente momento. Nessa descrição buscamos destacar informações que pudessem identificar o contexto de criação de cada quadro, trazendo referência técnicas e uma sistematização dos conceitos teórico que deram base para a construção de cada quadro.

Quadro 1 – Síntese da construção dos quadros

Nº de ordem	Local da oficina de produção	Data da produção	Contexto/atividade realizada	Finalidade da construção do quadro	Qtde. de variedade de sementes	Tamanho do quadro e material utilizado	Qtde. de artistas camponeses
01	Abelardo Luz, Santa Catarina.	09/2012	Projeto social - Madre Bernarda (CMAB)	Homenagem ao nome da instituição	10 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,00 x 1,20 – Semente sobre madeira	Grupo de crianças e adolescentes - 35 pessoas
02	Abelardo Luz, Santa Catarina. Público estimado	09/2012	Grupo de crianças e adolescentes do projeto social. Madre Bernarda (CMAB).	Quadro realizado em comemoração aos 50 anos da Paróquia São Sebastião	12 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,00 x 1,00 – Semente sobre madeira	35 pessoas.
03	Assentamento Terra Vista, Arataca- Bahia.	10/2012	I Jornada de agroecologia da Bahia	Quadro realizado como síntese da primeira jornada de agroecologia da Bahia	24 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,50 x 2,50 – Semente sobre madeira	Público estimado 80
04	Abelardo Luz, Santa Catarina	12/2012	Finalidade; lembrança como proposta do respeito e debate existente no MST, sobre a recuperação e preservação das sementes.	Entregue ao Papa Francisco. Conferência Internacional dos Movimentos Sociais- Roma/ Itália.	28 variedades de sementes	Obra Mandala 0,50 x 0,50. Semente sobre madeira	1 pessoa
05	Assentamento José Maria/Abelardo Luz Santa Catarina	10/2013	III Jornada de cultura dos assentamentos	Quadro realizado para conhecimento da técnica, bem como socialização da história da luta pela terra por meio da arte com sementes	32 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 2,00 x 2,50. Semente sobre madeira	Público estimado 130 pessoas
06	Maringá/Paraná	<u>07/08/2013</u>	13ª Jornada de agroecologia MST e Via Campesina	Trabalhar a técnica das sementes como incentivo e despertar por meio da arte para a recuperação das sementes crioulas	46 variedades de sementes.	Germinando arte. Obra 2,20, x 2,50. Semente sobre madeira	Público estimado 90 pessoas
07	(APAE) extensão 25 de maio Assentamento 25 de Maio. Abelardo Luz. SC	11/2014	Amostra de arte e cultura Nacional do MST	Inserir o contexto da arte com sementes e da cultura camponesa na escola especial do assentamento	32 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,20 x 1,40. Semente sobre madeira	Público estimado 35 pessoas
08	Assentamento terra vista, Arataca/Bahia	11/2014	III Jornada de agroecologia	Dar continuidade ao conhecimento da técnica, e incentivando a reprodução de sementes	64 variedades de sementes	Germinando arte. Obra Semente sobre madeira. 2,00 x 2,00	Público estimado 120 pessoas
09	Brasília	02/2015	VI congresso nacional do MST	Nesse trabalho seria a possibilidade	54 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,50 x 2,00.	Público estimado 130 pessoas

				de apresentação da técnica, bem como trazer o debate das sementes por meio da arte		Semente sobre madeira	
10	Pontão/Rio Grande do Sul	02/2015	Instituto EDUCAR, curso médio 5 e 7	Nesse trabalho foi colocado como meta trabalhar a reprodução de variedades de sementes, tirando como meta da escola, reprodução de sementes e a continuidade dos quadros, para fortalecer as experiências de incentivo à produção agroecológica	46 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,40 x 180. Semente sobre madeira	Público estimado 60 pessoas
11	Morro Santa Tereza/Rio de Janeiro	03/2015	Curso Pós-graduação morro Santa Tereza/ Rio de Janeiro o em Residência Agrária Trabalho Educação e Movimento Sociais, turma Tekora Guarani	Trazer o debate do território indígena, como representação da simbologia criada pela mística da identidade da turma	54 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,40 x 1,80. Semente sobre madeira	Público estimado 42 pessoas
12	Catalão/Goiás	09/2015	II Feira da Biodiversidade (MCP).	Conhecer a técnica, bem como trabalhar o contexto de produção de sementes crioulas como movimento pioneiro no Brasil	38 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,50 x 2,00. Semente sobre madeira	Público estimado 30 pessoas
13	Abelardo Luz/Santa Catarina.	12/2015	E.E.M. Paulo Freire.	Homenagem a Paulo Freire pela semana pedagógica construída pelos educandos(as)	22 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,20 x 1,40. Semente sobre madeira	Público estimado 70 pessoas
14	Veranópolis/Rio Grande do Sul	09/2014	Instituto Josué de Castro. Curso TAC 14	Quadro realizado como representação dos movimentos sociais, e novo lema do MST, "lutar construir reforma agrária popular"	54 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 2,70 x 3,00. Semente sobre madeira	Público estimado 60 pessoas
15	Veranópolis/Rio Grande do Sul	08/2014	Instituto Josué de Castro. Curso TAC 13	Amostra nacional de artes	34 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,00 x 1,20. Semente sobre madeira	Público estimado 37 pessoas

16	Veranópolis/Rio Grande do Sul	01/2014	Instituto Josué de Castro. Curso EJA MÉDIO	Homenagem a Egídio Brunetto	28 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 0,80 x 1,00. Semente sobre madeira	Público estimado 25 pessoas
17	Guararema/São Paulo	11/2014	Curso Latino	Homenagem pelos 10 anos da Escola Florestan Fernandes (ENFF).	32 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 2,00 x 2,00. Semente sobre madeira	Público estimado 30 pessoas
18	Veranópolis/Rio Grande do Sul	03/2015	Curso TAC 13	Homenagem aos 20 anos do Instituto Josué de Castro	23 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,00 x 1,20. Semente sobre madeira	Público estimado 20 pessoas
19	Universidade de Laranjeiras do Sul/Paraná	12/2015	Seminário Nacional de Licenciatura em Educação do Campo	Levar o conhecimento da técnica aos participantes, especialmente as turmas de licenciatura em educação do campo, a qual em grande parte são indígenas	28 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,00 x 1,20. Semente sobre madeira	Público estimado 40 pessoas
20	Assentamento Bela Vista/Abelardo Luz, Santa Catarina	06/2015	Feito pela comunidade	Homenagem e comemoração da festa do padroeiro Santo Antônio	24 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,20 x 2,00. Semente sobre madeira	Público estimado 30 pessoas
21	Florianópolis/capital de Santa Catarina	03/2015	Curso de Pós em Residência Agrária na Educação do Campo	Homenagem a Egídio Brunetto militante do MST	30 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,00 x 1,20. Semente sobre madeira	Público estimado 32 pessoas.
22	Viamão/Rio Grande do Sul	<u>06/2015</u>	Curso Básico para Militantes da Região Sul	Placa de identificação do Centro de Formação Sepé Tiaraju	18 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 0,60 x 1,20 semente sobre madeira	Público estimado 45 pessoas
23	Centro Sepé Tiaraju	12/2015	Oficina para militantes da cultura	Conhecimento da técnica, e representação da luta na região Sul e a luta pela terra	22 variedades de sementes	Germinando arte. Obra 1,20 x 1,50 semente sobre madeira	Público estimado 28 pessoas
24	Assentamento de Clevelândia Paraná.	<u>12/2015</u>	Grupo de oradores do assentamento em parceria com o sindicato dos comerciários de Pato Branco e região	Comemoração do aniversário do assentamento	31 variedades de sementes	Germinando arte Obra 1,50 X 1,80. Semente sobre madeira	Público estimado 40 pessoas
25	Abelardo Luz/Santa Catarina	05/2015	Assentamento 25 de Maio	Comemoração dos 30 anos do MST em Santa Catarina	58 variedades de Sementes	Germinando arte Obra 2,00 x 2,50, Semente sobre Madeira	Público estimado 60 pessoas
26	Abelardo Luz/Santa Catarina	05/2016	<u>Assentamento José Maria.</u>	Comemoração de Aniversário da Escola Municipal José Maria	24 variedades de Sementes	Germinando arte Obra 1,00 x 1,20, Semente sobre Madeira	Público estimado 20 pessoas
27	Prado/Bahia	08/2016	Curso de Agroecologia e Educação e grupo de jovens a mulheres	Centro de Formação Egídio Brunetto, homenagem a Egídio Brunetto e Paulo Kageyama	52 variedades de Sementes	Germinando arte Obra 2,00 x 2,50, Semente sobre Madeira	Público estimado 90 pessoas

28	<u>Prado/Bahia.</u>	<u>08/2016</u>	Curso de Agroecologia e Educação	Placa de Identificação do Centro de Formação Egídio Brunetto	16 Variedades de Sementes	Germinando arte Obra 0,90 x 2,00, Semente sobre Madeira.	Público estimado 10 pessoas
29	Anchieta/Santa Catarina	<u>03/2017</u>	Construído por mulheres, jovens e crianças, agricultores camponeses	Comemoração de Aniversário do município de Anchieta.	54 variedades de Sementes	Germinando arte Obra 1,50 x 2,00, Semente sobre Madeira	Público estimado 100 pessoas
30	Lebon Régis/Santa Catarina	<u>04/2017</u>	Escola municipal Trinta de Outubro	Comemoração da semana do Contestado. Construído	46 variedades de Sementes	Germinando arte Obra 1,40 x 1,20, Semente sobre Madeira	Público estimado 80 pessoas
31	Chiapas/México	04/2017	Universidade de São Cristóvão de las Casas	Evento Cultural da comunidade Zapatista 'Comparte'	26 variedades de Sementes	Germinando arte Obra 0,80 x 1,60, Semente sobre Madeira	Público estimado 70 pessoas
32	Chapecó/Santa Catarina	<u>08/2016</u>	Assentamentos e acampamentos em parceria com a Universidade Federal da Fronteira Sul/UFSS	IV Jornada Cultural da Reforma Agrária	42 variedades de Sementes	Germinando arte Obra 1,50 x 1,50, Semente sobre Madeira	Público estimado 120 pessoas
33	UFRS. Cidade de Erechim/Rio Grande do Sul	03/2017	Realizado por participantes do evento, professores e estudantes do campo	III SIFEDOC, Seminário Internacional de Educação do Campo	38 variedades de Sementes	Germinando arte Obra 1,40 x 1,60, Semente sobre Madeira	Público estimado 90 pessoas
34	Porto Seguro/Bahia	06/2017	Participantes da jornada, indígenas, quilombolas e Sem Terra	V Jornada de Agroecologia da Bahia Região Sul	29 variedades de Sementes	Germinando arte Obra 1,50 x 2,00, Semente sobre Madeira	Público estimado 130 pessoas
35	Campina Grande/Paraíba	08/2017	Curso de educação em Agroecologia do Nordeste	Centro de Formação Elizabete e João Pedro Teixeira	75 variedades de Sementes	Germinando arte Obra 2,50 x 2,60, Semente sobre Madeira	Público estimado 90 pessoas

5. A ESTÉTICA DAS SEMENTES: UMA REPRESENTAÇÃO DA LUTA PELA TERRA

Na disputa pela Reforma Agrária e pela transformação social, o MST não luta apenas pela a terra. O imaginário social, o universo simbólico, a consciência humana também são territórios onde uma sutil e delicada batalha é travada, na qual a cultura possui centralidade estratégica. (BOHNENBERGER, 2016).

De acordo com a frase de Bohnenberger (2016) que ilustra o pensamento coletivo, seguimos buscando ela centralidade da produção e representação da luta pela terra, nesse sentido a produção realizada em cinco anos de trabalho, busca trazer presente uma simbologia que aborda processos que constituem uma identidade vinculada a luta pela terra. Dessa forma fomenta o debate pelos caminhos da educação e da cultura, essa trabalhada numa perspectiva ampla dentro dos espaços de formação do MST. Nesse sentido, a matriz que organiza a educação artística tem projetado atividades a nível nacional que inclui o conhecimento produzido e fortalecido nas bases da cultura camponesa.

Cabe à educação e à cultura alicerçar processos criativos e democráticos, para assim compreender a cultura como identidade social. Como destaca Caldart (2012, p. 10-11):

Integra essa matriz o desenvolvimento da educação artística, podendo ser meta da escola a participação dos estudantes em grupos de produção e expressão pelo menos em alguma das formas de linguagem da arte; assim como a participação em atividades do Movimento que trabalhem especialmente essa dimensão: os concursos nacionais de redação e desenho, os encontros de Sem Terrinha, os festivais artístico-culturais.

A cultura tem tarefa de trazer um pensamento politizado aponta os caminhos de uma nova dinâmica social, a escola por meio dos setores de educação e cultura deve ser que propõe as atividades, pois essas resgatam exercícios de compreensão do que corre na base da organização.

Nesse intuito, os quadros apresentam simbologias construídas como parte das reflexões que tem sido feita pela organização, como parte integral do setor de cultura, os traços representados têm como finalidade construir uma compreensão de um território intelectual e humanizador. Em sequência abordamos uma identificação de cada trabalho construído.

5.1 A estética visual da Reforma Agrária

No estudo que segue em forma de registro fotográfico e escrito, com uma pequena legenda das obras, abordamos algumas questões que seria importante dizer sobre a referida

construção de cada quadro, em alguns os passos registrados em escritas se diferenciam pela própria construção e das formas que ocorreram determinadas oficinas. O histórico de cada quadro foi construído após o término de cada oficina, em forma de avaliação; alguns dos relatos e descrição ocorrem de forma a juntar mais elementos em uns do que em outros.

O processo de seleção dos quadros que estão compondo o texto deste trabalho se deu por uma questão de obter um registro com uma melhor qualidade, esse critério usou-se pela qualidade das fotos que foram feitas, diversas pessoas contribuíram nesse registro e dessa forma alguns obtiveram melhor qualidade e outros não. Nesse caso pudemos usar algumas das fotos, pois para este trabalho precisamos de uma visualização nítida das sementes, esse sendo um fator importante, pois buscamos pela identificação das sementes nas próprias fotos. Devido às condições, muitas ficaram comprometidas como registro. Essa foi uma das dificuldades encontradas nesse processo de construção dos quadros.

Figura 2 – Quadro realizado na I jornada de agroecologia. Assentamento Terra Vista, Arataca/Bahia



Germinando Arte. Obra 1,50 x 2,50 – Semente sobre madeira – 24 variedades de sementes. Público estimado: 80 pessoas, 10/2012.

No I Encontro de Agroecologia no estado da Bahia foram realizadas mais de quarenta oficinas, todas ligadas ao tema da agroecologia, inclusive primeira oficina com semente essa deu origem ao nome do projeto, Germinando Arte. Por sugestão coletiva procuramos

acrescentar diversos elementos no desenho, algo sobre os 25 anos de ocupação/assentamento Terra Vista, também se fez referência as três décadas de surgimento do MST, sendo esse assentamento um dos mais antigos da região Sul da Bahia e por sinal se tornará referência enquanto organização do MST na região.

Um trabalho que iria enfatizar elementos da história seria algo inovador por utilizar sementes, além disso, decidiu-se incorporar algo que representasse a trajetória geral do movimento, a primeira jornada de agroecologia, a vivência das pessoas em conjunto disso um elo que se criou entre as três organizações sociais: indígena, quilombola e MST. Outros elementos foram parecendo como simbologia do desenho, tudo foi desenhando como algo que deveria ter a ideia de luta pela terra e a resistência dos povos, os elementos deveriam contribuir e destacar uma trajetória de transformação social na região.

Os elementos simbólicos foram aparecendo desde o início da luta pela terra em 1985, na região Sul, dentro das pastorais da igreja e sindicatos, em que se salientou que o assentamento Terra Vista seria fruto da expansão da luta pela Reforma Agrária no Brasil. Dessa forma, iniciou-se, pela representação das pastorais da igreja, o acampamento, a cultura, a educação, o trabalho, as ferramentas de trabalho, os camponeses, a ideologia da luta socialista, gênero, produção agroecologia, preservação da natureza/meio ambiente, estes símbolos foram interpretados, falados e debatidos pelo grupo que iniciou a oficina. Os pontos de debate que até então nunca haviam sido colocados com interpretação da arte vinculada à realidade social vivida.

Foi representada no quadro como sinal de transformação social em decorrência histórica da disputa de terras na região, o ponto marcante ocorre pela produção, após se efetivar o assentamento ampliou-se também as possibilidades de permanência das famílias na terra, antes tempo o trabalho era colocado como mão de obra itinerante nas grandes fazendas que produziam apenas a monocultivo do cacau e café. Esse sistema de produção provocou um grande desequilíbrio da natureza na região e as pestes nas lavouras tornou a produção inviável. Com o assentamento, outras linhas de produção passaram a se organizar, como primeiro passo recuperar as florestas e com essas trabalham os plantios de cacau consorciados em agrofloresta com outros cultivos de subsistência das famílias.

Foi marcante a presença das mulheres, em especial as indígenas, que se colocaram na condição de colaboradoras constante e ativas da construção do quadro. Pediram para levar para casa alguns esboços de desenhos para seguir colando as sementes em casa. Também fariam a colheita de sementes e passariam a técnica em suas comunidades, dessa forma, dariam continuidade a arte com sementes.

Neste sentido as sementes coladas no quadro representavam o início de um novo olhar com relação ao reconhecimento e compreensão do valor que as sementes carregam como elemento fundamental para a vida, além da arte. O quadro de sementes ampliou a possibilidade de dar visibilidade a um mostruário de sementes, que temporariamente seria exposto nas escolas, onde os educandos teriam contato com a técnica, bem como a comunidade em geral. Nesse sentido, a proposta se deu como um conteúdo da escola, como sequência seria trabalhado a identificação das sementes, nomes, cores, aprender o valor nutritivo das sementes, entre outros. A obra foi apresentada por meio de uma mística ao final da jornada, como símbolo e compromisso de arte que contemplava a vida e vivência na Terra.

Figura 3 – Quadro realizado no VI Congresso Nacional do MST



Germinando Arte. Obra 1,50 x 2,00. Semente sobre madeira – 54 variedades de sementes. Público estimado: 130 pessoas. Brasília, 02/2015.

O quadro realizado no VI Congresso Nacional marca um período de trinta anos de comemoração histórica na luta pela terra. A oficina ocorreu durante os três dias de congresso, a qual possibilitou que diversos participantes tivessem a oportunidade de conhecer e aprender a técnica. Um grupo itinerante assumiu a tarefa da construção, mas também ficou aberto para o público que tivesse interesse em aprender. Na apresentação do quadro para 17 mil pessoas,

ao ver a arte das sementes certamente imaginaram construir trabalhos em seus acampamentos e assentamentos. Dessa forma foi anunciado que esse trabalho estaria sendo difundido em todos os espaços que fosse possível plantar e colher sementes, em que poderiam desenvolver esse trabalho em suas bases.

A simbologia do quadro foi pensada a partir da reflexão sobre os avanços ocorridos nesse período de trinta anos de luta. O elemento marcante seria a participação das mulheres nas lutas do MST. Dessa forma, a figura da mulher foi desenhada em primeiro plano, para assim unir os elementos da bandeira com vestimenta da mulher que gera a vida. Os cabelos se misturam em forma de montanha e horizonte. Do lado esquerdo a cruz com os panos branco e preto, branco simboliza a paz e o preto simboliza o luto por muitos companheiros que tombaram em luta. O Barraco em forma de caderno representa os avanços na educação desde o acampamento como um dos primeiros princípios formativo da luta. A cesta de produtos representa a conquista do direito ao alimento que muitos não tinham antes do assentamento. As ferramentas como representação do trabalho e enfrentamento dos sem-terra avançaram muito nesse período de trinta anos.

Figura 4 – Quadro da Amostra Nacional de Artes do MST



Germinando Arte. Obra 1,00 x 1,20. Semente sobre madeira – 34 variedades de sementes. Instituto Josué de Castro. Curso TAC 13. Público estimado: 37 pessoas. Veranópolis/RS, 08/2014.

A construção do quadro ocorreu no período da Amostra Nacional de Arte e Cultura, e com essa uma campanha nacional permanente para trabalhar o tema “Contra os Agrotóxicos e pela Vida”. No dia 3 de dezembro de 2013, militantes do MST saíram às ruas em todo o país para denunciar o modelo da morte que domina a agricultura brasileira, o agronegócio. Colocou-se como alerta dados sobre quantidade de veneno consumido de forma camuflada na alimentação de todos os brasileiros.

Ano após ano, o Brasil bate recordes de consumo de agrotóxicos e sementes transgênicas. A população brasileira está sendo envenenada. Nas águas, no solo, nos alimentos, em pequenas doses diárias, ou em chuvas de veneno, temos contato com substâncias que causam câncer, levam ao suicídio, e provocam abortos espontâneos, entre outros vários efeitos. (MST, 2013).

O sentido da campanha foi abrangente e dessa forma em todas as escolas de acampamentos e assentamentos, esse tema seria trabalhado e em seguida seria colocado os trabalhos como amostra no congresso nacional no ano seguinte.

O Instituto Josué de Castro (Itterra), com a turma TAC, elaborou a proposta de construção do quadro de sementes. Nesse sentido, a simbologia foi construída pelos educandos do curso. A representação colocada foi com os arames farpados, surgindo da terra a

mão que se levanta e segue amparando toda uma construção de luta. Dessa forma, o sangue na mão como simbologia das agressões sofridas, as perdas de companheiros(as) nas lutas, como a acompanha trabalhou os agrotóxicos, o sangue traz uma representação de vida em risco, que sangra aos efeitos dos agrotóxicos tão prejudiciais à saúde humana. Para contrapor esse sistema colocado pelo capital, a marcha de pessoas em mobilização com bandeiras traz o sentido de caminhar por outras propostas de agricultura. Nessa compreensão as pessoas em marcha se transformam em acampamento, em casas e agroindústria e cooperação.

No lado direito foram colocados flores e passarinhos como sinal de boas lutas e conquistas, no fundo o sol socialista em forma de girassol, como ideologia a ser seguida por todos que lutam nas mais diversas frentes do MST e outros movimentos sociais. Bordas com flores mexicanas. Para completar o quadro a frase que significa a utopia a ser construída na luta pela terra, “construir um mundo novo”.

Figura 5 – Quadro realizado na III Jornada de Cultura Estadual e dos Assentamentos de Abelardo Luz



Germinando Arte. Obra 2,00 x 2,50. Semente sobre madeira – 32 variedades de sementes. Assentamento José Maria, Abelardo Luz/SC. Público estimado: 130 pessoas, 10/2013.

A oficina ocorrida junto com a III jornada de cultura estadual teve por objetivo trabalhar os elementos da cultura e da Reforma Agrária, bem como trazer pela primeira vez a

técnica germinando arte para o conhecimento dos jovens e crianças, esses estudantes das escolas dos assentamentos de Abelardo Luz. Nesse sentido, os elementos do desenho foram pensados de maneira que pudessem perceber a luta pela terra em Abelardo Luz. Dessa forma, valoriza e busca pelas sementes que são produzidas na região. Nessa jornada houve várias oficinas de cultura, mas a das sementes ficou aberta ao público sem restrição de quantidades de pessoas que poderiam participar. Houve a participação ampla de lideranças e participantes da jornada. Para o debate sobre a construção da simbologia, reuniu-se 46 pessoas, essas todas para iniciar a oficina, após contextualizar cada elemento, chegou-se a uma conclusão de que ficaria os desenhos que estão representados no quadro, acima. No decorrer da oficina muitos foram as colocações feitas com referência à arte, dessa forma uma grande admiração a cada dia que avançava na construção do quadro, um processo muito bonito que encantava a todos.

Dessa oficina saímos com mais três outras encaminhadas para serem realizadas num futuro próximo em assentamentos próximos da região de Abelardo Luz e assentamentos pertencentes ao Paraná e Rio Grande do Sul.

As sementes foram trazias pelos participantes e outras foram compradas, para assim elaborar um trabalho diversificado em variedades de sementes.

A simbologia representada segue desde o início da luta pela terra, essa representada nas cercas e na cruz das pastorais do lado esquerdo onde inicia a história. Os pés representam o início da caminhada até o acampamento. Seguindo pela construção do instrumento violão como um elemento forte, pois nas noites de ocupação a música aliviar a tensão dos momentos difíceis, o mesmo se abre com as cordas em formato de ramos de flores e trigo, nesse elemento também sai o punho erguido em sinal de luta e rebeldia. O elemento milho e punho havia ocorrido o congresso internacional da Via Campesina na Indonésia. Os produtos da Reforma Agrária produzidos na região colocados no lado direito do quadro. A bandeira com pessoas em círculo ao redor do símbolo central representa a organização da luta quando todos se reúnem e compartilham as ideias. O horizonte construído como montanhas representa a geografia da região, bem como no fundo o símbolo do sol socialista. Nesse contexto houve a distribuição de sementes para várias pessoas que levaram para planta e muitas delas seguem reproduzindo as sementes, muitas das variedades distribuídas nessa oficina serviram para construir outros quadros na região. Bem como em outros assentamentos fora do estado de Santa Catarina. Nas bordas as flores mexicanas.

Figura 6 – Quadro realizado na 13ª Jornada de Agroecologia MST e Via Campesina



Germinando Arte. Obra 2,20 x 2,50. Semente sobre madeira – 46 variedades de sementes. Público estimado: 90 pessoas. Maringá/PR, 07/08/2013.

Como memória do primeiro quadro construído na jornada realizada anualmente no Paraná, a mesma promovida pelo MST e Via Campesina. Vale lembrar alguns aspectos que trazem a importância histórica desse evento que ocorre em nível internacional. Em 2013 mais de três mil participantes da 13ª Jornada de Agroecologia, vindos de diferentes regiões do Brasil, reunidos nas cidades de Maringá e Paçandu, no Paraná. Discutiram diversos assuntos relacionados às formas de trabalhar com a agroecologia. De acordo as propostas elaboradas, ao final de cada encontro se faz uma carta de compromisso com as metas estudadas e tiradas como encaminhamentos para as ações coletivas a nível nacional. Diversas campanhas são trabalhadas no decorrer do ano em prol da construção da agroecologia e assim dar continuidade a luta por uma Terra Livre de Latifúndios, Sem Transgênicos e Sem Agrotóxicos, e pela construção de um Projeto Popular e Soberano para a Agricultura.

Segundo estudo da carta compromisso (2013), desde a 1ª Jornada de Agroecologia em 2002, temos reafirmado a agroecologia como resultado do árduo e consciente trabalho de milhares de famílias camponesas, sem o apoio de políticas públicas do Estado, estruturantes e sistemáticas, para agroecologia. Finalmente em 2012, o Governo Federal atendeu o clamor

histórico do campesinato e tomou a iniciativa de decretar a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, e em julho de 2013, o Conselho de Ministros aprovou o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO). Nesse sentido histórico abordamos o tema do quadro como representação de muitos debates que se tornam a cada ano bandeiras de luta dentro dos movimentos sociais.

A simbologia do quadro partiu da elaboração do coletivo da cultura que fazia parte jornada nas questões de ornamentação entre outros, bem como sugerida pelos militantes inseridos na organização da jornada, entre eles o artista Acir Batista, o qual contribuiu muito para essa elaboração do desenho. Dessa forma, o elemento principal seria a águia azul por ser essa ave que traz em sua prática de alimentação, uma disseminação de sementes de araucária e essas germinam na mata multiplicando as reservas naturais dessa variedade de planta.

O elemento araucária e águia são os símbolos da agroecologia no Paraná. Outro elemento importante nesse quadro foi a espiga de milho em tamanho maior que o natural, essa construindo o caminho no primeiro plano, e a águia plantando a semente de pinhão no milho, por ser essa a representação das sementes crioulas. Assim, a marcha de pessoas está agarrada a espiga como sinal de luta e caminhada em defesa das sementes. A bandeira em primeiro plano compondo o chão, em sinal de terra conquistada. O fundo raiado em forma de horizonte circular. As bordas com flores mexicanas.

Figura 7 – Quadro realizado no Curso Pós-Graduação Lato Sensu Trabalho, Educação e movimentos Sociais do MST, em parceria com a Fiocruz



Germinando Arte. Obra 1,40 x 180. Semente sobre madeira – 54 variedades de sementes. Rio de Janeiro, turma Tekoha Guarani, morro Santa Tereza/Rio de Janeiro. Público estimado: 42 pessoas, 03/2015.

O processo de construção do quadro com sementes trouxe uma simbologia iniciada na segunda etapa do curso, e deram início ao debate e reflexão sobre a identidade do grupo de estudantes. Na terceira etapa, os núcleos de base indicaram nomes foram defendidos por meio de mística e ao final da noite de apresentação optou-se pelo nome de Tekoha Guarani.

A partir desse momento a turma foi estudando sobre as questões indígenas numa perspectiva marxista, denunciando o avanço do capital sobre os território indígena, quilombolas e camponeses Sem Terra. O nome levou a expressão de resistência e luta dos povos originários.

Durante a quarta etapa, fortaleceu-se a busca por uma simbologia visual para a identidade da turma. Assim iniciou o encaminhamento que seria para trazerem sementes na próxima etapa.

Por meio de uma linda jornada socialista sobre a luta dos povos indígenas, negros e toda classe trabalhadora, isso ajudou sensibilizar a produção dos desenhos, esses feitos pelo

despertar dos traços individuais. Dessa forma, prosseguiu o processo de materializar a simbologia do quadro. Vários elementos indígenas foram bem colocados por vários da turma, assim a figura central seria a imagem que representa esse olhar indígena sobre o território e a natureza com um tecido envolto do rosto originou a bandeira. O cocar contemplou a cultura indígena bem como o sol do socialismo. A marcha e união representada pelos braços entrelaçados, o instrumento de trabalho como força para o enfrentamento. A mulher camponesa semeando as sementes que caem sobre o livro. O território que abriga o acampamento, aldeia, formas de moradia próximo da Bahia de Guanabara, atualmente a Bahia mais poluída do Rio.

Ao lado esquerdo, o elemento de maior contradição do capitalismo, o moro pão de açúcar tido como cartão postal do Rio de Janeiro, esse tira a atenção e esconde a realidade social das favelas, dessa forma no quadro foi colocado a favela no moro, como sinal de contradição pela expropriação do território. O quadro traz a expressão da força da luta mergulhada na beleza das sementes que simbolizam a existência da vida. Nas bordas ideogramas indígenas desenhados por um integrante do curso esse de origem indígena, além desses traços, também colocado às flores mexicanas. Nesse sentido o processo foi muito participativo o quadro ficou exposto por dois anos na biblioteca da Fiocruz/Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio/Rio de Janeiro. Atualmente encontra-se na escola Florestan Fernandes São Paulo.

Figura 8 – Quadro realizado na V Jornada de Agroecologia da Bahia, Região Sul



Germinando Arte. Obra 1,50 x 2,00. Semente sobre madeira – 29 variedades de sementes. Construído na cidade de Porto Seguro. Público estimado: 130 pessoas. Bahia, 06/2017.

Nessa jornada de agroecologia houve uma ampliação de participantes e os jogos indígenas que ocorreu junto com a jornada. O tema do encontro foi: Terra e Território – Natureza, Educação e Bem Viver. A cada momento do encontro celebrado com muita mística entre os participantes, nos lembra que precisamos construir um mundo em que a luta dos povos pulse nos caminhos da ancestralidade. Como salienta uma companheira do assentamento Terra Vista:

O quadro de Sementes tem nos acompanhado desde a I Jornada de Agroecologia da Bahia. Esse trabalho proporcionou o diálogo sobre a herança da sabedoria ancestral e a grandeza das sementes, que pôde ser contada e posto em prática na oficina do quadro de Sementes. A Jornada de Agroecologia envolve, Povos Indígenas, quilombolas, pescadores, marisqueiras, pequenos agricultores, movimentos sociais, estudantes, professores para trocas de saberes. Por ser um espaço com foco em agroecologia, na perspectiva de fortalecer o universo agroecológico. A confecção do quadro proporcionou a Jornada conhecer e apresentar outros saberes dos Povos Tradicionais da América Latina, em específico dos povos tradicionais do México. As sementes crioulas é um elemento sagrado, nessa perspectiva tem sido uma bandeira de luta da Teia dos Povos. (SOLANGE SANTOS, 2017).

Dessa forma, a representação por pessoas os quais as figuras representativas segurando a cesta de produtos, próximo desses a marcha que representa, mulheres e homens, crianças e anciões de inúmeros movimentos sociais e povos em luta, assentadas e assentados, acampados(as), quilombolas, indígenas, ribeirinhos, extrativistas, pescadores(as), quebradeiras de coco, povos de terreiro, povos de fundo e fecho de pasto, educadores, estudantes, pesquisadores, trabalhadores(as) do campo e da cidade.

A Teia dos Povos traz a ideia de construção de aliança em busca do Bem Viver e da defesa dos territórios. Com relação à educação na região tem sido criada uma rede de estudo com propósito de trazer a cultura das comunidades tradicionais como experiência trabalhada nos currículos das escolas. Dessa forma, o levante de ideias gira em torno de descolonizar definitivamente o ensino em na comunidade, fortalecendo as Quatro Grandes Escolas, A Escola das Águas e dos Mares, a Escola dos Quilombolas, Tambores e Terreiros, a Escola do Arco e da Flecha e a Escola da Floresta, do Cacau e do Chocolate Rebelde. Assim segue a sistematização das três etnias.

O elemento dos ramos do cacau espalhados com flores, bem como a flor indígena que sempre se faz nas bordas, essa está integrada no quadro, traz a harmonia da agrofloresta e da produção agroecologia essa também representada nos frutos do cacau e no pé de milho. A bandeira só na cor vermelha sem o símbolo central do MST, colocou-se como representação dos movimentos sociais em nível mundial, uma relação que precisa ser construída além das bases do movimento. As três ferramentas também como elementos de trabalho, mais ao fundo a casa que representa a moradia como qualidade de vida além da produção. Por fim no fundo o sol representado em forma de espiral em sinal de movimento que se abre no horizonte, circular como as danças de roda sempre marcante nos encontros de agroecologia entre os povos da teia agroecológica da Bahia.

Figura 9 – Quadro realizado na cidade de Anchieta, município pioneiro em reprodução de sementes no estado de Santa Catarina



Germinando Arte. Obra 1,50 x 2,00. Semente sobre madeira – 54 variedades de sementes. Comemoração de aniversário do município de Anchieta. Público estimado: 100 pessoas. Santa Catarina, 03/2017.

O quadro construído em homenagem a terra pioneira em recuperação e preservação de sementes crioulas no estado de Santa Catarina. Essa podemos afirmar que foi a oficina mais movimentada de as construções de quadro, por ser uma cidade agrícola e de seis mil habitantes em todo município. Construir o quadro com sementes foi um processo muito interessante, boa parte da cidade veio visitar a construção do quadro. Pois de acordo com toda história do município esse há muitos anos abarca a liderança na reprodução de sementes, segundo os relatos, os trabalhos de recuperação de sementes iniciaram-se em 1996 com a realização de cursos teóricos e práticos, seminários, excursões, encontros e reuniões. Aos poucos, a proposta de resgate das sementes crioulas foi sendo encampada pelos movimentos sociais do campo e por outras organizações de agricultores.

Em 1997, com o processo que levou à elaboração do Planejamento Estratégico Participativo do Meio Rural de Anchieta, foi lançado oficialmente o Programa Municipal de Produção Própria de Sementes. O programa teve início com a implantação de áreas de produção, optando-se primeiramente por trabalhar com cruzamento entre cultivares híbridos comerciais. Essas áreas foram implantadas por 18 grupos comunitários organizados em 14

comunidades do município e envolveram 118 famílias. Os grupos eram coordenados pelos próprios agricultores e equipe técnica. Dentre as histórias mais recentes tem uma que marca essa trajetória, segundo relatos, antes das experiências com milho houve uma troca de sementes entre duas mulheres, essas teriam trocado sementes de melão. A partir disso, a troca de sementes passou a ser uma prática constante na região, para fortalecer essa experiência, muitas das agricultoras organizadas em grupos de mulheres, passaram a se inserir em atividades organizadas pelos movimentos sociais existentes na região, dessa forma a troca de sementes passou a ser comum na região.

Nesse sentido o quadro foi produzido com muita alegria por conhecerem a técnica distinta entre os trabalhos de artesanato já conhecidos das camponesas e camponeses, pois esse trabalho vem em boa hora para ajudar valorizar e propor outras formas de ver a fazer uso das sementes. Os elementos do quadro foram discutidos sobre como se encontra o município atualmente, a simbologia construída a partir da produção de sementes, esse como ponto principal, por isso o pé de milho aparece sobre a mão, o trabalho humano que sustenta toda produção desse território. Outro ponto seria a integração do campo e cidade, isso representado nas moradias, pois as pessoas que hoje habitam a pequena cidade se deslocam quase todo dia para trabalhar nas pequenas propriedades próxima de cidade. Dessa forma, a vida se organiza em torno da produção do campo, esse representado nas plantações montanhosas mais no fundo do quadro.

A cachoeira no lado direito, bem como a araucária, representa um projeto de turismo rural que ocorre na região, muitos dos bosques estão sobre proteção ambiental, dessa forma, o município organizou formas de valorizar essa paisagem, como meio de circular mais gente no município e dessa forma produzir alguma renda. A marcha de pessoas mostra que as seguem organizados dentro de um contexto comunitário numa vivência de luta e busca pela soberania camponesa a qual se encontra no horizonte. O formato de mandala no centro traz a ideia de ciclo de produção que lembra a ancestralidade e resistência dos camponeses da região, além disso, as flores indígenas no círculo da mandala irradiam para um movimento circular de vida. Completando as bordas com desenhos e ideogramas indígenas.

Figura 10 – Quadro realizado em homenagem pelos 10 anos da Escola Florestan Fernandes (ENFF)



Germinando Arte. Obra 2,00 x 2,00. Semente sobre madeira – 32 variedades de sementes. Curso Latino. Público estimado: 30 pessoas. Guararema/SP, 11/2014.

A Escola Nacional Florestan Fernandes é tida como um marco nas conquistas do MST. Ao reunir em um mesmo espaço cursos de formação para integrantes do MST e de outros setores e entidades ligados ao campo e às lutas sociais, a escola, cuja construção foi iniciada em 2000, representa um importante avanço nas iniciativas de educação popular no Brasil. A criação da escola permitiu a ampliação do diálogo entre diversas universidades públicas e os movimentos sociais. Pensada e construída sob a concepção de que Reforma Agrária e direito à educação estão intimamente ligados, a escola juntou-se às várias iniciativas de homenagem ao sociólogo pioneiro, educador e militante destacado do Partido dos Trabalhadores que foi

Florestan Fernandes, três elementos têm sido priorizados para organizar a escola: a auto-gestão, a disciplina consciente e a liberdade para produzir conhecimento.

Nesse sentido, a simbologia construída para comemorar os dez anos da escola, como elemento principal destacou-se a figura de Florestan Fernandes, por ser essa é a filosofia adotada como método trabalho pela escola. Outro ponto importante seria a inserção de estudos da América Latina, por ser uma escola nacional, essa traz um caráter formador para além das instancias nacionais, dessa forma colocou-se o mapa da América Latina com destaque para o mapa do Brasil. Na parte mais em baixo está a base das lutas que seguem sempre em marcha com bandeiras erguidas na busca da construção da Reforma Agrária popular, em que a escola abarca uma diversidade cultural por ter a inserção de estudantes de muitos países. A produção da agroecologia tem debates que vem em nível nacional sendo discutidos para programa de agricultura sustentável. Mais acima, o girassol que representa a construção da proposta de educação do campo. Isso tudo alicerçado na estrutura das colunas da organização pedagógica da escola que segue em construção. O fundo e centro em forma de mandala circular, foi construído em tons amarelos para que desse a ideia de horizonte, na borda, os quatro cantos que fecha o círculo estão as flores indígenas.

Figura 11 – Quadro realizado na III Jornada de Agroecologia/Bahia



Germinando Arte. 2,00 x 2,00. Obra Semente sobre madeira – 64 variedades de sementes. Público estimado: 130 pessoas. Assentamento Terra Vista, Arataca/Bahia, 11/2014.

Nessa obra o destaque se deu em torno dos elementos sobre as redes de produção agroecológica organizada pela ‘Teia dos povos de Agroecologia da Cabruca e Mata Atlântica’, essa é a referência simbólica das três pedras, Sem Terra, Indígena e Quilombola. Com base num desenvolvimento de vários anos consolidando a luta pela terra. Os elementos do quadro foram construídos a partir dos elementos históricos da luta, porém com um tom de comemoração dos trinta anos do MST que se aproximava. Seguindo o curso da existência das famílias essas em territórios de luta permanente. Compreender os elementos colocados como construção da Reforma Agrária popular, essa representação já colhendo os frutos a partir da luta.

O cacau aparece como peça-chave, pois nesse se faz a garantia de renda e permanência das famílias no local, além disso, é a cultura produtiva organizada numa produção inserida em rede cooperada. Diante desse potencial, os elementos históricos aparecem como processo de construção de resistência. A produção das comunidades traz propostas de produção consorciada em forma de agrofloresta, a qual resultou num bom retorno de produtividade para os agricultores. Nessa experiência de produção do cacau os agricultores dos assentamentos conseguiram controlar e desmistificar a peste da “vassoura de bruxa”, depois de mais de vinte anos de experiências foi possível consorciar um plantio de cacau orgânico com diversas plantas e culturas básicas para alimentação das famílias, as quais somam na recuperação da biodiversidade da região.

Dessa forma foi possível o cultivo de cacau orgânico, o mesmo assentamento tornou-se modelo em termos de experimentos de produção nessa área. Nesse sentido houve um avanço em termos de colocação no mercado do chamado ‘chocolate Rebelde’ produzido pelo assentamento, essa marca estava presente como um avanço de organização, pois um dos militantes (Joelson) havia estado na França, representando o assentamento a levando a produção de cacau e chocolate fino, para comprovar a teor 70% de pureza do cacau produzido no assentamento. Esse é um destaque por ser orgânico e ser produzido de forma sustentável.

Dessa forma, os elementos colocados no quadro de baixo para cima representam a teia da terra seguida por linhas que sustentam como base toda produção de vida acima. O arame como símbolo das dificuldades enfrentadas no dia-dia.

O número três em representação as três pedras fundamentais símbolo da união dos povos da região, bem como a marcha envolvida num caracol da agroecologia, que dá início ao número trinta, o cacau que compõe o número trinta já inclui a bandeira do MST como símbolo que reúne as forças organizativas da região. Seguindo para direita, está o Tambor representando a força da cultura africana presente nas comunidades quilombolas em resistência no Brasil. Mais ao lado está o cocar Indígena que é um símbolo de nobreza para os índios, ultrapassa os limites do estético, traz o significado da vida, a importância do ser. Sua forma em arco gira entre o presente e passado e se projeta para o futuro e um colar que representa a arte e cultura dos povos originários, esses dois elementos como representação sagrada da cultura ancestral. Na parte de cima está a produção com uma representação dos alimentos saudáveis orgânicos e nativos produzidos na região. O fruto da jaca como alimento abundante e típico da região. O fundo do quadro foi composto por várias cores em movimentos de baixo para cima, simbolizando as forças em movimento.

Figura 12 – Quadro realizado em comemoração dos 30 anos do MST em Santa Catarina



Germinando Arte. Obra 2,00 x 2,50. Semente sobre madeira – 58 variedades de sementes. Público estimado: 40 pessoas. Assentamento 25 de Maio, Abelardo Luz, 05/2015.

A arte com sementes retrata a luta pela terra em Santa Catarina, essa como palco da primeira ocupação depois da instituição do MST em nível nacional. Em 1985, 1.600 famílias vindas de quarenta municípios de estado se reuniram numa noite fria de inverno no mês no dia 25 de maio em Abelardo Luz ocupar uma grande área de latifúndio improdutivo. As mãos que se reúnem erguidas e organizadas pela CPT, encontram um rumo, avançam em busca da terra de direito. Com muita força e coragem, as mulheres e homens acreditaram em um novo amanhecer, dessa forma apagaram fogo sobre a ponte, seguiram a diante buscando a construção de uma nova realidade social.

Dessa forma foi representado o contexto da dignidade que o acampamento proporcionou a educação, a saúde, a cultura, a produção dos alimentos saudáveis, moradia, e outros direitos conquistados. Buscamos nesse contexto alimentar o espírito, assim como foi saciada a fome de muitos que não tinham sequer o básico para sobreviver. Pela arte e a cultura

nos permitimos ir além, aprendemos partilhar de todas as formas de conhecimento, assim como a natureza e as sementes repetimos o ciclo da vida. “Nascemos e moremos, mas renascemos transformados.” (Bogo).

Por isso a bandeira de luta como símbolo maior agora erguida junto do facão que solta com muita coragem a bandeira sem-terra. Segue a luta cuidando da terra e recuperando as sementes que produzem um alimento saudável só assim os verdadeiros camponeses(as) terão força para derrotar o latifúndio, que insiste em acender o fogo da destruição de vidas.

O horizonte que brilha e acalenta os corações em luta, assim seguimos nas fileiras da rebeldia e poesia, pois sabemos que é com força e ternura que se faz a luta.

Figura 13 – Quadro realizado no Curso de Agroecologia e Educação



Germinando Arte. Obra 2,00 x 2,50. Semente sobre madeira – 52 variedades de sementes. Centro de Formação; Escola Popular de agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto. Público estimado: 90 pessoas. Prado/Bahia, 08/2016.

O quadro construído em homenagem a dois grandes lutadores que dedicaram suas vidas ao trabalho de resistência por meios das lutas sociais em defesa da natureza e do meio ambiente, esses fundamentalmente para fortalecer o processo de construção de uma agricultura sustentável nas áreas de Reforma Agrária, bem como comunidades indígenas entre outras. Tanto Egídio como Kageyama, ambos já falecidos, tiveram grande influência no debate de organização no processo de produção agroecológica no MST, uma bandeira de luta que Egídio vinha a muitos anos contribuindo a nível internacional, o mesmo como um dos grandes defensores das sementes crioulas.

Nesse sentido, cabe salientar quem foi Egídio Brunetto: filho de camponeses sem-terra, trabalhou na roça desde a infância. Atuou na Pastoral da Terra em Xanxerê, Santa Catarina, e iniciou sua militância no MST na década de 1980, tornando-se uma das lideranças mais atuantes e comprometidas com a luta agrária em nosso país e na América Latina, sendo um dos fundadores da Via Campesina Internacional³ (CUT, 2011). Ele ajudou a instituir a Via Campesina como um movimento capaz de aglutinar diversas forças sociais e camponesas a nível mundial.

Nesse sentido, Kageyama também teve sua vida dedicada em defesa da biodiversidade⁴. Nesse sentido, fez do seu conhecimento uma bandeira de luta em favor dos precisam aprender como integrar-se com a natureza. Seu trabalho era voltado para um conhecimento técnico e social, especialista em Genética e Conservação, desenvolvida na prática voltada especialmente a espécies arbóreas, com ênfase à Conservação de Ecossistemas Tropicais, Restauração de Áreas Degradadas, Sementes Florestais, Variabilidade e Estrutura Genética, assim como Agrobiodiversidade e Agricultura Familiar.

Paulo era otimista nesta atividade de distribuir sementes e plantar florestas. Orientou mais de 100 teses de mestrado e doutorado. Escreveu artigos, participou de livros, ajudou na elaboração de projetos de lei, programas de governo, planos e projetos do interesse de todos nós. Fez palestras em Roma, na FAO, na Escola Florestan Fernandes, no Congresso Nacional e embaixo de pés de mangueira, nos assentamentos da Bahia ou de tantos outros locais onde sempre foi escutado com atenção porque sempre falou para a alma dos que ali estavam. E por isso será lembrado. E por isso temos escolas, hortos, assentamentos, florestas e lembranças fortes e vivas, que carregam seu nome. (MST, 2017).

Como filosofia de vida, Kageyama sempre avançada nas lutas com esperança:

³ A Via Campesina é um movimento internacional que coordena organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres camponesas e comunidades indígenas da Ásia, África, América e Europa. Trata-se de um movimento autônomo e pluralista. Está formada por organizações nacionais e regionais cuja autonomia é cuidadosamente respeitada. Está organizada em 8 regiões: Europa do Leste, Europa do Oeste, Nordeste e Sudeste da Ásia, Sul da Ásia, América do Norte, Caribe, América Central, América do Sul e na África (VIA CAMPESINA, 2015).

⁴ Paulo Yoshie Kageyama. Agrônomo, professor da Escola Superior de Agricultura Luz de Queiroz (USP/ESALQ) há 37 anos e ali concluiu o curso de agronomia em 1969, o mestrado em 1977 e o doutorado em 1980. Em 1991 concluiu o pós-doutorado nos EUA, consolidando formação sólida e marcante.

Não importa as derrotas, tudo é semente, e mesmo em ambientes contaminados como o da CTNBio é possível formar consciências. Kageyama sabia disso e fez valer esta ideia, expandindo a consciência das organizações sociais em relação a CTNBio. A luta continua no espaço dessa Comissão, onde tantos resistiram, graças a ele. (MST, 2017).

No debate sobre a atuação colocada no histórico dos dois lutadores, Egídio e Kageyama, a proposta de simbologia fez referência a essa parceria de debate que ocorre na prática agroecológica da escola, em que a homenagem se deu pela primeira turma de educação e agroecologia da região nordeste. Foi destacado com construção no quadro como parte principal a figura dos homenageados amparando a cesta de produtos e cultura camponesa, nesse conjunto de elementos está a educação, a cultura negra representada no instrumento musical berimbau, entre flores, produção e ferramentas. Junto das figuras principais, a marcha de pessoas de diferentes etnias. Todos os elementos do centro representados em conjunto com a natureza, as árvores dos dois lados. O fundo de cor amarelo com sinal de horizonte que acompanha a marcha que caminha para a frente na direção do olhar do espectador. As bordas desenhadas com ideogramas indígenas e flores mexicanas.

Figura 14 – Quadro realizado na IV Jornada Cultural da Reforma Agrária, em parceria com a UFFS



Germinando Arte. Obra 1,50 x 1,50. Semente sobre madeira – 42 variedades de sementes. Cidade de Chapecó/SC. Público estimado: 120 pessoas, 08/2016.

O contexto de criação do quadro com sementes culminou com diversas atividades realizadas na IV jornada de cultura do estado de Santa Catarina a parceria se deu entre MST, juntamente com a Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), *campus* de Chapecó.

A primeira jornada aconteceu no ano de 2007, de lá para cá, houve a necessidade de expandir a atividade para fora dos assentamentos e coloca-la para dentro da Universidade.

Durante os três dias de atividade em Chapecó, foram realizadas oficinas de linguagens artísticas, envolvendo música, poesia, teatro, danças, batucada, outras ligadas à construção de um quadro com sementes crioulas, oficina de fitoterapia, plantas medicinais, além dos

momentos de formação, estudo, debates com base em textos e vídeos, retomando diálogos a respeito da indústria cultural, da formação da cultura e identidade.

Durante os períodos noturnos, foram realizados saraus de poesia, concretizando o objetivo de interação e complemento com as discussões realizadas durante os dias. Além disso, ele destaca a realização da Feira da Reforma Agrária, no mesmo espaço da Jornada Cultural. “A arte não se distancia da produção. Aliás, a produção de alimentos está ligada a produção da cultura, da arte.”

Os camponeses e camponesas precisam se reconhecer como artistas, como construtores da cultura e da identidade que a partir disso, é formada. Um dos objetivos da Jornada Cultural era justamente envolver a juventude, mas também, trazer grupos de mulheres, de homens que também podem aprender a partir de uma oficina de teatro, que podem participar de um coral, aprender a dançar, e a se reconhecer dentro desse espaço.

A cultura, para não está separada do todo. “Temos percebido que as linguagens artísticas, são as ferramentas de maior acesso ao ser humano, tanto no assentamento com no espaço urbano. Por isso, precisamos formar pessoas que tenham a capacidade de mobilizar esse público para contribuir na transformação social.” (Contribuições de *Revero Ribeiro* e *Claudia Weinman*, 27/09/2016).

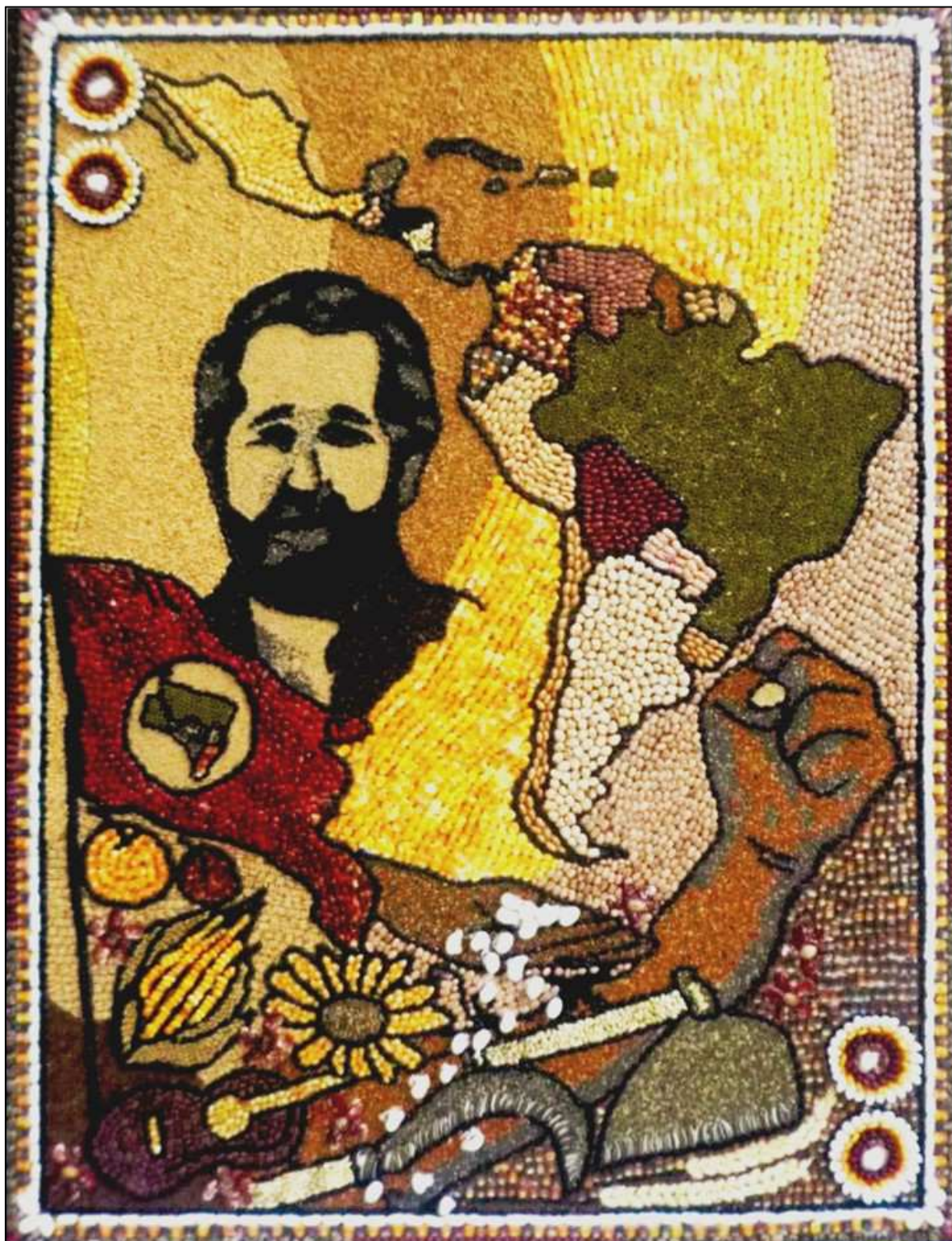
Nesse sentido, o quadro foi produzido como síntese desse processo de formação ocorrido dentro da universidade, vale lembrar que nesse período havia ocorrido diversas ocupações das escolas em nível de Brasil, dessa forma optou-se pela realização da jornada dentro da universidade. Isso com o intuito colocar como marca desse momento o quadro de sementes que foi construído e doado para universidade.

Como simbologia adotou-se traços que já vinham sendo discutidos como produção de da cultura camponesa e junto disso as diversas linguagens como citado acima. Em primeiro plano ficou o acampamento como base de toda luta que se inicia como processo de luta na vida dos sem-terra. Logo o grampo do arrame que simboliza as dificuldades enfrentas bem como a resistência desse elemento sai e forma o fio do Berimbau que segue com o foi das cordas do violão, os mesmos símbolos brotando da terra. Logo num segundo plano, os símbolos de Filme que representam o cinema da terra uma prática cultural existente em nossos espaços culturais. Esse lastro de película ampara as máscaras do teatro e logo sai a mão que dá suporte para a produção, essa representada na figura do pé de milho. Da mão que simboliza o trabalho, surge o pincel que serve de mastro que apoia a bandeira no MST.

Mais acima o horizonte com montanhas e sol raiado, amparam a dança representadas nas borboletas. O círculo central em formato de mandala como símbolo da cultura que

expande e irradia formas de disseminação da cultura Sem Terra. As bordas desenhadas como triângulos e flores mexicanas.

Figura 15 – Quadro em homenagem a Egídio Brunetto



Germinando Arte. Obra 1,00 x 1,20. Semente sobre madeira – 30 variedades de sementes. Curso de Pós em Residência Agrária na Educação, UFSC. Público estimado: 32 pessoas. Florianópolis, 03/2015.

Egídio Brunetto foi um dos militantes fundador do MST em Santa Catarina, desde cedo contribuiu nas tarefas das pastorais da igreja e dessa forma logo se integrou na luta pela terra como precursor do MST enquanto movimento social. Muitas foram suas contribuições para que a Reforma Agrária de fato viesse a se consolidar com um meio dos mais pobres obter a terra que é um direito dos trabalhadores.

Em 1985, em preparação para a grande ocupação em Abelardo Luz, ele teria descrito o mapa de toda rota que haviam vistoriado a área a ser ocupada, em que esse mapa teria sido guardado por ele durante muito tempo como testemunho de um processo que deu certo, iniciado junto de tantas famílias que até então não tinham ideia de tantas outras lutas e conquistas que viriam pela frente.

Em sua militância pela via campestre, Egídio teria ajudado em muitas das instâncias nacionais e internacionais a disseminar ideias de união e fortalecimento entre os povos campestres por onde passou. Seu legado sempre de união e organização apontava para a construção de um novo projeto de agricultura e justiça social.

Autor do grito de ordem: “globalizamos a luta globalizamos a esperança”. Seria sua marca como lutador em defesa da vida, agroecologia e das sementes crioulas, sobre as sementes, o mesmo transportava diversas variedades de sementes e de forma muitas vezes clandestina transportava sementes para os agricultores plantarem, como forma de fortalecer os plantios e garantir a existência especialmente dos povos indígenas da região onde atuou por mais tempo dentro do movimento.

Egídio morreu em 28 de novembro de 2011, em um acidente de carro na rodovia MS-164, quando estava a caminho do assentamento Itamaraty, em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, estado onde atuava. Em homenagem e reconhecimento a sexta conferência internacional da via campestre na Indonésia se chamou Egídio Brunetto.

Construção do quadro ocorreu como homenagem a Egídio Brunetto pela turma do curso de residência agrária, todo contexto já vinha sendo discutido previamente à oficina, dessa forma, foram discutidos os elementos da simbologia de acordo com a história da militância do homenageado. Sua atuação como representante do MST no Brasil e na via campestre, optou-se pelo mapa da América Latina com cada país com sementes diferentes. Nos elementos abaixo seria colocada a bandeira do movimento como origem da representação da organização. O punho erguido representando o protesto e a força da luta. As ferramentas de trabalho, como representação da resistência e permanência na terra. O violão como parte das cantorias que embalam a luta. O milho como figura mais representativa entre as sementes

crioulas. Os produtos como processo de produção agroecológica. O livro como processo pedagógico da luta. Bordas coloridas com sementes de milho e feijão com flores mexicanas.

Figura 16 – Quadro em homenagem à E.E.M. Paulo Freire



Germinando Arte. Obra 1,20 x 1,40. Semente sobre madeira – 22 variedades de sementes. Público estimado: 70 pessoas. Abelardo Luz, 12/2015.

Em homenagem aos dez anos da escola de Ensino Médio Paulo Freire, o quadro foi pensando como simbologia que deveria contribuir na divulgação do trabalho pedagógico

desenvolvido na mesma escola, dessa forma trabalhou-se durante a semana a filosofia de educação e vida construída a partir da pedagogia de Paulo Freire, como um dos grandes lutadores da educação, sua metodologia desde o início da luta pela terra, tem sido o rumo da educação no MST.

Paulo Freire nasceu em 1921. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado Pedagogia Crítica. É considerado também o Patrono da Educação Brasileira. Por todo seu esforço e dedicação em construir propostas para uma educação libertadora, Freire tem sido referência constante nos estudos amplamente debatidos pela autora Roseli Caldart, a qual assume o protagonismo de alicerçar as propostas de Paulo Freire somando forças na proposta de educação do campo.

Nesse mesmo autor tem sido estudado nas bases da educação popular especialmente pelo MST:

Trouxe importantes reflexões sobre os sujeitos postos à margem da sociedade do capital. Por entender as classes populares como detentoras de um saber não valorizado e excluídas do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade, nos mostra a relevância de se construir uma educação a partir do conhecimento do povo e com o povo provocando uma leitura da realidade na ótica do oprimido, que ultrapasse as fronteiras das letras e se constitui nas relações históricas e sociais. Nesse sentido, o oprimido deve sair desta condição de opressão a partir da fomentação da consciência de classe oprimida. (MACIEL, 2011, p. 328).

Com base em apontamentos referentes à educação, essa como a condição em que o oprimido deixaria de existir a partir da concepção de classe social que esse estivesse inserido como sujeito social, essa pedagogia seria o eixo principal que se constituía numa estratégia da educação libertadora.

A simbologia do quadro foi construída coletivamente na oficina que deu início com todas as turmas da escola, em seguida dividiu-se por grupos para a construção do quadro.

Como figura principal colocou-se a figura de Paulo Freire, na parte do primeiro plano ficou a bandeira do MST, como sinal de seguidores dessa pedagogia. O livro como representação da pedagogia da luta, bem como as ferramentas de trabalho. Nesse sentido, compreendemos que o grande aprendizado se obtém pela prática das lutas sociais, essa como a prática mais libertadora já ocorrida nos processos de educação popular. Nas bordas do quadro ideogramas indígenas e flores mexicanas.

Figura 17 – Quadro realizado no Curso de Educação em Agroecologia da Região Nordeste



Germinando Arte. Obra 2,50 x 2,60. Semente sobre madeira – 75 variedades de Sementes. Construído no Centro de Formação Elizabete e João Pedro Teixeira. Público estimado: 90 pessoas. Paraíba, 08/2017.

O quadro com maior variedade de sementes foi construído pela II Turma do Curso Básico de Educação em Agroecologia da Região Nordeste. Nessa II etapa o curso contou com a participação de muitos educadores e educadoras das escolas do campo, coordenadores pedagógicos, militantes e parceiros do MST da região Nordeste. O Centro de Formação Elizabeth e João Pedro Teixeira, localizado em Lagoa Seca na Paraíba, recebe entre os dias 3 e 11 de julho a segunda turma “Revolta dos Quebra Quilos” para o II Curso Básico de Educação em Agroecologia da Região Nordeste. A turma, que homenageia em seu nome o levante popular que foi exemplo de insubmissão da classe trabalhadora na segunda metade do século XIX, deu sequência aos estudos e diálogos do primeiro curso realizado na Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto, no estado da Bahia, em setembro de 2016.

No debate sobre educação e agroecologia como tema do curso, deu levante a construção a simbologia do quadro, além disso, outro ponto importante dessa construção ocorreu pelo processo de produção de sementes crioulas na região, tanto dos assentamentos, quanto pequenos camponeses da região. Esse estado bem como município deu origem as casas de sementes um trabalho antigo coordenado pela igreja na região, um trabalho que deu origem a festa das sementes da paixão, pesquisada amplamente por Carvalho (2003), as mesmas em constante crescimento entre as famílias produtoras. É um grande trabalho de base que fortalece a ideia de reprodução e preservação das sementes crioulas e nativas. Muitos camponeses têm se dedicado a produção de variedades nativas, para compor a vegetação da caatinga da região do semiárido.

A composição da simbologia foi sendo construída nos primeiros dois dias que antecederam o curso, as ideias foram debatidas entre as lideranças presente, e depois colocada em plenária em alguns esboços projetados com auxílio de um data show para ser de fato concretizada a ideia de construção do desenho. Muitas ideias e contradições foram aparecendo e sugeridas para serem contempladas no coletivo.

Dessa forma foi elaborado o esboço final com vários elementos da cultura camponesa do Nordeste. O processo de luta histórica não se diferencia de outros territórios de luta pela terra. Assim iniciou com as cercas que se rompem para abrir o espaço de esperança para o povo sem-terra com a construção do acampamento. Nesse contexto abre-se a marcha em luta, acompanha o fio rompido da cerca que envolve o mandacaru e sobe rumo ao horizonte surgindo desse fio de cerca a bandeira do MST, seguindo em movimento o movimento das bandeiras das festas de São João tradicionais da região.

Os animais também seguem caminhado, todos olhando o movimento das pessoas em marcha. esses construídos sobre uma vegetação clara simbolizando a areia existente na paisagem da Paraíba. As árvores do juazeiro e outras nativas da região foram construídas como resistência ao clima de muito calor e seca, essas mesmo em condições desfavoráveis se adaptaram ao clima estando o ano todo verde e bonita. Ao lado direito da marcha foi construída a produção agroecológica da região, o coco como alimento mais utilizado na culinária como rei da alimentação em forma de tapioca. O livro como simbologia da educação do campo. Logo a paisagem e a moradia com a árvore do algodoeiro. O horizonte todo em amarelo de apenas uma cor representando o sol a pino a maior parte do ano. Nas bordas se diferenciou pela figura da palma muito utilizada na região para manutenção das criações de gado a cabra. Nos cantos e centro as flores mexicanas.

Figura 18 – Banner da Exposição Sementes Crioulas: uma narrativa camponesa



Banner de abertura e nome da exposição. Foram realizadas três 3 exposições com os banners, sendo todas na região de Santa Catarina. Exposição das fotos, na comunidade Zapatista, Chiapas e em uma galeria artística; X espaço de Arte. México.

Figura 19 – Banner da assinatura social, Flor de Peyote



Em referência à autoria e criação dos artistas de Tepoztlán, os mesmos criadores da técnica com sementes. Como compromisso social, assumimos um compromisso de sermos seguidores dessa técnica em nome do MST. Na falta de um registro formal até o momento, representamos como simbologia de compromisso a flor do Peyote (cactos) considerada sagrada na cultura indígena mexicana. Uma flor circular feita com sementes nas bordas dos quadros, essa repetida inúmeras vezes nos trabalhos feitos dentro do MST; a flor representa a assinatura social de respeito pela técnica ter sido passada verbalmente aos artistas sociais e camponeses do MST, como seguidores da cultura de trabalhar com a arte das sementes crioulas de forma coletiva, com objetivo de fortalecer as lutas sociais por meio da arte.

5.2 O que dizem os participantes das oficinas Germinando Arte

Os registros do processo ocorrido no desenvolvimento dos quadros com sementes são testemunho de um fazer artístico coletivo entre artistas, indígenas, quilombolas e Sem Terra, esses alicerçados por uma identidade de classe camponesa. Buscamos coletar depoimentos que viessem a fortalecer e analisar a prática pedagógica da construção com sementes crioulas. Foram selecionados vinte depoimentos entre esses, pessoas que participaram de uma ou mais oficinas. Os registros foram selecionados de acordo com a representação de avaliação de cada turma que desenvolveu o trabalho, dentro da possibilidade de cada um. Nesse sentido compreendemos que o processo de conhecimento deve ser passado de forma ampla, além da técnica, buscou-se um processo de apontamentos políticos, sociais de valores e cooperação, assim a compreensão se dá pela experiência vivida. A cultura aqui colocada como uma identidade pelo uso das sementes, dessa forma valoriza a criatividade como um ato de amadurecimento ideológico no campo da cultura, isso além de qualquer linguagem, com um olhar direcionado para o conjunto da organização inserida em uma sociedade que carrega uma cultura de classes. Trazendo presente as lutas, temos a possibilidade de celebrar nossa resistência. Compreendemos que a arte das sementes traz um contexto de ensino dos valores da vida, de aprimorar um conhecimento que aborda um compromisso social.

Cada depoimento aqui colocado traz um significado individual, mas coletivo ao mesmo tempo, assim é possível perceber o avanço alcançado nesse processo desde 2012. O primeiro depoimento relata os avanços que foi possível enquanto proposta formativa desde primeira jornada de agroecologia, a inserção dos povos camponeses na região Sul da Bahia.

Em todas as Jornadas e eventos que a Teia realiza, as sementes são compartilhadas, o que denominamos de rede de sementes e o painel contribuiu nesse diálogo, está se tornando um espaço cultural em que se apresenta o universo das sementes através de Feira de Sementes crioulas, mutirões, no sentido de despertar a sociedade para o valor das sementes e a importância de sua conservação. Conseguimos produzir 3 painéis na I, III e V Jornada de agroecologia da Bahia, ministrado pela companheira Maritania do MST de Santa Catarina, envolvendo a participação dos povos, e principalmente, a participação das mulheres: indígenas, quilombolas, pescadoras, marisqueiras, artesãs... que tem sido as guardiãs das sementes na história da agricultura. Os painéis são como um marco para as jornadas, uma construção coletiva simbólica. (SOLANGE E JOELSON, ASSENTAMENTO TERRA VISTA/BAHIA).

De acordo com o depoimento, em 2012 tiramos como meta após a jornada dar continuidade ao debate das sementes por meio da construção de uma rede de produção de sementes crioulas, nessa proposta a qual já vem a mais de quatro anos se organizando entre os

povos da Teia Ecológica, é possível perceber que os quadros de sementes são o símbolo do compromisso assumido em cada jornada.

A construção do quadro com sementes contribuiu para nos sensibilizar por meio da arte e nos fez acreditar que também somos capazes de desenvolver processos artísticos. Além disso, a simbologia da semente é forte para nós dos movimentos sociais que assumimos a responsabilidade de sermos guardiões da biodiversidade. Certamente levaremos a marca dessa construção em nossas corações e mente. Somos gratos a companheira Maritania por socializar a arte e principalmente aos companheiros(as) do México que desenvolveram a técnica num belíssimo trabalho. (JEIZI, TURMA TEKOHÁ GUARANI, 2015).

Sensibilizar a fazer compreender a potencialidade que existe em cada um, pelo processo se reconhecem como artista camponês, pois assumem o compromisso de serem guardiões, muitos já são sem mesmo perceber que a cultura de sua vivência já é parte desse contexto das sementes. A construção do quadro é um processo de educação dos sentidos. Como destaca o depoimento seguinte:

O que vivi nesses dias da construção de nossa obra de arte; lembro que comentei durante esses dias que era algo viciante colar sementes e realmente para mim foi algo inexplicável, desafiador também, porque nos motiva a colar semente por semente cada uma de diferentes tamanhos e uma menor que a outra. Ao olhar o quadro pronto me sinto muito feliz, porque foi feito por todos nós, a realização do sonho coletivo em poucos dias, o fazer, o saber de um povo, o conhecimento partilhado na construção de novos saberes, uma arte para todos terem acesso. ([SEM NOME], TURMA TEKOHÁ GUARANI, 2015).

Assumir um desafio como processo coletivo é próprio da organicidade dos movimentos sociais, a dessa forma, cria-se militantes capaz de colocar em práticas muitas teorias estudadas, assim novos saberes se constroem a partir do acesso ao conhecimento. Dessa forma muitos necessitam vivenciar inúmeras vezes a mesma experiência para assim apropriar-se do saber. Aprender a importância das sementes e reconhecer esse material genético como parte da própria cultura, da produção do campo.

Nesses dias de trabalho com o intuito de aprender a importância das sementes, esse trabalho para a amostra de artes nacional, conseguimos concluir o quadro com muita qualidade e diversidade de sementes. Eu já havia vivido outra experiência de ajudar a construir o quadro na 13ª Jornada de agroecologia do Paraná, mas, nesses dias aqui eu consegui visualizar o trabalho como um todo e não apenas colar sementes. Eu pensava que as sementes só servissem de alimento, mas, descobri que sementes pode ser vida e arte ao mesmo tempo. (ADÃO EDINEI, TAC XIV, 2014).

Participar da amostra de arte foi um processo de construção em nível nacional, essas dentro das mais diversas linguagens possibilitaram trazer a visão do contexto das bases do MST, dessa forma se constitui uma rede de saberes culturais que segue desenvolvendo trabalhos de arte política que fomenta os debates construímos na matriz formativa da educação e da cultura, tema esse debatido pela construção da proposta de educação do campo.

A experiência desses dias construindo o quadro foi de suma importância, além de aprender a técnica, nos mostrou os objetivos religiosos, políticos, históricos e a origem que envolve essa arte. Pretendo compartilhar o pouco que aprendi com minha base, principalmente porque vi aqui como as pessoas se entregam enquanto trabalham, tenho por exemplo a juventude do meu assentamento, vejo a técnica das sementes como forte motor para unir as pessoas em nome de uma causa comunitária [...] sua aula foi muito dinâmica e recheada de novidades, por isso tenho convicção que assim como eu os outros também gostaram muito. (ELIZEU RODRIGUES, TURMA TUPAC AMARU, 2014).

A arte das sementes surge para fins religiosos como já citado, mas com o tempo os criadores da técnica foram descobrindo esse espaço como possibilidade de transmitir diversas mensagens. No MST esse trabalho tem vínculos políticos e sociais, essa compreensão está colocada para quem participa das oficinas, na concepção da cultura dentro do MST a arte deve servir de veículo de comunicação, ir além das questões básicas. Outro viés de trabalhos ocorre pela formação da juventude dentro de processos que eles não estão tão acostumados, por exemplo o exercício da paciência com tantas tecnologias disponíveis, nesse trabalho há uma compreensão social a partir do que aprendem, esse trabalho pode servir como proposta de inserção nos territórios e comunidades como destaca o depoimento acima citado.

O processo de construção da simbologia Tekora Guarani, que culminou no quadro de sementes, se constituiu de forma plenamente significativa, por permitir que todos(as) participassem desde pensar os elementos que integrariam a simbologia, os exercícios de desenhar e opinar e depois cultivar as sementes que foram no quadro. O processo permitiu que nós se aproximasse do conjunto todo do processo e não apenas de uma parcela. Foram momentos efervescentes de plena participação da turma (processo realmente muito coletivo) materializando-se na mística do quadro de sementes, esse como expressão da diversidade, da luta de classes, expressão das origens e da luta pela terra. Parabéns pelo belíssimo trabalho. (VALTER LUIE, TURMA, TEKOKA GUARANI, 2015).

A sensibilização para a construção da simbologia faz parte do processo coletivo, em muitos dos casos alguns desenhos se destacam permitindo usar os traços de quem ajudou construir a simbologia. Salientamos que uma das dificuldades desse trabalho está justamente em criar a simbologia, um processo que precisa avançar na construção do desenho. O quadro como mística das sementes torna-se um espaço de expressão da luta construído pelos sujeitos que constituem o território intelectual Sem Terra.

Meu primeiro contato com o projeto germinando arte, quando vi o pedaço de MDF e várias sementes acondicionadas em pequenas embalagens de plástico não conseguia imaginar que nós 40 estudantes de 14 estados brasileiros pudessemos dar conta de construir essa obra. No processo de quatro dias de trabalho, de cuidado, de criação de compartilhar podemos vislumbrar uma bela obra construída por muitas mãos. Cultivar a terra, as sementes, o germinar das sementes, me encanta muito, me deixa muito feliz em perceber a vida latente que há guardada em cada semente. Esse trabalho me fez perceber que as sementes carregam dentro de si além da vida a possibilidade da arte. ([SEM NOME], TURMA TEKOKA GUARANI, 2015).

As oficinas coletivas proporcionadas em espaços de formação, dentro das escolas do MST, trazem uma abrangência de público mais específicos, esses têm maior tempo de trabalhar na oficina Germinando Arte, porque estão inseridos em algum dos cursos da organização, esses com tempos trabalho determinados. Portanto, é possível construir um processo que se desdobra na base de forma mais eficaz, pois há um acompanhamento do processo como um todo. Após identificar as sementes como base desse trabalho, os outros materiais são reunidos com um custo não tão alto e dessa forma é possível a construção dos quadros.

Quero dizer-te que foi muito bom esse dia aqui com você e com a turma, aprendemos muito contigo de como trabalhar com as sementes, mas pelo amor e dedicação que você demonstrou ter pelas sementes, pelo ser humano valorizando o trabalho de cada um, isso para foi muito rico. Aprendemos contigo a cuidar mais um do outro. Este trabalho aqui para nós enquanto movimento demonstrou mais uma vez que o trabalho coletivo é a essência da luta de classe para a busca do socialismo. Essa prática pedagógica deve continuar sendo compartilhada nas escolas dos nossos assentamentos e comunidades. Gostaria muito de ver esse trabalho expandindo pelos nossos estados. Sei que vamos sair daqui com essa responsabilidade de dar continuidade nesse trabalho, mas nunca vai ser como você estando lá, a minha esperança é ver você um dia na nossa escola Oziel Alves, no Maranhão. Te agradeço por esses momentos únicos na minha vida de ter aprendido contigo muitas coisas. Abraços vermelhos. (DEUSINHA. TURMA, TEKOA GUARANI, 2015).

O trabalho coletivo é a peça chave dessa construção com sementes, como se referiram os criadores da técnica, podem organizar tudo o necessário para oficina em termos de material, mas o mais importante é o elemento humano. Esse princípio tem sido um legado do MST enquanto organização, trabalhar com e para as pessoas. Nesse sentido, a proposta de trabalho estar inserida na educação e cultura, e não vinculada a uma única escola, foi o ponto relevante para que ocorresse o trabalho em vários estados. A prática da arte das sementes se faz mais eficaz por estar inserida no setor de cultura a nível nacional, assim foi possível compartilhar com mais pessoas. Nas oficinas há uma retribuição recíproca, como destaca um militante do Rio de Janeiro.

Companheira Maritania! A sua participação nessa etapa do curso trouxe brilho para nossas vidas, nos transformou em artistas. Parabéns pela sua contribuição para a luta por uma sociedade mais justa e igualitária, com muita arte e simpatia, nos encontraremos nas trincheiras da vida. (SIDENEI, TURMA, TEKOA GUARANI, 2015).

O brilho desse trabalho está na produção coletiva do quadro, pois para muitos talvez seja a primeira vez que tenha a possibilidade de acesso a esse conhecimento, compreende-se que a construção da sociedade capitalista fez com que os direitos de acesso ao conhecimento principalmente na área da arte, fosse negado, dessa forma retomar esse tipo de trabalho contribuí na construção das relações sociais. Como destacado por seu Luiz um senhor de 75 anos que ajudou a fazer o quadro na 13ª Jornada de agroecologia do Paraná: “Eu nunca

imaginava que com semente dava para fazer uma coisa tão bonita assim, eu tinha dessa variedade de semente (fava olho de cabra) desde criança eu ajudava meu pai [...] agora tenho outras sementes, mas quero leva essa para planta.” Dessa forma o brilho coletivo se faz presente nas falas, nas rodas de conversa ao redor do quadro, muitos assuntos são trabalhados, como: contar sobre as sementes que já tiveram a oportunidade de conhecer. Há também uma vontade de saber os nomes das sementes essa é uma pergunta constante nas oficinas. Nesse assunto não é possível compreender a linguagem popular, muitas vezes a mesma semente no Brasil é chamada por três nomes diferentes, isso mostra um vínculo com a linguagem regional da cada território.

Neste sentido, o trabalho por ser coletivo sugere continuidade até sua conclusão, os detalhes por mais pequenos tem um viés de pertença para cada turma que faz, apesar das dificuldades.

Foi fantástico o trabalho do quadro com sementes, foi muito bonito, porque todos contribuíram e se dedicaram para caprichar nos detalhes com sementes. Sentimos um cansaço no corpo, mas foi muito prazeroso estar colando as sementes e vendo cada perfeição que surge, exige concentração, técnica, delicadeza, muita calma é como uma terapia. Eu fiquei impressionada com o resultado. O quanto é preciosa as sementes que temos em nosso Brasil, e que podemos aproveitar para fazer as artes. (JUNIELLY SANTOS, TAC XIII, IEJC, 2015).

O processo terapêutico da arte com sementes já é reconhecido desde o México, no Brasil esses é um caminho a ser estudado. No decorrer desse tempo houve algumas oficinas ou mesmo alguns momentos que a produção do quadro se fez de forma muito calma, com música, e outros elementos que contribuíram para de fato pensar no trabalho mais vontade a terapia e saúde.

Para mim esses dois dias de aula para a amostra de artes foi muito produtivo, pois foi muito significativo fazer o trabalho de sementes, essas representam muito em nossas vidas, a cada pessoa deveria carregar para onde fosse algumas sementes, assim teriam muitas variedades e representaria o símbolo do povo trabalhador. Eu nunca imaginei o que poderia ser feito com grãos de semente, pois hoje percebi que as sementes não é só para ter em casa, mas sim, distribuir para quem precisa e usar a imaginação que as sementes valem muito e pode ser feito um grande trabalho, assim como fizemos o nosso quadro de sementes. Eu agradeço muito a disponibilidade de nos ensinar o valor das sementes com a representação dos nossos movimentos sociais e da nossa luta. (DICEMA DE ALMEIDA VAZ, TAC XIII, 2014).

Carregar sementes para onde for, como citado no depoimento, seria um ato grandioso e de muito valor para a multiplicação das sementes, muitos de nossos militantes adotaram esse hábito, em cada encontro, reunião que deslocam de suas comunidades, carregam sementes para trocar ou doar, mesmo sem ser uma atividade específica. Uma orientação de consciência que usa da

imaginação a partir do que se aprende no debate sobre as sementes dentro dos movimentos sociais. Dessa forma, sente-se gratificado em cada trabalho concluído, faz parte do sentimento coletivo.

A aula de educação artística foi maravilhosa, o trabalho com as sementes é uma coisa extraordinária, a cada semente colocada eu ia me encantando, no começo eu não imaginava que o desenho no quadro iria ficar mais bonito do que estava no papel, mas no decorrer do processo percebi que estava completamente enganada, pois o trabalho com as sementes é magnífico, ficou muito lindo, estou muito gratificada por ter contribuído bastante na produção dessa arte. Eu conheci a professora na jornada do Paraná, quero dizer que o trabalho é muito bonito e tenho vontade de passar o pouco que aprendi para minha base. (JOYCE M. S. CARVALHO, TAC III, 2014).

Para muitos as oficinas são aulas artísticas, esperam um processo parecido com as aulas do currículo escolar, dessa forma quando são orientados a participar e pensar todo processo, se dão conta de uma outra metodologia. Sentem-se parte de um processo que pensa cada etapa de forma. Muitos que chegam depois da parte inicial da construção da simbologia e desenvolver primeiro um projeto no papel, tem dificuldade para compreender o processo, dessa forma sempre é retomado as explicações quantas vezes for necessária, e sempre são muitas, pois as oficinas ocorrem em forma de rodízio de pessoas.

Painel de sementes, para mim se torna até difícil avaliar algo que me transformou, quando isso realmente acontece a gente fica sem palavras para expressar o que aprendemos e construímos em nossa vida e nossa história. Trabalhar com as sementes foi algo inesquecível e maravilhoso, saber tratar as sementes como elas merecem, junto à arte, é uma combinação que vai além, é perfeita. Eu me sinto totalmente diferente de antes de realizar a atividade, vivenciar essa forma de terapia foi maravilhoso. O que tenho a falar muito obrigada Maritania pela arte e seu talento, parabéns pela sua militância no MST, por fazer um trabalho tão humanizador em uma sociedade tão diferente de nós. (ALEXANDRE HGRCO, TURMA TUPAC AMARU, 2014).

O processo de reconhecimento do trabalho com as sementes é parte constitutiva da vida de todos os militantes ativos nas lutas, quando se sentem agraciados com alguma possibilidade de expressar o que sentem, coisas que em outros momentos nem sempre é possível. Nessa reflexão de ideias, muitos dos sentimentos de pertença à luta são expressos em palavras que muitas vezes fogem do sentido básico da expressão, esse é o processo de amadurecimento do conhecimento. O processo de interiorizar um aprendizado para em outro momento colocar em prática com mais autonomia. Um aprendizado pedagógico na luta ocorre num processo de forjar-se como militante, ter a capacidade para compreender cada momento, onde devemos agir com calma ou com bravura. O processo de construção do quadro tem um significado muito forte relacionado à terapia, como constatação dessa ideia. São os tempos necessários para cada um concentra-se no trabalho, em muitos dos casos em média dez minutos as pessoas começam a estar quietas e concentradas, por meio das experiências percebemos que as pessoas mais

agitadas se concentram e produzem mais. Podemos dizer que, além das sementes produzirem a efervescência da luta, produzem uma espécie de terapia para camponês.

No meu ponto de vista, as aulas foram de extrema importância para todos nós, esse trabalho de construir arte com sementes me fez ver e conhecer uma grande técnica cultural e com isso vamos poder passar adiante esse trabalho, nos assentamentos, em casa, na escola. Eu pretendo seguir fazendo esse trabalho, porque gostei muito, é uma construção maravilhosa. (Taynara A. da Costa, etapa VI. Turma TAC XIII, 2014).

A sequência desse trabalho, muitos dão continuidade de acordo com suas possibilidades é de extrema importância que as pessoas sigam fazendo, pois, para dar continuidade somente com a força de vontade de cada um, será possível multiplicar artistas de sementes para seguir passado a técnica. Apesar de ser uma construção que encanta, muitas vezes no decorrer das atividades na base, não se tem o tempo e viabilidade de recurso destinado para desenvolver o trabalho. Cada um que passou pelas oficinas sai com alguma intensão de reprodução de sementes ou mesmo de ir em busca para fazer pequenos trabalhos para a casa, cooperativa entre outros espaços que esses imaginam que ficaria bom ter um trabalho com sementes.

A oficina foi muito boa aprendi coisas que não fazia ideia que eu era capaz de fazer com sementes, e o quanto elas são importantes. Num primeiro momento parece que vai ficar uma bagunça, mas depois vão se encaixando dando destaque ao desenho e seus contornos. Aprendemos bem por que a educadora tem domínio da técnica e fez com que em pouco tempo a gente compreendesse como colar cada tipo de semente. A gente aprendeu que cada semente deve ser colada de um jeito para criar e ressaltar as figuras e detalhes, com certeza foi uma experiência maravilhosa para a amostra de artes. (ROSANGELA DE ALMEIDA ROSA, TURMA TUPAC AMARU, 2014).

A técnica é um processo importante a ser seguido, além de ser coletivo o trabalho depende de uma sequência de passos, deve ser organizado em fases deixando secar alguma parte já colada para depois seguir preenchendo os espaços e figuras. Em uma oficina é possível aprender colar as sementes básicas que são comuns a todos os quadros, o aprimoramento de construir um trabalho com muitos detalhes depende de uma sequência de experiências como em qualquer outra linguagem artística, o exercício contínuo faz uma produção com mais qualidades. Dessa forma, no início sempre aparecem as inseguranças de perceber como ficaria o trabalho depois de pronto, é preciso imaginar as cores de acordo com as figuras, isso é a capacidade de antever as coisas.

A oficina nos proporcionou várias experiências que para muitos pode parecer impossível, coletivamente várias mãos desenvolveram várias atividades, uma diversidade de tarefas no mesmo espaço para fazer o quadro acontecer. Separas esquentar, esfriar, colar cada semente num lugar, expressar com palavras e ação as ideias que surgiu na turma, quando desenha muitos palpites vão se ajustando em sorrisos, cantando, superando o cansaço e se entregando ao momento. Ao final concluímos um quadro que representa nossa turma, nossa luta e nossa história. Também vamos nos redescobrimos do que somos capazes. Somos artista e

guerrilheiros (as) sempre prontos para vencer os desafios. Essa oficina me proporcionou um momento único, incrível que jamais vou esquecer e com certeza vou reproduzir essa arte com outras pessoas. (ZENA, TURMA TEKOA GUARANI, 2015).

De acordo com o depoimento a oficina proporciona várias atividades ao mesmo tempo, necessita que todos estejam envolvidos, a auto-organização para esse trabalho é fundamental. Nesse sentido, todos vão se descobrindo capazes de fazer o trabalho, a uma identidade construída no quadro. Quando se conclui o trabalho o olhar coletivo procura o contexto da totalidade, mas o olhar observa cada espaço que foi trabalhado individualmente, toda vez que observar o quadro o olhar é direcionado automaticamente para esse determinado espaço. Dessa forma, as falas relatam a expressividade da parte individual da composição, “eu ajudei aqui ou ali”. Como destaca o depoimento, as sementes trazem em si uma identidade individual que pertence a uma classe coletiva de camponeses: “A oficina de arte com sementes significa nossa vida, junto com o bem mais precioso das pessoas que é as sementes. E agora somos guardiões das sementes, e vamos seguir nossa arte e luta pela terra. Meu trabalho significa os trinta anos do MST.” (WELITON DE LIMA VAZ, 2ª B, COLÉGIO IRACI SALETE STROSAQUE, 2014). Nesse tempo de cinco anos, muitos guardiões de sementes foram surgindo, essa parte da produção se encarrega de fazer o trabalho mais demorado, esperar o tempo da safra. Outro ponto a ser destacado é o tempo de concentração para trabalhar com as mãos e cabeça ao mesmo tempo.

O projeto de sementes é muito interessante, ajuda de tal maneira na coordenação da mão, ajuda também a relaxar, pensar mais, pois exige tempo e concentração para lidar com as muitas variações de semente que são usadas, no final do trabalho vem a satisfação de ter conseguido atingir a meta. Ajudou a entender a importância de continuar a cultivar as sementes. (ELIZANDRA DE QUEVEDO, 2ª B. COLÉGIO IRACI SALETE STROSAQUE, 2014).

Pelas variações das sementes é possível perceber o degrade de cores que vai se formando em cada trabalho, sempre que está terminando o quadro a quem queria finalizar e colocar a última semente, bem como o início sempre marca uma possibilidade de haver um título de começo ou fim do trabalho. Isso são coisas que ocorrem numa dinâmica e disputa saudável na construção com sementes.

O depoimento seguinte traz uma fala que nos remete a pensar o papel das mulheres na produção primeiro das sementes e depois o trabalho dos quadros. Como um instinto natural de reprodução da vida são elas que acompanham ao longo da história processos que se transformarão em sabedoria e desenvolvimento como base da existência humana. O interesse em aprender mais, além da relação de ter as sementes como alimento.

Eu com minhas companheiras da aldeia Pataxó, já participamos três vezes da oficina de sementes, desde da primeira vez que eu vi escrito que ia ter oficina com sementes foi a primeira que me interessei, lá no assentamento Terra Vista na primeira jornada. Foi lá que eu conheci a semente de cebola pela primeira vez, eu levei para planta. Também aprendi usa as outras sementes que nos colhemos do mato, por que lá tem muito, se perde, mas nos não sabia usa em quadros, só fazia pulseira e colar. Esse trabalho para mim e muito bonito eu gosto demais [...] eu sempre que tiver oportunidade vou fazer esse trabalho, minha filha eu ensinei e ela fez dois quadros, um pra mim do dia das mães e outro pra madrinha dela. Agora aprendi colher às sementes, antes eu ajudava colhe as sementes da roça que era para comer, agora eu colhi para trazer na jornada seis tipos de sementes, tanto nativa como da minha roça. Quando venho vindo na estrada venho pensando se vai ter oficina de semente. (ELIETE, 3ª JORNADA DE AGROECOLOGIA, BAHIA, 2017).

Aprender a depois passar o conhecimento, esse exemplo é meta dentro das atividades do MST. Nesse sentido, como destaca o depoimento, muitos foram os presentes com sementes destinados a pessoas queridas, isso nos remete a pensar nas histórias antigas, quando os “Deuses” dos povos eram cobertos de sementes para agradecer a terra e as boas colheitas.

Para salientar a dimensão da arte com sementes, um dos participantes da oficina do evento ocorrido no (Comparte 2016 Chiapas/México), refletiu a seguinte colocação:

[...] eu gostei muito e quero aprender bem essa técnica para poder levar para minha comunidade, porque lá nós não conhecemos esse tipo de trabalho com sementes, já fizemos outros diferente, mas assim fazer quadro para a comunidade para mim é novidade, mesmo sendo aqui do México.

Nesse sentido, a relação cultural entre os movimentos precisa avançar, difundir experiências tem concretizado muitos avanços na luta pela terra, muitas formas de trabalho servem tanto para um contexto cultural quanto para outro. Isso porque nessa colocação citada acima falamos de um elemento universal que são as sementes, assim também deve ter outras formas de trabalho artístico, em que precisamos buscar uma integralidade das relações culturais entre os povos do Brasil bem como América Latina.

Por meio do trabalho com sementes há sem dúvida um despertar para perceber as sementes de outra forma, seja para plantar ou para fazer quadros, para compartilhar nas feiras. A cada tempo tem sido mais forte a cultura de transportar sementes, muitos tem trabalhado para que isso se torne uma prática frequente dentro dos movimentos sociais, muitas escolas estão assumindo o papel de reproduzir as sementes como experiência pedagógica que vem fortalecendo tantos debates sobre as sementes e todas as questões envolvidas.

Podemos dizer que a estética das sementes tem se tornado um símbolo de força e luta para o MST. Incentivar cada mais as produções artísticas com sementes, esse tem sido um valor construído juntamente com o setor de cultura e educação. Um processo que tem valorizado cada agricultor como mantenedor de sementes, esses são considerados camponeses

que assumem o compromisso e estão dispostos a se inserir na luta e resistência para assim de fato construir uma soberania alimentar para toda sociedade.

Em termos de estudo sobre o valor nutritivo das sementes e os benefícios que cada variedade proporciona para uma alimentação saudável, até o presente momento temos buscado fortalecendo as informações, um debate que ainda precisa ser olhado com muita atenção. Nas oficinas de arte com sementes, o que podemos perceber é que essa geração de pessoas mais jovens, vem no caminho de descobrir as sementes, poucas variedades se têm relatos que as pessoas tenham experimentado para o uso na culinária. Dessa forma, o que percebemos é que a alimentação dos camponeses é produzida por uma diversidade de produtos, mas esses se repetem, são diversas as variedades em recuperação, porém ainda não se tem acesso para muitos que tem sua produção atrelada em sistemas de transição para a agroecologia como se constata o período que estamos vivendo, ainda se faz necessário aprofundamento nesse tema.

a) Trabalho coletivo: na experiência de construção dos quadros, o trabalho coletivo tem um papel de extrema importância, sem dúvida é a cooperação que permite os avanços dessa proposta desde a produção das sementes até o fazer dos quadros. Nesse sentido, destacar a importância de propostas artísticas que trabalham desde a base organizativa do movimento até a atividade específica dentro das linguagens artísticas.

O debate deve ser munido de intencionalidades. Busca a vivência de uma cultura política em que os processos de formação estejam articulados e vinculados aos valores da ética socialista. A produção dos quadros carrega em si desde sua gênese a metodologia coletiva, comunitária, esse é o princípio e concepção fundamental do trabalho artístico com sementes.

Dessa forma, nos possibilita compreender o ciclo das coisas, alguns precisam produzir a primeira parte do trabalho coletivo (as sementes) e outros seguem utilizando esse elemento simbólico as sementes em forma de arte. Partimos do pressuposto de que as sementes como são o elemento primordial da existência humana, baseados nessa compreensão por meio do trabalho atribuímos um novo sentido, de refletir que as sementes têm uma função social, primeiro a de suprir as necessidades básicas – matar a fome da humanidade.

Em cada região nas mais diversas culturas as sementes, essas são produzidas de acordo com uma determinada gama de variedades, essas se organizam culturalmente se ajustando a adaptando aos diferentes territórios e climas. Olhamos para o conceito de coletividade por via da cultura do cultivo, nesse processo histórico se formou as bases da agricultura.

No trabalho coletivo encontramos a base organizativa do MST, dessa forma são as práticas que exercitam essa tarefa de agregar o conhecimento por meio da ação coletiva, se faz eficaz pela atuação de forma consciente, por meio do trabalho coletivo se reorganizam enquanto sujeitos sociais. Compreendemos que o processo de trabalho coletivo deve estar ligado ao todo da luta pela terra. Nesse sentido de análise, compreendemos que a reprodução da nossa existência é coletiva e ocorre por meio de um processo que inicia individual, mas sempre inserido num processo coletivo. Aprendemos por meio desse debate, fomentar como princípio básico para os avanços organizativos do movimento em todos os espaços, instancias, coletivos, setores, escolas, cooperativas etc. O processo coletivo permite a reconstrução dos passos históricos e como sequência a construção das ações que produzem o conhecimento vinculado ao todo da cultura e do movimento.

b) arte: um valor construído por meio da capacidade de expressão em buscar por uma sensibilidade formadora e revolucionaria, a arte tem como caráter principal a formação do ser enquanto sujeito social capaz de sentir e reconhecer-se em seus sentidos. Na arte com sementes buscamos a reflexão de diversos conceitos construídos ao longo da história, nesse sentido compreendemos que a concretização de uma prática artista traz para a organicidade do movimento elementos que precisam acompanhar o conjunto da luta ideológica que constitui a classe trabalhadora.

Na arte dos quadros, colocamos como elemento em construção a capacidade de transformar as sementes de um conceito básico para uma representação de identidade do campo, sem dúvida é um trabalho que possibilita um despertar de possibilidades formativas, dessa forma o sujeitos Sem Terra a partir da construção que se materializa em forma de quadro, carregam consigo uma melhor compreensão do que a arte traz como sentido e possibilidade de inserção num processo de formação estratégicas para a classe trabalhadora.

Se faz pertinente que cada uma das representações artística, no caso da arte com sementes a qual pertence a categoria das artes visuais, se faça de forma conjunta a formação social, pois só assim abrigaria sentido, ou seja, ir além de um produto (quadro). A criação de processos artísticos e educativos se fazem pelo despertar da criatividade dos sujeitos, nesse sentido por meio das práticas despertamos um território vivo, uma apropriação intelectual que possibilita recriar as formas da cultura socialista.

Nesse sentido, olhamos para o papel que desempenha a arte, artista, educador e militante, na construção dos processos artísticos, o artista traz consigo o compromisso de abrir portas para a imaginação, vislumbrar possibilidades de agregar conhecimento despertado em

um grupo social, esse deve ter a capacidade de contextualizar a partir da estratégia poética e revolucionárias das lutas sociais.

Por meio da cultura organizada, a arte baseada em um processo de amadurecimento político poderá contribuir na superação dos diversos desafios colocados como enfrentamentos ao capital. Refletir os processos culturais que ao longo dos tempos devido ao processo de aculturação colocam os trabalhadores uma condição de anulação dos sentidos “embrutecendo” cada sujeito excluído dessa sociedade, nesse sentido, tudo se tornou um fazer mecânico, o sentido do fazer as coisas passou a ter uma posição secundária, colocando maior parte da população as margens da cultura e do desenvolvimento social.

Se faz necessário trabalhar com os sujeitos que ao longo do tempo foram excluídos de processos artísticos, esses tão importantes que possibilitam olhar o mundo com novas percepções, para assim romper com as forças da cultura dominante, a qual desumaniza a sociedade.

c) Potencial formativo: no contexto de novas práticas que se desencadeia a partir da construção dos quadros ou até mesmo no plantio de novas sementes até que outro quadro seja feito, esse é um processo formativo que instiga o que é a essência desse trabalho. Olhamos para a centralidade desse processo. O trabalho com sementes, nesse tempo de cinco anos, passa por uma formação permanente, mesmo depois que se finda a construção do quadro o debate segue, seja sobre as sementes para fazer os quadros ou na recuperação dessas, o fazer permanece inserido no contexto da comunidade.

Nessa arte temos a possibilidade de uma construção material que fica exposta visualmente. Mesmo sendo organizado em oficinas, essas não estão atreladas ao fazer momentâneo, ou simplesmente fazer parte de um evento que quando acaba tudo se desfaz em termos de fixar algum elemento formativo.

Quando é feito o quadro, esse permanece como exemplo para outros construírem novas simbologias. O potencial formativo ocorre em conjunto com a formação nas diversas instancias da organização. Partimos do debate de difusão dessa arte, para que seja possível fortalecer o debate das sementes, a agroecologia, a soberania alimentar no contexto das lutas sociais. A estratégia se faz desde o plantio até a confecção do quadro, nesse caminho vamos inseridos outros debates como a questão geográfica, cultural e produtiva de cada região.

Como proposta formativa por meio da educação, temos possibilidades de produzir um abrangente debate em nossas áreas, pois a materialidade dos quadros traz consigo conteúdos que diz respeito à uma formação integral, como quando discutimos as medidas e proporções

de tamanho do quadro estamos discutindo matemática, aprendemos a usar todos os signos possíveis que contribuam na leitura dos símbolos colocados em cada quadro.

Outro aspecto a ser destacado seria o debate sobre cada variedade, em que época produz, quais são originárias de cada região, quais são plantas migratórias vindas de regiões diferentes, em qual região se adapta melhor. Para discutir a alimentação saudável, essa seria uma verdadeira releitura da obra de arte, seria trazer presente o valor nutritivo de cada semente, a partir da identificação do nome, saber quais são comestíveis ou não, quando tratamos das diferentes linhas de consumo para alimentação podemos abrir um leque de aprendizado dentro da culinária. Além dessa, discutir a matriz da agroecologia, quais as sementes se equilibram entre si, no caso discutir melhoramento genético por processos naturais, quando se trata de cobertura de solo, plantas que são de consumo animal, ou plantas defensoras. Nesse processo formativo podemos explorar além da arte outros conteúdos que fazer parte do currículo formativo seja na escola ou fora dela.

Nesse processo de construção dos quadros são inúmeros os debates que ocorreram como troca de experiência. A agroecologia como um dos assuntos mais debatidos, traz como base da produção das sementes crioulas, pois para uma produção diferenciada, a formação ocorre num processo de recuperação do conhecimento que sempre esteve na cultura dos camponeses, porém um conhecimento que por muitos anos esteve adormecido por imposição dos planos de desenvolvimento da agricultura industrial. Muitas das formas de trabalho camponês foi substituída por formas de produção que agredem profundamente a produção do campo. Para concluir a ideia, podemos dizer que o quadro passa de obra de arte para um elemento que produz uma materialidade que agrega conhecimento relacionado a todo processo de existência da agricultura.

d) Reprodução das sementes: como dito acima no texto, a reprodução das sementes esteve colocada como passo seguinte da construção dos quadros, essa metodologia vem ganhando força desde o México. Acreditamos que ao fortalecer o processo da recuperação e reprodução das sementes crioulas seja possível alcançar o objetivo da autonomia da produção dos camponeses, e dessa forma reorganizar os passos para garantir uma soberania alimentar para além dos camponeses. Seria pertinente discutir com toda sociedade um projeto de reexistência pensado como saída essencial para garantir uma alimentação saudável para todos.

O que o trabalho das sementes possibilitou nesses cinco anos de experiência, na reprodução das sementes, procuramos aproveitar cada uma das oficinas para fortalecer a afirmação ideológica, colocada no contexto amplo do compromisso de cada um ser guardião

das sementes, e obtivemos relevante êxito, muitas das variedades foram reproduzidas a partir da primeira construção estética dos quadros e posteriormente se efetivou um segundo momento de construção dos quadros, troca de experiências e sementes, exemplo; os casos das experiências da Bahia e Santa Catarina, nessas duas experiências as variedades passaram de cinquenta desde o primeiro para o segundo momento de construção dos quadros, as sementes foram reproduzidas em apenas duas safras.

A cada conclusão de oficina é importante a partilha das sementes, sempre e disponibilizar uma parte das sementes para o plantio, em muitos dos casos foi possível o retorno das sementes para a reprodução seguir em outras regiões, e o primeiro passo de organização de cada oficina é a junção das sementes, fazer uma análise de quantia de cada variedade. Essas devem chegar até a construção dos quadros com tempo hábil de analisar as variedades existentes para ajudar na elaboração do desenho, usufruir sempre das variedades que tem maior quantidade, dessa forma potencializa a arte e a reprodução sem descuidar da tarefa principal que é produzir para alimentação.

Em muitos casos em que ocorreram oficinas foi possível recolher sementes desde o primeiro dia de oficina até o último dia, pois as pessoas, ao saberem da construção do quadro, recorrem a todas as variedades que conhecessem, sejam nativas ou produzidas. Nesse sentido, foi possível perceber uma diversidade de sementes que muitas vezes estão fora no ciclo produtivo em nossos assentamentos, precisamos discutir além do nível básico da alimentação, precisamos redescobrir as sementes como elemento que vem sendo disputado cada vez mais pelo agronegócio.

e) Construção de resistências: nesse processo foi possível visualizar diversas formas de resistência, pudemos perceber que a partir da construção do quadro e troca de sementes, muitos são os elementos que puderam ser trabalhados como passos seguintes, um deles é a analisar as formas de lutas que vem ocorrendo, as campanhas que tratam do tema das sementes crioulas, as lutas organizadas pelo MST e outros movimentos sociais, além do Brasil e América Latina.

A inserção do trabalho das sementes como resistência traz um foco como atividade artística e cultural que resgata formas de trabalho dentro da cultura camponesa. É pertinente pensar a função social que esse trabalho desempenha quando discute as sementes como tema da soberania alimentar, o projeto de agroecologia, o impacto do agronegócio sobre a agricultura familiar, entre outros temas que podemos trabalhar para dizer a sociedade o compromisso que o MST assume enquanto organização social.

Nesse sentido, construímos a resistência interna nos movimentos organizados, produzimos um trabalho que propõe uma relação de cooperação e divulgação, por meio da

arte com sementes nos aproximamos das universidades, escolas de agroecologia, com instituições ambientalistas que defendem os recursos naturais. Muitas das relações têm se desenhando a partir da amostra das sementes colocada nos quadros em espaços fora do MST.

Nesse intuito, procuramos ampliar as relações desse trabalho para outros campos além de levar a proposta de produção baseada na agroecologia na produção dos orgânicos, buscamos construir uma rede de produção e consumo dos alimentos saudáveis, esses por meio das feiras. Portanto, é necessário salientar que, a cada semente reproduzida, cuidada e multiplicada após uma oficina, já é uma forma de resistência.

f) Cultivo da mística: no processo de construção do trabalho com sementes, muitos são os momentos místicos, isso faz parte desse contexto de cada ação colocada de forma a produzir um pensar sobre determinando assunto. Nesse intuito, o fazer desde o início traz uma forma de organização muito simbólica e representativa, quando recorremos às produções de sementes para confeccionar um quadro, muitos se perguntam “a semente vai morrer colocada no quadro”. Precisamos refletir o sentido místico, assim usamos ciclo da natureza como é a vida dos seres humanos, sobrevivem por um determinando tempo somos as sementes do presente, outros já existiram e se foram, os ciclos se renovam. Nesse sentido, quando perdemos um quadro que se desfaz por ser esse o alimento dos insetos (carunchos), muito tem a impressão de morte da própria arte ao ver esse processo, porém precisamos entender a mística da reconstrução e organizar a próxima safra, o próximo quadro utilizando sementes novas, essa é verdadeira mística de renovação. No México esse tema se incorporou na cultura da comunidade, pois existe essa relação próxima do ser humano com a natureza.

Em cada momento cabe refletir que o elemento mais importante permanece no aprendizado pedagógico de uma ação concreta. Quando concluímos o quadro, o qual se realiza de uma forma mística e pedagógica, como passo seguinte a apresentação para toda comunidade por meio de outra mística se faz a distribuição de sementes aos participantes na comemoração. Nesse intuito místico de sensibilizar, sempre se faz um diálogo com referência aos elementos que compõe a resistência da classe trabalhadora, o legado de muitos companheiros(as) que ajudaram a debater sobre as sementes como um direito de todos os camponeses(as).

O processo místico de cada produção é permeado pela cultura. Esse constitui-se por processos que se materializam em conhecimentos artístico que representa a realidade. Essa torna-se uma produção de existência colocada em síntese representativa, uma existência articula que aponta uma riqueza cultural que permeiam as formas de socialização das ideias.

A produção dos quadros passa por um processo de fortalecer a cultura inserida na luta o MST, bem como ajusta um processo econômico, pois para concretizar cada trabalho esse é pensando dentro de uma estrutura básica por menor que seja se faz necessária, isso implica na ação concreta do fazer. Apesar da dimensão simbólica que representa a construção com sementes, essa só acontece pela parceria que ocorre entre os sujeitos sociais que acreditam ser importante que esse trabalho esteja ligado à formação da base em nossos assentamentos e acampamentos, essa ocorre num sentido de buscar pela ressignificação da matéria semente.

De uma forma mística trabalhamos com a ideia de valorização a um elemento que simboliza a vida, buscamos pelos projetos e experiências trabalhados em nossas práticas que cultivam a ideologia de classe. Sonhamos com a revolução e a cada dia construímos os passos da agroecologia como saída necessária e urgente, esses são alguns dos elementos místicos possíveis de incluir nessa simbologia e construção dos quadros com sementes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse estudo, busco nesse processo a reflexão sentir quais foram os avanços de uma produção artística vinculada ao processo de militância inserido nas instâncias bem como nas lutas sociais do MST. Trago presente algumas sistematizações que foi possível alcançar no decorrer da pesquisa, a qual faz parte de um processo de cinco anos de trabalho com a arte das sementes. Dessa forma, partimos do trabalho das oficinas para a seleção do mestrado e posteriormente para as muitas leituras que possibilitaram a vinculação com tema das sementes crioulas, e mais adiante colocar em prática os objetivos propostos no início da pesquisa. Avalio que foi possível concluir o trabalho com um amplo debate na construção dos três capítulos, ficando apenas uma parte que seria iniciada nesse processo da dissertação, que é a cartilha sobre o método de ensino da arte das sementes. Nesse sentido o material segue em construção após a defesa da dissertação.

No decorrer do processo os objetivos que foi possível alcançar permitiu ampliar para no conjunto da luta uma vasta formação que possivelmente será compartilhada com outros companheiros(as) em nossos espaços. Nesse sentido observo alguns aspectos bastante positivos que ao concluir essa parte escrita, essa servirá como elemento de embasamento teórico no trabalho com as sementes crioulas. Por meio da pesquisa bibliografia foi possível compreender diversos conceitos que até o momento não havia sido debatido no conjunto do trabalho das sementes. Dessa forma, os conceitos abordados se tornaram pontos estratégicos para aprofundar o debate que buscamos construir em nossas bases da organização por meio do trabalho germinando arte.

Entre os apontamentos teóricos houve diversas contribuições que vieram no sentido de clarear as informações sobre os assuntos que permeiam os objetos propostos como abordagem da pesquisa sobre as sementes crioulas. O avanço ocorrido passa por um contexto de reflexão teórica e metodológica na direção da formação que construímos por meio das práticas formativas, pois os elementos aqui abordados serão direcionados para a um amadurecimento dos conceitos que necessitam ser trabalhados nas oficinas com sementes.

A problemática que abrange a questão das sementes requer um aprofundamento teórico para esse fortalecer o conhecimento e cultura camponesa para assim trazer contribuições ao passo que constroem as ciências a partir do conhecimento empírico e científico.

A pesquisa foi mediada pelo método de pesquisa-ação, a qual traz uma mutua relação do pesquisador com o objeto de pesquisa, a partir das teorias estudadas as experiências vêm no sentido de contribuir para o contexto ao qual a pesquisa foi desenvolvida, no caso as

experiências do México e do MST. À luz do contexto histórico a investigação elencou algumas particularidades das duas experiências como ação que se insere numa formação social e cultural dos sujeitos envolvidos no território pesquisado Tepoztlán e MST.

Os conceitos abordados, como o trabalho, nos apontaram que por meio desse o homem se transforma a si e a sociedade, e, além disso, constrói sua existência. Esse teve como sentido maior o aprofundamento estético da filosofia marxista num panorama social, o qual veio desenvolvendo outros conceitos, como educação num passo seguinte da conquista emancipatória da humanidade. Nesse processo, ampliar-se para os fenômenos históricos que permeiam a sociedade, nisso foi possível compreender o processo da revolução verde e suas implicações sobre os impactos sobre a biodiversidade e as sementes crioulas. Como resultado desse processo chegamos aos dias atuais com a agricultura capitalista comandada pelo agronegócio com base alicerçada no sistema político no Brasil bem como em toda América Latina e outros países.

As bibliografias abordadas foram suficientes para compreender o desfecho dos assuntos relacionados as sementes crioulas, das bibliografias estudadas, contamos com as contribuições de alguns autores como Carvalho (2003), esse fez apontamentos em nível nacional e internacional, e buscamos por materiais da Via Campesina e Ribeiro (2016), ANCA (2003), Altieri (2004), entre outros, que abordam o assunto das sementes. Nesses apontamentos feitos pelos autores, percebemos o grande avanço na posse da terra das grandes empresas sementeiras, bem como os graves problemas ocasionado pelos plantios de transgênicos, um processo desastroso que traz muitas contradições para a cultura camponesa e produção dos alimentos no sistema da agricultura família.

Compreendemos as sementes como elemento base e primordial, nesse sentido faz parte da resistência camponesa, a concentração de terra surge como pano de fundo para os grandes projetos do agronegócio, esse cada vez mais se organiza como braço direito do capital nacional e internacional. Nesse processo de luta pela terra a disputa pelo território é apenas um primeiro passo, a Reforma Agrária que até o momento veio sendo feita ao longo desse período de mais de trinta anos, não foi o suficiente para colocar em pauta uma redistribuição de terra por meio das políticas públicas. As ações dentro do MST têm sido no sentido de garantir a terra e a permanência nessa, pois do contrário não será possível avançar num projeto social que luta por uma agricultura sustentável dentro desse modelo capitalista que se fortalece a cada tempo.

Compreendemos o papel da cultura como um agente formador nas instancias do MST, rediscutir os rumos da agricultura por meio da cultura camponesa, amplia o debate das articulações e formas de resistência no campo. Compreendemos o conjunto das lutas sociais,

como forma de travar uma batalha no enfrentamento aos modelos da elite empresarial e dominante que se apoderou do campo.

A pesquisa bibliográfica também abordou a filosofia marxista numa perspectiva dialética com o tema da pesquisa, em que o conceito de trabalho apontado como sendo o cerne das forças motoras da classe trabalhadora. As relações de dominação estabelecidas ao longo da história são os resultados dos processos de acumulação que o capital expropriou por meio da mais valia. Para contrapor o sistema colocado, acreditamos ser possível com muita luta social e cultural, retomar as estruturas que reorganizam o trabalho e os meios de produção do campo. Sabemos que as ações de mudança não será apenas a função de um ou outro movimento social, mas de toda sociedade que apoia a se reconhece como classe pobre nesse país.

Em análise do processo histórico, as pesquisas apontam que desde o surgimento das tecnologias que ultrapassaram as formas ancestrais de trabalho na agricultura, períodos esses que chegam até os dias atuais, somando inúmeras perdas no sistema de desenvolvimento da agricultura, as condições dadas não são suficientes para suprir o básico da existência do ser humano. Assim, tem milhares de pessoas abaixo da linha da pobreza, por problemas da fome, doenças causadas pelos agrotóxicos, falta de água, já há também muitas escassez dos recursos naturais, entre outros problemas que afetam diretamente as camadas sociais.

Nesse sentido, os avanços do agronegócio produziram um contexto que só serve para os ricos, desde a implementação de Revolução Verde os camponeses só ficaram com as amaras enganosas que desestruturaram as formas de vivência e ganho da vida no campo, em decorrência de um modelo de reaproveitamento dos aparatos pós-guerra, como resultado desse processo foi a expulsão dos camponeses de seus territórios por meio do êxodo rural.

Desde que os problemas no campo se agravaram por volta da metade do século XX, houve um grande contingente de pessoas se deslocando para os centros urbanos, acarretando problemas sociais nos dois lados, com o campo despovoado abriu-se a instalação e expropriação das terras e territórios que poderiam ser utilizados para produção de alimentos e fez de Reforma Agrária.

Com as perdas da cultura camponesa, perderam-se as bases da produção dos alimentos. Observamos que o Brasil se tornou um país que retrocede em sua política econômica, não avança em desenvolvimento nem econômico e nem social devido as estruturas políticas conservadoras que são a base do capital industrial e da alta tecnologia e do agronegócio.

Nesse contraponto colocamos o fortalecimento da cultura camponesa por meio das ações no conjunto dos movimentos sociais, que somente esses buscam formas de lutar contra o modelo hegemônico do capital. Buscam-se por processos emancipatórios, nesse sentido

muitas das ações tem sido direcionada para obter um amadurecimento ideológico em consonância com propostas revolucionárias. Como apontado por diversos autores, o enfrentamento entre dois projetos de sociedade, aponta um antagonismo travado pela correlação de forças, essas precisam ser compreendidas pelas bases da população, as quais vivem uma profunda desigualdade social e, além disso, uma cegueira política.

Refletimos que é preciso criar processos de enfrentamento desde as ações mais simples de nossos territórios até a análise de conjuntura mais elaborada sobre a sociedade. Nesse sentido, compreendemos a contribuição da arte das sementes como um processo de formação de base, esse capaz de discutir os conceitos de forma simples e acessível aos camponeses, dessa forma fortalecer o enfrentamento ao agronegócio. Quando os agricultores se apropriam das sementes e fazem seus plantios sem recorrer a qualquer empresa, esse está exercendo sua autonomia de vida e colocando em prática um processo emancipatório que é resultado de acúmulo de conhecimento sobre a produção de sua existência.

Procuramos trabalhar com esses aspectos básicos para compreender em que processo se encontra a agricultura camponesa. Como destaca Altieri (2004) em suas formulações sobre a agroecologia, as bases da agricultura precisam ser recuperadas, o conhecimento ancestral aponta esse caminho, a cosmovisão como um dos processos de acúmulo histórico. Nesse sentido compreendemos a importância do debate aliado aos processos da natureza e dos ecossistemas. Essas estratégias produtivas trabalham no sentido de adaptação dos sistemas e culturas de produção em qualquer território.

Nesse sentido, olhamos para o Brasil como um país que disputa as bases do processo produtivo ligado a agricultura, dessa forma os movimentos sociais tem recorrido as bases da agroecologia, no sentido de buscar pelos métodos de manejo e equilíbrio baseado em três pontos; físico, químico e biológico do ecossistema, nesses apontamentos percebemos que para o desenvolvimento dessas práticas produtivas, requer um aprendizado técnico e coletivo, pois no atual momento as condições são desesperadora para muitos dos camponeses, que perderam suas formas de trabalhar no campo, e muitos perderam também sua condições de produzir por conta própria pelas condições dadas ao desenvolvimento da agricultura. De um lado, o agronegócio com um processo que busca o lucro por mais que esteja numa condição de atraso capitalista no Brasil, e, por outro lado, um processo de conhecimento que quase se perdeu devido às condições de terras degradadas que restaram para os camponeses depois de longos períodos de uso de produtos químicos, deixando assim os investimentos naturais na correção da terra, dessa forma contam penas com a força de trabalho.

Portanto, é necessário compreender que a implementação da agroecologia passa por uma mudança de concepção tanto das formas de trabalho na agricultura, como das formas de vida dos sujeitos envolvidos. Precisa-se, dessa forma, encontrar saídas para desenvolver mecanismos que fortaleçam as formas de trabalho da pequena agricultura.

Nesse sentido, o debate tem se alinhado por diversas formas dentro dos movimentos sociais, uma das saídas é o trabalho cooperado baseado num conceito de parceria entre os camponeses atuando em redes também para fora do campo produtivo dos assentamentos, um dos meios são as feiras, bem como uma produção baseada numa análise de mercado de acordo com cada região, esse inserido num processo de agroindústrias para viabilizar melhor a produção e comercialização.

No debate sobre a produção de sementes crioulas, temos observado grande procura por diversidade de sementes, essas com produção em pequena escala sendo vendida nas feiras. Logo percebemos que as sementes procuradas se diferenciam daquelas que costumeiramente são do consumo básico das famílias, algumas variedades podem ser comercializadas por um valor cinco vezes mais do que são as sementes convencionais e mais consumidas. Como aponta Alfredo (2016) na pesquisa de campo no México, as sementes precisam ser plantadas, selecionadas e comercializadas por variedades de acordo a procura para o consumo do ser humano, é preciso resgatar a cultura da produção diferenciada, muitas sementes poderiam se tornar uma fonte de renda muito viável para os camponeses, essas compensariam e estariam numa linha de produção qualificada para obter uma diversidade alimentar, sem dúvida esse é um debate que precisa construir junto dos camponeses.

Além das propostas de trabalhar a cultura do cultivo, o MST tem buscado por uma formação ampla em nossas bases. Nesse sentido, buscamos por processos formativos que estejam inseridos num contexto de produção da vida no campo. O processo formativo em suas diferentes frentes tem trabalhado as questões da educação, e cultura como proposta que contribui profundamente para a emancipação dentro de nossas áreas de Reforma Agrária, como discutido no primeiro capítulo, temos como foco construir a formação intelectual como parte da resistência do território camponês. Assim, discutimos as mais diversas formas aprimorar a territorialização em nossos espaços. Nesse caminho, o trabalho aqui pesquisado aponta as múltiplas faces da construção do sujeito sem-terra no processo de construção social da Reforma Agrária popular. Para contemplar a relação com o território, compreendemos a necessidade de construir ideias que possibilitem a auto-organização e autoafirmação dos camponeses Sem Terra, é preciso fazer florescer sem medo a ideia de identidade principalmente nas crianças e jovens.

Como reafirmação dos compromissos da luta, Porto-Gonsalves (2001) e Fernandes (2013) apontam diversas questões sobre a constituição do território, nesse encontra-se os meios de construir a vida. Dessa forma, procuramos por meio da proposta com as sementes valorizar essa questão colocada pelos autores. Como apontado é preciso compreender os fenômenos que ocorrem na sociedade, de que forma as lutas vão se posicionando e se organizando em resistência, como a questão da conquista da terra como centralidade do processo.

Nesse sentido, discutir o território em consonância com a arte nos faz compreender que por meio da prática ou das linguagens artísticas, bem como a cultura em si, vem ampliar os espaços que mostram uma forma de organização social que se torna a cara bonita da resistência no MST. Seja por meio da arte das sementes ou outras, mostramos uma representação que abarca nossas ideias num campo visual não só para o movimento, mas, para a sociedade, uma resistência política que analisa e enfrenta os mais variados temas que para fora, ou para sociedade em geral muitas vezes passa despercebido.

Compreendemos as ações como instrumento formador de opinião e ação. Dessa forma precisamos ter clareza dos processos políticos que ocorrem em nossa sociedade, pois faz tempo que vivemos uma falsa ilusão de construção de uma democracia e oportunidade e igualdade para todos. Essa farsa colocada repetidamente pela cultura dominante acaba por vez desconstruído os valores existentes junto da classe trabalhadora. Num passo defensivo nos colocamos como construtores de novos valores, porque não aceitamos os padrões que não respeita a diversidade cultural existente entre os povos que se organizam e se orientam pela visão social de classe, os quais constroem sua identidade a cada dia.

É necessário retomar os fundamentos da cultura, da educação, da produção da cooperação, de gênero, dos direitos das mulheres e tudo o que se constrói como formas de organização e reexistência em nossas áreas do campo. A cultura carrega um olhar que fundamenta por meio das ações a práxis social do movimento. A produção artística deve abarcar uma intencionalidade de reelaborar os conceitos colocados pela sociedade, devemos nos apropriar do que a história concebeu como conhecimento e processo formativo. Ressignificar a vida em todos os sentidos, o despertar de memórias construídas ao longo dos tempos tem trazido possibilidades de retomada desses processos de acúmulo teórico e prático.

Inserir-se numa organização com posicionamentos amadurecidos faz com que a luta avance em todos os aspectos culturais e sociais. Nessa nova cultura que para o MST teve início mais de trinta anos atrás, isso nos remete a ressignificar processos iniciados de longa data, como os processos culturais e produtivos do campo. O MST tem feito esse amplo debate, com a contribuição de muitos companheiros que analisam a cultura no MST e também

a cultura produtiva camponesa, diversos apontamentos dentro do movimento vêm na direção de uma cultura mais humana e participativa, essas relacionam desde as festas das comunidades, o lazer para a juventude a crianças, os idosos, as pessoas com deficiências, entre outros aspectos a serem debatidos, esses processos mostram os avanços ocorridos no processo de luta pela terra. Dessa forma, percebemos a relevância do trabalho com as sementes, esse ocorre por meio de um processo de conhecimento empírico no trabalho que traz uma ampla relação social por meio da arte.

Essa relação formativa e educativa ocorre desde o plantio das sementes até a confecção dos quadros, nesse meio observamos um amplo conhecimento que aborda várias ciências, como: a matemática quando colocamos as medidas geométricas no desenho elaborado de acordo com cada temática, estamos fazendo uso de uma ciência que pouco se fala em nosso meio. Outro exemplo que ocorre seria o processo da química, nesse estamos trabalhando com o elemento semente que é natural e utilizamos na medida certa outros elementos sintéticos para fixar as sementes como a cola, o repelente, o verniz. Mais outro um exemplo; seria a física, utilizamos a palito de churrasco para colocar cada semente no seu devido lugar, esse nos serve como extensão dos dedos, num tempo certo para transportar cada semente de um desenho para o outro. Além desses trabalhamos com o contexto da geografia, as sementes que vão e vem de um lado e do outro são produzidas em diferentes territórios e de acordo com cada clima de adaptação, etc.

Quando debatemos os símbolos dos desenhos construídos a filosofia de vida como conceito permeado pelas lutas sociais. As cores e formas todas inseridas no contexto da arte, também discutimos a cultura como algo maior que os exemplos citados, entre outros elementos que são possíveis de serem observados. Nesse sentido trabalhamos como elementos de acúmulo de conhecimento cultural e social que atribuímos às linguagens da arte as funções norteadoras de processo que busca a emancipação dos sujeitos inseridos.

O elemento semente dentro da pesquisa, além de ser o objeto essencial da questão, nos aponta um caminho vital de energia para a vida, dessa forma trabalhamos com a ideia de que nossa luta em defesa das mesmas é a luta que necessária para toda a humanidade, nessa formulação conseguimos compreender que as sementes ao longo do tempo guardaram os mistérios de passado e do presente. Sendo esse um princípio de multiplicação e renovação enquanto matéria. Dessa forma como elemento base da agricultura se apresenta ao contexto do presente como uma das estratégias sociais. Desde a descoberta da germinação esse feito tem sido carregado como acúmulo do conhecimento pela humanidade, mas, pela cultura é mérito feminino. Nesse processo fantástico, pelas mãos de muitos trabalhadores(as) se

desenvolveram os métodos de melhoramento e adaptação das variedades, dessa forma, esse elemento biológico passa pela ação de resistência social e, além disso, passa por uma ressignificação enquanto elemento existencial da humanidade principalmente dos camponeses. Nesse sentido as sementes são patrimônio dos povos, os quais preservam as colheitas das futuras gerações, não só de sementes, mas, também de códigos genéticos de cada uma das espécies.

Em cada ambiente na natureza as sementes se reproduzem vinculadas a uma cadeia alimentar, e dessa, forma-se alinhamentos destinados a cada ser vivo. Compreendemos que as sementes são uma espécie de identidade de sobrevivência tanto dos humanos quanto dos animais, essas sem dúvida representam para os camponeses uma identidade em duplo sentido, pois para obter a reprodução fazem uso e manejo cuidadoso das trocas e seleção das sementes.

O conceito sobre sementes crioulas carrega em si um contexto cultural grandioso, foi dessa forma que se manteve as sementes, nesse sentido compreendemos que as mesmas sobrevivem até o presente pelo conhecimento ancestral, e podemos atribuir esse mérito as culturas indígenas, os quais mantêm sobre sua responsabilidade o cuidado das variedades que sustentam as comunidades de geração em geração.

As sementes cultivadas no mesmo local são acompanhadas por uma proteção e melhoramento genético conduzido por tradições milenares, nesse sentido o tema das sementes crioulas vem ganhando força em todos os movimentos sociais do campo, devido a importância constitutiva dos seres biológicos que precisam resgatar sua autonomia de sobrevivência, os quais nos inclui num equilíbrio que precisa ser organizado entre seres e natureza. Dessa forma o passado precisa estar no presente, como uma reivindicação atrelada ao contexto das ações que somam força diante do monopólio das grandes empresas.

Na resistência ao capital dominante e agrícola, destacamos o conhecimento adquirido pela observação da natureza dentro de um processo milenar, a cosmovisão, esse conceito vem sendo discutido como parte das experiências e saberes dos camponeses. Uma ciência que abarca aspectos do mundo espiritual, natural e social, por esse conceito percebemos uma relação da humanidade com a natureza. Além disso, a cosmovisão aborda as premissas filosóficas e científicas. Os estudos aprofundam o debate sobre as experiências camponesas que abarcam diferentes assuntos, trazem a reflexão do conhecimento comunitário como patrimônio das comunidades as quais se auto sustentam e se organizam. Dessa forma, os assuntos abordados são referentes às formas de trabalho no campo, as relações com a natureza, as fases da lua, as estações do ano, bem como o desenvolvimento da agroecologia e trajetória do trabalho das mulheres. Falamos de uma produção em pequena escala,

regionalizada, voltada as crenças e tradições, a qual é a parte mais importante do sustento das famílias. Como sabemos as bases da agricultura foi e segue sendo por vários motivos a tarefa de produção com acúmulo de mão de obra feminina.

O debate sobre gênero e trabalho do campo, tem permeado brevemente as linhas políticas do MST. Compreendemos esse processo de trabalho no campo como uma disputa que por muitas vezes abre controvérsias na produção da unidade familiar. Problemas esses que acompanham a história de exclusão das mulheres do processo produtivo, o movimento desde o início tem lutado por processos de igualdade, ainda que tenha que ser desconstruída diariamente a cultura de dominação de pobres sobre pobres. Em reconhecimento ao trabalho das mulheres é importante lembrar que sempre foram elas que por força de organização própria das muitas mulheres inseridas na luta pela terra foram quem seguiram à risca as linhas de produção dentro do MST. Nesse sentido como aborda a cosmovisão diversos espaços devem ser construindo como forma de trabalhar a interculturalidade da luta, esse debate sugere aspectos a favor das culturas oprimidas e marginalizadas em nossa sociedade.

Seguindo a reflexão percebemos que a arte das sementes nesse processo recente se constitui como debate que vem discutindo a simbologia da luta como experiência formativa, dessa forma, as relações que compõem a estética das sementes, bebem da fonte que vincula um amadurecimento social proporcionado pela luta. Traz presente um reflexo artístico que busca uma autonomia de pensar processos que vem legitimar um conhecimento da arte como processo de apropriação da classe trabalhadora.

Nessa perspectiva de construir uma estética social, buscamos pelos elementos subjetivos desse trabalho. Nessa ideia o papel do artista militante é mediar o processo, o qual deve abrir caminhos que possibilitem uma compreensão e excussão do que está latente na vida social.

Baseados na crítica estética marxista, a produção da arte se caracteriza pela apreensão de um processo histórico, originado na práxis social. Portanto a narrativa é capaz de colocar no contexto social, um universo de coisas que possibilitam refletir nessa prática uma profunda qualificação do território, seja ele físico ou intelectual.

Na pesquisa de campo realizada em Tepoztlán, foi possível conhecer a técnica e observar um campo possível de desenvolver a pesquisa devido a tema não ter sido aprofundado teoricamente como registro. Dessa forma mantivemos o diálogo com as pessoas/artistas ligadas a arte do portal. Nesse caminho quando já estava organizada a pesquisa e entrevistas para coletar os dados em 2016, nessa etapa possível construir os passos

planejados dentro de uma metodologia de pesquisa-ação, qual teve diversos apontamentos que permitiu uma junção das ideias que a comunidade levantava como problemática em 2012.

A coleta dos dados foi analisada e sistematizada numa perspectiva histórica, construímos dessa forma uma linha do tempo, que explica desde o surgimento do portal com flores até a transição para o portal com sementes. Salientamos que nesse processo de construção do registro sobre a criação do portal, conseguimos alcançar diversos pontos positivos, o mais importante que é a origem do portal, porém sentimos a necessidade de um melhor aprofundamento relacionado aos temas que foram abordados como simbologia dos portais, são 25 portais, todos com temáticas relacionada ao tema da religiosidade, nesse ponto está a necessidade de um aprofundamento, pois dentro do tema da religião ficaram muitos elementos que não é possível descrever se falar dos símbolos abordados.

Nesse segundo capítulo a meu ver necessitaria de uma pesquisa de resgate fotográfico de todos os portais e uma descrição histórica dos fatos que ocorreram durante cada portal, no período de 25 anos.

Na descrição da pesquisa e detalhamento a partir dos depoimentos dos artistas e camponeses(as) de Tepoztlán, foi possível sistematizar em escrita, colocar os nomes dos criadores dessa arte, que até o momento havia controvérsia sobre esse fato, o qual durante a pesquisa foi descrito pela opinião de três pessoas e confrontado os fatos, dessa forma acredito não haver ficado falhas desse registro. A devolução dos resultados da pesquisa para a comunidade de Tepoztlán será feito de forma digitalizada, enviada a cada um que participou das entrevistas. Para outros da comunidade terem acesso a esse material, ainda seguimos articulando formas que possibilite chegar nas escolas, e até mesmo para os visitantes que chegam até a comunidade.

No tocante a experiência desenvolvida no Brasil, foi possível construir uma breve sistematização em escrita e em fotos, bem como colocamos os depoimentos como parte dessa memória. A metodologia para esse momento inicial, acredito que deu conta dos elementos básicos de cada objetivo e questão colocada. Como continuidade desse estudo a meu ver seria necessário fazer o mesmo processo que foi sugerido para Tepoztlán, fazer um resgate das fotos e descrição de todos os 35 quadros, com a reflexão de cada um, pois dessa forma não se perderia partes desse processo. Considero que a selecionar alguns quadros, cortamos parte desse apanhado de pesquisa, pois não ter as fotos de todos os quadros perdemos a dimensão de toda produção visual que foi possível construir nesses cinco anos.

Acredito que essa arte tem raízes históricas que não foi possível aprofundar com maior êxito aqui nessa pesquisa. Nesse sentido, a relação com a arte muralista e revolucionária

mexicana, ficou um tanto fora das questões que nos propomos inicialmente. Seria possível durante um próximo passo trazer as relações mais voltadas a criação artística, ler os elementos que compõem cada obra construída.

Ao concluir por hora consideramos algumas ideias do contexto discutido. Em relação ao debate aqui abordado podemos identificar alguns pontos relevantes das duas formas de arte, Tepoztlán, e a arte no MST, em que nos trazem reflexões e desenvolvimentos parecidos em vários aspectos, apesar das mesmas serem desenvolvidas em contextos e períodos diferenciados.

Os seguimentos e semelhanças se dão enquanto proposta de trabalho artístico. Dessa forma compreendemos que a arte das sementes desde sua origem no México busca referências no contexto histórico, político e social, desses levanta elementos para compreender a realidade do período atual.

Em decorrência de uma sociedade cheia de contrastes sociais, percebemos que os desafios colocados na representação da arte, fez com que os artistas ao longo da história assumissem importante papel no campo da arte e da cultura, esses em vários países que enfrentaram processos de aculturação.

Dessa forma nos incluímos no debate das novas gerações, como processos históricos estudados e refletidos por obras em termos de classe artística que representam uma minoria revolucionária dentro da arte voltada ao debate crítico.

O que buscamos no sentido de aprendizado com as diversas formas de arte desde o período da Revolução Russa, a qual teve grande influência no debate político por meio dessa arte chega até nossos dias, podemos compreender é que as diversas formas de arte foram colocadas pelos artistas para a sociedade em diferentes épocas, muitas vezes um processo de criação individualizado, salvo aqueles que buscaram somar no conteúdo, e esse foi incorporado pela sociedade. Essas dizem respeito a uma junção de pensamento e métodos que cada artista foi trabalhando seja na música, poesia, teatro, artes visuais, gravuras, esculturas, performances, entre outras. Essas representações trazem a memória de tempos de enfrentamentos sociais, isso materializado na arte por artistas que tiveram e tem a capacidade de organizar seu pensamento em consonância com os fenômenos da sociedade.

A materialização da arte das sementes no contexto atual vai além da visão da arte, nos revela problemas enfrentados na agricultura, um enfrentamento ao agronegócio. Neste sentido, procuramos organizar uma linha de pensamento que nos revele formas de trabalhar contra a cultura dominante, bem como este modelo de agricultura imposto pelo capitalismo chamado (agronegócio). O enfrentamento se dá nas relações as forças produtivas que

atualmente vem ganhando força por vias das grandes manobras políticas, isso nos remete a pensar que a arte política das sementes deve contribuir dando seguimento ao protesto dos artistas de outros tempos, dentro das possibilidades que cada realidade oferece.

Em se tratando de movimentos sociais, bem como o conjunto da cultura, compreendemos que a denúncia continua pautada na correlação de forças enfrentadas por toda classe trabalhadora. A arte tem o papel fundamental no que diz respeito ao olhar refinado para analisar e perceber formas de mostrar para a sociedade as grandes contradições vividas. Diante de processos contraditórios as criações dentro da arte não são de grande revolução aos olhos da sociedade, mas traz seu papel de contribuição em termos de raciocínio imediato, propõe ideias, lutas e ações, pois compreendemos que a materialidade da arte proporciona uma compreensão única e diferenciada de outros níveis de compreensão, a mesma sem dúvida é capaz de trabalhar o intelecto das pessoas em diversos níveis sociais.

Quando falamos dos enfrentamentos políticos pelo olhar da arte percebemos o papel e o compromisso de continuidade histórica, sendo esta a base para compreender diversos anseios sociais. Tanto a arte das sementes do México quanto à do Brasil-MST as mesmas fazem referência aos problemas da crise enquanto cultura global.

A semelhança se dá também no engajamento dos artistas, no processo de construção da arte, os camponeses e artistas se vinculam aos temas sociais na atualidade. Porém, percebemos lacunas de propostas enquanto classe ou grupo de artistas, no atual modelo e diante da conjuntura que se vivemos, são escassas as ações que realmente proporcionam um debate aberto e compreensível pela sociedade, ou seja, as demandas sociais deveriam nortear o trabalho artístico de acordo com a cultura social local, região e global. Se faz necessário debater a arte como uma proposta de luta, seja ela em qualquer área ou linguagem essas ligadas ao conjunto de ideias artísticas aliadas com os movimentos sociais.

Para o MST, atualmente arte das sementes tem um papel de engajamento camponês cultural, pois trabalhamos o contexto da arte como produção e existência da vida, buscamos inserir cada sujeito como parte da sua própria cultura a qual se amplia para uma cultura de classe, os mesmos trazem consigo o papel e o protagonismo dentro de um processo de liberdade em construção, seja na arte ou em outros campos de atuação dentro da luta.

A partir do processo de conhecimento adquirido em torno da arte das sementes cada um leva consigo o papel de olhar as sementes com outra visão, estes se colocam como guardiões das sementes, além disso, permanecerem no campo, dando continuidade à luta pela preservação das espécies seja ela qual for, não deixem de ser agricultores para se tornarem artistas, precisam ser as duas coisas, por meio do trabalho no campo ou na arte ou outros

espaços dentro da organização, estes devem compreender que a cultura camponesa defende o projeto de vida que valorize as diferentes culturas, pois as sementes estão a cada tempo indo para a mão do capital e essa escravidão de dependência pelas sementes não deve prosseguir, se as mesmas deixaram de existir, grande parte da cultura camponesa desaparecerá.

Portanto, o papel dos artistas sem-terra, multiplicadores de sementes neste caso específico, se faz necessário num contexto social, devemos levar a arte a todos, a mesma deve ser capaz de agregar pensamentos em torno das questões sociais, uma dessas e como grande proposta é a recuperação das sementes crioulas. Como complemento dessa ideia o contexto das sementes está relacionado à fome, poderíamos levar este tema a ser discutido nos espaços de cultura e educação dentro da arte ainda por muitos anos, pois os números e pesquisas mostram isso como um problema social em todos os países, o alimento dos trabalhadores ou a falta deste ou sua má distribuição continua sendo representado na arte, sendo esta a maior das reivindicações sociais.

Nesse contexto de criatividade vimos uma junção de elementos que possibilitam trazer debates para outros setores tanto da organização, bem como da sociedade, além da arte, trazer uma reflexão e compromisso com as ideias, assim a arte das sementes lavada para várias regiões e lugares, seja por artistas ou pessoas que apenas gostem do campo e das sementes, estaremos espalhando sementes desde o México até nossas áreas de Reforma Agrária sem dúvida uma vasta variedade de espécies de sementes nunca vista por essa geração, será a base de nossa produção agroecológica de nossa existência.

Temos um longo caminho pela frente o primeiro passo é fazer com que nossos militantes artistas desde as crianças até os mais vividos, conheçam as variedades e saibam que elas existem, em seguida fortalecer as casa de sementes, as mesmas devem ser repartidas entre os agricultores que plantam as sementes e vivem da terra, essas devem ser distribuídas em forma de “presente” (regalo), como faziam os antigos dentro da cultura camponesa, essa é a meta da técnica germinando arte, esse conceito será definido com a prática social que estamos construindo.

Na ação prática da cultura conseguimos colocar determinados conceitos decorrentes da relação organizativa da luta. Dessa forma, nos remetemos à reflexão da estética das sementes, como uma proposta de ação artística coletiva ou ao trabalho que por hora chamamos de Germinando Arte, a qual trabalhamos com artistas que não vivem constantemente o trabalho da arte, pessoas que dedicam a vida a militância e ao trabalho de resistência no campo, um público em constante formação seja por meios formais, ou nas práticas da luta pela terra, esse público faz da construção material um conhecimento que vai além da arte, usa desses meios como passo reflexivo em relação as sementes crioulas e tudo o que gira em torno dessas.

A construção dos quadros é uma produção informal, olhamos as sementes como parte da cultura do campo e por entender o significado dessa relação, utilizamos as sementes para trazer presente uma forma de identidade que se faz presente a milhares de anos. Por isso no decorrer das oficinas muitos dos participantes sentem-se à vontade para contar as histórias de vida, de luta, como ingressaram no MST, falam das relações construídas a partir da conquista da terra, dessa forma identificam-se nas histórias retratadas no quadro.

Vale salientar que a arte das sementes engloba nesse processo de luta pela reforma agrária, como mais uma possibilidade de organização pedagógica, a qual se tornou mais uma das ferramentas de formação humana da luta pela terra, essa conquistada num processo que busca cada vez mais a emancipação dos sujeitos Sem Terra. Dessa forma o trabalho com a arte das sementes se soma nas mais diversas frentes de organização coletiva, essa ligada á aspectos da cultura como processo de acúmulo histórico de conhecimento dentro das ciências.

Nesse sentido o trabalho num conjunto simbólico e artístico traz uma reflexão que compõe um cenário de crítica ao modelo vigente e a expropriação das sementes crioulas sendo esse um problema de grandes proporções e debates em disputa permanente. Os próprios agricultores se colocam como protagonistas desse tema social. Dessa forma compreendemos que a elaboração da cultura por meio da concepção antropológica, nos remete ao contexto de interação social, criada e organizada pelos sujeitos que fazem da cultura um meio estruturante do território.

REFERÊNCIAS

- AGRUCO – Agroecología Universidad Cochabamba. **Cosmovisión Indígena y Biodiversidad en América Latina**. Memoria del 1er. Seminario Taller. Comunidad Chorojo, Cochabamba, Bolivia: COMPAS, ago. 2001.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- ALTMAN, M. **Opera Mundi**. São Paulo, 26 jan. 2014. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- ANCA – Associação Nacional de Cooperação Agrícola. Coletivo Nacional da Campanha Sementes da ANCA. Contribuição especial: Angela Cordeiro. **A Viagem das Sementes**. São Paulo, 2003. (Cartilha para o 5º Congresso Nacional dos Estudantes).
- ANDRADE, M. **O baile das Quatro Artes**. 3. ed. São Paulo: Martins; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1975.
- ARAUJO, M. N. R. de. **As contradições e as possibilidades de construção de uma educação emancipatória no contexto da luta pela terra**. 2007. 346 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- ARIAS, V. V. As sementes nativas e a liberdade dos povos. **América Latina en Movimiento**, 19 abr. 2016.
- ARROYO, M. G. Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 55, p. 47-68, jan./mar. 2015.
- _____. Políticas de formação de educadores(as) do campo. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007.
- ARTES DE MÉXICO. **Semillas de identidade**. Ciudad de México, 2017.
- BARBOSA, L. C. Muralismo e identidades: representações pré-hispânicas em David Álvaro Siqueiros. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO, 1., 2008, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2008. Disponível em: <<https://pos.historia.ufg.br/n/20842-i-seminario-de-pesquisa-textos-completos>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, ago. 2001.
- BOGO, A. **Cartas de amor**. [s.l.]: MST, 2007.
- _____. **Identidade e luta de classes**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- _____. **O MST e a cultura**. São Paulo: MST, 2009.

BOHNENBERGER, Ênio. MST lança o Festival Nacional de Arte e Cultura da Reforma Agrária, em Minas Gerais. **MST**, 5 maio 2016. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2016/05/05/mst-lanca-o-festival-nacional-de-arte-e-cultura-da-reforma-agraria-em-minas-gerais.html>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

BRENNAND, E. M. “**Enquanto governa a maldade, a gente canta a liberdade**”: Coletivo de Cultura do MST na criação de uma cultura contra-hegemônica. 2017. 163 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2017.

CALDART, R. S. Caminhos para construção da escola. In: VEDRAMINI, C. R.; AUED, B. W. (Orgs.). **Temas e problemas no ensino em escolas do campo**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

_____. Educação do campo. In: _____ et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

_____. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tes/v7n1/03.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

_____. Movimento Sem Terra: lições de Pedagogia. **Currículo sem Fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 50-59, jan./jun. 2003.

_____. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____; ALENTEJANO, P. **MST Universidade e Pesquisa**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

_____; STEDILE, M. E.; DAROS, D. (Org.). **Caminhos para transformação da escola 2: agricultura camponesa, educação politécnica e escolas do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 115-138.

CARVALHO, H. M. (Org.). **Sementes Patrimônio do povo a serviço da humanidade**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

CARVALHO, L. Revolução Mexicana de 1910. **História da América**. Disponível em: <mundoeducacao.bol.uol.com.br/historia-america/revolucao-mexicana-1910>. Acesso em: 22 mar. 2017.

CIAVATTA, M. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CLEMENTINO, J. O. V Festa da Semente da Paixão. **Temática**, Piracicaba, ano 6, n. 9, 2010.

COA – Colectivo por la Autonomía; CASIFOP – Centro de Análisis Social, Información y Formación Popular. **El maíz no es una cosa es un centro de origem**. Tláhuac: ITACA, 2012.

CORRÊA, A.L.D.R. HESS, B.H. (ORG) Villas Bôas e Pereira, P.M. **Cultura, Arte e Comunicação. 1ª edição. Outras expressões. São Paulo. 2015.**

COLI, J. **O que é Arte.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

COSTA, I. C. **Nenhuma lágrima: teatro épico em perspectiva dialética.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular; Nanem, 2012.

DIAS, N. V. **O México como “lição”:** a Revolução Mexicana nos grandes jornais brasileiros e argentinos (1910-1915). 2009. 2019 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ETC GROUP. **Se entregan Premios Capitán Garfio a los bio-piratas y Premios COG a los defensores de la biodiversidad durante el Convenio sobre Diversidad Biológica.** 9 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.biodiversidadla.org/>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

FERNANDES, B. M. Diretrizes de uma caminhada. In: MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma Educação do Campo.** Petrópolis: Vozes, 2004.

FERRAZ, J. M. G. Agroecologia. **Ageitec**, Brasília, 16 abr. 2017. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/agricultura_e_meio_ambiente/arvore/CONTA_G01_8_299200692526.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

FLORES, I. R. **Arco de semillas Tepoztlán, Morelos.** Tepoztlán: Ayuntamiento Municipal de Tepoztlán, 2011.

FREDERICO, C. **A arte no mundo dos homens:** o itinerário de Lukács. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/guerra_contestado.htm>. Acesso em: 21 mar. 2017.

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Volume I: Sistema Nacional de Unidades de Conservação.** Brasília: ICMBio, ago. 2009. (Série Legislação ICMBio).

INAFED – Instituto para el Federalismo y el Desarrollo Municipal; SEGOB – Secretaría de Gobernación. **Enciclopedia de Los Municipios y Delegaciones de México.** Estado de Morelos. 2010. Disponível em: <<http://www.inafed.gob.mx/work/enciclopedia/EMM17morelos/index.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

LESSA, S. **Para compreender a Ontologia de Lukács.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

_____; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004.

MACIEL, K. F. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MANU PORTAL. **Origem do nome**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.namu.com.br/sustentabilidade/nossas-plantacoes-e-pecuaria/agroecologia/origem-do-nome>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

MARINI, R. M. A crise do desenvolvimentismo. In: CASTELO, R. (Org.). **Encruzilhadas da América Latina no século XXI**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

MARTINS, A. **Balanco Político da Cooperação do MST**. São Paulo, 2006.

_____. **Elementos para a compreender a história da agricultura e a organização do trabalho agrícola**. São Paulo: MST, 2016.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____; _____. **A ideologia alemã**. Supervisão editorial Leandro Konder. Tradução Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____; _____. **Cultura arte e literatura**. Tradução José Paulo Neto. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MAZZEU, L. T. B. **Pedagogia histórico-crítica e formação de professores**: proposições e categorias. São Paulo: UNESP, 2007. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/2poster/GT08-4826--Int.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2017.

MELGAREJO, L. O perigoso flerte do governo com a biopirataria. **Biodiversidad en América Latina y El Caribe**, 24 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.biodiversidadla.org/>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

MENDES, C. F. **Para soletrar a liberdade**: as propostas educacionais do Movimento Zapatista no México e dos sem-terra no Brasil. São Paulo: PUC-SP, 2005.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOLINA, M. C. **Contribuições para a construção de um projeto de educação do Campo**. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2004.

MOSCOVICI, S. **Natureza para pensar a ecologia**. Tradução Marie Louise de Beissac e Regina Mathieu. Rio de Janeiro: Instituto Gaia, 2007.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **SAF Apícola homenageia Paulo Kageyama**. 15 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2017/08/15/saf-apicola-homenageia-paulo-kageyama.html>>. Acesso em: 19 set. 2017.

NAPOLITANO, M. A arte engajada e seus públicos (1955/1968). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 103-124, 2001.

_____. Arte e revolução: entre o artesanato dos sonhos e a engenharia das almas (1917-1968). **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 8, p. 7-20, 1997.

_____. **Seguindo a Canção**: Engajamento Político e Indústria Cultural na MPB (1959-1969). São Paulo: Annablume; FAPESP, 2001.

PICAZO, C. G. **Tepoztlán en El recuerdo**. 1. ed. Morelos, México: Arkan, 2009.

PIEILLER, E. **Engajamento na Arte**. 23 jan. 2013. (Originalmente publicado no Le Monde Diplomatique).

PORTADA DE SEMILLAS. Paroquia de la Natividade. Tepoztlán, Morelos, México. 2010. (Cartilha).

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A Reivindicação dos Territórios na América Latina/ABYA YALA**. Ciudad de México: UNAM, 2012.

_____. **De saberes e de territórios**: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

_____. **Geo-grafías**: movimientos sociales, nuevas territorialidades y sustentabilidade. México DF: Siglo XXI, 2001.

REIS, P. R. O. **Exposições de Arte**: vanguarda e política entre os anos 1965 e 1970. 2007. 2013 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

RIBEIRO, S. “Quiénes comen y quiénes nos comen”. **La Jornada**, México, DF, 1 mar. 2003.

_____. (Org.). **El Maíz no es una cosa es um centro de origem**. 1. ed. México, DF: lithomat, 2012.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SALDAÑA, M. C.; SAINZ, E. M. La puesta en valor del patrimonio cultural en Tepoztlán, Morelos y Álamos, Sonora. **Topofilia: Revista de Arquitectura, Urbanismo y Territorios**, v. 5, n. 3, abr. 2017.

SÁNCHEZ VASQUEZ, A. **As ideias estéticas de Marx**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SANTOS, J. S. **O Movimento Zapatista e a Educação**: direitos humanos, igualdade e diferenças. São Paulo: FEUSP, 2008.

SARTRE, J. P. **Que é a Literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007.

SHIVA, V. A batalha das sementes. **Outras Palavras: Comunicação Compartilhada e Pós-Capitalismo**, 8 jun. 2016. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/vandana-shiva-e-a-batalha-das-sementes/>>. Acesso em: 7 maio 2017.

_____. **Biopirataria**: a pilhagem da natureza e do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUSA, R. C. **O conceito de engajamento em Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

TAFFAREL, C. N. Z. **Formação humana, políticas públicas de esporte e lazer e lutas de classes**: contribuições para a construção do projeto histórico socialista. [s.d.]. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/591.htm>. Acesso em: 25 ago. 2017.

TARDIN, J. M. **III Seminário Nacional de Formação Camponesa**. Anchieta, 2012.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

TOLEDO, V. M.; BASSOL, N. B. **A Memória Biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. Tradução Rosa L. Peralta. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Popular, 2008.

VAVILON, N. I. **The Five Continents**. Rome: IPGRI, 1997.

VAZQUEZ, A. S. **As ideias estéticas de Marx**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VEDRAMINI, C. R.; AUED, B. W. (Orgs.). **Temas e problemas no ensino em escolas do campo**. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p. 23-57.

VIA CAMPESINA. **Contra os agrotóxicos**. 2015. Disponível em: <<http://www.contraosagrototoxicos.org>>. Acesso em: 18 set. 2017.

VIANA, N. A. Especialização e Engajamento. **Revista Espaço Livre**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, jan./jun. 2009.

_____. **Os valores na sociedade moderna**. Brasília: Thesaurus, 2007.

VIEIRA, F. B. **Via Campesina**: um projeto contra-hegemônico? Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

VILLAS BÔAS, R. L.; PEREIRA, P. M. **Cultura, Arte e Comunicação**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

WEBER, M. **Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música**. São Paulo, UNESP, 1995.

ZÍLIO, C. **Arte e política**: 1966-1976. Rio de Janeiro: MAM, 1996. (Catálogo de exposição).

_____. Da antropofagia à Tropicália. In: DUARTE, P. S. **O nacional e o popular na cultura brasileira: artes plásticas e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

APÊNDICE A – Variedades de sementes

Semente híbrida: resulta de um material variedade ou crioulo. O método de hibridização é simples: ocorre no cruzamento de uma mesma planta que vai originar como produto dessa autofecundação plantas raquíticas que serão cruzadas com outro material. Posteriormente, as plantas são colhidas e criam-se linhagens que vão ser testadas por um período de três a cinco anos. Geralmente as plantas são testadas por sua produtividade. No Brasil são lançados em torno de duzentos híbridos de milho por ano. Em geral as sementes na safra seguinte, produzem em média 25 a 50% a menos, e essa produção diminui cada vez mais à medida que vai sendo plantada.

Semente variedades: são aquelas sementes de todas as espécies que possuem uma designação a qual pode sofrer variações, daí o nome variedade, que é a subclassificação da espécie. Por exemplo, temos ao caso do milho, que uma espécie, já a variedade pode ser dente de cão, ou mato grosso. As variedades também podem ter sofrido melhoramento genético ou ser oriundas de cruzamento realizado por empresas públicas ou privadas.

Sementes transgênicas: é um método de criação de sementes que não envolve processos da natureza, sendo esse realizado mediante engenharia genética, esse método modifica os genes das plantas, que recebem gene de outros organismos os quais, muitas vezes, nem pertencem ao reino vegetal, como vírus agrobactérias entre outros. Um exemplo da soja transgênica, que recebe genes de tulipa híbrida (flor), do vírus do mosaico da couve flor (hortaliça), de bactéria do solo (*agrobacterium* sp CP4) de uma bactéria que vive em simbiose com outras plantas (*agrobacterium tumefaciens*), além de três fragmentos de gene desconhecidos. Geralmente os transgênicos necessitam de um marcador molecular, que é um antibiótico. Outro problema é que são materiais patenteados, portanto o agricultor paga *royalties* pelo invento, que são os genes modificados e não pela semente.

Semente certificada: é a semente originária da produção de uma semente básica por produtores registrados no Registro Nacional de Sementes e Mudanças (Renascem), do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa). As sementes modificadas possuem duas categorias: C1 (semente certificada da primeira geração) e C2 (semente certificada da segunda geração). No primeiro ano planta-se uma semente básica e se obtém uma semente C1: no segundo ano, ao plantar a semente C1, obtém-se uma semente C2, as sementes certificadas são utilizadas pela indústria sementeira e, dependendo de sua classe, são vendidas aos agricultores.

Semente genética: é a semente obtida mediante processo de melhoramento de plantas: geralmente, é produzida por instituições de pesquisa ou empresas sementeiras. É uma matéria de reprodução sob a responsabilidade e o controle direto de seu obtentor. Suas classes são sementes variedades comerciais, híbridas e transgênicas. Possuem valor de venda muito alto, por que os melhoristas ou as instituições de pesquisa cobram um valor elevado pelos novos materiais genéticos inventados por “eles” no momento da comercialização.

Semente básica: é a semente obtida pela multiplicação de semente genética realizada de forma a garantir sua identidade genética e sua pureza varietal.

Semente S1 e S2: são categorias de sementes originadas do plantio de sementes certificadas C1 e C2. As sementes S1 (selecionada na primeira geração) é produzida a partir de semente da C1 ou C2 e da origem a uma semente S2 (selecionada de segunda geração) Apesar de não serem certificadas são produzidas e comercializadas por produtores registrados no Renascem.

Semente BioNatur: É uma espécie que produz em consonância com a reforma agrária- MST... É uma semente crioula, apresenta as seguintes características em seu conceito, produzidas coletivamente por

agricultores e comunidades produtoras de sementes. É uma variedade local ou regional, de domínio dos povos indígenas, das comunidades locais ou quilombolas ou de pequenos agricultores. É composta por genótipos com ampla diversidade genética. É resultado de seleção natural combinada com seleção feita por agricultores no ambiente local. Tem um significado amplo, semente é vida, é base de alimento, de multiplicação, de sobrevivência, de autonomia, de liberdade, de perpetuação, de poder popular, de independência, de autossuficiência (MAICÁ, 2013, p. 701-702).

ANEXO A – Portais de Tepoztlán



Primeiro Portal de Tepoztlán feito com flores naturais, 1991.



Segundo Portal feito com flores de plástico, 1992.



Primeiro Portal feito com sementes, 1993.

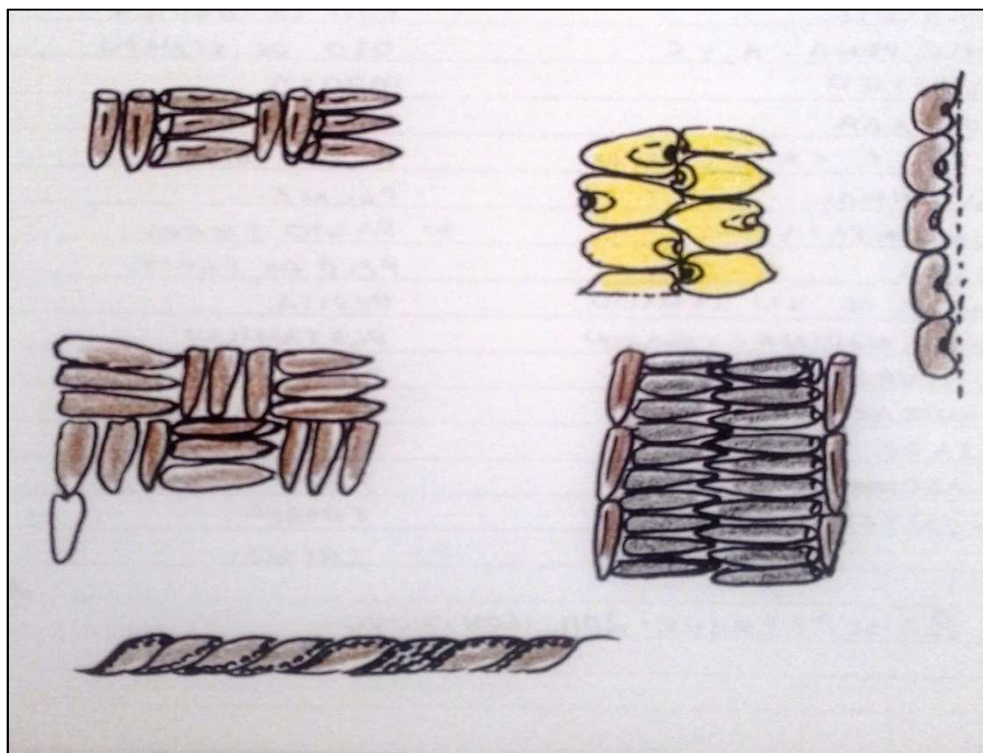


Portal com sementes, [s.a.].

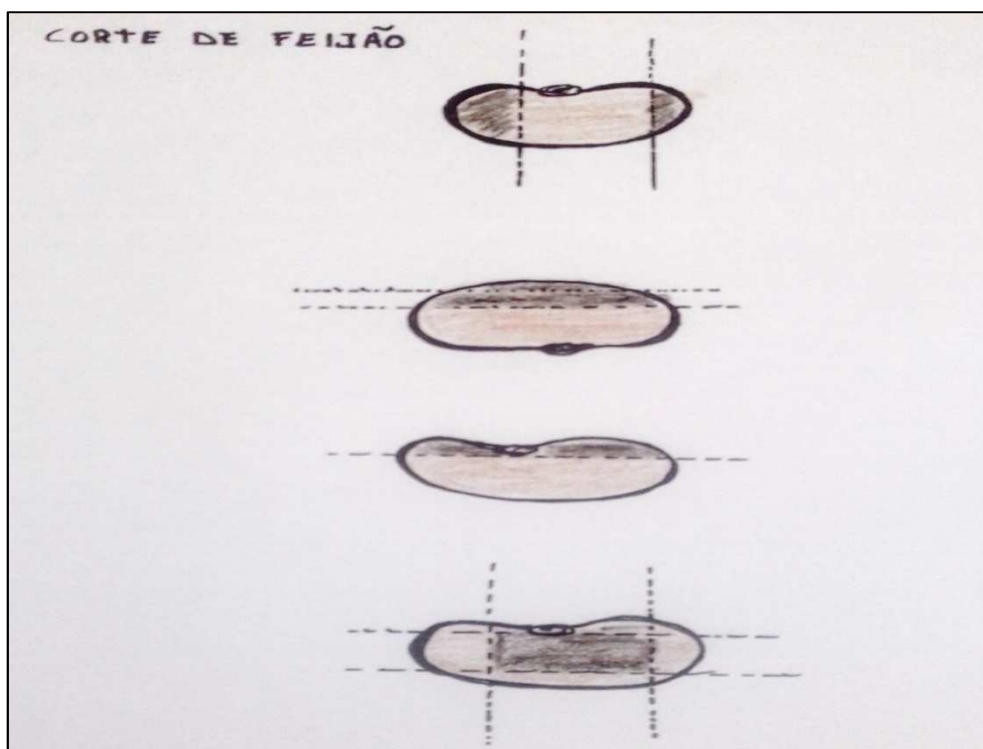


Portal com sementes. Nesse foi realizada a oficina de aprendizado da técnica em 2012.

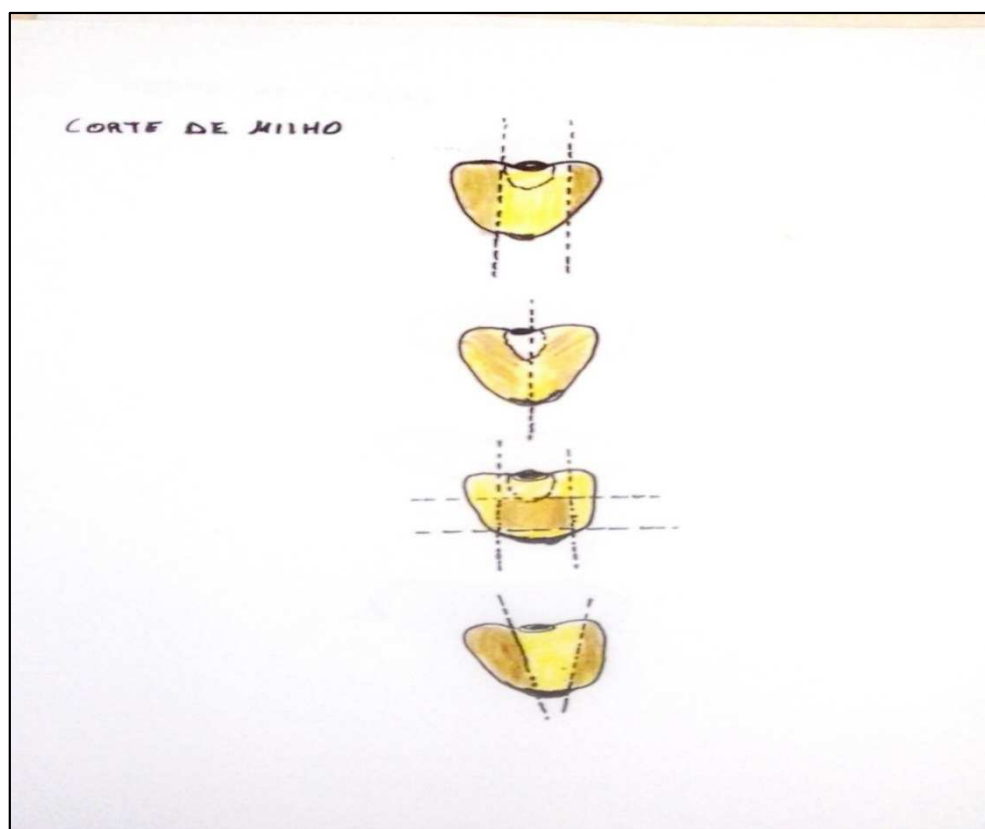
ANEXO B – Material em construção para a cartilha sobre o método do trabalho com sementes no MST



Forma de colagem de sementes para fundo, trançados e alinhamento de contornos.



Corte do feijão para espaços que precisam delinear, fazer mosaico, para contorno de olho e delineamento fino.



Corte de milho para construção do sol, fundos, linhas finas coloridas, roupas etc.